



**MARIA HELENA ANDRÉS**

**CAPÍTULO 12 - TEXTOS DE COLABORADORES NOS BLOGS**



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs [www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br)

e [www.mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

Maria Helena Andrés abriu seus blogs à participação de diversos colaboradores e ali divulgou textos produzidos por eles, relacionados com os temas das artes, da Índia e o Oriente, das viagens, da ecologia. Suas irmãs Lourdes e Regina, Marília, Ivana, Eliana, Euler, Artur, Aparecida e Maurício Andrés, Alice e Paulo Gontijo, Joaquim Pedro, Teresa Rolim, André Salles Coelho, Cecília e Regina Caram, os artistas Eymard Brandão, Luciano Luppi, Celia Laborne, Maria do Carmo Veneroso, João Diniz, e o médico-viajante Cid Veloso, Fernando Guedes, Ana Carolina Novaes, Walter Parreiras, são alguns desses colaboradores.

## SUMÁRIO

1. MERGULHO NO MAR VERMELHO – Ivana Andrés	7
2. ITRI – Ivana Andrés	9
3. SÃO FRANCISCO E A GRUTA DELLA VERNA – Ivana Andrés	11
4. LUCCA, CARRARA E VIAREGGIO – Ivana Andrés	13
5. AS PEDRAS DE VIRGINIA WOOLF – Ivana Andrés	16
6. TERRA MATER, CENTRO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – Ivana Andrés	19
7. MILAGRES – Ivana Andrés	21
8. RETIRO-ME – Ivana Andrés	23
9. VENEZA, CAMINHOS DE ÁGUA – Alice Andrés	25
10. UMA VIAGEM À TOSCANA – Maurício Andrés	27
11. VIAGEM AO CAMBOJA – Cid Veloso	29
12. TERRA DO FOGO – Cid Veloso	32
13. HOMENAGEM A SARA ÁVILA – Eymard Brandão	34
14. PIETÁ CAETÉ – Maurício Andrés	37
15. ARTE ABSTRATA, COSMOS E ECOLOGIA – Maurício Andrés	38
16. ECOLOGIZAR AS HUMANIDADES I – II - Maurício Andrés	40 - 42
17. ECOLOGIZAR O BANCO DO BRICS – Maurício Andrés	45
18. IGNACY SACHS, PIONEIRO NA COOPERAÇÃO ÍNDIA – BRASIL – Maurício Andrés	47
19. TAGORA EM TESOUROS DA ÍNDIA – Maurício Andrés	50
20. ARTE E EDUCAÇÃO NA ÍNDIA – Maurício Andrés	53
21. AUROVILLE – Maurício Andrés	55
22. AUROVILLE E BRASÍLIA – Maurício Andrés	58
23. SRI AUROBINDO E VISÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE ESPIRITUALIDADE I - III – Maurício Andrés	60 – 62
24. TRÊS PIERRES E A ECOLOGIA DO SER – Maurício Andrés	65

25. PIERRE WEIL E A UNIPAZ – Maurício Andrés	67
26. RIQUEZAS DA ÍNDIA PARA A EVOLUÇÃO HUMANA – Maurício Andrés	70
27. DHARMACRACIA E SUSTENTABILIDADE – Maurício Andrés	72
28. DHARMACRACIA E DEMOCRACIA – Maurício Andrés	74
29. QUARENTA ANOS DE ESTUDOS SOBRE A ÍNDIA EM 15 MINUTOS – Maurício Andrés	75
30. MEDITANDO NA EMBAIXADA DA ÍNDIA COM SRI SRI RAVI SHANKAR – Maurício Andrés	78
31. RESPIRAR – Maurício Andrés	80
32. PRATA DA CASA, 20 ANOS – Maurício Andrés	83
33. UM WEBINAR ECOLÓGICO – Maurício Andrés	86
34. ÍNDIA, NOTAS DE VIAGEM DE JOAQUIM PEDRO – Joaquim Pedro	90
35. INDIA, MATHURA / AGRA – Joaquim Pedro	92
36. INDIA V – BOMBAIM – Joaquim Pedro	94
37. ÍNDIA, BANGALORE – Joaquim Pedro	96
38. ÍNDIA, VARANASI – Joaquim Pedro	99
39. ARTE, EMOÇÃO E MEIO AMBIENTE I – II - Maurício Andrés	101- 103
40. MEIO AMBIENTE E CIDADANIA – Maurício Andrés	104
41. CALIFORNIA E O ORIENTE – Maurício Andrés	106
42. HISTÓRICO DA LUIZIÂNIA I – Marília e Maurício Andrés	108
43. GURDJIEFF – PELAS VEREDAS DE SI I – V - Artur Andrés	111 - 121
44. LENÇÓIS MARANHENSES – Teresa Rolim	124
45. A VENDEMMIA – Teresa Rolim Andrés	127
46. ARAMITÃ – Teresa Rolim Andrés	129
47. TIO DOUTOR – Lourdes Figueiredo	131
48. NOSSA INFÂNCIA I - II – Lourdes Figueiredo	134 - 137
49. LOURDES FIGUEIREDO, UM EXEMPLO DE VIDA – Maurício Andrés	139



50. LEMBRANÇAS DE TIA LOURDES – Aparecida Andrés e Ivana Andrés	142
51. LOURDES FIGUEIREDO, ENCONTRO DE GERAÇÕES - por seus netos Evandro, Joanna, Chica, Fernanda, Cecília, Roberto, Ricardo	144
52. RELEMBRANDO LUIZ ANDRÉS I - Aparecida, Joaquim Pedro e Alice Andrés	148
53. RELEMBRANDO LUIZ ANDRÉS II - Maurício Andrés	152
54. O TEATRO DA VIDA – Luciano Luppi	155
55. O TEATRO NOSSO DE CADA DIA – Luciano Luppi	157
56. DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA NATUREZA – Luciano Luppi	161
57. CARTA DE MAURÍCIO PARA VÓ NAIR – Maurício Andrés	163
58. DEZ CAMINHOS PARA EXPANDIR A HIDROCONSCIÊNCIA – Maurício Andrés	165
59. PAZ E A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NA UNIPAZ-MG - Maurício e Ivana Andres	169
60. MACACOS, EXPERIÊNCIAS DE AUTOCONSTRUÇÃO – Ivana Andrés	172
61. DOCUMENTAÇÃO NA NATUREZA I - II	175 - 180
62. DANDO NOME ÀS VACAS – Manuel Rolim	185
63. COM SEMENTE, COM SABOR - Euler Andrés	186
64. UM MÊS NO MATO, O QUE APRENDI NESSE PERÍODO – Paulo Gontijo	190
65. (RE)FAZENDA – ALICE ANDRÉS	193
66. O CARRO ELÉTRICO E OS MOINHOS DE VENTO – Regina Caram	196
67. BRASIL E ÍNDIA VISTOS POR MARIA HELENA ANDRÉS – Maristela Tristão	198
68. DIÁRIO DE VIAGEM À ÍNDIA – Fernando Guedes I	200
69. VISITA A GIROMAGNY I - III – Cecília Caram	203 – 209
70. FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS – Regina Caram	212
71. A LAMA – Carlos Starling	215
72. A ÁGUA FALA – UMA ENTREVISTA I – II – Maurício Andrés	217- 220
73. INDIA, UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA – Maurício Andrés	225
74. NOVOS CAMINHOS DA TERRA I – II – Celia Laborne	229 – 231
75. ORQUESTRA 415 DE MÚSICA ANTIGA – André Salles Coelho	232

76. MARACATU LUA NOVA – Andrés Salles Coelho	236
77. O POLÍMATA E O ARTISTA COMO POLÍMATA – Maria do Carmo Freitas Veneroso	239
78. EULER DE SALLES COELHO – Euler de Salles Coelho	244
79. LEI ALDIR BLANC E AÇÕES CULTURAIS DO IMHA – Marília Andrés	248
80. PRODUÇÃO MUSICAL – Alexandre Andrés	250
81. ... COM OS ANDRÉS – João Diniz	253
82. PROJETO BORDANDO E BRINCANDO COM NOSSO PATRIMONIO – Teresa Andrés	256
83. TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE MARIA HELENA ANDRÉS I - II– Eliana Andrés	257 - 260
84. UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO DE MARIA HELENA ANDRÉS – Eliana Andrés	262
85. E-BOOKS NO EDITAL DE 2021 – Maurício Andrés	265
86. PRODUÇÃO DOS VÍDEOS EM HOMENAGEM A MARIA HELENA ANDRÉS I- II – Luciano Luppi	268 - 269
87. ARTE E TRANSCENDÊNCIA – Marilia Andrés	277
88. PROJETO CAMINHO DAS ARTES – Ana Carolina Novaes	278
89. INTEGRAÇÃO HOMEM – NATUREZA – Walter Parreiras	280
90. A ÁRVORE DE MINHA INFÂNCIA – Ivana Andrés	285
91. POEMA ‘VER A SI MESMO’ – Ivana Andrés	289
92. ORQUESTRA DE OURO PRETO E ARTUR ANDRÉS – Artur Andrés	291
93. MHA, CENTENÁRIA DE IPAD I – III – Roberto Andrés	294 - 301

## MERGULHO NO MAR VERMELHO



Fotos: internet

Recebi de Ivana Andrés o texto abaixo sobre sua viagem à Jordânia, onde ela e o Luciano Luppi mergulharam no mar vermelho.

“Vinte anos depois estamos de novo no mesmo "jardim japonês" submerso. São montes de rocha cobertos de corais de formatos e cores diferentes entremeados de peixinhos pretos, transparentes, alaranjados, riscadinhos com corpo escuro e barbatanas vermelhas, escuros com pintinhas azul neon etc. Entre eles, águas vivas violetas desfilam com elegância seus corpos transparentes. Muitas se aproximaram curiosas, passaram por nós, e nos tocaram. Resolvi tocar em uma delas a fim de tirar a limpo o que tanta gente fala sobre queimaduras das águas vivas. Toquei de leve com as costas da mão o corpo gelatinoso de uma delas. Ela reagiu e se curvou, depois continuou seu caminho. Senti um leve ardor e nenhuma queimadura.

No mergulho de hoje 2 momentos ficaram na memória. No primeiro as cores e formas se destacaram: em torno ao cume de uma dessas pedras floridas de corais, peixes alaranjados se misturavam a outros transparentes e pretos formando um mosaico vivo e dançante em meio a águas vivas que surgiam do nada, da própria água azul turquesa. Ficamos ali vendo aquele aquário enorme se mexer e adquirir faces e equilíbrios, cores e formas, o fundo brincando de se transformar em figura, a figura se dissolvendo no fundo. O segundo momento foi completamente diferente. Nos aproximamos de um barco pequeno ancorado num deque sobre pilastras. Debaxo do barco uma grande massa escura parada começou a se movimentar com a nossa chegada. Eram milhares de pequenos peixes finos e transparentes, um cardume monumental como nunca antes tínhamos visto. Súbito uma parte inteira se movia numa direção diferente, passava por baixo de outros, mergulhavam dentro daquela montanha de peixes iguais, cruzavam com outros, sempre com um líder que comandava sua equipe, seu grupo ou clã de peixes. O resultado era uma dança para dentro

e para fora com cintilações prateadas em olhos e corpos translúcidos. Em nenhum momento se dispersaram. Na volta passando por ali não havia nenhum deles. Imaginamos o cardume e seu corpo enorme se deslocando no mar...

Quando paramos uns segundos perto da praia para desalagar ou desembagar nossas máscaras vimos cardumes de peixes como esses voando sobre as águas. São rápidos e cruzam mais de um metro fora da água.

Neste jardim japonês existem corais semelhantes aos de Abrolhos inclusive os “corais cérebro” considerados endêmicos em Abrolhos. Talvez cresçam aqui e lá devido à água quentinha que chega a 27 graus.

Um tanque de guerra está dentro do mar!! Só mesmo neste oriente médio há algo assim: o naufrágio de um tanque. Está lá há 14 anos e foi “nafragado de propósito”. A poucos metros da costa com seus canhões apontados para a praia, escotilhas abertas e tampa destruída, este naufrágio mostra ao mergulhador a cabine interna com local para acomodar o soldado e outras divisões. Pensava que iria me incomodar e até considerar uma espécie de sacrilégio a visão deste naufrágio. Porém o mar tudo acolhe e enfeita com seus corais coloridos. Em vários pontos deste tanque submerso, haviam “flores violetas ou brancas” e em torno delas peixinhos coloridos. Toda a forma do tanque de guerra era contornada com um debrum branco que o tornava quase leve, quase um tanque fantasma.

Próximo ao local do tanque o “jardim japonês” se estendia em canteiros maiores, montes maiores de pedras totalmente cobertas com uma variedade enorme de corais, alguns parecendo cérebros, outros arbustos, labirintos por onde saíam e entravam peixes com a maior desenvoltura. De repente uma moreia azulada serpenteou e entrou numa toca. Depois foi a vez de um grande “peixe cofre” branco com pintas pretas nadar lenta e majestosamente no fundo tentando se confundir com o chão. Rápido e arisco passou um “peixe cachimbo” com seu corpo esverdeado e seu bico enorme. Saímos saciados.” (Ivana Andrés, trecho do diário de viagem à Turquia e Jordânia, maio de 2015)

17 de julho de 2015

## ITRI



Fotos: internet

Dando continuidade aos relatos de viagem à Itália, pedi a colaboração de Ivana, que selecionou de seu diário de viagem, um depoimento sobre a nossa passagem a Itri, situada no sul da Itália, perto de Nápoles.

“Na estação terminal de Roma todos os trens são completamente pichados, pichações enormes que integram as que devem aparecer nos muros da cidade. O trem que irá nos deixar em Formia acaba de sair de Roma. Nos arredores se vêem ruínas, arcos que se estendem por quilômetros, muros, colunas de antigas construções. Por todo lado existem o que eles por aqui chamam de ruínas romanas. Até dentro das casas existem pedaços de cerâmica, como souvenirs, curiosidades. À medida que o trem avança, se vêem outras ruínas: os cemitérios de automóveis, empilhados como brinquedos quebrados.

Hoje pela manhã fui sozinha à praia. O sol lançava um brilho forte sobre o mar e sobre centenas de seixos da praia. Os poucos transeuntes eram todos homens, vestidos com jaquetas e sapatos, inclusive os poucos que tomavam sol não usavam roupa de banho, queimando apenas o rosto. Senti que, por incrível que pareça, mesmo estando em plena Europa, escandalizei com o meu short e biquíni.

Cazilda, Stéfano e seu filho Giuseppe, de 10 anos, vieram nos buscar na Estação de Formia. Situada a 100 km de Nápoles, Formia é uma cidadezinha à beira mar com seu cais e suas ruelas medievais. Depois de uns 25 minutos rodeando montanhas e vales, chegamos à casa de campo onde eles moram. A casa tem 3 andares: sala e cozinha embaixo, 3 quartos no segundo andar e um mezanino cheio de colchões e camas onde, em dia de festa se ajunta muita gente. Por sinal parece que festas por aqui acontecem sempre. Depois de um jantar

super gostoso, apareceram 2 amigos, um músico e um poeta, para ensaiar um espetáculo. Estão naquela fase de experimentação onde vale tudo, ideias as mais loucas são jogadas na roda e todo mundo improvisa. Acordeom, pandeiro, reco-reco, chocalho na latinha de arroz e a fantástica zanphonia do Stéfano acompanhavam Cazilda tocando seu pífano. A zanphonia é um instrumento medieval que se vê, nos quadros de Bruegel, sendo tocada em tabernas. Ela tem, ao lado de um feixe de 4 sopros de madeira, uma enorme bolsa de couro que se enche de ar parecendo um bichinho vivo. O som é possante e abafa facilmente outros instrumentos a não ser instrumentos de sopro bem agudos como o pífano. A origem desses instrumentos remonta aos pastores italianos que, durante a época de Natal, saíam às ruas. Stéfano e Cazilda, resgatando esta tradição, têm tido no final do ano, muito trabalho e uma boa resposta do público. Querem criar agora espetáculos alternativos para o resto do ano e esta parceria com músicos e poetas locais poderá ser interessante. Romano, o poeta, iniciava sua interpretação no dialeto Itri, o que nos dava uma sensação de estranhamento e fascínio diante de uma língua nova. De repente entrava o acordeom de Ensor, o músico, pessoa super expressiva e brincalhona, acompanhado pelo pífano de Cazilda. Stéfano abafava todos os sons com sua zanphonia possante e grave. Súbito Giuseppe surpreendia a todos tirando não sei de onde um reco-reco de bambu que fazia uma algazarra dos diabos. Eu e minha mãe ríamos deliciadas com aquela “casa de loucos” que é a casa dos artistas. Sei apenas que, em poucas horas brincamos com músicas de várias épocas e lugares, indo desde o canto de mantras até o carnaval, regado à legítima cachaça brasileira.” (Ivana Andrés, Viagem à Itália, ano 2000)

29 de outubro de 2013



## SÃO FRANCISCO E A GRUTA DELLA VERNA



Fotos: Luciano Luppi

Assim Ivana relata um almoço inesquecível: “Uma mesa posta ao ar livre, entre árvores e flores, travessas de peixe com leite de coco e banana, arroz, salada, vinho e até um guaraná antártica. Ao redor crianças brincando de roda, homens e mulheres jovens

conversando sobre o dia a dia, a escola onde trabalham e principalmente sobre crianças. Estamos na casa de Sérgio e Martina, amigos de Teresa e Alberto.

A turma que aqui se reuniu faz parte de uma “tribo” de professores da Escola Waldorf, situada em Colle onde Teresa e Alberto lecionam. Considerada uma das pedagogias mais avançadas, ela adota formas de ensino e currículos bem diferentes dos tradicionais, com o professor acompanhando durante muitos anos a mesma turma de alunos. Torna-se um mestre, quase um tutor, uma referência de vida para seus alunos. Hoje eles conversavam sobre crianças, sobre o melhor para elas, sobre a importância delas serem felizes e não somente aprenderem coisas, serem um depósito de informações.

Conversamos também sobre motivações para mudanças. Segundo Sérgio, atualmente aqui na Europa, fatores que provocam mudanças de vida não são apenas transferências de emprego ou ganhos de salários, mas sobretudo a realização pessoal: o encontro amoroso com “a pessoa certa”, o melhor lugar para se criar um filho.

### **Gruta Della Verna**

Toda viagem costuma ter seu ponto máximo, ponto de virada que coincide com emoções fortes causadas por visões de uma natureza impactante, dessas de “tirar o fôlego”, a visão de uma obra de arte grandiosa ou a sensação de paz que, por algum motivo impregna um lugar.

Hoje vivenciamos este ponto de virada quando então podemos dizer: “chegamos, Lu, onde esta viagem tinha de nos levar. Podemos agora voltar para casa.”

O lugar: a gruta de La Verna, onde São Francisco de Assis recebeu, em meditação, as 5 chagas de Cristo. Tudo começou quando recebi um e-mail de minha mãe, relatando uma viagem do Regis a este lugar. No dia seguinte, durante o almoço na casa de Sérgio e Martina, comentei com eles sobre esse lugar. Sérgio me disse: “podemos ir lá, eu também quero conhecer”.

Hoje foi este dia, um passeio por uma parte da toscana que nunca iríamos conhecer por conta própria. Por mais de 2 horas o carro com ele, Martina e a filha pequena Fresia, serpenteou por vales e montanhas até chegar à comuna de Chiusi Della Verna, famosa por seus vinhedos e olivas.

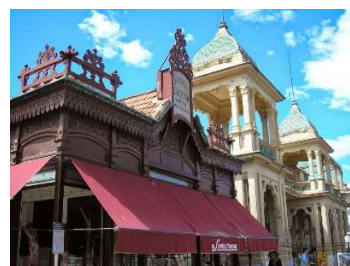
Próximo ao local do santuário nossa animada conversa foi dando lugar a um silêncio bom, natural. O santuário é um conjunto de construções em tons de cinza e ocre, todo de



pedra. Até os telhados são dessas cores, o que nos dá a sensação de algo que se funde com a terra, com as pedras altíssimas e com os troncos cinzas da floresta local. Tudo está construído no alto da montanha, lembrando os lamas tibetanos. Aqui há, além da igreja e capelas construídas em locais onde São Francisco teve visões da Virgem ou de Cristo, locais para a residência dos frades e uma casa para a hospedagem de pessoas de fora. Há também um restaurante, café e estacionamento. Mas para mim o mais impactante foi a "Gruta Della Verna" entre pedras escarpadas hoje cobertas com vegetação e florezinhas amarelas e brancas. Fomos descendo uma escada de pedra e a gruta se revelou, um espaço de poucos metros com poucas aberturas além da entrada. Encostada na pedra uma grande cruz tosca de tronco de árvore. A sensação era uma mistura de emoção e de paz, quando lágrimas correm entre sorrisos. Uma pequena fração do que deve ter atingido o santo, quem sabe nos atingiu também? Fizemos o que viemos fazer, vimos o que nos era destinado nesta viagem? Não sabemos ao certo, embora a sensação é de plenitude. Todo o caminho agora é o caminho de volta. (Trecho do diário de viagem de Ivana Andrés)

20 de julho de 2014

## LUCCA, CARRARA E VIAREGGIO



Fotos: Luciano Luppi

“Luciano está procurando um possível irmão italiano. Leva na bolsa fotos amareladas pelo tempo, enviadas por seu pai Bindo Luppi e guardadas por Anita, sua avó, desde os anos 40. Fala de namoradas que encontrou na Itália durante a segunda guerra mundial, quando serviu como pracinha brasileiro. Quando encontra uma oportunidade, o Lu mostra este material antigo como uma relíquia preciosa. Muitas vezes as pessoas não mostram tanto interesse, mas... quem sabe na próxima abordagem teremos mais sorte? De qualquer forma este é um bom pretexto para seguir um roteiro de viagem que segue os passos de Bindo Luppi pela região da Toscana, especialmente Lucca, Carrara e Viareggio.

A parte histórica de Lucca é totalmente cercada por uma muralha, construída em etapas há séculos, com o claro objetivo de defesa. Entre ela e o lado de fora um imenso gramado apresenta declives e túneis que, no passado deviam ser cobertos com água. Diversos portões se abrem para o interior e neles existem pontes levadiças dessas construídas com pontas grossas de ferro. Dentro da muralha, Lucca apresenta a mesma característica das outras cidades medievais, casas altíssimas com ruas estreitas e sem árvores. Dá-nos a impressão de, ao terem formado um bloco maciço de construções, essas casas conseguiram proteger- se umas às outras.

Hoje visitamos a igreja de San Michele, o teatro Del Giglio, a catedral San Martino, a Praça do Anfiteatro e a casa onde nasceu Puccini. É sem dúvida emocionante visitar tantos lugares, caminhar por essas vielas estreitas e sentir-se como um personagem de Bruegel. Mas a emoção maior aconteceu ao caminhar pela muralha de Lucca. É larga como a passarela de um parque, e há espaço para a passagem de um carro. Tem passeios laterais de onde se avista os lados de dentro e fora da cidade. Esta passarela é toda arborizada, as árvores encontrando no alto suas copas, como arcos de catedrais. Embaixo pessoas caminham, correm, fazem ginástica, empurram carrinhos de bebês, crianças pequenas brincam em play grounds e muitos pedalam, alguns em bicicletas duplas. Vimos muitos velhinhos e velhinhas pedalando com uma desenvoltura enorme.

Ao longe montanhas nevadas? Não, aquilo branco entre as montanhas não está no cume delas, mas na base, no sopé dessas montanhas que formam uma verdadeira cordilheira. O que vemos nessas montanhas a caminho de Carrara é puro mármore. Na estação central de Viareggio, cidade balneária entre Lucca e Carrara, as paredes, os bancos, as escadas são todas revestidas com o autêntico mármore de Carrara. Tudo branco com

veios amarronzados. Sim, as montanhas são de mármore. O trem acaba de passar por "Forte de Marme" e começa a surgir uma série de indústrias que processam o mármore: pedras brutas, cortadas em blocos, em pequenos seixos e até pó de mármore. Além disso, caminhões, esteiras rolantes, guindastes. As indústrias estão dos dois lados da ferrovia e avançam para o interior da cidade.

Bem defronte à estação de Carrara se abre uma montanha minerada. São crateras abertas há séculos mostrando suas vísceras brancas. Entre a estação e esta montanha uma mineradora com suas máquinas. Segundo o nosso guia turístico, um livro sobre a Toscana, há mais de 2000 anos o mármore é extraído dos Alpes Apuanos e embarcado no grande porto de Marina de Carrara. Pelo que pudemos observar hoje a cordilheira branca tem provavelmente mais 2000 anos de exploração pela frente...

Tentamos encontrar o centro da cidade para ver o museu, o palácio, a catedral. Tínhamos que tomar um ônibus ir para outro lugar. De repente o Lu me disse: "vamos voltar, passar o resto deste dia em Viareggio". Concordei. Depois ele confessou: "sinto este lugar meio pesado. "Adeus, vovó, você fez bem em ir para o Brasil". Aqui em Carrara nasceu sua avó Anita, que no Brasil encontrou com Calixto seu avô, nascido em Modena. As famílias de ambos se encontraram no navio, a caminho do Brasil.

Viareggio, famosa por seu carnaval, é um balneário com sua praia de areias claras, avenida beira mar, casario que lembra casas de São Paulo ou Rio, marina extensa, cinemas, teatro. Aqui se fabricam barcos de passeio que são vendidos para muitos países. Alguns são escuros, uns verdadeiros "barcos de Batman". Da época medieval só restou uma torre.

Luciano procurou uma certa rua em Viareggio, seguindo anotações deixadas por seu pai. Ninguém, nem mesmo um velhinho simpático que queria muito ajudar, se lembrou daquela rua. Afinal um taxista arriscou um palpite: era em Nozano, um vilarejo perto de Viareggio." (Ivana Andrés, diário de viagem à Itália, 2014)

1 de julho de 2014

AS PEDRAS DE VIRGINIA WOOLF





Fotos de Kátia Assis

Recebi de Ivana Andrés o texto abaixo, sobre o espetáculo “As pedras de Virgínia Woolf”, encenado no Teatro da Cidade, integrando o Festival de Teatro Mínimo. Nesta peça, Ivana faz o papel da própria Virgínia.

A complexidade e riqueza da vida e da obra de Virgínia Woolf possibilita a escolha de diferentes caminhos, conduzidos por diferentes motivações. Após a leitura de alguns livros da autora e também sobre ela, (inclusive roteiros cinematográficos), é possível apresentar algumas motivações ligadas à questões essenciais de qualquer ser humano. Questões que acontecem em qualquer época e lugar. Semelhanças ou coincidências?

Um espetáculo teatral, seguido de debates e vivências motivadoras sobre o tema do feminismo, da diversidade de gênero, do amor pela literatura, do sofrimento infligido às pessoas pela guerra e pelo fascismo e também sobre a morte por escolha própria, o suicídio. E o renascimento, como pessoas ou personagens de um livro ainda por ser escrito.

Um encontro imaginário de Virgínia Woolf com Leonard Woolf, seu marido e com personagens de suas obras, no fundo de um rio, onde a escritora se afogou, usando pedras nos bolsos do casaco. As pedras, na concepção deste espetáculo são seus próprios livros, que revolucionaram a escrita de sua época, a primeira metade do século XX. Personagens de alguns de seus livros deveriam aparecer como elementos materializados de sua própria consciência, criarem vida própria e questionarem a sua própria existência, a razão de terem sido criados pela autora. Virgínia deveria lhes responder revelando sua própria vida, suas angústias, revoltas e anseios e de como o seu trabalho era a forma quase exclusiva de superação. Mas isso não acontece. É mais importante levantar outras questões e envolver a

plateia, as pessoas que vivem agora, com os atores, as atrizes, com a realidade que espera por todos nós lá fora. E isto quem faz é o diretor. Não há tempo para descrever, contar histórias, distrair a atenção para o mais importante: a volta do fascismo em âmbito mundial. E os personagens, líricos, apaixonados, voltam para seus livros, para serem abertos, quem sabe, pelo espectador, curioso em desvendar suas histórias?

Resta a sua vida, real, vivida com personagens reais, pessoas físicas, encarnadas em Leonard Woolf, seu marido. E o encontro acontece também no fundo do rio. Existe a vida pessoal de ambos, as depressões de Virgínia, os surtos. Existe nela a revolta contra o machismo e o patriarcado, e seu amor pelas mulheres. E existe a descoberta de si mesma como ser andrógino, homem e mulher ao mesmo tempo. É o feminismo metafísico, quando a mente é fertilizada e usa todas as suas possibilidades.

Juntos relembram os tempos de juventude, a criação do Grupo dos Bloomsbery, que marcou presença na Cultura Inglesa do início do século XX, estendendo-se por décadas e criando uma estética e uma nova ética. É a revolução dos costumes, reação à moral vitoriana, que encontraria seu apogeu nos anos 60, com a revolução Hippie.

Virginia revela seu amor pela literatura e sua frustração por não ter mais um público que lhe dava alimento para o trabalho e razão de ser para sua existência. E ambos “morrem” novamente, para imediatamente renascerem como outras pessoas e outros personagens, duas meninas com traços de outras existências, mas com uma imensa vontade de compreenderem juntas a razão e sentido da vida humana, com esperança de reescreverem suas próprias vidas.

Todos os personagens de seus livros e o próprio Leonard são interpretados por uma única atriz, que faz tanto papéis femininos quanto masculinos.

A concepção cenográfica revela um lugar escuro invadido por uma enchente. Tanto pode ser o fundo de um rio, quanto o “umbral”, lugar sombrio descrito pelos espíritas, como aquele conduzido pela consciência dos suicidas. Lá Virgínia lê a conhecida carta de despedida dirigida a Leonard, deixada por ela, enquanto é descrito um trecho do livro “Orlando” sobre um degelo ou enchente. Sobre uma catástrofe, imagem simbólica da sua própria tragédia.”

8 de outubro de 2018



## TERRA MATER, CENTRO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO



Fotos de arquivo

Enfim, Bahia! São muitas as bahias, como são muitos os brasis. Esta é a Bahia do Sul, próximo a Porto Seguro. Estamos em Santo Antônio. Um pouco mais ao norte está Santo André, para onde vem atualmente toda a gente de fora, sejam brasileiros ou não.

Há mais de 20 anos estivemos aqui visitando nossos grandes amigos Ildeu e Sibila. Ildeu é primo do Luciano e Sibila é sua esposa. Agora estamos de volta a este paraíso.

Hoje à noite vamos participar de uma roda de fogo numa oca. A lua está cheia e será mais uma vez reverenciada. O grupo se chama Terra Mater e se reúne numa grande oca indígena. Ha poucos meses atrás Ildeu e Sibila nos enviaram fotos mostrando a construção da oca. Em seguida a cerimônia de casamento deles ...

Em torno do fogo, 30 pessoas vestidas de branco estão sentadas em cima de tapetes de palha estendidos sobre a areia. Dentro desta grande oca indígena montada a poucos metros da praia, a cerimônia em homenagem a lua cheia tem início. Lá fora a lua homenageada se espalha pelas folhas dos coqueirais, da areia branca e brilha nas águas do mar.

Pablo dirige os trabalhos, voltados para o culto aos antepassados. Tem um sotaque estrangeiro, como muitos outros presentes. Franceses, alemães, argentinos, espanhóis, equatorianos se misturam nesta oca indígena no sul da Bahia. Pablo é argentino e dirige o grupo Terra Mater. Mas o dono deste pedaço de terra, quem doou a oca ao grupo é o psiquiatra mineiro José Roberto Ayres que, por coincidência, morou no Retiro das Pedras onde mora a minha mãe. Mundo pequeno ...

Ao lado de Pablo, um índio pataxó vestido com bonitos adereços de palha e penas, faz orações a Tupã, Deus supremo. Depois corre a roda segurando um vaso com ervas fumegantes enquanto defuma cada um dos presentes. Pablo pede que fiquemos em fila indiana em volta do fogo e que andemos para trás enquanto ele regride no tempo: hoje, ontem, a última semana, o último mês, o último ano. Nos conduz até o nosso nascimento, nossa gestação e nossa concepção. Regride até os primeiros homens e os primeiros seres vivos. Depois nos faz andar para frente caminhando de volta ao tempo presente. Abrindo os braços recebemos os dons que nos farão viver melhor o futuro.

Depois, enquanto é passado um cachimbo da paz, recebemos um graveto para alimentar o fogo. Com ele serão queimados o que quisermos purificar em nós mesmos. Pablo abriu a palavra para quem tivesse vontade de falar ou cantar. Dei o meu depoimento: pela primeira vez na vida senti a presença do índio em mim. Ele é o meu antepassado, o antepassado do meu povo e é agora quem eu devo reverenciar.



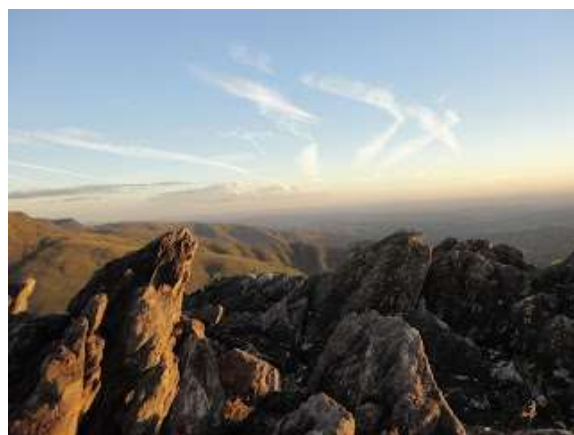
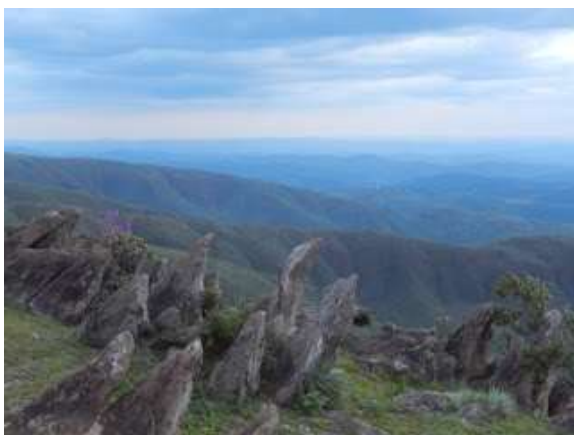
Cantei um trecho da música "Se eu quiser falar com Deus". Estamos na Bahia e lembro que o autor é o grande Gilberto Gil, um baiano genial. Depois foram só abraços, sorrisos, acolhimento. Saímos dali leves, abertos para fazer novos amigos.

Entre boas trocas de ideias, falamos do nosso show "Cartas Poéticas ". Resultado: sábado próximo estaremos nesta mesma oca trazendo as cartas para este grupo. (Trecho do diário de viagem de Ivana Andrés)

24 de março de 2017

### **MILAGRES – Ivana Andrés**

Transcrevo abaixo o poema "Milagres" de minha filha Ivana Andrés



Fotos de Maria Helena Andrés

## MILAGRES

Tudo, enfim é um milagre?

Ou milagres não existem?

Existe aquele que diz

Que não existem milagres

Existem lágrimas, dores

Amizade, alguns amores

Existe a luta incessante

Pelo pão de cada dia

Existe a busca constante

Por momentos de alegria

Tudo isso é o lado humano

Não milagre, já dizia

Quem não crê que haja milagres

E vê nisso fantasia

Tudo, enfim é um milagre?

Ou milagres não existem?

Existe aquele que diz

Que tudo, enfim é um milagre

O sol, a lua, as estrelas

A noite depois do dia

A flor ofertando à abelha

Alimento e moradia

A lagarta transformando

O seu corpo em fantasia

O mar, o ar as montanhas

O vento e a ventania

E homens que sonham juntos

Com amor, paz e poesia

28 de agosto de 2021

## **RETIRO-ME**

Recebi de Ivana Andrés o poema abaixo sobre o Retiro das Pedras.



"Num aparente clima de renúncia, ausência ou isenção, retiro-me

O caminho então se faz, o caminho da ação e o caminho da inação.

Num estado que vai além, muito além,

Do que é dividido, além da própria divisão, retiro-me.

Entre atividade e reação, entre sonho e contemplação

Em união com algo indefinível, inominável, retiro-me.



Entre pedras e montanhas, retiro-me e viajo

Paisagens mostram formidáveis mutações.

E vejo nuvens colossais virarem gotas prateadas,

Véus finos de água oscilarem, flutuarem, quase voarem.



Escondendo e mostrando a paisagem até tudo virar cinza.

Cinza escuro, cinza claro, cinza rosado, cinza violáceo.

Vasta teia de aranha que o vento vai deixando de estremecer,

Vai deixando de tecer o momento, o movimento, a ação,

Para se tornar sol poente, em mil arco-íris sobre montanhas,



Em mil e uma faces que se alternam e se repetem.

Desvestem suas capas de nuvens, de luzes e de sombras

E vestem mantos de veludo escuros, salpicados de lua e de estrelas." (Ivana Andrés)

Fotos de Maria Helena Andrés

28 de agosto de 2021

## **ENEZA, CAMINHOS DE ÁGUA**





Fotos: Alice Andrés

Minha neta, Alice Andrés, me enviou o texto abaixo sobre Veneza, onde residiu por 6 meses:

“Ruas feitas de águas encantadas, de um tom de verde que não se vê em nenhuma caixa de lápis de cor. Prédios recheados de história e sonhos. Ar cheio de mistério e de promessas. Luz inigualável. Pessoas atemporais. Veneza é uma cidade sem igual.

À primeira vista, Veneza parece um grande formigueiro de turistas - gente de todo o mundo e de todos os tempos, que busca em dois ou três dias desvendá-la. Correm de um lado para o outro, percorrem o circuito turístico Praça de São Marcos - Rialto - Biennale - Murano, tomam um Bellini no Harry's Bar ou um Spritz no Campo Santa Margherita, ouvem o gondoleiro de blusa listrada cantar, fotografam toda a superfície da cidade. Tudo é lindo, e vale a pena.

Mas é quando o olhar se acostuma ao cenário que Veneza se revela e nos faz ver que somos muitos, mas somos um. Perdemos-nos por suas ruas - as de água e as de pedra - e, de madrugada, no inverno, quando a cidade dorme e está esvaziada de turistas, vemos que essa é uma cena que se repete através dos tempos, e que confirma a nossa coerência e humanidade.

É nesse momento que se consegue vislumbrar e compreender a história, os mistérios, os encantos, as promessas e a luz dessa cidade, e também nossa história, mistérios, encantos, promessas e luz. Cada viagem de qualquer ocidental à China remete às aventuras

de Marco Polo na corte de Kublai Khan. Cada moeda trocada hoje remete ao sistema capitalista influenciado em grande medida por essa cidade, que foi uma das principais capitais comerciais do mundo. É nela que, olhando para a Praça de São Marco, poderíamos também proferir a frase de Napoleão Bonaparte, que a chamou de sala de estar da Europa. É ali que mesmo os mais céticos se curvam diante da magia da presença dos restos mortais de São Marcos e das pedras onde caminharam papas e pecadores. É onde se coloca e se tira a máscara. É quando se sente que, com toda aquela beleza e inspiração, fica claro porque Vivaldi pôde compor o que compôs. É quando se percebe a presença de promessas de amor repetidas através dos tempos, e a busca incessante pela perpetuação e materialização dos sonhos. É ali que se vê a mesma dependência - e, mais importante que isso, reverência - que lugares tão distantes como Veneza e Amazônia podem compartilhar por seus caminhos de água.

Somos muitos e somos um, e Veneza materializa isso.

30 de agosto de 2013

## UMA VIAGEM À TOSCANA







Fotos: Maurício Andrés

Recebi de Maurício o relato abaixo, sobre recente viagem à região de Toscana, na Itália.

“Visitamos Teresa e Alberto em Vico D’Elsa, uma das muitas pequenas cidades situadas em topos de morro no vale do rio Elsa, na Toscana.

Com eles passeamos em pequenos burgos medievais nas redondezas, tais como San Gimignano, com suas seis torres altas; e Certaldo, onde havia um festival de comidas ecológicas. Na Itália é muito forte o movimento pelo alimento quilometro zero, o que significa a produção e o consumo de alimentos produzidos localmente, sem transportes a grandes distâncias. Provam-se e comercializam-se de queijos, de azeites, de vinhos produzidos nas redondezas com métodos naturais da agricultura orgânica, sem uso de agrotóxicos ou de transgênicos.

A região era passagem dos peregrinos que vinham da catedral de Canterbury, na Inglaterra, bem como de toda a Europa, para Roma e dali seguiam para Jerusalém. A via Francigena, com mais de dois mil quilômetros, era o caminho que percorriam. Ao longo dela há muitos lugares de pouso para os peregrinos, tais como Monteriggione. Uma menção especial merece Siena, com suas construções ocre e marrons, sua praça em forma de uma concha onde todas as linhas convergem para um bueiro de drenagem e onde se realiza duas vezes por ano a festa do Palio, com corridas de cavalos e disputas entre as várias partes da cidade. A catedral de Siena, com seu piso em mármore totalmente trabalhado com motivos figurativos e geométricos é um espetáculo à parte.

Poggibonsi é a parada de trem nas imediações. Fomos e voltamos de trem de Florença e no verso da passagem há informações sobre como o viajante no trem emite menos gases de efeito estufa do que quando se viaja de avião. É um modo de transporte econômico, ecológico, agradável, contempla-se a paisagem.



A Toscana, e especialmente o seu relevo e geomorfologia, se parece com a paisagem dos campos das Vertentes em Minas Gerais, a Toscana brasileira. A vegetação é diferente, pois lá tudo é muito cultivado com uvas para o vinho ou com oliveiras para a produção do azeite. O gado é confinado e alimentado com feno. A paisagem é muito bonita e os céus são cortados por muitos rastros de aviões, pois ali é uma rota aérea muito usada. Nos telhados das casas centenárias, antenas e parabólicas nos lembram de que estão conectadas com o mundo globalizado.

Havia muitas guerras entre as cidades, como por exemplo, as que ocorreram entre Florença e Siena. Os burgos medievais têm controles de segurança, com muros fortificados e fossos. São semelhantes, nesse quesito de segurança, aos condomínios existentes nas cidades brasileiras, eletronicamente vigiados e procuram proteger os moradores dos perigos do ambiente externo.

A Itália é densamente habitada, com 192 habitantes por quilometro quadrado (A Itália tem metade do tamanho de Minas Gerais e uma população quase 4 vezes maior). O Brasil é oito vezes menos denso, com 23hab/km<sup>2</sup>. No passado, uma das maneiras de reduzir essa densidade foi por meio das emigrações de italianos para o Brasil, os EUA e outras partes. Outro caminho era por meio das guerras ou das pestes como a que afetou Florença nos anos 1350. Muitos países europeus se apropriaram de recursos das colônias para se sustentarem. Hoje, os descendentes dos povos colonizados retornam para os países que os colonizaram. Se os empregos não vão para onde estão as pessoas, elas vão para onde se encontram os empregos, já observou um conhecido demógrafo.”

6 de outubro de 2013

## **VIAGEM AO CAMBOJA**





Fotos: Cid Veloso

Recebi do Dr. Cid Veloso o relato de sua viagem ao Camboja, que transcrevo abaixo:

“País muito antigo, relatando-se histórias de uma época pré-histórica, de 5 séculos A.C. Em toda sua história, sempre teve muita influência da Índia (hinduísmo e budismo).

Sistema político: monarquia parlamentar democrática; não é comunista. O rei atual (Sihamoni) tem 61 anos, é budista, solteiro e foi bailarino em Paris, não tendo vocação política. Religião: 95% budistas; há 4.000 pagodes no país.

A colonização francesa ocorreu de 1864 a 1953. O forte sentimento nacionalista, liderado pelo partido surgido na época – Partido Popular Revolucionário do Kampuchea – apoiado pelo Vietnã, obrigou a França a conceder a independência ao país em novembro de 1953, que foi declarada pelo rei Sihanouk. Após a Guerra do Vietnã, em 1975, o Camboja foi dominado pelo movimento Khmer Vermelho, liderado por Pol Pot e apoiado pela China, que pregava o maoísmo radical; foi um regime violento, que resultou na morte de 1,7 milhões de habitantes. O regime foi derrotado com ajuda dos vietnamitas, em 1979. Em 1993 foi restaurada a monarquia.

É o país mais pobre da Ásia e sua economia é baseada no arroz, na indústria têxtil, borracha, óleo de palma e, atualmente, o turismo está sendo o principal produto econômico (recebem 4 milhões de turistas por ano; como referência, o Brasil recebe 6 milhões/ano). Foi descoberta reserva de petróleo no fundo do mar, mas ainda em pequena escala, não exportando.

Possui o maior lago de água doce do sudeste da Ásia, o Tonlé Sap: 3.000 km<sup>2</sup>. de extensão. É o mais rico em peixes e fornece água para o território da metade da população

do Camboja; no lago moram 90.000 pessoas, que vivem em 170 vilas flutuantes. É considerado “Reserva da Biosfera” pela UNESCO.

Phnom Penh, a capital do país, já foi considerada a “pérola da Ásia”, tendo perdido o brilho após as seguidas guerras e revoluções, estando agora se recuperando. O Palácio Real, com belos templos, especialmente a pagoda de Prata, tem o chão coberto por 5.000 peças de prata e um sólido Buda de Ouro

Neste momento atual, o ano budista é 2.558. O Budismo prega 4 princípios: caridade, neutralidade, compaixão e misericórdia; o budista busca sempre dar e não receber. Budistas devem comer apenas 2 vezes ao dia e dormir do lado direito. Nas estátuas, Buda adota 25 posições; alguns exemplos: com uma mão para cima: perdão: com duas mãos para cima: paz; uma mão para baixo e uma mão ao longo do corpo: vencer a batalha do mal.

ANGKOR, considerado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. O parque dos templos possui 400 km<sup>2</sup>. A beleza, a história impressionante e a arquitetura imponente dos templos são difíceis de descrever.

Angkor – antiga Yashodharapura – foi o império mais poderoso do sudeste da Ásia (compreendendo desde Myanmar até o Vietnã), em torno do grande lago Tonlé Sap, quando foi capital do Camboja, no ápice da civilização Khmer. Com o declínio do Império Khmer, Angkor foi abandonada, sendo cercada e coberta pelas florestas tropicais do país. No final do século 19 missionários, pesquisadores e historiadores, predominantemente franceses, iniciaram estudos na região, recuperando a história e revelando a importância e a beleza dos templos. Somente na década de 90 do século passado foi iniciado o esforço governamental para desenvolver o turismo baseado em Angkor. São 300 templos em Angkor, sendo os principais: Angkor Wat, conjunto de Angkor Thom (Bayon, Phnom Bakheng, Preah Kahn, Srah Srang, Ta Prohm, entre outros) e Banteay Srei.

Angkor Wat (angkor = cidade; wat = templo) é o maior templo religioso do mundo. Construído durante 32 anos (1.113 a 1.145) por 300.000 trabalhadores e 8.000 artistas (na época, havia cerca de 1 milhão de habitantes na região, quando Londres possuía 50.000 habitantes). As pedras foram trazidas de 70 km de distância, utilizando 2.000 elefantes. Tem forma piramidal, com 3 níveis; 5 portas de entrada: uma para o rei e depois

outras para os funcionários, para os monges, para os ricos e para o povo; apenas uma porta de saída, simbolizando que a morte iguala todos. Há 4 serpentes com muitas cabeças, uma em cada canto do templo, para proteção. Há um mural entalhado de 80 metros, com lendas de influência hindu: Mahabharata, Ramayana, criação do mundo, e cenas de guerra com a eterna luta dialética entre os deuses e demônios. Há 4 tanques em salas de recepção, dedicados aos 4 elementos: fogo, ar, água e terra. Os 4 corredores são em forma de cruz, fazendo imaginar uma identidade (arquétipo?) com o cristianismo.” (Cid Veloso, Diário de Viagem ao Sudeste da Ásia)

1 de setembro de 2014

## TERRA DO FOGO



Fotos de Cid Veloso

Recebi do Professor Cid Veloso, renomado cardiologista e amante das viagens internacionais, um texto sobre a sua passagem pela Terra do Fogo, que público abaixo: “Navegamos até o Cape Horn (Cabo de Hornos), na Terra do Fogo, do lado chileno. A Terra do Fogo tem este nome porque os navegadores que chegaram ao território visualizavam muitas fogueiras feitas pelos nativos, para combater o frio e para finalidade agrícola. O Cape Horn é o ponto mais meridional da América do Sul e fica situado na ponta da Ilha de Horn, junto com um pequeno grupo de ilhas desabitadas, tendo a ilha 8 km de comprimento. É considerado o ponto de limite entre o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico; naturalmente, o limite não é visível, pois o mar é igual nos dois Oceanos, mas a convenção da mudança dos grandes Oceanos causa emoção, quando se visualiza a região. O Oceano Pacífico tem este nome, porque navegadores que primeiro passaram pelo local percebiam que ele era mais

calmo do que o Oceano Atlântico. Realmente, a navegação na região provocou um balanço maior do navio. A navegação muitas vezes é tão turbulenta, que antigamente os marinheiros que conseguiam atravessá-la recebiam honrarias especiais.

O mar da região do Cape Horn, do Estreito de Magalhães (escrevem Magallanes – grafia espanhola ou Strait of Magellan – grafia inglesa) e do Canal de Beagle eram as rotas comerciais de navios que se dirigiam para a costa oeste dos Estados Unidos e países do Oceano Pacífico, deixando de constituir essa via de acesso após ter sido inaugurado o Canal do Panamá, em 1914.

Deixando o Cape Horn, o navio navegou em direção norte, entrando na Passagem de Richmond até o Canal de Beagle (nome que homenageou o navio que Charles Darwin viajou durante cinco anos na região, fazendo suas pesquisas sobre a evolução do homem). É impressionante como a presença de Darwin é marcante na região: há Ilha Darwin, Estreito Darwin, Cordilheira Darwin, Estância Darwin (Argentina), cidade de Darwin (Ilhas Falklands/Malvinas) e Monte Darwin. Esse Canal de Beagle é a fronteira entre o Chile e a Argentina na Terra do Fogo."

3 de março de 2015



## HOMENAGEM A SARA ÁVILA



Fotos: Adriana Moura

Para registrar o trabalho de Sara Ávila na Escola Guignard convidei o artista Eymard Brandão, seu ex-aluno, para escrever um depoimento. Segue abaixo o depoimento de Eymard:

“Querida Maria Helena,

Tenho convivido com inúmeros fatos e sentimentos relacionados ao recente falecimento de nossa amiga Sara Ávila.

Domingo passado, quando conversávamos em sua casa, me lembrei de uma aula da disciplina intitulada “Desenho de Criação”, que tivemos com Sara nos anos setenta. Sempre tenho presente que esta foi uma das disciplinas que Sara assertivamente implantou na Escola Guignard, durante o período que lecionou de forma sempre marcante.

Numa dessas aulas de criatividade executei o tema proposto, ou seja, um desenho de paisagem com caneta esferográfica preta sobre papel, explorando todas as possibilidades que este material poderia oferecer.

Fui para o Parque Municipal e fiz o trabalho. Na minha opinião ficou da melhor qualidade, pois o desenho era ministrado como matéria essencial para domínio de nossos meios de expressão, como você bem sabe e lembra com certeza.

Quando apresentei o desenho realizado ela olhou, olhou novamente e disse:

Ótimo. Mas estas canetas foram concebidas industrialmente para fazer a linha e podemos ir muito além desta convenção. Então, pegou minha caneta, quebrou-a pelo meio e rompeu aquele tubo de plástico que contem a tinta, dobrando-o alternadamente algumas vezes. Com esta tinta e usando diretamente seus dedos, fez uma demonstração de belas manchas e linhas. Foi uma experiência simultaneamente simples, marcante e sempre atual em seu intrínseco significado.

Sara sempre teve um dom, um potencial específico para interagir com os alunos, sem receitas prontas e lidando diretamente com o potencial de cada um no fazer artístico. Seus ensinamentos, ao exercer o magistério, iam além das salas de aula, sempre integrados a valores éticos e estéticos. Na universalidade da linha, por exemplo, cada um era estimulado a encontrar sua identificação e seu caminho pessoal. O gesto e o movimento abriam uma porta, as texturas e respectivas tramas outras, e assim por diante com as diversificadas técnicas. Tudo se integrava na criatividade, estimulada além de palavras escritas ou faladas, pois trabalhávamos essencialmente com a percepção.

Sara construiu uma sólida trajetória como artista plástica, unindo expressiva cultura ao conhecimento do ofício. E manteve sempre presentes importantes elos com nossa contemporaneidade, sem imposturas intelectuais e ultrapassando fronteiras”.

Ao ler o depoimento de Eymard Brandão sentimos o quanto Sara descondicionava os alunos do convencional, do maneirismo e da repetição. Quebrar os condicionamentos, despertar o novo é uma das formas de crescimento proposta pelo grande mestre indiano Krishnamurti. Sara, sugerindo ao aluno quebrar a caneta, estava lhe propondo usar como instrumento, não o convencional, mas o novo, criado na hora. Suas aulas promoveram mudanças na capacidade criativa de seus alunos.

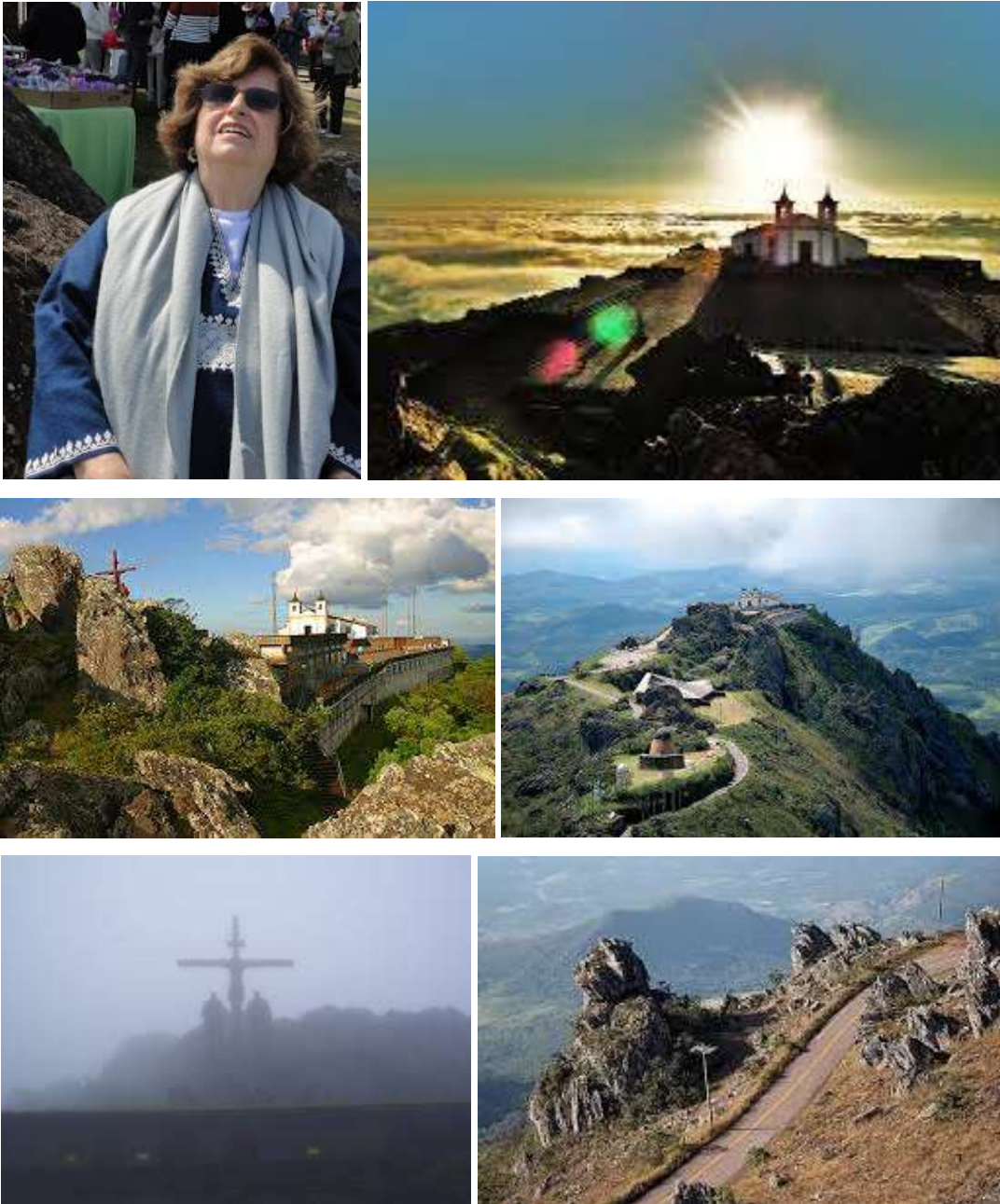
Despertar o novo na arte e na vida, não percorrer repetidamente os caminhos já trilhados é uma das possibilidades mais instigantes da arte contemporânea.

Sara foi uma das artistas mineiras que mais se projetou no exterior. Convidada para participar do Grupo Internacional “Phases”, sediado em Paris, ela percorreu o mundo com seus desenhos fantásticos. Não rejeitou a arte como forma de expressão, mas seguiu com a arte até o fim, sempre criando. Produziu obras fantásticas que mergulham no inconsciente de cada um de nós e obras líricas, poéticas, da série “Noturnos”. Em sua missa de sétimo dia, realizada no Auditório da Escola Guignard, o “Noturno” de Sara envolvia todo o ambiente com suas luzes. A trajetória de Sara Ávila foi sempre um caminho em direção a essa luz.

27 de novembro de 2013



## PIETÁ CAETÉ



Fotos: internet

Este texto do Maurício me fez contemplar o céu:

‘No passado, essas pedras foram fundo de mares interiores, conviveram com animais pré-históricos, seus sulcos e ranhuras testemunham eras geológicas e mais de um bilhão e oitocentos milhões de anos. Do alto do lendário Itaberabaçú, a montanha que brilha, via-se

a destruição ao longe das matas do rio Doce - Watu para as tribos caeté, botocudo, Krenak, aimoré, que ali viveram e que conheceram a impiedade dos brancos.

Vieram os caçadores de esmeraldas e de índios, as minas de ouro de Cuiabá e Descoberto, madeireiros. Bracarena ergueu a igreja em 1776, os romeiros subiam ao cume da Serra para o jubileu. A névoa encharca as pedras e gotas d'água pingam nos milagres, aos quais se atribuem poderes de cura.

A serra da Piedade é um monumento na paisagem, de onde se contempla o Caraça, Cauê, Itabira, o Espinhaço, a Serra do Curral. Hoje, é lugar de respirar ar.

São 1746 metros de altitude e 360 graus de visão, nesse grande mirante dos céus de Minas, de onde antenas controlam o tráfego aéreo e as telecomunicações. Do observatório astronômico, vê-se a estreita faixa de fogo no horizonte, que separa as luzes da metrópole e o brilho das estrelas e planetas.

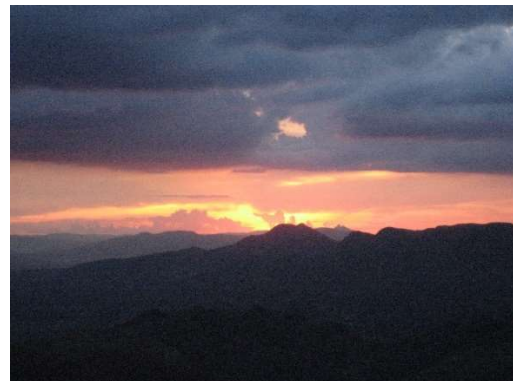
Há uma nave branca pousada na rocha mirando Caeté. O santuário no cume da serra abriga a imagem da piedade, mãe e filho, azulejos registram o céu, anjos, mandalas.

Frei Rosário constrói com livros uma biblioteca mística e ecumênica, em sânscrito, latim, grego e em línguas correntes, onde se depositam conhecimentos de antigas tradições.

No futuro, a montanha sagrada da Piedade, Arunachala franciscana, abrigará um centro internacional de cultura cósmica. Ajudará seus visitantes a mergulharem no conhecimento ancestral e a estudarem a ecologia dos céus, ressacralizando a natureza em seu entorno.” (Pietá Caeté, Maurício Andrés Ribeiro)

25 de janeiro de 2016

## **ARTE ABSTRATA, COSMOS E ECOLOGIA**



Fotos: Maurício Andrés e Telescópio Hubble

Recebi de Maurício um texto sobre a afinidade da arte abstrata com a realidade mostrada pela ciência contemporânea que reproduzo abaixo:

“Neste século XXI a humanidade se defronta com temas de grande abrangência nunca antes enfrentados. As mudanças climáticas trazem eventos extremos de secas, enchentes, furacões intensos e frequentes, com repercussões vitais para a segurança alimentar e a qualidade de vida. Há uma acelerada transformação do planeta que exige uma percepção sensível, conhecimento e capacidade de adaptação.



As tecnologias espaciais e de comunicação global permitem visualizar a Terra com a visão dos astronautas, que escaparam da biosfera e passeiam no cosmos. Com o apoio de telescópios potentes, tais como o Hubble, é possível estudar e conhecer as dimensões do universo e das galáxias. O macro mundo dos astrônomos apresenta imagens abstratas. É outra dimensão da realidade, cósmica, dinâmica, com suas linhas curvas, espirais das galáxias, cores, as explosões do cosmos. Da mesma forma, na escala do micromundo, os microscópios visualizam dimensões mínimas da realidade, que também apresentam formas abstratas. A física quântica mostra um universo distinto, não concreto, não sólido – fluido, abstrato, porém muito real. Trata-se de uma dimensão essencial da realidade, invisível a olho nu, perceptível por meio de instrumentos, tais como telescópios e microscópios, que permitem penetrar no âmago da matéria e escapar do mundo das aparências sensorialmente percebidas.

A arte abstrata está em sintonia com essa percepção contemporânea da ciência e transcende o realismo figurativo ou o mecanicismo concreto. Há várias formas de arte abstrata. O abstracionismo informal difere do realismo socialista, que focaliza a realidade visível a olho nu, a matéria percebida pelos sentidos e valoriza o aspecto social, a figura

humana e o seu contexto. Também se diferencia da arte concreta, que valoriza a geometria, a construção mental da realidade. O concretismo corresponde a uma etapa da civilização que valorizou as máquinas, a engenharia, um mundo que se urbaniza e industrializa rapidamente. Já o abstracionismo informal valoriza as configurações cósmicas e atmosféricas do macro universo e as configurações encontradas no micromundo das células, átomos, bactérias.

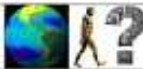



O artista abstrato tem o grande mérito e a capacidade de buscar a essência da realidade e visualizar aspectos do micro e do macro universo, para além das aparências, difíceis de serem compreendidos pelo cidadão mediano, que percebe com seus sentidos a realidade imediata, mas que é pouco sensível a outras dimensões.

O abstracionismo lida com realidades presentes nas escalas micro e macro do universo.

O abstracionismo informal tem um significado especial nesse momento em que o universo é explorado e melhor conhecido, e a dimensão cósmica da realidade se torna mais próxima e visível. As paisagens aéreas das nuvens no céu, com suas formas fluidas e dinâmicas também são uma dimensão da realidade cada vez mais merecedora de atenção e de observação pelos cientistas, no mundo atual que se encontra às voltas com as mudanças climáticas. As variações de cores nos céus e a dinâmica das nuvens estão presentes nas paisagens atmosféricas dos céus de Minas, e também inspiram artistas abstratos.” (Maurício Andrés)

10 de janeiro de 2013

## ECOLOGIZAR AS HUMANIDADES I

ERAS GEOLÓGICAS		Milhões de anos
NOOLÓGICA		Hoje - até ?
CENOZÓICA		Hoje - 65
MESOZÓICA		65 - 245
PALEOZÓICA		245 - 570

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo:

“A UFMG promoveu em outubro uma Conferência internacional sul-americana sobre territorialidades e humanidades. Participaram acadêmicos e ativistas sociais, o que resultou numa boa combinação de perspectivas de abordagem dos temas. Quatro dias de palestras, mesas redondas, apresentação de trabalhos de estudantes preparam para uma conferência mundial que acontecerá na Bélgica em 2017 e que focalizará a relação das humanidades com o ambiente, a identidade cultural, fronteiras e migrações, patrimônio e a história.

As humanidades cobrem um campo amplo de áreas de conhecimento humano, desde as ciências humanas – história, educação, linguística, psicologia – até os campos das letras e artes, filosofias, estudos das tradições, teologia.

Na mesa redonda sobre Ecologia e meio ambiente, o historiador José Augusto Pádua focalizou os estudos de história ambiental no Brasil e Joceli Andreoli, do Movimento de Atingidos por Barragens, abordou o rompimento da barragem de rejeitos de mineração em Mariana e suas consequências.

Nessa mesa, propus **Ecologizar as humanidades**, o que significa aplicar os conhecimentos das ciências ecológicas e a sabedoria da consciência ecológica em todos e cada um dos campos das humanidades. Isso implica em não ignorar nossa base biológica e animal e as relações ecológicas harmônicas – comensalismo, simbiose etc - e desarmônicas – predação, parasitismo, escravagismo etc- que desenvolvemos com o ambiente e com os demais seres humanos, individual ou socialmente. Assim, por exemplo, o tema da corrupção é visto a partir da perspectiva do parasitismo e da predação; o tema do medo se enriquece a partir de perspectiva da ecologia interior. O tema da educação é visto como instrumento de expansão da consciência e de enriquecimento da noosfera, uma das esferas estudadas pela ecologia integral.

As migrações e fronteiras, bem como a hospitalidade, ou a falta dela podem ser abordadas ecologicamente. O estudo da história humana pode ser ecologizado ao inseri-la na história natural.



O antropoceno é uma nova época na história natural, datada a partir dos testes nucleares em 1945, que se faz no ritmo rápido da evolução da consciência e não mais no ritmo lento da evolução biológica ou da evolução da matéria. No antropoceno a atividade de nossa espécie tem influído no rumo da evolução, provocado aceleração na dinâmica do planeta, mudanças do clima e extinções de biodiversidade.

Essa época antropocena estaria inserida numa nova era na evolução, que outros propuseram ser a era eremozoica (E.O.Wilson); era ecozoica (Thomas Berry e Brian Swimme); era psicozóica (Daniel Bell), todas essas designações baseadas na vida animal (zoo). Propus que essa nova época antropocena está inserida numa nova era na evolução do planeta, a era noológica (a era da consciência) que sucede às eras da vida animal (cenozoica - mamíferos; mesozoica, dinossauro; paleozoica, organismos vivos primitivos antigos).

De tal consciência derivam as ciências, tecnologias, inovações, conhecimentos culturais e espirituais.” (Maurício Andrés Ribeiro)

18 de outubro de 2016

## ECOLOGIZAR AS HUMANIDADES II



Dando prosseguimento ao tema ecológico, transcrevo a segunda parte da palestra ministrada por Maurício Andrés Ribeiro.

“As marcas materiais do antropoceno, que os futuros arqueólogos e geólogos identificarão inscritas na matéria do planeta são traços de radiação atômica, resíduos de plástico, de alumínio e de concreto, bem como ossos de galinha. Todos eles são resíduos produzidos pelo *homo lixius*, a única espécie viva que produz lixo. Mas nossa espécie autodenominada *homo sapiens* é também designada por diversas outras características: o *homo ludens*, que brinca e joga; o *homo bellicus*, que guerreia; o *homo corruptus*, que corrompe e é corrompido; o *homo economicus*, que se move por interesses de ganhos e acumulação; o *homo stressatus*, que se apressa e se estressa; o *homo ecologicus*, que procura se relacionar de modo harmônico com o ambiente; o *homo noologicus*, que se guia por sua consciência intuitiva e racional, entre outras designações.

Ecologizar as humanidades, no contexto da ecologia integral, implica em fecundar as ciências humanas com os conhecimentos dos vários campos em que se desdobram as ciências ecológicas, não apenas aqueles derivados de suas origens na biologia – a relação dos ambientes, com os bichos e plantas – mas também na ecologia social e nos campos relacionados com a ecologia interior – a ecologia profunda a ecologia do ser, a ecologia pessoal e transpessoal etc.

A ecologia, que se originou nas ciências biológicas, se desdobra em inúmeros campos que crescentemente estudam a presença humana, tais como a ecologia humana, a ecologia cultural, a ecologia social, a ecologia urbana, a ecologia industrial, bem como outros campos que estudam a consciência e os aspectos subjetivos e psicológicos: a ecologia do ser, a ecologia pessoal, a ecologia mental entre outros. Uma agenda atualizada sobre as humanidades precisa se apoiar em concepções do que seja o ser humano, o objeto e o sujeito do que elas cobrem. Isso implica em se aprofundar no autoconhecimento e no conhecimento sobre o universo interior (as *inscapes* definidas por Pierre Dansereau) e sobre as questões subjetivas.

A ecologia integral, pioneiramente estudada por Pierre Dansereau e adotada em 2015 como conceito central pelo papa Francisco em sua Encíclica *Laudato Si*, integra aspectos



biológicos, sociais e a ecologia interior. Tal movimento integrador não se limita às fronteiras das disciplinas e encontra pontes entre elas, numa visão holística e menos fragmentada.

A Conferência na UFMG deu destaque ao tema do território. Nesse contexto lembrei que o meio ambiente pode ser abordado em múltiplas escalas espaciais, desde o interior do organismo de um indivíduo, que é em si mesmo um ecossistema complexo habitado por milhões de seres microscópicos, até a escala do ambiente local, regional, global e cósmico. A mandala desenhada por Pierre Dansereau torna visível essas várias escalas do território.

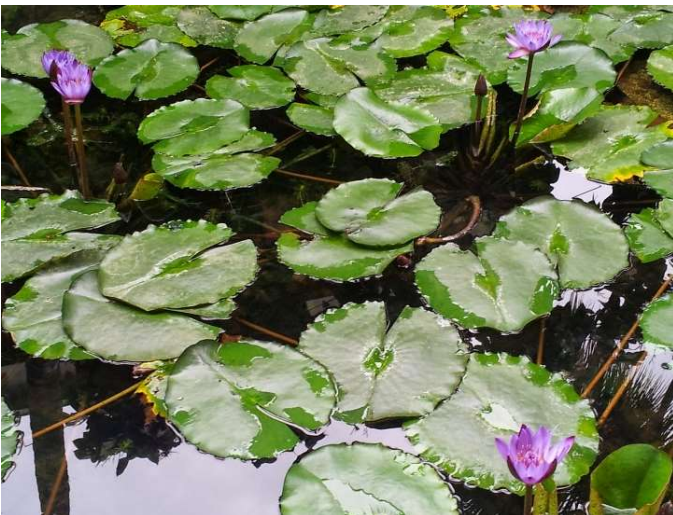
Ecologizar as humanidades é oportuno porque a ecologia adquiriu centralidade nas últimas décadas e tornou-se um tema de interesse para questões estruturantes da vida e da sociedade, tais como a segurança e a economia. Exemplificando, as mudanças climáticas trazem cada vez mais eventos críticos, secas, enchentes, furacões, que provocam prejuízos às atividades econômicas e que trazem novos riscos à vida e à segurança humana. Fenômenos tais como os dos refugiados ambientais se multiplicam e criam novas dinâmicas e tensões entre sociedades, países e indivíduos.

Para se refundar as ciências humanas é relevante ecologizá-las, trazer para dentro delas a perspectiva das relações ecológicas e da consciência ecológica, para que elas se tornem sintonizadas com o espírito necessário neste século XXI.

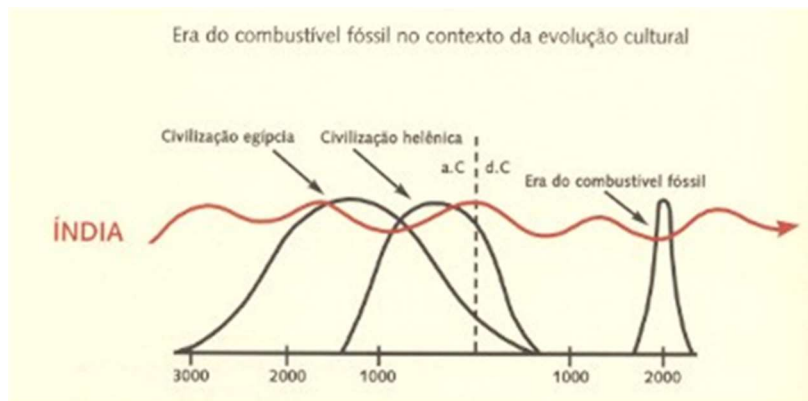
Ecologizar as ciências humanas ajudará que elas tragam sua contribuição nessa nova etapa da evolução no planeta, caracterizada pelo predomínio da consciência e não mais apenas da matéria e da vida.”

18 de outubro de 2016

**ECOLOGIZAR O BANCO DO BRICS**



Fotos: Maurício Andrés



Aconteceu recentemente um encontro dos BRICS em Fortaleza, ocasião em que foi criado o Banco de Desenvolvimento do BRICS. Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo sobre a necessidade de se ecologizar a economia.

“Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul constituem o BRICS, o grupo dos cinco maiores países emergentes. Juntos, esses cinco países têm 40% da população mundial e cobrem 23% das terras do planeta.

Em julho de 2014, eles se reuniram em Fortaleza e decidiram criar o banco de desenvolvimento do BRICS, um projeto unificador entre esses cinco países.

Bancos de desenvolvimento direcionam recursos para investimentos e canalizam fluxos de capital para os projetos aprovados. Assim, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o BNDES, entre outros concederam crédito para projetos necessários. Entretanto, foram alvo de críticas por parte de organizações da sociedade, por terem financiado projetos social e ambientalmente questionáveis.

Os Princípios do Equador, propostos em 2003 pela Corporação Financeira Internacional (IFC), vinculada ao Banco Mundial, estabeleceram diretrizes sociais e ambientais para as instituições bancárias. Naquele mesmo ano, a Declaração de Collevocchio, apoiada por organizações da sociedade civil, ressaltou a importância de as instituições financeiras assumirem compromissos com a prevenção de impactos das atividades que financiam, com a transparência das informações, com a prestação de contas à sociedade. Ressaltou-se a necessidade de se repensar a missão dos bancos e a urgência de que eles renunciem a oportunidades de negócios que sejam social ou ambientalmente destrutivas.

Bancos de desenvolvimento precisam ter missão, mandato e orientação política claramente definidos pelas sociedades que os instituíram.

A espécie humana já domesticou animais e usou sua força. Já domesticou vegetais e se alimentou com eles. Já canalizou a força das águas para produzir energia, para matar sua sede e irrigar as plantações. Colocou a seu serviço as energias de todo tipo, fósseis e renováveis. No contexto da crise ecológica e climática planetária, é um desafio ecologizar o capital, pois, caso seja deixado livre e sem regulação, sua força, como a das águas, pode ser destrutiva. É preciso colocar a força do capital a serviço do bem-estar humano e da saúde ambiental.

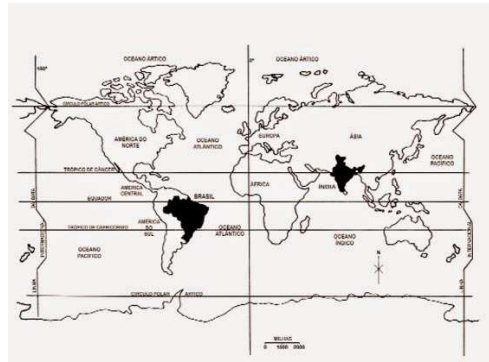
Assim, por exemplo, o banco do BRICS poderia inovar na utilização de indicadores de sustentabilidade para orientar suas operações e direcionar suas ações no sentido de reduzir injustiças equalizando as pegadas ecológicas per capita dos habitantes dos países que o criaram.

O banco do BRICS poderia atuar como um laboratório para experimentar esse modo de lidar com o capital, realizando suas operações de crédito de forma sintonizada com uma visão ecologizada. Ele opera com 50 bilhões de dólares, recursos modestos se comparados com os trilhões de dólares do capital circulante no mundo. Entretanto, essa poderia ser uma oportunidade para testar um novo modo de relacionamento com o capital. Sendo exitoso, poderia servir como exemplo e referência para regular os fluxos de capitais, colocando-os a serviço do bem-estar e da saúde humana e ambiental.”

(Maurício Andrés Ribeiro, autor dos livros *Ecologizar*, *Tesouros da Índia* e *Meio Ambiente & Evolução Humana*)

1 de setembro de 2014

**IGNACY SACHS, PIONEIRO NA COOPERAÇÃO ÍNDIA - BRASIL**



Fotos: Maurício Andrés

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo que nos mostra com muita clareza a importante missão de estreitar o intercâmbio Oriente-Occidente e, de modo especial Brasil e Índia. Maurício nos lembra neste artigo a presença de Ignacy Sachs que, na década de 50 iniciou este intercâmbio.

“Nos idos de 1977, quando pus os pés na Índia pela primeira vez, sabia que percorria caminhos que Ignacy Sachs trilhara, pioneiramente, nos anos 50. Sou grato a ele pelas orientações e pelas valiosas referências que me ofereceu desde então. Sinto-me em ótima companhia filosófica e intelectual, que me estimula a prosseguir no caminho das Índias.

Ignacy Sachs é socio economista, nascido na Polônia e naturalizado francês. Viveu quatorze anos no Brasil, dirigiu o Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Doutor pela Universidade de Delhi, na Índia, durante mais de 65 anos Ignacy Sachs trabalhou para a cooperação Brasil-Índia. Em uma entrevista, impressionado com a independência da Índia em 1947, perguntava: *“Como um país colonizado consegue se livrar da dominação do maior império colonial do mundo quase sem derramamento de sangue? A mensagem é absolutamente extraordinária.”*(1).

Gandhi enfatizava a importância da autolimitação das necessidades e foi para Sachs uma referência no tema do desenvolvimento: “Gandhi para mim era e continua a ser o precursor das boas teorias de desenvolvimento, pela maneira como considerava a massa camponesa como o ator central do processo de desenvolvimento.” Sachs também foi inspirado pelo prêmio Nobel de Economia Amartya Sen: “Foi a leitura de Amartya Sen que me levou a propor a reconceitualização do desenvolvimento em termos de universalização efetiva do conjunto das chamadas três gerações de direitos: os direitos políticos, civis e cívicos (a democracia como pedra angular, foundational value, diz Sen); os direitos econômicos, sociais e culturais, incluindo o direito ao trabalho decente; e por último os direitos coletivos do desenvolvimento, ao meio ambiente, à infância”.(2)

Nos anos 50, enquanto fazia o doutorado em Delhi, Ignacy Sachs vivenciou o forte prestígio internacional daquele país, que demonstrava grande confiança em si próprio e que recebia chefes de estado e cientistas sociais de fama mundial. Também são presentes em textos de Sachs a admiração pela Índia, descrita como terra de inspiração e laboratório do desenvolvimento. Neles, expressou sua dívida intelectual para com os indianos e nomeou aqueles de quem recebeu estímulos: os economistas K.N. Raj, ex-reitor da universidade de Delhi; Sukhomoy Chakravarti; Deepak Nayar, reitor da universidade de Delhi; Amartya Sen. Além deles, Sachs relembra a importância dos contatos com outros cientistas, tais como o politólogo Rajni Kothari; o historiador da ciência Rahman; Ashok Parthasarathi; Amulya K.N.Reddy; M.S. Swaminathan; Anil Agarwal; o ecologista Gadgil e o historiador Guha.

Ao acreditar na importância da cooperação entre países tropicais, que podem construir civilizações modernas da biomassa, Sachs enfatizou a necessidade de abrir portas para esse desenvolvimento e propôs que o Brasil e a Índia assumam tal posição. Reforçou a importância dos brasileiros se aproximarem dos indianos através de rede de cooperação técnica por biomas. Ao postular a reforma da ONU, Ignacy Sachs enxergou as possibilidades da liderança colaborativa desses dois países no aprimoramento das instituições internacionais, oxigenando o ambiente e fazendo circular ideias novas, originárias do pensamento do sul.

Hoje continuam precários os laços culturais e de comunicação entre esses países. Para transpor esse abismo propôs estabelecer um centro de pesquisa sobre o Brasil contemporâneo em uma universidade indiana e um centro de pesquisa sobre a Índia contemporânea em uma universidade brasileira e intercambiar estudiosos e bolsistas,

criando massa crítica de pessoas que lancem pontes de cooperação. Seria uma estratégia para, em poucos anos, formar um conjunto de jovens com melhor conhecimento mútuo.

A Índia é uma terra fértil para se estudar e compreender a evolução humana e o papel que a nossa espécie desempenha nessa atual crise da evolução. O conhecimento aprofundado sobre psicologia e sobre a natureza do ser humano encontrado em filosofias indianas ajuda a lidar com esse grande ator da crise atual. No campo da ecologia do ser, dos estudos da consciência e da educação integral, a civilização indiana é guardiã de riquezas valiosas para a auto superação humana.

A cosmovisão indiana propõe que cada um de nós nessa vida tem seu *dharma*, sua missão ou tarefa a cumprir. Trabalhar pela aproximação Índia-Brasil tornou-se parte de meu *dharma*, que exerço com alegria. Agradeço à Índia pela inspiração que me proporcionou.” (Maurício Andrés Ribeiro é ex-pesquisador visitante no Indian Institute of Management, Bangalore. Autor de Tesouros da Índia para a civilização sustentável)

\*Sachs foi professor da Universidade de Varsóvia e conselheiro especial da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Eco-92. É autor de vários livros e artigos: Capitalismo de Estado e subdesenvolvimento (Vozes, 1969), Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir (Vértice, 1981), Espaços, tempos e estratégia de desenvolvimento (Vértice, 1986), Estratégias de transição para o século XXI; A terceira Margem.

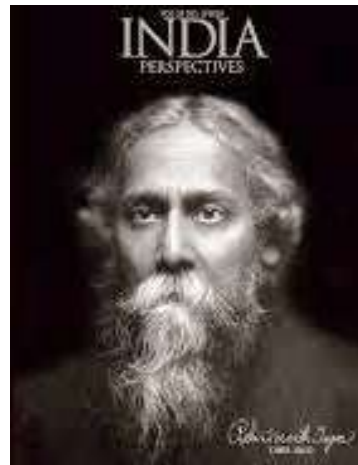
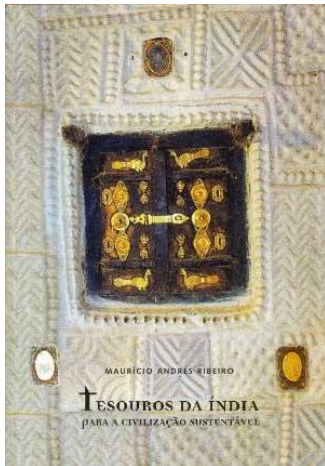
[1] Estudos avançados vol.18 no. 52 São Paulo Dec. 2004. Experiências internacionais de um cientista inquieto. Entrevista com Ignacy Sachs

[2] In A Terceira Margem, pág. 316

19 de agosto de 2014

**TAGORE EM “TESOUROS DA ÍNDIA”**





Fotos: internet e arquivo

Rabindranath Tagore foi um dos poetas que inspiraram a minha geração. Recebi de Maurício Andrés o texto abaixo sobre este grande poeta indiano, extraído de seu livro “Tesouros da Índia”.

“Rabindranath Tagore descreve a Índia como uma anfitriã generosa. “A missão da Índia foi como a da anfitriã que tem que prover acomodações apropriadas para numerosos hóspedes, cujos hábitos e necessidades são diferentes uns dos outros. Isso causa complexidades infinitas, cuja solução depende não meramente de tato, mas de simpatia e de um verdadeiro entendimento da unidade do homem.”

Para abrigar esses hóspedes tão diversos em seu território, a civilização indiana desenvolveu o espírito de tolerância e não-violência, que também aplica ao mundo animal e vegetal. Foi esse estilo de vida não predatório da natureza que permitiu a sobrevivência milenar daquela civilização.

Continuando a refletir sobre a Índia, Tagore conclui: “Temos que reconhecer que a história da Índia não pertence a uma raça em particular, mas a um processo de criação para o qual várias raças do mundo contribuíram – os drávidas e os arianos, os antigos gregos, os persas, os maometanos do oeste e aqueles da Ásia Central. E por fim, foi a vez dos ingleses nessa história, trazendo-lhe o tributo de suas vidas; não temos o poder nem o direito de excluir esse povo da construção do destino da Índia.”

Por sua diversidade cultural e política e sua formação histórica, a Índia é uma nação multinacional, que mantém unidade na diversidade e que foi celeiro e campo fértil para

ideias e propostas globalistas, mundialistas e voltadas para o federalismo mundial. Nesse sentido, indianizar é mundializar. Rabindranath Tagore expressa essa convicção:

“Ao encontrar a solução para nosso problema, teremos ajudado a resolver também o problema do mundo. O que a Índia já foi, o mundo todo é agora. O mundo todo se está tornando um único país por meio das facilidades científicas. Está chegando o momento em que precisamos também encontrar uma base de unidade que não seja política. Se a Índia puder oferecer ao mundo sua solução, ela será uma contribuição para a humanidade. Há somente uma história - a história do homem. Todas as histórias nacionais são meros capítulos da história maior. E estamos felizes, na Índia, por sofrer por tão grande causa.”

Controverso e polêmico, o sistema das castas visava a aprimorar as vocações individuais para as atividades intelectuais, comerciais, guerreiras e manuais; foi dessa divisão de aptidões que se originaram respectivamente as grandes castas (brahmin, vaishya, kshatriya, sudra).

Comenta Tagore: “O que os observadores ocidentais não conseguem discernir é que, em seu sistema de castas, a Índia seriamente aceitou sua responsabilidade de resolver o problema de raças de maneira a evitar toda fricção, e ainda assim oferecendo a cada raça liberdade dentro de suas fronteiras. Admitamos que a Índia não obteve nisso um sucesso absoluto. Mas também deve ser lembrado que o ocidente, situado mais favoravelmente quanto à homogeneidade de raças, nunca deu atenção a esse problema; sempre que confrontado com ele, tentou torná-lo mais fácil, ignorando-o.”

A capacidade da sociedade indiana de suprir suas necessidades em um espaço limitado foi percebida por seu grande poeta Rabindranath Tagore. Ele afirmou que a civilização indiana daria sua contribuição fundamental para a sobrevivência da espécie, ainda que com o próprio sacrifício. Essa contribuição, característica de uma sociedade de visão mundialista ocorre de maneira pouco ostensiva e é cada vez mais necessária.

Tanto o Brasil quanto a Índia são pródigos em riquezas naturais. A convivência pacífica com os países vizinhos lhes proporcionou uma organização de poder voltada para ajustamentos internos. O poeta Rabindranath Tagore assim descreve a situação indiana:

“Há outros povos no mundo que precisam superar obstáculos em suas redondezas, ou a ameaça de seus vizinhos poderosos. Eles organizaram seu poder até que estivessem razoavelmente livres da tirania da Natureza e dos vizinhos humanos, mantendo em mãos um excedente para empregar contra outros. Na Índia, sendo internas as dificuldades, nossa

história foi de ajustamento social contínuo e não a história do poder organizado para defesa e agressão.” (Referências a TAGORE, Rabindranath. Nationalism. Delhi: Macmillan, 1976, no livro Tesouros da Índia.)

Abaixo, o poema de Tagore:

Cântico da Esperança

*Não peça eu nunca  
para me ver livre de perigos,  
mas coragem para afrontá-los.  
Não queira eu  
que se apaguem as minhas dores,  
mas que saiba dominá-las  
no meu coração.  
Não procure eu amigos  
no campo da batalha da vida,  
mas ter forças dentro de mim.  
Não deseje eu ansiosamente  
ser salvo,  
mas ter esperança  
para conquistar pacientemente  
a minha liberdade.  
Não seja eu tão covarde, Senhor,  
que deseje a tua misericórdia  
no meu triunfo,  
mas apertar a tua mão  
no meu fracasso!*

Rabindranath Tagore, em "O Coração da Primavera" (Tradução de Manuel Simões)

1 de dezembro de 2014



Fotos: Maurício Andrés e internet

Recebi de Maurício Andrés, autor do livro TESOUROS DA ÍNDIA, o texto abaixo sobre Arte e Educação na Índia.

Civilização milenar, com rica tradição cultural e filosófica, a Índia sempre priorizou o conhecimento sobre a consciência e a educação. Os acúmulos ali produzidos são valiosos no mundo moderno em busca de sustentabilidade.

Anjum Sibia, em livro sobre uma escola pioneira, diz que “A história e a filosofia da educação na Índia mostram que o tema recebeu alta prioridade desde a pré-história, os Vedas, Upanishads, a Gita, as escrituras budistas e jainistas, até o período medieval e de domínio britânico, chegando aos sistemas pós-coloniais de educação tradicional.” Os objetivos e métodos variaram: da transmissão da literatura sagrada por meio de memorização, acentuação e entonação corretas na transmissão oral; ao ensino sistemático de leitura, redação, língua e aritmética. “Estudantes eram instruídos quanto à conduta adequada, moralidade e noções de humildade e dever, numa pedagogia oral, repetitiva e

baseada em exemplos.” Os colonizadores ingleses introduziram um sistema de educação desvinculada das experiências da criança indiana, no qual os estudantes eram forçados a memorizar a informação. Os professores exerciam a autoridade e impunham a aquisição passiva de conhecimentos pela repetição. Havia sobrecarga de informação nos livros-texto. Análise e raciocínio, pensamentos de ordem superior, não eram estimulados.

### **1. Filosofias da educação na Índia**

A civilização indiana tem uma concepção generosa do que é o ser humano e a criança, considerada como uma alma em evolução. Ali se desenvolveram uma filosofia e uma psicologia refinadas (para cada termo de psicologia em inglês, há quatro em alemão e quarenta em sânscrito), e se estudaram a fundo a mente e as emoções. Ali se desenvolveram práticas de respiração para tornar a mente mais lúcida e clara (o pranayama no ioga) e se desenvolveram posturas corporais que facilitam a concentração da mente (os asanas). Desenvolveu-se o estudo da mente, do cérebro, dos tipos de temperamentos, das habilidades e capacidades para aprender, relacionadas com os variados tipos de indivíduos. Essa concepção integral do ser com o corpo, mente, emoções, o eu profundo e o espírito está na base do modelo mental ali desenvolvido e daí decorrem várias práticas e técnicas para a aprendizagem.

Sábios e pensadores, tais como Sri Aurobindo, Tagore, Krishnamurti, Vivekananda, Gandhi e outros pensaram sobre a educação e seus objetivos. Sibia nos relata que Gandhi acreditava que a educação deveria representar o ethos indiano e que os professores deveriam ser virtuosos. Para Gandhi a educação é um processo “no qual o indivíduo desenvolve o seu caráter, treina suas faculdades e aprende a controlar suas paixões para o serviço à comunidade”. Tagore defendia uma educação que levasse a um “desenvolvimento integrado e multilateral da personalidade humana”, que deveria ser criativa e em contato com a vida econômica, intelectual, estética, social e espiritual das pessoas. Vivekananda enfatizava a realização da perfeição no ser humano e a educação como o revelar gradual das qualidades intrínsecas dos indivíduos; defendia que nenhum conhecimento vem de fora para dentro. A educação deve desenvolver a individualidade, o processo de revelar o que está implícito no indivíduo e desenvolver suas potencialidades latentes até que se realizem. É uma educação compreensiva, com o objetivo de desenvolver a personalidade total do indivíduo



em harmonia com a sociedade e a natureza. Vivekananda dizia que sem concentração da mente nada pode ser aprendido.

4 de junho de 2013

## AUROVILLE



Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto sobre Auroville, que dá continuidade às postagens anteriores.

“A origem de Auroville remonta a 1955, quando surgiu a ideia de construir uma cidade internacional voltada para o novo homem da nova era. Reconhecida em 1966 pela Assembléia Geral da Unesco como cidade dedicada ao entendimento entre os povos e à paz, Auroville foi inaugurada com a presença de cinco mil pessoas de todo o mundo. Criada em 1968, Auroville se situa nas proximidades da baía de Bengala, a 10 km de Pondicherry, em meio a amplas áreas verdes.

Na cerimônia de sua fundação, vários países enviaram, como ato simbólico, um pouco da terra de seu solo, que foi depositada em um monumento erguido no centro da cidade. Durante a cerimônia, o diretor-geral da Unesco, Dr. M.S. Adiseshiah, pronunciou as seguintes palavras:

*Em nome da Unesco, em nome de todos vocês presentes e não presentes aqui, eu exalto Auroville, sua concepção e realização, como uma esperança para todos nós e particularmente para nossas crianças, para nossa juventude que está desiludida com o mundo que construímos para ela, e que encontrarão em Auroville um símbolo vivo, inspirando-se a viver a vida para a qual são chamados.*

Nos anos 70, tiveram início os primeiros assentamentos. Desenvolveu-se um bem-sucedido projeto de reflorestamento, com um milhão de mudas, para conter a erosão que se agravava com as monções. Foram construídas casas com estruturas simples, adequadas tanto para o calor do verão, como para a estação chuvosa das monções. Foram implantados e experimentados sistemas de energia alternativa – energia solar e biogás.

A planta urbanística foi planejada por uma equipe internacional. Em forma de espiral, simboliza a evolução humana e prevê capacidade para abrigar 50 mil pessoas voltadas para a pesquisa e a experimentação, em educação permanente.

No centro da espiral está uma grande esfera de concreto, construída pelos próprios Aurovillianos: o Matrimandir, templo considerado a alma, a “força coesiva de Auroville”, “o símbolo vivo da aspiração de Auroville para o Divino”. [1] No centro do Matrimandir, há uma câmara com doze paredes de mármore branco, utilizada para meditação. O detalhe arquitetônico mais importante fica no meio da câmara: um globo de cristal de 70 cm de diâmetro, feito pela Zeiss, na Alemanha.



Hoje, vivem e trabalham em Auroville pessoas de dezenas de países. Esse fluxo migratório suscitou inicialmente problemas de integração com a população que vivia no local e nas proximidades. A chegada de forasteiros com valores culturais diferentes transformou o contexto social. Entretanto, com o passar do tempo, a situação foi se harmonizando, e os habitantes das aldeias vizinhas passaram a se inserir no projeto de variadas formas: alguns começaram a trabalhar nos setores de reflorestamento, artesanato e na produção de alimentos; outros vieram estudar nas escolas e centros de treinamento.

Auroville contou com recursos do governo da Índia, doações de indivíduos e de organizações internacionais para sua fundação e manutenção.

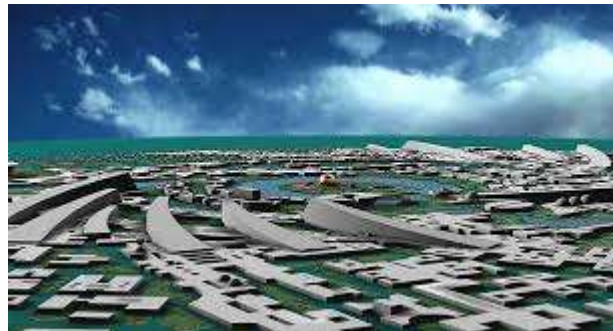
A Carta de Auroville afirma que ela pertence à humanidade como um todo: uma cidade planetária para a criação e a propagação do entendimento e da paz. Outros trechos da Carta dizem: "Para viver em Auroville, deve-se desejar servir à consciência perfeita."; "Auroville será o lugar de uma educação sem fim, de progresso constante, e de uma juventude que nunca envelhece. Auroville quer ser a ponte entre o passado e o futuro. Incorporando todas as descobertas de fora e de dentro, Auroville florescerá audaciosamente em direção a realizações futuras."; "Auroville será o sítio de pesquisa material e espiritual, para a vivência concreta de uma unidade humana real." "Auroville é uma cidade-escola aberta. Propõe-se a ser um local de paz, harmonia e concórdia, com base na ideia de que a espécie humana não é o último passo da evolução. Auroville é, assim, uma "cidade experimental", "um laboratório da consciência, um lugar onde se tentam novas maneiras de os homens viverem em comunidade"[2]. Ela ajuda a preparar a humanidade para os passos seguintes de sua evolução, inspirada pelas ideias de Sri Aurobindo, o grande sábio indiano."

1 de novembro de 2016

---

[1] Carta de Auroville. Cf. *site* [www.auroville.org](http://www.auroville.org).

[2] Carta de Auroville. Cf. *site* [www.auroville.org](http://www.auroville.org).



Fotos de arquivo e da internet.

Maurício Andrés Ribeiro, residente em Brasília, participou recentemente de um seminário, onde apresentou as semelhanças entre as cidades de Brasília e Auroville, “Cidade Aurora” na Índia, criada por Sri Aurobindo, um grande filósofo indiano. Transcrevo abaixo trechos de sua palestra.

“Auroville foi reconhecida em 1966 pela Assembleia Geral da UNESCO como cidade dedicada ao entendimento entre os povos e à paz.

Em minha intervenção, lembrei que a aurora traz a luz do amanhecer, dissipa a escuridão e auxilia no despertar para o conhecimento e a sabedoria, seja em Auroville e Aurobindo, seja no discurso de Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 2 de outubro de 1956. "Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino".

O amanhã, a evolução e o futuro da humanidade inspiraram Sri Aurobindo e Lúcio Costa, ambos com uma visão unificadora. Ambos apontam rumo ao futuro, numa visão evolucionista que considera o espírito como o motor da evolução.

Sri Aurobindo considera de modo integral a evolução da matéria para a vida, para a mente e para a superconsciência, que ainda está por florescer nessa etapa de crise da evolução em que vivemos. Essa formulação tem afinidade com a teoria das resultantes convergentes de Lúcio Costa quando escreve que

“O desenvolvimento científico e tecnológico e a ecologia, inteligentemente confrontados, são sempre compatíveis. O desenvolvimento científico e tecnológico não se contrapõe à natureza, de que é, na verdade, a face oculta – com todas as suas potencialidades virtuais – revelada através do intelecto do homem, vale dizer, através da própria natureza no seu estado de lucidez e de consciência. O homem é, então, o elo racional entre dois abismos, o micro e o macrocosmos, ambos fenômenos naturais, cujos produtos “elaborados” são a contrapartida do fenômeno natural “palpável”. O intelecto e a consciência do homem são a quintessência da natureza tomada como um todo.”

Brasília foi fundada em 1960 e tombada como patrimônio da humanidade em 1987. Brasília tem desde seu projeto inicial a marca da beleza. O senso ESTÉTICO está presente. Falta evoluir em direção à verdade e à bondade, com a evolução de seu padrão ÉTICO.

Terminei minha fala lendo um poema de Abhay Kumar, diplomata e poeta indiano que cita o sonho do visionário Dom Bosco *“Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse então uma voz repetidamente: -Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, de onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza*

*inconcebível.*" (Maurício Andrés Ribeiro, arquiteto e ecologista, autor dos livros "Ecologizar" e "Tesouros da Índia")

2 de julho de 2018

## SRI AUROBINDO E VISÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE ESPIRITUALIDADE I



Fotos de arquivo

Nesta época controversa em que vivemos, o advento de uma era espiritual começa a se fazer sentir como uma luz que aponta direções. Principalmente uma reflexão sobre a Ecologia, se torna prioritária, em relação a outras formas do saber. Transcrevo abaixo o depoimento de Maurício Andrés Ribeiro, estudioso de Sri Aurobindo, o grande pensador indiano que, no início do Século XX, apontou direções para a evolução da humanidade.

“Nessa grande transição e mudança de eras em que nos encontramos, nesse estágio terminal da era cenozoica, a era dos mamíferos, vários pensadores propõem designações para qual será a próxima era. Entre eles, destaca-se Sri Aurobindo que falou do advento de uma era subjetiva e de uma era espiritual, movida por indivíduos e que se dissemina na coletividade: “A vinda da **era espiritual** deve ser precedida pelo aparecimento de um número crescente de indivíduos que não estão mais satisfeitos com a existência intelectual, vital e física do homem, mas percebem que uma evolução maior é a verdadeira meta da humanidade e tentam efetuar-la em si mesmos, guiar outros para ela e fazer dela o objetivo reconhecido da espécie.” Ele falava da crise da evolução e do ser humano como um ser em transição:

“« Uma **evolução espiritual**, uma evolução da consciência na Matéria, cuja auto formação está constantemente em desenvolvimento até a forma revelar o espírito que a habita, é então a chave, o motivo central e significativo da existência terrena”.

Sobre a importância do espírito ele observa que “O destino da raça nesta era de crises e revolução dependerá muito mais do espírito que somos do que da maquinaria que usaremos.” E que “**Quando se perde a espiritualidade, perde-se tudo.**”

Sri Aurobindo escreveu bastante sobre esse tema. Ainda que ele não se refira em nenhum momento de sua obra às questões ecológicas, seu pensamento foi ecologicamente pioneiro pois, dezenas de anos depois de seus escritos, emergem visões contemporâneas em estreita afinidade com eles nas artes, na filosofia, e em campos emergentes das ciências tais como na ecologia espiritual, na ecologia integral, na ecologia transpessoal, na ecologia cósmica, na espiritualidade integral, na inteligência espiritual. Essas ainda não são visões dominantes no mundo atual, mas são como sementes que germinam aqui e ali e que podem vir a ocupar o lugar das visões hegemônicas que ainda hoje prevalecem.

Para Sri Aurobindo, “O primeiro e mais baixo uso da Arte é puramente estético; o segundo é intelectual ou educativo; o terceiro e mais alto é **espiritual**. “Nas artes plásticas destaca-se a visão e a prática da arte abstrata que buscava a essência para além das aparências, de Kandinsky, que escreveu o livro " Do espiritual na arte" e da vanguarda russa.” (Depoimento de Maurício Andrés Ribeiro)

20 de maio de 2019

## SRI AUROBINDO E VISÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE ESPIRITUALIDADE II



\*Fotos de arquivo



Dando continuidade ao depoimento de Maurício Andrés, transcrevo o texto abaixo.

“Sri Aurobindo escreveu que “O principal uso da ciência e da tecnologia é fazer mais forte a base material, mais completa e efetiva, para a manifestação do Espírito.” Nas ciências, o físico brasileiro Marcelo Gleiser ganhou em 2019 o Prêmio Templeton, o Nobel da Espiritualidade.

Miguel Grinberg, educador e escritor do livro *Somos la gente que estábamos esperando*, diz que a **ecologia espiritual** procura umnexo entre a civilização ecológica em construção e as questões espirituais; constitui uma ferramenta para indagar sobre os potenciais latentes de uma pessoa, em harmonia com sua vocação natural de paz e o papel que pode desempenhar numa sociedade em que as calamidades não predominem, destrutivamente, e na qual se perceba que o desenvolvimento metafísico é essencial para resolver os problemas do mundo material; considera a experiência humana na Terra como uma epopeia de evolução consciente e de consciência planetária. E recupera a visão de que o ser humano é dotado de uma consciência cósmica. Jorge Moreira, do Porto, mantém um grupo sobre **Ecologia Espiritual** no facebook.

Warwick Fox, é o principal autor da **Ecologia transpessoal** que discute a visão de mundo da Ecologia profunda no contexto da eco filosofia e do antropocentrismo; explora a conexão entre a Natureza e o Sagrado e a maneira como experiências transpessoais na natureza expandem o humano; explora como a espiritualidade se relaciona com a crise ecológica global; usa o termo **movimento ecológico ecocêntrico**, que inclui os praticantes da ecologia profunda, os que adotam abordagem não antropocêntrica e que se estende além de um sentido egóico, biográfico ou pessoal do eu.

A **ecologia cósmica** expande a escala de tempo e de espaço. Assim o fazendo, ela se aproxima de visões de mundo de antigas tradições espirituais, ajuda a resgatar a dimensão ética e a ressacralizar a natureza. A dimensão cósmica abre a sensibilidade para a transcendência.

Na atual crise evolutiva, é fundamental a **inteligência espiritual**, (ver Zohar; Marshall, 2000) que traz a habilidade para lidar com impasses e crises, para aprender e resolver problemas novos. A resposta à atual crise demanda elevado grau de autoconhecimento,

independência para seguir as próprias ideias, flexibilidade, relutância em causar danos aos outros, capacidade de enfrentar a dor e de aprender com o sofrimento, de se inspirar em ideais elevados, de estabelecer conexões entre realidades distintas. Todas essas são características da inteligência espiritual.” (Depoimento de Maurício Andrés)

27 de maio de 2019

### SRI AUROBINDO E VISÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE ESPIRITUALIDADE III



\*Fotos de arquivo

Dando continuidade ao depoimento do Maurício Andrés, transcrevo o texto abaixo:

“Peter Russell escreve que “Se não tratarmos das questões espirituais mais profundas subjacentes aos inúmeros problemas que enfrentamos, é muito provável que a civilização se esfacele.”



Lester Smith, em *Intelligence Came First* observou que “Ao contrário do que alguns biólogos materialistas nos querem fazer crer, o homem essencial é um ser espiritual imaterial que usa o cérebro, junto com o resto do corpo, para desenvolver suas faculdades interiores.” (SMITH, 1975, p. 177). Escreve que “A inteligência humana pode ser sua destruição ou sua salvação. Aliada à sua natureza mais básica, ela leva a comportamento egoísta, antissocial; aliada a suas qualidades espirituais, ela leva ao altruísmo, cooperação e unidade”.

Ken Wilber, o autor de *Espiritualidade integral*, de *O Projeto Atman* e de *O olho do espírito* é um dos importantes autores ocidentais que conhece e valoriza a contribuição pioneira de Sri Aurobindo.

Se as questões do espírito e da espiritualidade estiveram distantes de correntes dominantes nas ciências, artes e filosofias, ela foi encampada e acolhida pelas tradições religiosas.

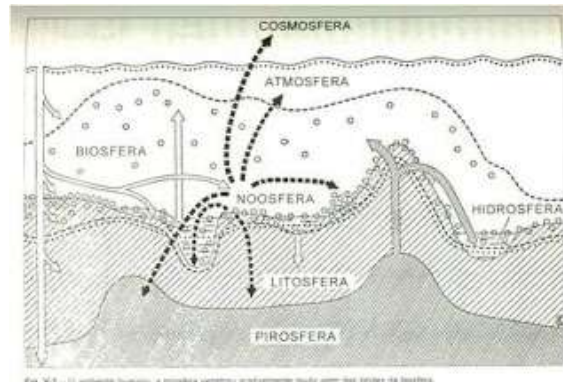
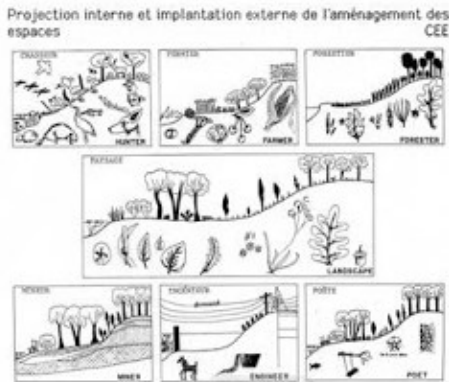
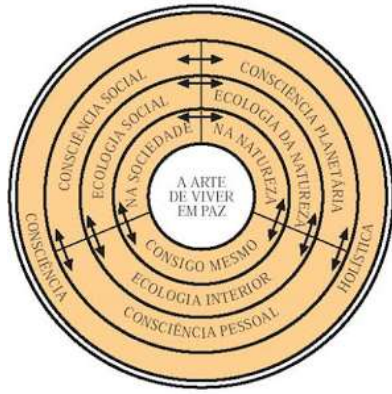
Entretanto num mundo em que tudo se transforma em mercadoria, os negócios espirituais associados às religiões tornam-se um campo de atividades econômicas e comerciais relevante. Isso vem de longe, desde quando Jesus expulsou os vendilhões do templo e desde que o movimento da Reforma denunciou as vendas de indulgências pela Igreja católica.

Na Índia se chama “spiritual business” toda atividade que almeja lucros e ganhos econômicos em nome da espiritualidade. No ocidente há várias igrejas com tais objetivos. Há uma distância entre as visões amplas sobre a espiritualidade e sua apropriação prática por aqueles que se utilizam delas para obter ganhos particularistas. Isso gera descrédito e desconfiança.

Uma espiritualidade transreligiosa nas ciências, artes, e uma espiritualidade laica nas filosofias emergem em várias visões contemporâneas nesses campos do saber.” (Depoimento de Maurício Andrés)

1 de junho de 2019

**TRÊS PIERRES E A ECOLOGIA DO SER**



Fotos: arquivo pessoal

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto que transcrevo abaixo:

“O estudo da evolução da vida e da consciência assenta-se sobre algumas pedras fundamentais. Três Pierres, com visão cósmica e prospectiva, contribuiram para compreendê-la.

Pierre Teilhard de Chardin, padre e cientista com vivência na China, estudou a evolução e o fenômeno humano. Elaborou o conceito de noosfera, o conjunto de energias mentais, pensamentos, informações, geradas ou captadas desde o início da vida, que constitui uma sutil camada de consciência que circunda o planeta. Teilhard de Chardin propõe que a evolução promove a convergência de forças ascendentes para um ponto ômega.

Pierre Dansereau, botânico e biogeógrafo do Quebec, no Canadá, foi um pioneiro da ecologia humana. Transportando-nos numa viagem no tempo, ele desenhou um diagrama no qual sintetizou as várias etapas na relação do ser humano com o ambiente. Desde a pré-história até a atualidade, houve a fase da coleta de frutos e depois a caça e a pesca; em seguida, o pastoreio, com a domesticação de espécies animais; a domesticação dos vegetais,

na revolução agrícola. No século XVIII a revolução industrial amplificou os impactos da ação humana sobre a natureza. Na segunda metade do século XX veio a urbanização acelerada. Vivemos a transição entre as fases da urbanização e a do controle climático. Como nona etapa, prospectiva, ele caracterizou a fuga exobiológica, ou transmigração, prenunciada pelas viagens espaciais.

Sua imaginação e inventividade estão presentes na mandala em que ele nos transporta para uma viagem por várias escalas, do pequeno ao grande, do ser humano interior até a família, a cidade, a região e o planeta. No centro dessa mandala ele situou o homem interior e as diversas percepções que tem sobre as paisagens exteriores em função de seus interesses, formações e condicionamentos culturais. A compreensão dessa diversidade de estágios de consciência, ou nooiversidade, é básica nos processos de mediação de conflitos relacionados com a gestão ambiental. Pierre Dansereau incorporou a noosfera nos diagramas em que desenhou as interações entre a atmosfera, piroosfera, litosfera, hidrosfera, biosfera. Com isso, abriu o campo para integrar a subjetividade e as questões psicológicas às ciências ecológicas, para além da abordagem socioambiental.

Pierre Weil, psicólogo francês naturalizado brasileiro, trabalhou na perspectiva holística com a ecologia integral, que inclui a ecologia ambiental, a social e a ecologia interior. Formulou um método de transmitir a arte de viver em paz com a natureza, com a sociedade e consigo próprio e de reverter os desequilíbrios. Esse método é baseado no conhecimento das emoções, do corpo e do intelecto e no suposto de que a paz interior é fundamental para se alcançar a paz social e com a natureza. Buscou nas tradições do budismo tibetano elementos para trabalhar com os vários centros de energia do ser humano, os valores a eles associados e os comportamentos destrutivos ou positivos que derivam de tais valores.

As contribuições desses três Pierres – Teilhard de Chardin, Dansereau e Weil - ajudam a compreender as transformações da matéria inanimada para a vida e para a consciência.

A ecologia humana, a ecologia cultural, a ecologia pessoal e transpessoal e os demais campos das ciências ecológicas que buscam compreender a consciência humana são valiosos nesse período antropoceno da história. Esses campos, relacionados ao ser humano interior, subjetivo, psíquico, contribuem para o autoconhecimento sobre a espécie humana, que mostra capacidade crescente de, com suas ações, interferir sobre o rumo da evolução no planeta”.

## PIERRE WEIL E A UNIPAZ



Fotos de Maurício Andrés

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo sobre o grande pensador holístico Pierre Weil.

“Pierre Weil era um conhecido professor da UFMG e psicólogo. Ele morava no Retiro das Pedras, fora presidente do condomínio e tentara implantar ali uma comunidade com sentido holístico.

Um dos números da revista Análise e Conjuntura da Fundação João Pinheiro, de maio/agosto de 1988, traz um conjunto de textos sobre o Federalismo mundial, entre eles

um artigo de Pierre Weil sobre “A origem da fragmentação e suas soluções”. Naquele artigo ele dizia que “Quanto ao federalismo mundial, sou um dos que lutou e luta por ele. Sempre lutei por essas ideias. Mas aos poucos me dei conta de que isso era muito superficial.” Ele já se dirigia, então, para o campo da ecologia interior e conta que, em dúvida entre se associar a um movimento pacifista ou evoluir em seu próprio autoconhecimento, optou por fazer um retiro de três anos na Europa com um grande mestre tibetano, aprofundando-se no estudo de suas próprias divisões e conflitos e na descoberta da natureza da mente.

O Governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira participou intensamente do I Congresso Holístico em abril de 1987. Em sua sessão de encerramento comprometeu-se a criar a Universidade Holística Internacional proposta por Pierre Weil e pelos organizadores do Congresso. O governador convidou Pierre para presidir a Fundação Cidade da Paz e este me chamou para participar da empreitada.

Ele escreveu que “Estamos aqui, nesta manhã, confirmando Brasília como plataforma para a eterna busca do homem nos caminhos de seu próprio mistério e do mistério do universo”. É uma universidade “para estudar o universo, o holos, o todo. Para construir pontes holísticas entre o saber antigo e a ciência moderna, entre o Oriente e o Ocidente, com a dúvida e a humildade que são as colunas-mestras do edifício da sabedoria.” E prosseguiu: “Esta cidade da Paz, esta Universidade Holística que hoje, aqui, concretizamos, nesta cidade-mãe do terceiro milênio nacional, nascida dos sonhos, angústias e esperanças dos que querem rasgar os mistérios do tempo, do homem e do universo, é uma contribuição fundamental para que Brasília se ponha, diante do saber, como se pôs diante da história: um salto, um mergulho no amanhã.” Ele escreveu que “Essa não é uma decisão, não é uma providência improvisada. Foi aqui em Brasília que, em março deste ano, se realizaram o I Congresso Holístico Brasileiro e o Primeiro Congresso Holístico Internacional, que aprovaram a “Carta de Brasília”, um documento de conteúdo e valor universal, que nos advertiu para a necessidade de nos tornarmos contemporâneos de nosso tempo, harmonizando nossa visão do universo e nosso mundo com a profunda evolução científica em marcha, com a nova epistemologia.”

À tarde houve uma celebração musical e artística e o descerramento da placa da nova destinação da Granja do Ipê, que traz o preâmbulo do ato constitutivo da UNESCO: “Uma

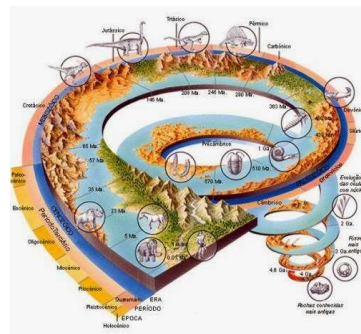


vez que as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz.”

Durante esses anos, minha mãe, Maria Helena Andrés, também colaborava com a UNIPAZ. Ilustrou capas da revista Meta; ofereceu workshops na Unipaz em Brasília, participou do Encontro das Dimensões, com Lutzemberger e Fritjof Capra. Doou um grande painel de sua fase cósmica, pintado em Minas e transportado num tubo de bambu para Brasília, instalado na sala Martin Luther King, na sede da UNIPAZ.

25 de abril de 2016

## RIQUEZAS DA ÍNDIA PARA A EVOLUÇÃO HUMANA







Fotos: Maurício Andrés e internet

Transcrevo abaixo este texto do Maurício Andrés Ribeiro sobre a Índia.

“O Centro de Estudos Indianos da UFMG promove palestras mensais sobre temas da Índia. Fui convidado para falar sobre as riquezas da Índia para a evolução humana. O público era jovem, interessado, fez muitas perguntas sobre castas, ecofeminismo, multiculturalismo, meditação. Ao final foi servido lassi e samosa, partes da cultura culinária indiana.

Falei que o ser humano está em evolução, em transição entre o que já foi desde o início da espécie até o homo sapiens de 160.000 anos e até os nossos dias do antropoceno, o período da história em que nossa espécie tem uma influência e provoca um impacto crescente no planeta e no clima. O rumo da evolução daqui para diante será cada vez mais influenciado pelo comportamento de nossa espécie e, em última instância por sua consciência. Se ela pressionar num rumo de ecocídio, poderá provocar seu próprio colapso. Se tomar juízo e relacionar-se de modo amigável e harmônico com o ambiente e o planeta, a mãe terra, poderá ter um futuro promissor. Nesse contexto é que se inserem as riquezas da Índia para a evolução humana. Riquezas de um povo não são apenas econômicas, financeiras, materiais, mas também e principalmente as riquezas imateriais e intangíveis que criou e codificou, com as quais se guia na sua passagem pela terra. São riquezas filosóficas, de pensamentos e ideias, de práticas e cuidados com a saúde pessoal e ambiental. A Índia foi uma das duas grandes civilizações (a outra é a chinesa) que duraram mais de 4000 anos. Teve uma grande capacidade de resiliências, de responder positivamente às sucessivas ondas de invasões que sofreu em sua história.

Desenvolveu um espírito de tolerância para com as diferenças, anfitrião de numerosos hóspedes que se instalaram no fértil subcontinente indiano. Cultivou a unidade na diversidade, a consciência da unidade humana e dali brotaram diversas tradições

sapienciais e espirituais. Para promover a coexistência pacífica entre esses diversos grupos, formulou e colocou em prática o princípio da não violência, ou ahimsa, aplicado por Gandhi para alcançar pacificamente a independência do país em 1947. A psicologia indiana é muito sofisticada e o vocabulário de psicologia em sânscrito é muito mais rico do que aquele em grego ou em inglês, permitindo descrever estados de consciência de modo mais acurado.

A cosmovisão indiana é abrangente e ampla e sua cosmologia e mitos perduram por milênios. Sua concepção do que é o ser humano, com sua materialidade, suas emoções, sentimentos, intelecto, a sua valorização do amplo espectro da consciência, do infra ao ultra consciente, são riquezas imateriais valiosas num mundo em conflito, limitado em seus recursos naturais. Por meio do Yoga consegue-se sintonizar um estado de consciência mais lúcido e a meditação ajuda a compreender de modo mais abrangente o mundo e a si mesmo. O dharma é a missão ou tarefa que cada indivíduo ou povo tem a desempenhar em sua vida.

Ele não opõe direitos e deveres, que são ideias ocidentais e a dharmacracia é um modo de governo que aplica o dharma. Uma visão mundialista na política faz transcender os nacionalismos e o auto interesse estreito, colocando em primeiro lugar a saúde da mãe terra. O grande símbolo da Índia é a flor de lótus, que se alimenta do esgoto e do lodo embaixo, mas também da luz do sol que vem de cima.

Sendo os dois maiores países tropicais do mundo, Brasil e Índia podem compartilhar muitos conhecimentos e o Brasil pode se beneficiar da sabedoria de sua irmã mais velha e experiente. A capacidade antropofágica de digerir as influências de fora, o jeitinho ou *jugaad*, o clima a ecologia tropical e o ambiente, a capacidade de criar e improvisar a partir de uma base material precária, a criatividade, alegria, espiritualidade e inteligência espiritual são fatores que aproximam esses dois povos” (Maurício Andrés é autor de "Ecologizar" e "Tesouros da Índia")

28 de abril de 2015

## **DHARMACRACIA E SUSTENTABILIDADE**



Fotos de Maurício Andrés

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo:

"Ao passarmos os olhos pela história das nações, podemos sentir ressoar da boca coletiva do povo esta palavra que, expressa em atos, constitui a contribuição de cada nação para uma humanidade ideal e perfeita. Para o antigo Egito, tal palavra foi Religião; para a Pérsia, Pureza; para a Caldéia, Ciência; para a Grécia, Beleza; para Roma, Lei, e para a Índia - o mais velho de seus filhos -, para a Índia, Ele concedeu uma palavra que a todas resumia, a palavra Dharma. Eis a palavra da Índia para o mundo."(Annie Besant, in Dharma) Muitas palavras de origem indiana se incorporaram ao vocabulário comum no Brasil: ioga, guru e karma são algumas entre elas. Outras, igualmente importantes, são entendidas e utilizadas apenas pelos estudiosos. Entre estas está o conceito de dharma, central para a compreensão da civilização indiana, e que permite refletir sobre o desenvolvimento sustentável e a

sustentabilidade de um modo não-usual. Dharma é um substantivo proveniente da raiz do sânscrito dhr, que significa sustentar, carregar, manter unido: “É a lei, aquilo que sustenta, mantém unido ou erguido.” Dharma é “o ‘suporte’ dos seres e das coisas, a lei da ordem em sua maior extensão, isto é, a ordem cósmica.”

O lema da Índia é “Unidade na Diversidade”. Trata-se de uma nação multinacional, culturalmente variada. O dharma, aquilo que mantém as coisas unidas, é, no dizer de Sri Aurobindo, a lei do ser, padrão de verdade, regra ou lei da ação; é a forma como o povo indiano concebe a conduta religiosa, social ou moral. O dharma pode, assim, ser visto como um fator de agregação, que evita a fragmentação de uma pessoa ou civilização. A civilização indiana absorveu de forma seletiva as pressões culturais trazidas pelos diversos povos que invadiram o subcontinente indiano durante sua longa história. Baseada no seu dharma, aquela civilização soube sustentar-se por milênios e esconde tesouros culturais valiosos, num mundo contemporâneo voraz no consumo material e que enfrenta impasses quanto à viabilidade da sobrevivência da espécie humana.

Estudiosos da democracia dos direitos, ao mesmo tempo em que apregoam suas virtudes, como sendo o regime político mais avançado, já alcançado pelas sociedades humanas, apontam para suas fragilidades. O filósofo Jürgen Habermas, em artigo recente na Folha de São Paulo, ressalta as tensões que permanentemente desafiam o estado democrático de direito, especialmente com o terrorismo do início do século XXI. Manuel Castells fala da necessidade da democracia se reinventar. ‘Dharmacracia’ é um conceito ainda ausente dos dicionários ocidentais. Seria a forma de governo baseada na aplicação do dharma e vai além da democracia que se pretende defensora de direitos e que viceja nos regimes políticos ocidentais mais abertos.

9 de maio de 2016

## **DHARMACRACIA E DEMOCRACIA**



Fotos de arquivo

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto abaixo:

Sri Aurobindo afirma que os estados-nação e a democracia dos direitos não constituem o último estágio da evolução política da humanidade. Ele assim define 'Dharmacracia': "Já se disse que a democracia é baseada nos direitos do homem; respondeu-se que ela deveria basear-se nos deveres do homem; mas tanto direitos como deveres são ideias europeias. Dharma é a concepção indiana na qual direitos e deveres perdem o antagonismo artificial criado por uma visão do mundo que faz do egoísmo a raiz da ação, e restabelece sua profunda e eterna unidade. Dharma é a base da democracia que a Ásia deve reconhecer, porque nisso está a distinção entre a alma da Ásia e a alma da Europa. Por meio do Dharma a evolução asiática se realiza, ele é o seu sagrado."

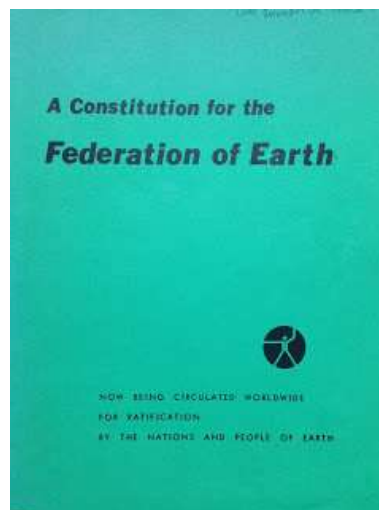
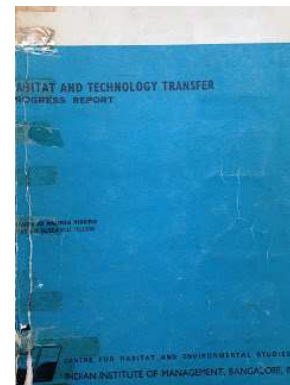
A dharmacracia integra a ética à política e articula as relações políticas aos padrões de conduta e comportamento individuais, fazendo uma ponte entre o psicológico e o social. Uma democracia será 'dharmacrática' quando complementar a visão dos direitos humanos com padrões aceitáveis de cuidado na relação com a natureza e na vida individual e social. Para que esse ideal se realize, é necessário transformar os valores e a energia dominantes que orientam as motivações e as ações de políticos, cientistas, formadores de opinião, assim como promover a educação para os valores humanos, em direção a uma ética ecológica, com padrões de consumo material e a estilos de vida que permitam o florescimento da civilização sustentável.

É preciso realizar um esforço de compreensão transcultural para se promover uma real aproximação entre os conceitos e visões de mundo das civilizações orientais e ocidentais. Numa visão prospectiva, é preciso que os filósofos, pensadores, cientistas políticos e os

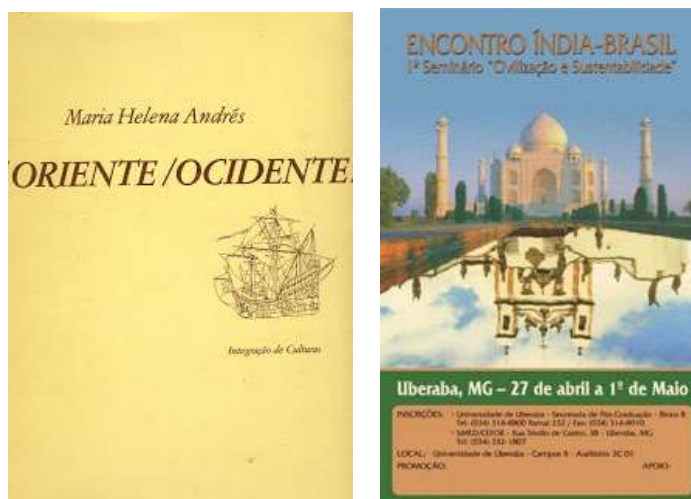
próprios políticos abram sua visão de mundo para outro repertório, para além das limitações do pensamento fragmentado. Um pensamento prospectivo e livre pode oferecer pistas para superar e transcender os impasses civilizatórios contemporâneos, que levam a guerras e destruições.

16 de maio de 2016

### QUARENTA ANOS DE ESTUDOS SOBRE A ÍNDIA EM 15 MINUTOS







Fotos de Maurício Andrés Ribeiro e de arquivo.

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro, um texto muito importante, que transcrevo abaixo.

“A Embaixada da Índia em Brasília promove mensalmente Chás com Letras. Entre livros, escritores, músicos e poetas, resumi em quinze minutos quarenta anos de estudos sobre a Índia. Uma pilha de livros e revistas com textos sobre a Índia estruturou a espinha dorsal de minha apresentação.

Contei a história de minha relação com a Índia, desde 1976, quando contatei Vinod Vyasulu no Indian Institute of Management em Bangalore e submeti uma proposta de pesquisa ao Indian Council of social Science Research sobre Habitat e Transferência de Tecnologia, por meio da bolsa de estudos do CNPq. Tenho dela hoje uma velha cópia mimeografada.

Durante um ano, em 1977-78, estudei comparativamente Juramento, uma cidade no norte de Minas Gerais e Kenchankuppe, uma aldeia no sul da Índia.

Viajei para várias partes da Índia explorando possibilidades de cooperação entre esses dois maiores países tropicais do mundo.

Contatei muitas universidades e centros de pesquisa. Encantei-me com o ambiente democrático do país, com a efervescência de ideias na vida cotidiana.

Estudei as ideias mundialistas de Gandhi, Nehru, Tagore e o pensamento político e social de Sri Aurobindo e traduzi uma constituição para a Federação do Planeta Terra, publicada pela imprensa de Auroville.

Retornando ao Brasil, publiquei artigos em revistas, capítulos em livros, promovi encontros Brasil-Índia.

Condensei tudo o que escrevera até então sobre o estudo comparativo, o potencial de intercâmbio Brasil-Índia e as perspectivas do federalismo mundial no livro Tesouros da Índia, editado por Eleonora Santa Rosa em 2003. (Ver [www.ecologizar.com.br](http://www.ecologizar.com.br)). Imaginei ter posto um ponto final no assunto. Entretanto, o livro publicado resultou em convites para palestras e conferencias e compreendi que parte de meu dharma nessa presente encarnação é ajudar a promover a cooperação da Índia com o Brasil.

A partir de então, continuo a publicar textos sobre a Índia em meio eletrônico.

Essas atividades são parte integrante de um trabalho de equipe amplo. Meu pai falecera em 1977 e eu fora para a Índia com minha esposa Aparecida Andrés, meu filho Joaquim Pedro, minha irmã Eliana, professora de yoga e minha mãe, Maria Helena Andrés, artista plástica que visitou 15 vezes a Índia e publica textos e imagens em seus blogs.

A partir de 2003, fortaleceu meu interesse pela ecologia pessoal, a ecologia do ser, as paisagens interiores. O autoconhecimento sobre a espécie humana é crucial nesse período antropoceno da história. Cosmovisões e modos de compreender o mundo e a natureza da mente podem mostrar caminhos para a nossa espécie de seres em transição num mundo em crise ecológica. São inspiradores os conhecimentos sobre a psicologia yogue, a subjetividade, as cosmovisões indianas que aprendi na Sociedade Teosófica em Adyar, em Pondicherry e Auroville, cidade internacional inspirada em Sri Aurobindo; na Universidade Espiritual dos Brahma Kumaris em Mount Abu, no ashram de Ramana Mararishi em Tiruvanmalai, no ashram de Gandhi em Ahmadabad.

Agradeço à Índia por oferecer inspiração para tais aprendizados.”

7 de junho de 2016

## MEDITANDO NA EMBAIXADA DA ÍNDIA COM SRI SRI RAVI SHANKAR



\*Fotos de Maurício Andrés

Uma das funções de uma embaixada é promover o intercâmbio entre as nações, trazendo conferencistas, artistas, pesquisadores, pessoas que estiveram em outros países, não apenas em viagens turísticas, mas buscando uma integração entre os povos.

Transcrevo abaixo o depoimento de Maurício Andrés que participou de uma sessão de meditação na Embaixada da Índia, em Brasília.

“Em 14 de dezembro de 2016 aconteceu uma sessão de meditação na Embaixada da Índia em Brasília, conduzida por Sri Sri Ravi Shankar. Ele é o fundador do movimento A Arte de Viver, com muitas ações em vários países e dissemina uma prática simples e profunda de meditar.

No início ele perguntou ao público de cerca de 150 pessoas se meditar e concentrar são a mesma coisa. E respondeu que meditar é muito diferente de concentrar, pois exige relaxar, deixar fluir pensamentos.

Para facilitar o estado de meditação ele propôs que todos ficassem sentados confortavelmente, em postura que permite que se medite trabalhando em frente a um computador, num banco de ônibus ou numa sala de espera.

Explicou que deixaria o celular dele ligado não para receber mensagens, mas para apenas marcar o tempo de 10 minutos.

Propôs fechar os olhos, esticar os braços e flexionar as mãos. Depois colocar as mãos atrás da cabeça e fazer exercícios exclusivamente com o rosto. Olhar para cima e para baixo, para cada lado, girar os olhos no sentido horário e anti-horário, olhar para os dois lados do

nariz. Em seguida, esticar as orelhas para cima, para baixo e para os lados. Depois, massagear as bochechas com os dedos. No rosto há muitos feixes de músculos que podem ser relaxados.

Em seguida, sugeri observarmos a respiração, absorvendo a energia que está no ar na inspiração e deixando-a sair na expiração. Deixar vir qualquer pensamento, observá-lo e deixá-lo ir embora. Assim como peixes vivem na água, nós vivemos no meio do ar. Propôs sentir o ar que envolve nosso corpo.

Ao final, pediu que todos abrissem os olhos. Havia decorrido 30 minutos e ninguém sentiu o tempo passar. Essa prática de meditação é simples, não exige ambiente ou postura especial, é baseada no relaxamento do rosto.

Ao final, respondeu a todas as perguntas que vieram da plateia e despediu-se dizendo que sua meta é trazer felicidade para todos.” (Depoimento de Maurício Andrés)

10 de abril de 2017

## RESPIRAR



Fotos da internet

Recebi de Maurício Andrés o texto abaixo, sobre a respiração.

“Respirar é um ato que todo animal ou vegetal realiza do início ao final de sua vida. Da primeira inspiração ao último suspiro, o corpo interage com a atmosfera. Mas respirar não é apenas um ato natural. A respiração consciente, os vários modos e formas de respirar, o aprender a respirar corretamente, transformam esse ato elementar num ato cultural.

Foi durante minha estadia na Índia, nos idos da década de 1970, que tomei consciência da importância cultural da respiração. Os antigos iogues desenvolveram a prática de exercícios respiratórios como forma de concentração. Essa tradição desenvolveu técnicas de controle da respiração e modos de inspirar e expirar a energia que mantém a vida e que está presente em toda a natureza, conhecida como prana.

As práticas de ioga utilizam diversas posturas (ásanas) e exercícios respiratórios (pranayamas) para aprimorar o uso do corpo. Um bom controle sobre o corpo ajuda a controlar a mente e a obter maior profundidade de percepção e conhecimento. Uma atitude básica da meditação é o focar a atenção na respiração, pois quando se observa o movimento do ar para dentro e para fora dos pulmões, deixa-se de pensar no passado ou no futuro e a atenção orienta-se para o momento presente. A consciência do ato de respirar, associada à vibração de um som como o OM (som universal) durante a expiração, acalma o pensamento e a mente. Trata-se de prática que pode ser exercitada cotidianamente nos tempos de deslocamento, nos transportes e salas de espera.

O espiritualismo da cultura indiana se ancora na matéria, vista como manifestação ou corporificação do espírito. Os fundamentos materiais dessa espiritualidade foram testados em milênios de história e deu-se muita atenção a atos elementares. Para a tradição indiana, o próprio universo é criado e extinto de acordo com o ritmo da respiração de Brahma, que, ao expirar ou inspirar, regula os ritmos universais.

Há várias formas de se respirar, cada qual com seus efeitos sobre o corpo, sobre a mente e as emoções. O exercício de ritmar a respiração voluntariamente induz ao equilíbrio físico-emocional e aumenta a capacidade de percepção sensorial e mental.

A boa respiração reduz estresse, hipertensão, depressão, relaxa, ajuda a emagrecer. Leva a um maior equilíbrio, bem-estar, flexibilidade, saúde. O estado de tranquilidade e de boa irrigação sanguínea que produz pode ser considerado uma preparação para níveis de

desenvolvimento espiritual mais elevados, em que há mais percepção, mais consciência, mais harmonia na movimentação corporal e nos relacionamentos, mais segurança nas ações cotidianas, entre outras virtudes e habilidades. A maior ventilação proporcionada por uma respiração profunda pode alterar o estado corporal e de consciência. Nesse ponto, é oportuno realçar a importância da sobriedade e advertir contra abusos em exercícios respiratórios, e contra práticas como a retenção da respiração e outras manipulações perigosas para a saúde física e cerebral.

Cada atividade humana e estado de saúde se associa a uma forma de respiração. Um músico que toca um instrumento de sopro, como uma flauta, precisa ter fôlego e um controle preciso da respiração e do ar; atletas, nadadores, aqueles que desenvolvem trabalhos físicos, têm atividade respiratória e trocas de oxigênio e carbono mais intensas do que quem vive sedentariamente; a insuficiência respiratória de doentes exige aparelhos para ser compensada com a respiração artificial.

Durante a vida desaprendemos a respirar corretamente. Desenvolver a ciência e a arte de respirar faz parte de uma cultura respiratória fundamental e quase esquecida, pois toma-se esse ato apenas como um dado natural, sem refletir ou compreender sua real importância e suas variações.

Na sociedade contemporânea, além de aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer, a educação corporal ou física inclui aprender a respirar, aprender a alimentar-se e a se movimentar. A educação do corpo é um fundamento básico para a educação do ser. Isso significa que a reeducação respiratória é tão importante quanto a educação dos sentidos, a tomada de consciência sobre a cultura alimentar e outras formas de educação essenciais para a vida individual e coletiva.

A civilização indiana foi a que mais se aprofundou nessas ciências e artes e que as comunicou de forma compreensível, construindo um patrimônio intangível que vem sendo revalorizado devido aos benefícios práticos que proporciona.

A pessoas de minha relação que se entediam quando não têm nada para fazer, costume dizer:

“Respirem...”



Procuo assim valorizar esse ato vital, básico, fundamental para a vida.

Mas admito que esse fato desperta admiração ou curiosidade, especialmente entre aqueles que ainda não tomaram consciência da respiração como um ato cultural.” (Maurício Andrés Ribeiro é autor dos livros “**Ecologizar**” e “**Tesouros da Índia**”)

22 de setembro de 2019

## PRATA DA CASA, 20 ANOS

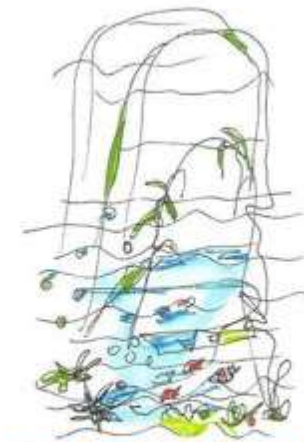


A várzea dá espaço para o rio encher, esvaziar e se mover



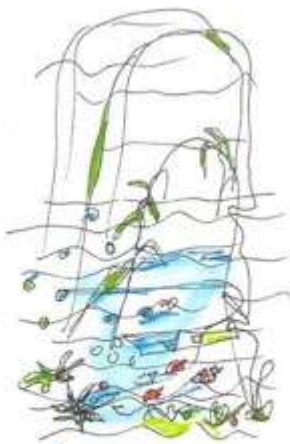
Aterrado esse espaço, surgem as enchentes e alagamentos





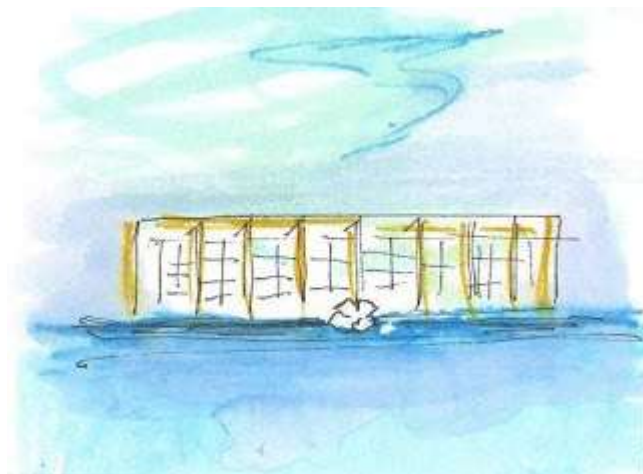
## WATER SPEAKS

Mauricio Andrés / Aparecida Andrés / Maria Helena Andrés



## A ÁGUA FALA

Mauricio Andrés / Aparecida Andrés / Maria Helena Andrés



## Fotos de arquivo

Recebi de Maurício Andrés o texto abaixo, publicado em 31/03 pela Assessoria de Comunicação da Agência Nacional de Água (ANA).

*“Precisamos aumentar a hidroconsciência e reduzir a hidroalienação da sociedade. Quem presta serviço na ANA pode contribuir muito para isso acontecer.”*

“Assessor da Secretaria Geral da ANA (SGE) há quase 20 anos, pesquisador, escritor e avô de quatro netinhos. Maurício Andrés Ribeiro, mineiro de nascença, construiu uma longa trajetória na Agência: reconhecido por todos os presidentes da ANA, assessorou todos os secretários-gerais que atuaram na Agência, participou massivamente da construção de processos participativos dentro do órgão, além de ter contribuído significativamente com a proteção da memória histórica e patrimonial da instituição.

Formado em Arquitetura, Maurício fez algumas especializações na área de Planejamento e Gestão ambiental. Foi secretário de Meio Ambiente em Belo Horizonte (MG); presidente da Fundação Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais; diretor do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA); e, em 2003, veio compor a equipe da ANA. Na Agência, manteve-se na SGE ao longo dos anos, mas atuando em diferentes frentes.

Em 2006, a ONU elegeu o tema Água e Cultura para celebrar o Dia Mundial da Água, o que incentivou a ANA durante alguns anos a investir no tema Água e Patrimônio cultural. Maurício lembra com entusiasmo deste período, quando participou da realização de seminários e trabalhos sobre o tema, e da inclusão da categoria Água e Patrimônio Cultural no Prêmio ANA 2012. Também contribuiu para um dos objetivos estratégicos da ANA, que consiste em promover a gestão do conhecimento e a construção da memória institucional.

Enquanto foi representante da Agência no CONAMA e no Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), Maurício participou das discussões e articulou as representações da ANA nesses colegiados. Além disso, foi e ainda é parte importante no desenvolvimento dos processos participativos da Agência, nas chamadas consultas públicas. Participou, desde o início em 2007, da construção da Resolução que normatiza essas questões.

Nesses quase 20 anos, o versátil assessor, além de testemunha ocular da história da ANA, se tornou um grande propagador dessa trajetória. Sem quaisquer resistências às novas

tecnologias, Maurício é um forte multiplicador do patrimônio histórico e memorial da Agência na rede social interna da ANA, o Yammer. Ele não só tem postado memórias da Agência, como incentivado as pessoas a compartilharem as suas também, agregando assim à memória institucional.

Além dessa carreira vasta profissionalmente, Maurício traz algumas surpresas, como seu lado escritor. Recentemente publicou o livro infanto-juvenil *A Água Fala*, que teve a participação de sua mãe de 98 anos, Maria Helena, como ilustradora; e de sua esposa, Aparecida Andrés, com a parte poética do livro. A obra traz a importância de se refletir sobre o tema água já na infância e juventude e de tornar o assunto cada vez mais presente na rotina das pessoas. Ele escreveu os livros *Tesouros da Índia* e *Ecologizar* e, ainda, o livro *Ecologizando a Cidade e o Planeta*, com foco na vida das cidades em harmonia com o meio ambiente.

Articulista do seu próprio blog *Ecologizar* (<http://ecologizar.blogspot.com>), pesquisador e apaixonado pela Índia, Maurício segue sua caminhada, unindo o conhecimento profissional a suas paixões e produzindo um vasto material que ficará não só para a história da ANA, mas certamente para as próximas gerações.” (Assessoria de Comunicação da ANA)

13 de abril de 2020

## **UM WEBINAR ECOLÓGICO**



Recebi de Maurício Andrés o texto de sua autoria, que transcrevo abaixo:

“A história é como um estilingue: quanto mais se estica para trás o elástico, mais à frente a pedra é arremessada”.

Aloisio Magalhães

“Como parte das atividades que comemoram seus 50 anos, a Fundação João Pinheiro programou seminários pela internet (webinars) ao vivo (lives) para conversar sobre sua história. Particpei com Roberto Messias Franco de uma live sobre Meio ambiente no dia 27 de abril.

A história da política ambiental em Minas Gerais foi contada pelo Centro de Estudos Históricos e Culturais da FJP que publicou em 1998 um livro sobre o tema.



Livro publicado em 1998 pela FJP e FEAM sobre a história.

Em 1995, a FJP teve papel destacado na concepção da Lei Robin Hood que alterou os critérios para redistribuição do ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias em Minas Gerais. Convidou a Fundação Estadual do Meio Ambiente- FEAM para elaborar o critério ambiental. Resultou disso que passaram a ser concedidos incentivos para municípios que investissem em criação de unidades de conservação (agenda verde) e para municípios que tivessem licenciado estações de tratamento de esgoto e aterros sanitários para resíduos (agenda marrom). Este último critério, que tirava dos sujos para dar aos limpos, foi adotado pioneiramente em MG.

Em 1975, José Israel Vargas assumiu a presidência da FJP e criou uma diretoria de Tecnologia e Meio Ambiente na qual se forjou o DNA da atuação ambiental, baseado na ciência e na tecnologia. Ignacy Sachs, o socio economista polonês, trouxe o conceito do Ecodesenvolvimento, inspirador para os trabalhos então realizados.

Em 1975 a FJP publicou um estudo abrangente sobre meio ambiente na RMBH.





O contexto da época era de intensa urbanização e industrialização; as poluições ambientais se avolumavam. Em 1972 aconteceu a Conferência de Estocolmo sobre Ambiente Humano, o primeiro grande evento da ONU sobre o tema; o Clube de Roma publicara um livro de impacto sobre Os limites do crescimento. Em 1973 foi criado o Pnuma- Programa das Nações Unidas sobre o Meio ambiente. No Brasil entre 1968 a 1974 vivia-se o chamado “milagre econômico”, com a construção de Itaipu e de Usina nuclear em Angra dos Reis.

Em Minas Gerais criou-se em 1973 o Centro de Conservação da Natureza; em 1975 houve a suspensão das atividades da fábrica Itaú, em Contagem pela prefeitura; em resposta houve a federalização da questão com o Decreto lei n. 1403 que atribuía ao governo federal a competência exclusiva de suspender atividade industrial. Em 1975 criou-se no governo Federal a Sema -Secretaria Especial do Meio Ambiente.

Com José Israel Vargas, várias diretorias da FJP atuaram na questão do meio ambiente: a dimensão ambiental foi incluída em planos regionais para o Rio doce, o sul de Minas, o Noroeste entre outros; em planos urbanísticos municipais, com destaque para aqueles do circuito do Ouro e do circuito do Diamante; a Revista Fundação JP publicou muitos artigos sobre o tema.

A FJP foi uma incubadora de instituições na área ambiental que floresceram no CETEC, na Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente e no Copam, conselho de política ambiental implantado pioneiramente no Brasil; posteriormente foi criada a FEAM.

No século XXI temas emergentes surgiram com força: em 2007 tornou-se mais visível a questão do clima quando foi publicado relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas – IPCC. Nesse contexto o tema da água emergiu com intensidade, por meio de eventos críticos como secas, inundações e estresse hídrico em muitas partes do mundo e do Brasil.

Avanços na consciência e no conhecimento se impõem: **hidratar** as políticas públicas e reduzir a hidroalienação; resgatar o **eco** de ecodesenvolvimento que se perdeu com a adoção dominante do conceito de desenvolvimento sustentável. **Ecologizar** tudo, a economia, a cultura, a sociedade, o pensamento, se impõe, na perspectiva da ecologia integral. A escala temporal precisa ser alargada: de anos ou décadas, o horizonte de tempo com que se trabalha com o desenvolvimento, é necessário expandir esse horizonte para centenas ou milhares de anos, articulando a história humana com a história natural (algo que Yuval Harari faz em seus livros Sapiens e Homo Deus). É necessário **expandir uma visão desenvolvimentista para uma abordagem evolucionista**.

Finalmente, a **pandemia** de 2020 torna evidente como nossa espécie é parte integrante da natureza e mostra como um microscópico vírus pode mudar em pouco tempo a vida humana. Dissolve-se a fantasia da separatividade e o equívoco de considerar que nossa espécie se descolou da natureza. Junto com o sofrimento, doenças e mortes que trouxe, a pandemia teve **efeitos colaterais positivos**: a despoluição do ambiente, do ar, da água; a volta dos animais a áreas de que tinham sido expulsos, a solidariedade de empresas para com os mais vulneráveis, a solidariedade entre países; a aceleração da aplicação de novas tecnologias da comunicação com escritórios em casa e videoconferências. Quando a FJP me convidou para participar desse encontro, a ideia era que eu me deslocasse de Brasília para BH para participar de um evento presencial num auditório. Em apenas três meses isso mudou radicalmente e realizou-se uma *live webinar*, com pouco custo econômico e ecológico.

Transformar os efeitos colaterais positivos que foram adotados involuntariamente devido à pandemia em práticas duradouras é uma meta que se coloca diante de todos. Novas pandemias virão, eventos climáticos críticos se tornam mais frequentes e intensos e o futuro demanda muito conhecimento científico e tecnológico, muita capacidade de gestão, um aprimoramento espiritual e novas atitudes de frugalidade, simplicidade voluntária, austeridade feliz e valorização do conforto essencial.

Com a pandemia, um seminário que seria presencial tornou-se um evento virtual. A FJP se moderniza para responder ao novo tempo.

Espero que a Fundação João Pinheiro, nos próximos 50 anos, se reinvente, inove com criatividade e inteligência. E que continue a prestar bons serviços a Minas Gerais!” (Maurício Andrés Ribeiro)

25 de maio de 2020

## **ÍNDIA, NOTAS DE VIAGEM DE JOAQUIM PEDRO**





\*Fotos de Joaquim Pedro, Mauricio Andrés e da internet

Compartilho com meu neto Joaquim Pedro, personagem do livro “Pepedro nos caminhos da Índia”, seu retorno àquele país depois de 30 anos. Naquela época Joaquim tinha 2 anos de idade e em 2007, 31 anos. Joaquim acompanhou a família em 1977, voltando em 2007 também com um grupo familiar. O texto abaixo, bem como as próximas postagens, são trechos do diário do Joaquim. Com a palavra, Joaquim Pedro, companheiro de 2 viagens à Índia.

“Apenas uma pequena nota para dizer que, para os que querem uma experiência única de conhecer uma cultura totalmente diferente da nossa, a Índia é um prato cheio. Uma viagem que começa com o choque inicial da precariedade e do caos indiano aos poucos se transforma numa apreciação profunda dessa cultura rica e milenar. A Índia não permite julgamentos rasos, e a viagem é para os que têm mente aberta e estomago forte.

Ao contrário da China, que impressiona e assusta logo no primeiro instante, a Índia é descoberta aos poucos e a admiração cresce com a profundidade do conhecimento. Os contrastes são enormes - das cores do Rajastão ao safari urbano de Delhi, dos ashrams de Rishikesh à hospitalidade portuguesa de Goa, da modernidade de Bangalore e Bombaim à cultura milenar de Varanasi. Palácios se misturam com favelas. Vacas, elefantes, macacos e camelos se misturam com gente. O espetáculo do crescimento - que aqui realmente acontece - contrasta com a miséria vista a olho nu.

O constante é mesmo o povo indiano, sempre gentil, cordial, simpático e atencioso. A pobreza econômica, pior que a brasileira, é sempre acompanhada da nobreza de espírito. Não há espaços para violência e a convivência pacífica com outros e com a natureza é um

habito solidificado. O indiano nos recebe como irmãos, nos acolhe e nos ensina. Temos muito que aprender com eles.

## DELHI

As primeiras impressões aqui têm sido de muita gente, muita pobreza e muita confusão. Ontem fizemos um passeio por Old Delhi, entre becos, lojinhas e macacos no topo dos prédios. Nas ruas, elefantes, camelos e vacas.

Ontem também fomos ao monumento a Gandhi e à mesquita local. As tradições hindus, muçulmanas e sikhs se misturam. Fomos também a um palácio parecido com o Taj Mahal que veremos, dentro de dois dias, em Agra.

Amanhã seguimos para Jaipur e Agra. O tempo nos tem ajudado - um friozinho apesar de chuvas esporádicas - e o nosso minibus com guias tem sido uma mão na roda.

Aqui as coisas na área de educação funcionam bem diferente. A maior discrepância é o foco enorme deles em tecnologia que é mesmo o motor de empregabilidade do país. Custo barato, alta especialização, bons salários.”

2 de setembro de 2019

## INDIA, MATHURA /AGRA





\*Fotos de Joaquim Pedro

Segue abaixo, mais um relato do Joaquim Pedro, por ocasião de sua viagem à Índia:

“Depois de alguns dias em Delhi, fomos para Mathura conhecer os templos do deus Krishna. Mathura é uma cidade de peregrinos sem muita infraestrutura, com chão enlameado e muita gente nas ruas.

Visitamos um templo cheio de macacos e vimos um asilo local em que ficam 2.000 mulheres, viúvas de soldados da guerra do Paquistão. Fomos também ao templo original de Krishna, onde coexistem uma mesquita e um templo hindu. O interessante foi ver a cerimônia in loco, com a noiva sendo apresentada à família do noivo e uma comoção geral pelo evento. Roupas muito coloridas e bonitas, comida farta.

Hoje viemos a Agra e conhecemos o Taj Mahal. É realmente uma maravilha, todo ornamentado com motivos muçulmanos e coberto de mármore. A arquitetura é perfeitamente simétrica e com inscrições do Alcorão, com lindos ornamentos de flores feitos de pedras preciosas. O monumento é o túmulo da princesa construído por seu marido imperador.

Fomos também ao Forte Vermelho, com portas enormes para que os elefantes pudessem passar. Foi construído pelos imperadores muçulmanos e feito em três gerações. O Forte feito em sandstone tem enormes praças e um local onde ficava o harém, todo feito



de mármore e com motivos de flores. Ha também um palacete com vistas para o Taj Mahal, onde ficou o imperador preso por seu próprio filho.

Originalmente iríamos para Jaipur, mas decidimos ficar aqui por um tempo e amanhã seguimos viagem. Minha avó está adorando a viagem, mas o cansaço já aparece com jornadas mais distantes. Decidimos pernoitar no Sheraton - onde por coincidência está o Sean Connery!!! - e amanhã seguimos para Jaipur.

A Índia continua impressionante, com um safari urbano a cada cidade, com elefantes, macacos, e camelos nas ruas. As pessoas são muito amáveis e a espiritualidade é plena..."

9 de setembro de 2019

## INDIA V - BOMBAIM





\*Fotos da internet

Nesta postagem dou prosseguimento ao relato do Joaquim Pedro na Índia.

"Depois de duas semanas com parentes, numa viagem superinteressante pelo norte do país, parti para Bombaim para conhecer o sul. A maior cidade da Índia, com 18 milhões de habitantes, é toda formada por aterros no que foram, há 400 anos, sete ilhas independentes. A cidade inicialmente dada como dote por Portugal à Inglaterra, sempre teve suas raízes no comércio marítimo. Bombaim não tem a riqueza espiritual de Rishikesh, a exuberância do Rajastão, ou o charme de Delhi.

A arquitetura da cidade é inteiramente moldada com referências europeias devido à forte influência inglesa. A universidade tem prédios parecidos com o Big Ben e a Notre Dame de Paris. A estação de trem Vitoria é muito parecida com a St. Pancras em Londres. Os conjuntos urbanos são muito mais familiares ao olho ocidental.

A cidade tem uma orla linda chamada Marine Drive que se parece muito com Copacabana. Há uma mesquita construída no meio do mar, com um pequeno boardwalk que se esconde durante a maré cheia. Há o Gate of India, cópia do arco do triunfo, feito para receber os reis ingleses. E há o famoso Taj Hotel, construído por um magnata Parsi, por ter sido excluído do hotel inglês local.

A indústria de Bollywood, maior que Hollywood, produz 120 filmes por ano. Os filmes são melodramáticos e sempre trazem interseções musicais. O astro maior Amitabh Big B Bachchan está por todo lado.

Distante uma hora de Bombaim está a Ilha de Elefanta, com um incrível templo de Shiva esculpido direto na pedra. São estatuas monumentais, detalhadas, incluindo três caras de Shiva de quatro metros de altura. Foram feitas há 600 anos!

Em Bombaim, os motoristas de taxi vêm de Delhi, os comerciantes são Parsis e de Gujarat. Cada qual tem sua função."

22 de setembro de 2019

## ÍNDIA, BANGALORE







Fotos Joaquim Pedro e Mauricio

Continuidade do relato de Joaquim Pedro:

Cheguei a Bangalore animado por reconectar as raízes. De cara, Bangalore me pareceu muito mais desenvolvida que as outras cidades indianas. As ruas estão em melhor estado, os prédios mais modernos, o trânsito mais civilizado.

A cidade é cheia de jardins construídos na época dos ingleses. Parece um pouco com Belo Horizonte, com seu jardim botânico, bulevares verdes e clima ameno. As pessoas são muito amáveis e gentis. O Secretariat, um prédio governamental enorme onde está escrito "Government Work is God's Work" é imponente e bonito.

De cara fui ao Hotel Harsha, onde fiquei com meus pais em 1977. O hotel se transformou em um prédio de luxo, sem muito charme. Também procurei minha antiga escola Blue Bell, que depois soube ter mudado de nome, dono e endereço.

O desenvolvimento da cidade é impressionante. Há prédios moderníssimos, parques tecnológicos, complexos corporativos enormes. A cidade é considerada o vale do silício indiano, onde se concentram as maiores empresas de tecnologia. Lembrou-me um pouco a China e seus parques industriais.

Fui a bons restaurantes - um chinês chamado Aromas of China e outro japonês chamado Harima - e conheci Vinod Vyasulu, amigo de meu pai. O Vinod é uma figura muito gentil e engraçada, lembrou bem dos tempos de 1977. Fomos a um jantar juntos com ele e sua esposa Pornima.

Fui também a Mysore, onde vi o belo palácio construído pelo Marajá há cem anos. A arquitetura é grandiosa e muito ornamentada, com cores fantásticas, belas esculturas e pinturas. As inúmeras abobadas enfeitam o palácio, que hoje é parte museu parte residência do Marajá atual.

Fui também a Kenchankuppe, aldeia que meu pai pesquisou em 1977. A aldeia pequena abriga 700 casas e é supersimpática. Visitei o bar, a escola e lá conheci o diretor. Fui "atacado" por 100 crianças perguntando de onde eu era, o que fazia... O diretor reclamou não ter livros. Resolvi correr a Bangalore, comprar uns 100 livros e material de ensino e fazer lá uma mini sala de leitura. Voltei depois de 2 dias para inaugura-la e o diretor ficou muito comovido. As crianças se aglomeraram, cada uma com um livro em mãos, e fizemos uma grande festa. Falei que era uma homenagem a meu pai que havia trabalhado ali!

Gostei muito de Bangalore, da cidade, das pessoas. A influência inglesa é muito grande. Os jardins fazem dela uma cidade agradável, limpa e oxigenada. E a modernidade é claramente retratada nos prédios e bairros como Whitefields e Electronic City, cheias de empresas de tecnologia.

Segui para Varanasi depois de 5 dias, já com saudades....

30 de setembro de 2019

## ÍNDIA, VARANASI



Fotos da internet



Continua o relato de Joaquim Pedro:

“Varanasi foi a última cidade dessa viagem incrível à Índia. Cheguei à cidade ainda fascinado com a modernidade de Bangalore, e já de cara percebi que a beleza de Varanasi era a de uma cidade milenar, tradicionalmente religiosa e de muitos peregrinos.

Varanasi - ou Benares – é a cidade de Shiva, um dos deuses hindus mais importantes. A cidade se localiza à beira do rio Ganges. Formada por muitos “ghats” ou plataformas construídas à beira do rio por marajás e líderes políticos de toda a Índia, Varanasi é uma cidade viva. As escadarias na margem do rio emendam-se umas nas outras, e os prédios e palácios imponentes se espalham. Muitos “sadhus” se deslocam pelas ruas, tendo renunciado à vida ativa e se recolhido em um dos muitos asilos da cidade. Muitos peregrinos vêm à Varanasi em busca da purificação no rio Ganges. As cerimônias de aarthi ao anoitecer são celebradas todo dia, comemorando mais um dia de luz com músicas, fogos e velas jogadas no rio. Os barcos percorrem o rio e as ruas da cidade, sempre cheias, demonstram vitalidade comercial intensa. Os templos são lindos e a universidade, uma das maiores da Índia, oferece cursos de engenharia, medicina ayurvedica e yoga.

O tour de barco no rio Ganges, ao amanhecer, é imperdível. Antes mesmo dos primeiros raios de sol, as pessoas se dirigem ao rio para tomar o banho matinal sagrado. Fazem exercícios, mergulham na água, escovam seus dentes, lavam sua roupa. O sol nasce vermelho no outro lado da margem e os raios refletidos nos prédios dão um ar mágico amarelado à cidade. Aos poucos Varanasi acorda.

Uma das atrações mais impressionantes é o crematório gigantesco ao ar livre à beira do rio. O que poderia ser uma cena mórbida e bizarra de morte leva aqui um tom solene em que a morte é vista como algo absolutamente natural.

É difícil descrever as cenas - voltei ao local mais de três vezes. Os eventos nos mostram como o indiano tem outra visão do ciclo de vida humano.

Diz a lenda que quem morre ou é cremado em Varanasi se liberta dos ciclos de nascimento e morte. Portanto, muitas pessoas escolhem morrer ou serem cremadas aqui. O corpo, enrolado em uma gaze branca e com ornamentos, é trazido por parentes no mesmo dia de sua morte, numa maca improvisada de bambu. E banhado no

Ganges para purificar-se, salpicado de sândalo e outros materiais ritualísticos, e depois colocado no topo de uma fogueira ardente recém-armada. Em três horas, ao lado de ao menos 15 outras piras, ao ar livre, com turistas assistindo, vacas, cachorros e bodes ao lado, o corpo se carboniza em cinzas. As cinzas são coletadas, jogadas no Ganges, e a fogueira é rearmada para o próximo defunto.

Não há dramas, não há choros. Há pouquíssimas mulheres presentes, pois há alguns anos atrás uma delas se jogou na fogueira de seu marido. Proibiu-se a presença delas por receio de não conseguirem conter a emoção. Os filhos cortam todo o cabelo e vestem-se de branco, simbolizando a purificação. Uma pessoa local me disse que o evento na verdade é motivo de celebração.

Perto de Varanasi há também Sarnath, local onde Buda fez seu primeiro sermão depois de iluminado. O local é muito bonito, no meio de um bosque verde e arejado. É um dos locais mais sagrados do budismo. Ali existe um museu de Sidarta com relíquias encontradas no local.

Varanasi é um programa imperdível para quem se interessa pelo hinduísmo, budismo ou simplesmente busca uma experiência completamente diferente. O que se passa aqui se repete há 2.000 anos! Uma bela forma de fechar essa viagem a Índia com chave de ouro!

7 de outubro de 2019

**ARTE, EMOÇÃO E MEIO AMBIENTE I**



Fotos: Maurício Andrés

Há quase trinta anos, o poema *Triste horizonte* de Carlos Drummond de Andrade, publicado na imprensa em 1976, emocionou e sensibilizou os cidadãos para a degradação ambiental em Belo Horizonte. Ele dizia:

*Sossega minha saudade. Não me  
Cicies outra vez  
O impróprio convite.  
Não quero mais, não quero ver-te  
Meu triste horizonte e destroçado amor.*

Naquela ocasião, esse único poema fez mais pela expansão da consciência ecológica do que muitos estudos técnicos aprofundados que apontavam os problemas, porém eram dotados de menor poder de comunicação. Esse foi um exemplo do poder da poesia para aguçar a percepção sobre o meio ambiente por meio do sentimento estético e da beleza, indissociáveis da ética ecológica.

No âmbito global, são inúmeros os casos em que os artistas compromissados e responsáveis puseram sua voz, criatividade e poder de comunicação a serviço da ecologia, da paz, de causas generosas e voltadas para o bem-estar social.

A arte é um caminho poderoso por tocar direto as emoções e os sentimentos. Vai além da razão e do intelecto e seu poder é aplicável de múltiplas e criativas maneiras. Muitas vezes, a emoção, difusa e intuitiva, nebulosa e indefinida, é o motor que deflagra processos mais racionais e sistematizados das questões relacionadas à ecologia. A emoção move, a razão organiza.

Grupos de teatro que abordam em suas peças e encenações a temática ambiental; a produção de textos de teatro e de literatura para serem adotados nas escolas; o envolvimento de escultores e artistas plásticos no projeto de novos espaços urbanos, ao lado de arquitetos e paisagistas; a música e a poesia que refletem a realidade ambiental; a produção de VT's ecológicos e de manifestações artísticas modernas: essas são algumas modalidades de trabalho nas quais o potencial criativo da arte pode estar a serviço da melhoria ambiental. Veiculadas nas escolas públicas e privadas, tais atividades podem mudar mentalidades e valores, num processo de ecologização da educação formal e informal. A criação de jogos informatizados, nos quais se usem elementos do ecossistema local, constitui forma de mobilizar a criatividade artística no âmbito da informática.

A mobilização dos artistas que trabalham profissionalmente na publicidade, na concepção e produção de peças voltadas para a educação nas escolas, promove a integração entre arte e meio ambiente. Até mesmo a publicidade, frequentemente a serviço de consumismo e de valores materiais elementares, tem grande potencial de comunicação para prestar serviços que facilitem o exercício da cidadania ecologicamente responsável.

Para a aprendizagem do viver sustentável, a arte adquire realce especial. Ao extrapolar a abordagem racional e intelectual sobre o meio ambiente, ressaltada no ensino de ciência e técnicas, e cuja comunicação com o grande público é mais difícil, as artes têm o dom de possibilitar comunicação imediata. ”

Dando continuidade às ideias do Maurício, intercalo um pequeno texto do meu livro “Os caminhos da Arte”, no capítulo “Volta à Natureza”.

O artista plástico Franz Krajcberg, nascido na Polônia, mas naturalizado brasileiro, é o exemplo de um artista consciente dos problemas ecológicos. Quando visitou a Amazônia pela primeira vez, Krajcberg decidiu se dedicar à defesa da natureza, documentando a devastação das florestas brasileiras. Sua arte passou então a ser uma arte de denúncia: árvores destruídas e troncos retorcidos, transformados em escultura. Percorrendo aquela região, Krajcberg fotografou o drama das queimadas e, com a sensibilidade do fotógrafo, documentou a morte do verde que se torna deserto.

4 de junho de 2010

## **ARTE, EMOÇÃO E MEIO AMBIENTE II**

“Curiosamente, é comum encontrar-se na tecnoburocracia do serviço público crítica à abordagem emocional do problema ambiental, como se apelar às emoções fosse algo condenável em princípio. Também em meios acadêmicos ortodoxos rejeita-se o tratamento dito emocional das questões ambientais.

A emoção é vista, nesses meios, como impedimento a uma visão objetiva, racional, da questão ambiental. Pode-se, por outra parte, inquirir se essa pretensa aversão aos aspectos emocionais em favor dos racionais não serve, de fato, para legitimar o avanço e o aprofundamento de um estilo de vida e de desenvolvimento que faz pouco caso de tudo o que não leva imediatamente ao lucro e ao consumismo social e ambientalmente irresponsáveis.” (Maurício Andrés Ribeiro).

No meu livro “Os Caminhos da Arte” cito o conhecido artista holandês Hundertwasser, grande defensor da natureza. Ele nos alerta para o problema mundial de devastação do meio ambiente: “Só quando o divino respeito ao poder verde e o amor à vegetação se tornarem parte de nós mesmos, só então poderemos restaurar, passo a passo, nosso agonizante meio ambiente” (Hundertwasser).

A natureza está agonizando nas mãos do homem. No entanto, o homem é natureza. Sem perda da consciência individual, muitas vezes ele consegue entrar em comunhão com os mares, rios, florestas, montanhas, e sentir em seu corpo a mesma energia fluir. O homem é, ele próprio, uma parte desse eterno fluir; mas, desconhecendo suas raízes, ele se coloca como um ser à parte, com direito de domínio sobre tudo o que existe.

A percepção do relacionamento homem-natureza, sendo originária de uma sensibilidade apurada ou de um contato direto com o fluxo natural da vida, não é percebida de imediato por todas as pessoas. Torna-se ainda mais distante nas cidades, onde o elemento verde está sendo estrangulado pelas construções e pela superpopulação.

O homem da cidade, por sua própria condição de vida, desligou-se de suas origens naturais, afastando-se cada vez mais do contato com a natureza. No entanto, a natureza está a nos oferecer a todo instante uma lição de vida. Silenciosamente, ela nos ensina mais do que os livros. Se observarmos com atenção, poderemos sentir nas transformações da natureza uma analogia com nossas próprias mutações.

4 de junho de 2010

## MEIO AMBIENTE E CIDADANIA



Fotos: Maurício Andrés

No 11º Seminário Meio Ambiente e Cidadania promovido pelo jornal Hoje em Dia, em Belo Horizonte, em 12 de junho, Maurício Andrés participou de mesa redonda sobre “Os desafios das mudanças climáticas – energias limpas para um planeta sustentável”.

Ali ele disse que nos encontramos num momento crucial, no qual ocorre a 6ª grande extinção de espécies. Nas extinções anteriores, foram eventos externos que as provocaram, tais como erupções vulcânicas gigantescas ou o choque de corpo celeste que extinguiu os dinossauros ao mudar o clima e suas condições de sobrevivência. Desta vez, o homo sapiens é o grande transformador do clima e do ambiente. Disse concordar com o pesquisador americano Amory Lovins quando afirma que a energia mais limpa é a que se deixa de usar. Tudo o que pudermos fazer para minimizar o uso de energia é benéfico para o ambiente: reduzir desperdícios nas atitudes e hábitos cotidianos, reduzir o consumismo (o que inclui reduzir o viajismo, o consumismo em viagens); adotar hábitos alimentares mais eficientes do ponto de vista da ecologia energética, reduzindo o consumo de carne etc. (isso ajuda a proteger as florestas e evitar o desmatamento, entre outros benefícios).

Também é muito relevante, especialmente para os engenheiros, arquitetos e designers, projetar bens que façam o menor uso de materiais e de energia para proporcionar o máximo de conforto. (Buckminster Fuller foi um mestre nesse campo do ecodesign, com seus domos geodésicos).

A biomassa é uma forma de uso eficiente da energia solar, feita naturalmente pelas plantas a partir da fotossíntese. No Brasil, é uma fonte relevante de energia, pois somos um país tropical com muita incidência solar.



Outras formas de uso da energia solar - como, por exemplo, por meio de painéis fotovoltaicos, também são adequadas em cidades, para aquecimento de água e para evitar o uso de chuveiros elétricos em horas de pico de demanda.

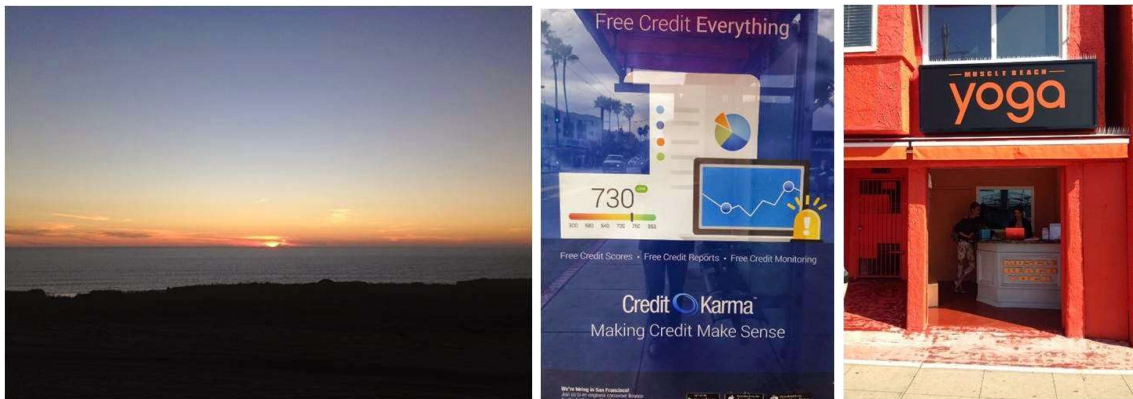
Da mesma forma, na mobilidade urbana, privilegiar o uso da energia humana, por meio de ciclovias e de ruas de pedestres, pode ajudar a limpar o ar das cidades, poluído pelo trânsito motorizado. Citou o prêmio Sasakawa recebido por Belo Horizonte, por ter criado maneira de agir em cooperação entre moradores, empresas de serviços públicos e empresas privadas na inspeção dos 80 pontos de perigo de inundações e áreas de risco de deslizamento, zonas de desastre em potencial existentes na cidade.

Mauricio enfatizou que, além de usar energias limpas e renováveis, de mudar hábitos de consumo, ressaltando os hábitos alimentares, e de medidas de adaptação aos eventos climáticos extremos, a mais importante energia limpa e renovável é a energia da consciência humana. Ela pode imaginar e criar maneiras de lidar criativamente com as mudanças climáticas.

O seminário contou com a palestra do navegador Amyr Klink, que falou de suas experiências na Antártica e com a arquitetura naval.

30 de junho de 2013

## **A CALIFÓRNIA E O ORIENTE**



Fotos: Maurício Andrés Ribeiro

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro o texto sobre a Califórnia e o Oriente, que transcrevo abaixo:

“Na costa da Califórnia o sol se põe no Oceano Pacífico. Do outro lado do Oceano estão a China, o Japão, o continente asiático e mais adiante a Índia. A Califórnia recebeu muita influência do oriente, com os migrantes chineses, japoneses, indianos. Na Califórnia, a globalização começou há muitos anos e a mistura de povos é sentida em todos os níveis.

Havia centros de triagem para os migrantes que adentravam a baía de San Francisco. Criaram-se Chinatowns e proliferaram restaurantes de culinária cambojana, tailandesa, vietnamita e de outros países asiáticos.

Nos Estados Unidos, Los Angeles é o maior porto de intercâmbio comercial com a China e o Japão, e a partir dele se distribuem os produtos importados.

Jovens chineses, japoneses, indianos hoje disputam vagas e frequentam as boas universidades americanas.

Em Los Angeles e na Califórnia, yoga e hábitos alimentares veganos e vegetarianos se disseminam. A lei do karma hindu propõe que há débitos e créditos associados a cada ação humana, que podem somar positivamente ou negativamente, gerando débitos a serem pagos nessa ou em outra encarnação. Palavras sânscritas como karma são apropriadas no contexto dos serviços de crédito em San Francisco.

Na Califórnia há abertura para modos de vida e de consciência pioneiros. Há centro de educação de Jiddhu Krishnamurti em Ojai, perto de Santa Barbara. O Instituto Esalen, voltado para o conhecimento holístico, está no Big Sur.

Em Encinitas, perto de San Diego, um Centro de Auto realização dissemina as propostas espiritualistas de Paramahansa Yogananda. Situado na orla do Pacífico, com uma magnífica vista do oceano e do ar, mantém um jardim aberto ao público, propício à meditação e à contemplação.

A Sede do Centro de Auto Realização de Yogananda em Encinitas serve de hospedagem para os mestres. ”

3 de março de 2015

## **HISTÓRICO DA LUIZIÂNIA I**





Fotos de Maurício Andrés e de arquivo

Recebi de Maurício e Marília este texto, que considero um documento muito importante, como histórico da nossa fazenda:

“Vovó Malisa batizou como Luizânia a parte da fazenda da Barrinha que coube por sorteio ao Luiz. Como ele gostava muito de frequentar a antiga fazenda da Barrinha, que

ficou com a Tia Laura, era preciso fazer outra casa para permitir-lhe continuar frequentando a fazenda. Tio Beto demarcou a nova estrada, pelo topo do morro, necessária porque a ferrovia do Aço interromperia a estrada antiga. Maria Helena e Maurício saíram a cavalo para explorar as possibilidades de localização da nova casa e o local escolhido era próximo do pasto do Capão, onde havia fonte de boa água, e que era acessível pela nova estrada. Tio Beto estendeu uma mangueira da nascente, para verificar até que altura a água descia por gravidade e isso foi determinante para a escolha do local. A casa ficaria perto da antiga casa do Zé dos Santos, localizada junto às mangueiras, no caminho da Barrinha para a cidade. No local escolhido havia grandes pedras, restos de antigas construções já desaparecidas.

Em 1973 houve a partilha da Barrinha e em 1974 iniciou-se a construção da nova casa, juntamente com a casa do Retiro das Pedras, ambas projetadas por Maurício. Em 1975 houve a festa da cumeeira e o Luiz do Seu Pedro, um dos pedreiros, inscreveu a data de 1975 no reboco do fogão de lenha. João do Nango e outros pedreiros e carpinteiros trabalharam na construção, tio Beto os levava e trazia da cidade, e aproveitou para construir o novo curral nas proximidades. Vovó Malisa e Daniel ajudaram a plantar os pinheiros e pinus ao longo do caminho de acesso. Os vitrais azuis vieram de demolição da casa dos pais de Daniel na Savassi, em pagamento a Maurício por um projeto solicitado por Daniel. Outras janelas vieram de outras demolições, os móveis foram construídos com sassafrás e outras madeiras extraídas das matas da Barrinha.

A casa era frequentada principalmente nos finais de semana pela família de Luiz e Helena. Em janeiro de 1977 Luiz adoeceu, vindo a falecer em agosto daquele ano. Em outubro, Maurício foi para a Índia e em dezembro foi a vez de Maria Helena, Pá e Joaquim embarcarem. Eliana foi no ano seguinte. Em 1978 morreu vovó Malisa e algum tempo depois, vovô Artur. Em 1979, Euler e Iara casaram-se na casa da Luiziânia, onde moraram durante alguns anos, antes de construírem sua própria casa na proximidade. A casa passou por uma primeira reforma, com a construção de quartos onde era a garagem e da sala comprida que ocupou parte da varanda original. Trocou-se o telhado, carcomido por cupins.

A energia elétrica foi colocada com o dinheiro do painel de Maria Helena para a Cemig e uma segunda reforma na casa acrescentou-lhe o segundo andar para o atelier de Maria Helena, com recursos de heranças de vovô Euler em Belo Horizonte.

Durante alguns anos houve cotizações entre irmãos para a manutenção mensal de serviços, limpeza, reposição de equipamentos, pequenas reformas. Eliana assumiu o trabalho da administração, visando desonerar Maria Helena de preocupações, trabalho e despesas com a casa e seu entorno.

Somente na década de 90 foi feita a partilha dos terrenos da Luiziânia, sorteados entre os 6 irmãos, mantendo-se a casa e o terreno em volta como usufruto de Maria Helena. Um modelo possível seria o de uma aldeia na qual a proximidade entre as casas traz economias de escala e de infraestrutura, proteção e segurança, bem como evita a dispersão de construções em outras áreas, que poderiam causar impactos ambientais negativos, tais como a poluição das nascentes de água de boa qualidade que existe no Capão.

Em 1999 registraram-se as escrituras definitivas dos terrenos, depois de algumas transações em que Marília vendeu sua parte do capão para Maurício e Euler, Ivana vendeu a sua parte para Euler e Artur, ambas recebendo em troca frações dos lotes situados em Entre Rios de Minas, herança de vovô Artur e vovó Malisa. Artur e Regina construíram uma casa e infraestrutura em seu terreno e Eliana construiu uma pequena cabana em sua área. No ano 2000 Marília e Fernando reconstruíram a área de lazer em torno da casa matriz a partir do projeto desenhado por Serginho.

Decidiu-se delimitar uma área de 2 hectares para o condomínio da família mantendo um núcleo central em torno da casa matriz com churrasqueira, bica, horta e pomar e dividindo a outra parte desta área em seis lotes para os herdeiros, dando oportunidade de construção para os filhos que trocaram sua herança da fazenda por outras.

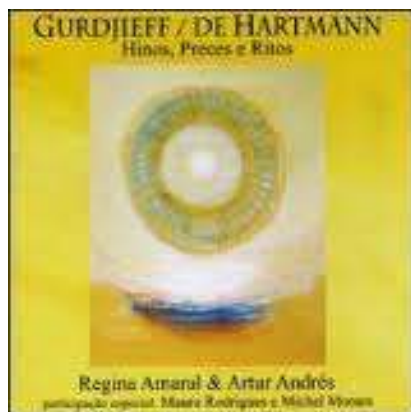
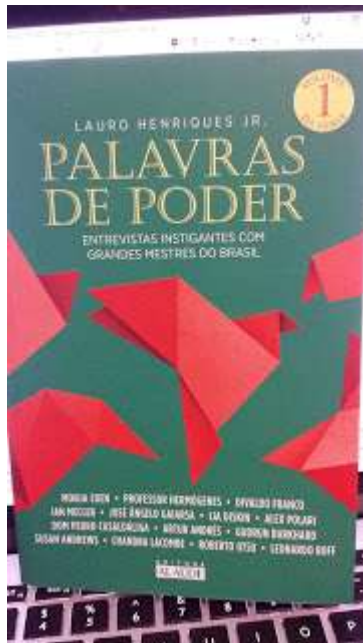
Projetou-se a convenção de um condomínio na Luiziânia com normas e regras que possam orientar a convivência daqueles que dela venham desfrutar.”

(Redigido por Maurício e Marília, em Belo Horizonte, 2000)

26 de setembro de 2016



## GURDJIEFF - PELAS VEREDAS DE SI I



Dando prosseguimento às nossas reflexões sobre arte e espiritualidade, manifestadas através de grandes artistas internacionais, especialmente pintores, vamos agora refletir sobre a arte e o desenvolvimento humano, uma proposta de Ivan Ivanovich Gurdjieff.

“Os índios Sioux contam que, certo dia, o Criador reuniu todos os animais da criação e disse: “Quero esconder algo muito importante dos seres humanos, que só lhes será revelado no dia em que estiverem prontos para isso. Trata-se da compreensão de que são eles mesmos que criam a sua própria realidade”. A águia logo falou: “Dê para mim, que vou levar este segredo para a lua”. “Não”, disse o Criador, “Um dia eles irão até lá e o acharão”. O

salmão, então, sugeriu: “Vou enterrá-lo nas profundezas do oceano”. “Não, eles também irão até lá”, respondeu o Criador. Foi a vez do búfalo: “Oh, Senhor, me dê, que vou enterrá-lo no fundo mais fundo das Grandes Planícies”. “Não adianta, eles rasgarão a pele da Terra e, mesmo lá, o encontrarão”. Foi quando a venerável toupeira, que, por viver no seio da Mãe Terra, não vê com olhos físicos, mas, sim, espirituais, disse: “Coloque esta verdade dentro do próprio ser humano”. E o Criador respondeu: “Está feito”.

Nascido na Armênia, então parte do Império Russo, Gurdjieff criou, no início do século 20, um sistema de ensinamentos que alia o treino intelectual a uma variedade de práticas, como meditação, música e dança. Influenciado pelas tradições orientais, como a dos sufis muçulmanos, ele chamava seu sistema de “trabalho sobre si”, enfatizando que o despertar espiritual se dá a partir de um esforço de perscrutar e transformar a si mesmo. “Uma frase emblemática de Gurdjieff é esta: ‘Não há injustiça no mundo. Tudo acontece exatamente como tem que acontecer. Se queremos mudar o curso de nossa vida, precisamos conhecer as forças que atuam sobre nós e, a partir dessa consciência, criar meios de nos libertarmos dessas forças’”.

Gurdjieff dizia que a humanidade vive num estado de sono hipnótico, como se fôssemos todos sonâmbulos. Basta olhar para ver o quanto vivemos nesse estado de letargia, fazendo as coisas de forma automática, sem consciência. Quase todas as nossas ações são de natureza mecânica. Nossas ações e nossas relações também. Por exemplo, passamos a vida inteira preocupados com o que os outros acham de nós, com o que podem pensar a nosso respeito. E vamos agindo em função dessa identificação com a opinião do outro, buscando ganhar a sua aprovação. Agora, será que aquilo que o outro pensa de mim é tão importante assim? Aliás, será que ele realmente está pensando algo de mim? Na maioria das vezes, a resposta é não. Mas eu não percebo isso. Assim como não percebo meu próprio corpo.

Ninguém se dá conta, mas estamos o tempo todo submetidos a milhares de tensões musculares inúteis, pura perda de energia. E essa tensão constante só existe por uma razão: achamos isso normal. É preciso rever esse desequilíbrio interno, tampar esses vazamentos de energia e atenção. E é aí que entra o que chamamos de “trabalho sobre si”. Se o ser humano quer, de fato, atingir todo o seu potencial, se quer sair desse estado vegetativo, despertar do sono que o escraviza, precisa buscar o conhecimento de si mesmo.

(Trechos da entrevista de Artur Andrés com Lauro Henriques Jr., publicada no livro “Palavras de Poder”, vol. 1, Editora Alaúde). Artur Andrés Ribeiro é doutor em música pela UFMG, onde leciona. É um dos fundadores do grupo Uakti e já trabalhou com Milton Nascimento, Paul Simon e Philip Glass. É um dos coordenadores do Instituto Gurdjieff de Belo Horizonte.

20 de dezembro de 2016

## PELAS VEREDAS DE SI II



\*Fotos da internet

Continuação da entrevista de Artur Andrés com Lauro Henriques Jr., publicada no livro “Palavras de Poder”:

“No livro Encontro com Homens Notáveis, Gurdjieff fala sobre como seria o ser humano ideal: “Só merecerá o nome de homem e poderá contar com algo que foi preparado para ele, desde o Alto, aquele que tiver sabido adquirir os dados necessários para conservar ilesos tanto o lobo como o cordeiro que foram confiados à sua guarda”. Nesse caso, a palavra

lobo simboliza o aspecto mais básico do ser humano, o que inclui os instintos, a parte motora, etc. Já o cordeiro simboliza o conjunto dos sentimentos. Ou seja, a questão não é matar o lobo, como a ideia defendida na cultura ocidental, de que se deve extirpar tudo o que é mais grosseiro, em nome de algo sublime, do alto. O desafio é ver que, na realidade, lobo e cordeiro são partes fundamentais de nossa essência. E cabe ao homem, por meio de sua consciência, criar condições para a coexistência dessas duas esferas de si.

É como aquela história popular, de um homem que tem um lobo, uma cabra e uma couve, e precisa transportar os três de uma margem para outra do rio. Acontece que ele só pode levar uma carga por vez no barco, e, se ficar vigilante, corre o risco de o lobo comer a cabra e de a cabra comer a couve. A solução da história não só exige que o barqueiro use de toda sua engenhosidade, mas também que ele não seja preguiçoso, pois, para atingir seu objetivo, terá de cruzar o rio várias vezes. Ou seja, só merecerá o nome de homem aquele que, com consciência, zelar por todos os aspectos de sua essência, todas as formas de seu ser.

Agora, no caminho até esse homem ideal, muitas vezes a maior dificuldade está justamente em dar o primeiro passo. Como o próprio Gurdjieff disse: “O trabalho sobre si mesmo não é tão difícil quanto desejar se trabalhar, e tomar essa decisão”. Exatamente. Não há nada mais difícil do que dar o primeiro passo, sair da inércia. Essa tomada de decisão é essencial. É como no caso de um carro, que precisa do start do motor para entrar em movimento. Depois que começa a andar, tudo fica mais fácil, ele se torna até um objeto mais leve.

Por exemplo, se você colocar o pé debaixo do pneu de um carro parado, vai sentir um peso enorme, de centenas de quilos. Agora, se o carro passar a 60 km/h sobre seu pé, talvez você nem sinta nada. Ou seja, a questão é dar esse start, é sair desse estado de preguiça mental, física, emocional, desse embotamento em que muitas vezes nos encontramos. E isso vale para qualquer coisa na vida. Seja para fazer um regime, praticar uma atividade física, meditar, realizar um trabalho de autoconhecimento. Não há passo mais importante do que o primeiro passo. Mas talvez o maior empecilho para dar esse primeiro passo seja a nossa mania de deixar tudo para amanhã. Como diz a frase que Gurdjieff escreveu no toldo de seu

centro de estudos na França: “Aquele que tiver se libertado da ‘doença do amanhã’ terá uma chance de obter o que veio procurar aqui”.

Sem dúvida, essa “doença do amanhã” é o que nos mantém passivos. Passamos a vida adiando aquilo que sabemos que deve ser feito, deixando tudo para o outro dia. É uma espécie de entendimento deturpado da teoria das encarnações, achando que está tudo bem se eu não fizer as coisas agora, pois terei infinitas vidas para resolver isso. Pura ilusão. Uma vida é perfeitamente suficiente para a pessoa resolver todas as suas questões, mas, para isso, tem que se trabalhar. Não dá para deixar tudo para amanhã. Afinal, ninguém sabe o que vai acontecer daqui a um minuto, muito menos daqui a 24 horas. Por exemplo, será que vou estar vivo amanhã? Este é um ponto essencial: nos lembrarmos de que a morte pode ocorrer a qualquer momento. Gurdjieff criou até um exercício para isso: várias vezes ao dia, a pessoa deve parar, por 1 ou 2 minutos, e rever o que fez na última hora que passou, como se fosse sua última hora de vida. E, daí, deve se perguntar: “Se eu morresse agora, estaria feliz com o que fiz nessa última hora? Será que, de fato, fiz o meu melhor, fui mais aberto às pessoas, mais compassivo, mais atento a mim mesmo?”. Essa consciência da morte muda nossa relação com a própria vida. Em vez de ser algo que nos dá pânico, a morte se torna uma aliada, que nos mantém mais conscientes do que devemos fazer. Aí, então, já não existe mais essa “doença do amanhã”, essa preguiça existencial – a vida é hoje.” (Trechos da entrevista de Artur Andrés com Lauro Henriques Jr., publicada no livro “Palavras de Poder”, vol. 1, Editora Alaúde) \* Artur Andrés Ribeiro é doutor em música pela UFMG, onde leciona. É um dos fundadores do grupo Uakti e já trabalhou com Milton Nascimento, Paul Simon e Philip Glass. É um dos coordenadores do Instituto Gurdjieff de Belo Horizonte.

20 de dezembro de 2016

**GURDJIEFF - PELAS VEREDAS DE SI III**



\*Fotos da internet

Dando continuidade ao depoimento de Artur Andrés sobre os exercícios que Gurdjieff ensinava para seus seguidores, transcrevo o texto abaixo:

“Para acabar com essa preguiça existencial, uma das propostas de Gurdjieff é colocar o corpo para se mexer, por meio da prática de uma série de movimentos e danças sagradas desenvolvidas por ele.



Gurdjieff dava enorme importância à percepção do corpo, que ele dizia ser uma porta de acesso a níveis impossíveis de serem atingidos só com a mente. Por isso, criou os movimentos e danças sagradas. Assim como as danças giratórias dos dervixes sufis, esses movimentos demandam tanta atenção para serem executados que, com isso, a pessoa entra num estado de consciência mais afinado.

É similar ao que ocorre com diversas outras práticas corporais, como a yoga, o tai chi ou o kung fu, todas extremamente válidas. No caso das danças sagradas, elas ainda trabalham junto com a música, que ajuda ainda mais a estabelecer uma profunda conexão interior.

Na realidade, a música não tem outra função além desta, nos despertar para níveis superiores de consciência. No caso das músicas compostas por Gurdjieff, elas trabalham com base na lei de ressonância. Por exemplo, quando se toca uma determinada nota num instrumento, se há outro instrumento próximo, ele ressoa a mesma nota. E o mesmo acontece conosco. Quando determinada melodia é tocada, nosso universo interior também ressoa essa melodia, na mesma intensidade. Assim, a música não só toca o nosso centro emocional, os nossos sentimentos, como os transforma, nos colocando num estado mais harmonioso, em sintonia com as vibrações superiores de nossa alma.

Gurdjieff também criou exercícios para se desenvolver o autoconhecimento durante as tarefas do cotidiano. Esses exercícios servem para estimular o que chamamos de lembrança de si. Um deles é simples: durante todo o dia, você vai carregar algum objeto, um jornal, por exemplo, mas não vai ler. Você deve levá-lo com você o tempo todo, numa reunião na empresa, no almoço, seja onde for, você leva o jornal, mas não lê. A função desse jornal é apenas servir como um “despertador”, para que, sempre que olhar para ele, você se lembre-se de si mesmo, de qual é o seu propósito na vida. Ou você pode botar um bago de feijão dentro do sapato; pode usar um modelo de tênis num pé, e outro modelo no outro; pode usar meias de cores diferentes. Cada atitude dessas é um despertador para ajudá-lo a acordar. Em geral, se usa cada objeto durante uma semana. Depois disso, ele começa a perder o efeito, e a pessoa deve achar outro despertador.

Um outro “despertador” que Gurdjieff recomendaria consiste numa situação interessante: sempre que passar debaixo de uma porta, você deve procurar lembrar-se de

si, de sentir a si mesmo passando sob aquela porta. Parece simples, mas, na maioria das vezes, a pessoa só se lembra do exercício, ou seja, só se lembra de si mesma após ter atravessado a porta.

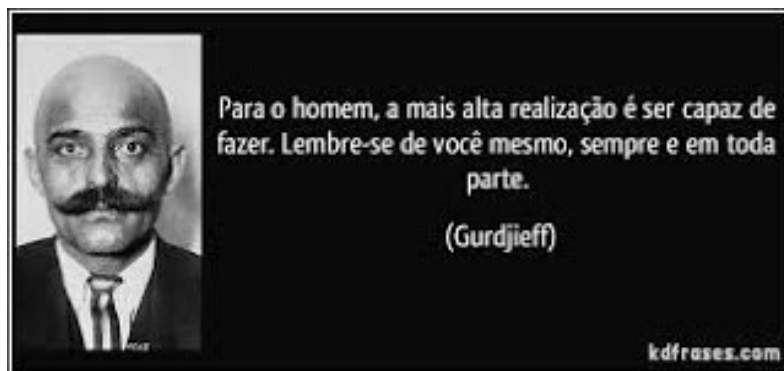
Isso mostra o nosso nível de desatenção, de desconexão interior. Por isso, na base de tudo, está o exercício da lembrança de si. E o que é essa lembrança de si? É eu me dar conta de que, ao mesmo tempo em que estou com a atenção voltada para fora, outra parte da atenção também é direcionada para mim. Este é o ponto-chave: se você consegue lembrar-se de si a cada instante da vida, está resolvido o problema.

Isso, claro, não quer dizer que seja uma lembrança só da cabeça. É preciso incluir todo o organismo nesse processo. Saber relaxar o corpo conscientemente, por exemplo, é muito importante, pois é através da sensação corporal que vou entrar em meu edifício interior. A porta de entrada é sempre o corpo. A sensação corporal deve estar sempre presente.

Com isso, uma simples conversa pode se transformar numa oportunidade de trabalho interior. Consiste em procurar estar presente a meu corpo, sentir alguma parte de mim mesmo, falando de um lugar central de meu ser, em vez de ficar tagarelando a partir da cabeça. .” (Trechos da entrevista de Artur Andrés com Lauro Henriques Jr, publicada no livro “Palavras de Poder”, vol. 1, Editora Alaúde)

26 de dezembro de 2016

#### PELAS VEREDAS DE SI IV





Dando continuidade ao depoimento de Artur Andrés sobre os pensamentos de Gurdjieff, transcrevo o texto abaixo:

“Segundo Gurdjieff, a fala é uma das situações em que somos mais inconscientes. Na maioria das vezes, nos esquecemos de que falar é algo tão contundente quanto uma ação física. Não é à toa que, em praticamente todas as tradições espiritualistas, o silêncio é considerado uma ferramenta valiosa. Por exemplo, uma das principais causas de vazamento de nossa energia é a expressão repetida de emoções negativas. Como aquelas pessoas que estão sempre reclamando de tudo. Se o tempo está nublado, a pessoa reclama da chuva, se faz sol, reclama do calor, e por aí vai. É muito importante prestar atenção quando dizemos alguma coisa dessas, expressando inconscientemente essas emoções negativas, e ver o efeito que isso gera em nós, pois o efeito é só um: perda de energia.

Uma das frases mais emblemáticas de Gurdjieff é esta: “Não há injustiça no mundo”. Quando se tenta compreender isso, começamos a perceber que toda e qualquer situação da vida, cada evento por que passamos, acontece exatamente como tem que acontecer. Se quisermos mudar o curso de nossa vida, precisamos conhecer as forças que atuam sobre nós e, a partir dessa consciência, criar meios de nos libertarmos dessas forças ou, pelo menos, de conseguirmos vê-las, pois a visão já é uma porta para a liberação interior.

*Segundo Mikhail Naimy, em seu “O Livro de Mirdad”, este é o caminho que leva à liberação das preocupações e da dor: “Pensai como se cada um de vossos pensamentos tivesse de ser gravado a fogo no céu para que todos e tudo o vissem. E, verdadeiramente, assim é. Falai como se o mundo todo fosse um único ouvido, atento a escutar o que dizeis. E,*

*verdadeiramente, assim é. Agi como se todos os vossos atos tivessem de recair sobre vossa cabeça. E, verdadeiramente, assim é.”*

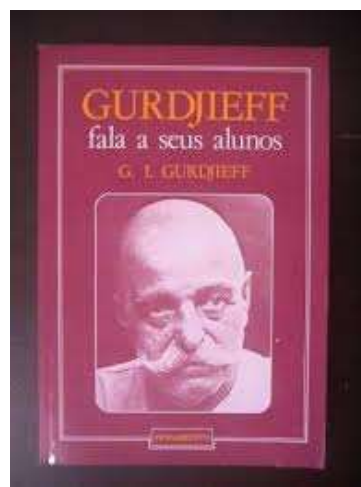
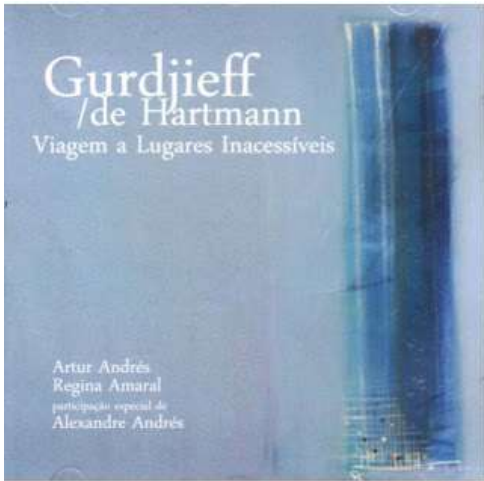
Em relação a essa liberação interior, até agora falamos de uma busca que a pessoa realiza por si mesma.

Para a educação de jovens e crianças, Gurdjieff sugere que os jovens sejam preparados para enfrentar os embates do cotidiano de uma forma diferente da que vem ocorrendo em nossa cultura, em que a educação fortalece muito o aspecto da comodidade, dos pais tentando ao máximo proteger os filhos dos desafios da vida. O resultado disso, como se vê, é uma geração de jovens desconectados da realidade.

Em oposição a isso, Gurdjieff incentiva a educação através do contato com as várias faces da existência. Muita coisa ele aprendeu com o próprio pai. Ele o levava para tomar banho nas águas geladas do inverno russo. Outras pessoas contam como, aos seis anos de idade, se criavam situações para elas trabalharem o medo. O pai de uma criança a levava para acampar na floresta e, chegando lá, dizia: “Vamos fazer uma fogueira, pois aqui tem muitos lobos, mas eles não se aproximam do fogo. Assim, se você mantiver o fogo aceso, não tem perigo”. Mas logo o pai sumia e, por mais de uma hora, a criança ficava sozinha, cuidando de manter o fogo aceso. Claro, o pai estava por perto, vendo tudo de trás de uma árvore, mas, para a criança, era todo um processo de descoberta da atenção e da coragem.” (Trechos da entrevista de Artur Andrés com Lauro Henriques Jr, publicada no livro “Palavras de Poder”, vol. 1, Editora Alaúde)

3 de janeiro de 2017

**PELAS VEREDAS DE SI V**



Dando continuidade ao depoimento de Artur Andrés sobre os pensamentos de Gurdjieff, transcrevo o texto abaixo:

“A sua vida, exatamente como ela é – neste emprego, nesta família, neste contexto social – é a condição ideal para que você possa se trabalhar. Ninguém precisa ir para uma caverna para atingir a iluminação. Tudo no mundo pode ser material de aprendizado. A grande questão é desenvolver uma atitude generosa perante a vida, uma aceitação plena em relação ao próximo. E é apenas ao trabalhar sobre si, aceitando suas próprias contradições, que alguém se torna capaz de exercer isso em relação ao outro. Senão, ocorre o que vemos o tempo todo: o sujeito lê mil livros, faz isso e aquilo, mas está sempre julgando as outras pessoas. De novo, a palavra é aceitação. É esse o desafio, e é para dar conta dele que estamos aqui.”

O filósofo Friedrich Nietzsche dizia que uma espécie de oração de cada pessoa ao iniciar o dia deveria ser um pensamento do tipo “Hoje vou dar alegria a alguém”.

Uma oração que sempre acompanhava Gurdjieff foi lida por ocasião da sua morte: “Que Deus e todos os seus anjos nos preservem de fazer o mal, ajudando-nos sempre e em toda parte a nos lembrarmos de nós mesmos”.

Gurdjieff dizia:

"Um de meus maiores aprendizados foi reconhecer que há muita coisa a ser feita e que, sem um trabalho constante sobre mim mesmo, não terei chance alguma de ajudar nesse processo. Foi compreender que liberdade não significa fazer apenas o que é mais cômodo, o que me dá mais prazer, mas que liberdade é aprender a fazer o que deve ser feito. Uma pessoa virtuosa é aquela que se dá conta de sua própria nulidade, de que, na verdade, não sabe nada. É alguém que, a partir dessa visão, desse não saber, permanece aberto a aprender. Acredito que a busca do silêncio interno seja uma das grandes metas do trabalho interior. Somente quando estamos apoiados nessa condição de um maior equilíbrio interno é que podemos, pouco a pouco, aprender realmente a ouvir, a ver, a sentir. A habilidade de tocar um instrumento, de fazer música e, ainda, de ouvi-la, depende essencialmente dessa busca."

Segundo Gurdjieff: “O silêncio não é a ausência de sons, mas a ausência do ego”.

Site: [www.gurdjieff.org.br](http://www.gurdjieff.org.br)

CDs:



*Cantos e Ritmos do Oriente (Gurdjieff/de Hartmann)*, de Artur Andrés,

Mauro Rodrigues e Regina Amaral (Sonhos e Sons)

*Hinos, Preces e Ritos (Gurdjieff/de Hartmann)*, de Artur Andrés e Regina

Amaral (Sonhos e Sons)

Minhas reflexões após a leitura dos textos de Gurdjieff:

Esquecer as coisas é um fato. Todo ser humano esquece. Será falta de memória ou falta de atenção? Os yogues falam muito sobre a atenção no agora. Prestar atenção nos acontecimentos e como eles nos atingem interna e externamente. Não atuar mecanicamente, mas estar atento a tudo. Não pensar, ver.

Vou observando as minhas distrações, tomo consciência delas. Depois vou observando outros distraídos e tento me consolar com isto. Ser distraído é não estar presente, não viver o momento, estar com a cabeça no passado ou no futuro.

16 de janeiro de 2017

## LENÇÓIS MARANHENSES





Fotos: Ivana Andrés e Teresa Andrés Rolim

“É bom viajar para um lugar onde o turismo ainda não chegou. ”

Assim começa o depoimento de Teresa, minha neta, atual presidente do IMHA:

“Viajamos às 3 e meia da manhã para os “Lençóis Maranhenses.”

O motorista da condução, percebendo que não tínhamos muito dinheiro nos convidou para ficarmos na sua casa em Santo Amaro, um lugarejo com nome de cidade, mas com no máximo 50 casas. É onde começam os “Lençóis Maranhenses”.

É o único deserto em que a miragem é verdadeira. Imagine uma área de dunas de areias brancas do tamanho da cidade de São Paulo, com lagoas cristalinas. Ali, sendo um parque nacional, é proibido a passagem de jipes ou carros. Tivemos que seguir viagem andando com as nossas mochilas às costas acompanhados por um guia local.

É incrível a experiência de viajar pelas dunas, pois elas oferecem uma visão completamente diferente de tudo que conhecemos. Caminhamos no primeiro dia 7 horas até um oásis, ilhas verdes no meio de deserto onde vivem algumas famílias.

No meio das dunas o sol se põe transformando em luz alaranjada todo o cenário fantástico do deserto. Ali encontramos piscinas naturais onde pudemos nos banhar durante a travessia.

O objetivo era atravessar os grandes lençóis, conhecendo mais a paisagem, sentir o povo, seu modo de vida, seus costumes.

As construções são de palha e madeira e as famílias nos receberam com simpatia e hospitalidade.

Acordar no meio do deserto, ver o sol se pôr e o sol nascer, perceber a noite que se aclara com o reflexo da areia. Vimos a lua crescente iluminando o nosso caminho, quando partimos ainda escuro no dia seguinte.

No final da caminhada enxergamos o mar também com areias branquinhas. Aproveitamos a maré baixa para continuar nossa caminhada por mais 6 horas até Atim, um povoado no outro extremo do parque. A travessia deste deserto foi uma experiência muito forte, um desafio ao nosso desejo de conforto.

Sentimos saudades das mordomias de nossa vida cotidiana; não podíamos carregar muita coisa e o desafio vencido nos trouxe um sentimento de que conseguimos superar o medo, o cansaço e a necessidade de conforto.

A volta até Barreirinhas foi feita num barquinho local, subindo o rio Preguiça. Atravessamos o Igarapé com mangues altíssimos, cheios de macacos, quatis e aves brancas voando pelos céus desta região do Brasil.”

Ivana também esteve no Lençóis Maranhenses há poucos meses e deixou o depoimento abaixo:

“Não existem palavras que possam descrever a paisagem das lagoas azuis entre as dunas brancas, centenas de montanhas de areia fina e macia. As montanhas, ora são recortadas “a faca”, formando esculturas, ora arredondam-se sensualmente. Entramos em duas lagoas e a água quente e leve nos recebeu como um ventre. Toda essa água veio das chuvas que caíram há poucos meses e em quase todas as lagoas ela irá secar. Apenas uma delas, a lagoa do peixe irá permanecer, criando inclusive seus pequenos peixes. Outra também irá ter os peixinhos vindos de ovos que adormeceram no leito seco.”

## A VENDEMMIA



\*Fotos de arquivo e da internet

O texto abaixo foi retirado de uma carta da Teresa, minha neta, filha do Euler e Iara. Teresa nasceu e foi criada na fazenda Luizianiã, em Entre Rios de Minas. Casou-se com Alberto Sica, professor de uma escola antroposófica na Toscana, Itália. É uma região com

paisagens lindas, semelhantes às nossas, do Campo das Vertentes, onde ela nasceu. A colheita de uvas na Itália é uma tradição daquele país.

“Semana passada terminei a “Vendemmia”, a colheita das uvas para fazer o vinho. Adoro a ideia que existe um verbo (e um substantivo, claro) para essa atividade. Eu vendemmio, você vendemmia... A tradução é livre, mas a palavra é usada. E dá toda uma cor diversa ao início do outono aqui na Toscana. É um período particular, e todo mundo de alguma maneira sabe o que está acontecendo. Você pode chegar atrasado a algum compromisso porque encontrou um trator com uma carreta de uvas pela estrada (se formam filas enormes atrás deles), ou a sua casa vem invadida pelo perfume da fermentação. Parece um eterno pão de “pasta madre” no forno.

Tem carros estacionados nos lugares mais estranhos e você acaba vendo umas cabecinhas no meio do vinhedo.

Eu tinha feito a “Vendemmia” 6 anos atrás, quando a Itália ainda era uma viagem com data de ida e volta. Me lembro que na época fiquei impressionada, mas não entendia nada do que eles falavam, apesar de já saber um pouco de italiano. Realmente não é suficiente conhecer o italiano para isto, principalmente na Toscana. Me explico contando sobre as pessoas que trabalham na “Vendemmia”. O mais normal é encontrar velhos (e velhas) toscanos neste trabalho, além de jovens, muito jovens. Claro que no momento existe uma grande mudança no perfil da mão de obra e essa matemática não é sempre correta. Mas a base é esta: velhos misturados a jovens. Os velhos porque têm um conhecimento e uma força de resistência tal, que são capazes de trabalhar mais que os jovens. Os jovens porque ainda não têm um trabalho estável. Para quem não sabe, a língua italiana nasceu do dialeto toscano, porque os grandes escritores da antiguidade italiana eram toscanos. Isso pra dizer que o toscano pensa que fala bem o italiano e acaba por misturar palavras italianas com o dialeto, além de omitir alguns sons. O toscano é famoso também por dizer muito palavrão. Na verdade, não é palavrão, mas bestemias (não lembro se tem em português esta palavra, é quando você usa palavras santas com um sentido de palavrão). Então dá pra imaginar qual é o clima da “Vendemmia”: os velhos é que dão o ritmo e os tons, com uma língua cheia de palavras típicas, entre palavrões e brincadeiras de conotação sexual. Sim, este é o outro hit da “Vendemmia”, não me entendam mal, nada exagerado, mas sempre com um pouco de

malícia. Alguns defendem que é para passar o tempo. Mas todos estão de acordo sobre o mesmo ponto: aquilo que é dito nos vinhedos fica dentro dos vinhedos. É quase uma seita.

Uma seita não é, mas tem algo de místico na “Vendemmia”. A uva, essas filas de parreiras longas, o sol do outono que já é diferente, a exaustão do corpo físico, tudo junto te leva a um estado de felicidade estranha, parece uma realização antiga, como uma homenagem a um deus. No caso seria Baco.

Depois tem o gosto especial de saber que daquele trabalho vai vir um vinho, melhor ou pior, dependendo de tantos fatores. Alguns deles você vai aprendendo enquanto colhe. Se choveu muito e tem muito mofo na uva, se deve-se colher uma certa uva (que dá cor) e com qual outra uva misturar. Se a uva de ontem está fermentando bem. Enfim, aqui começa um outro mundo.

Estar nos vinhedos me deu as melhores vistas da Toscana. E tantas vezes me vinha vontade de dividir essas "imagens" com pessoas queridas, tantas das quais passaram por aqui este verão. Mas o melhor jeito de relembrar essa experiência será tomarmos juntos o vinho “Majnoni safra 2018” (sem nenhuma intenção de fazer publicidade).

Avoé bacantes! (não era assim a saudação do reino de Baco?)

Um abraço,

Teresa.”

22 de outubro de 2018

**ARAMITÃ por Tereza Andrés**





\*Fotos de Tereza Andrés Rolim e Alberto

Nestes dois meses que já estamos em casa, de quarentena, eu e o Alberto, temos feito uma escolinha para os nossos sobrinhos. No começo para eles, Antônia, Pedro, Rosa Maria e Olivia, mas logo se juntaram Catarina e Francisco, filhos dos nossos vizinhos e amigos.

A ideia nasceu já na viagem vindo para a fazenda, onde estamos passando grande parte da quarentena.

Nós, adultos, tínhamos apenas começando a trabalhar em BH. Cada um na escola do seu encontro. Depois de seis meses de experiências variadas, viagens, estávamos cheios de entusiasmo e energia para um ano letivo que logo foi interrompido. A escolinha com os sobrinhos na fazenda foi uma maneira de construirmos algo durante esta quarentena. Além de ter dado ritmo a nós e às crianças, alimento tão saudável neste período de tantas incertezas.

A escolinha logo foi batizada como Aramitã. Nome indígena de uma lenda que conta

desde a criação do mundo até o surgimento de um novo povo, sem distinção de cor. Povo dourado, tradução literal. Povo do futuro. União e não divisão.

A placa foi preparada de surpresa pelas crianças e hoje recebe quem vem nos visitar na sala de aula improvisada em um galpão nos fundos da nossa casa. As paredes são de chita florida, os quadro negros se apoiam em pilastras e onde mais for possível, as vezes pendendo do alto, encostados nas paredes voantes de tecido.

Esta é a sala das crianças maiores.

O "Jardim" acontece dentro da nossa pequena casa onde criei um cantinho com almofadas para descansarmos, cantarmos e contarmos histórias.

Muitas coisas já aconteceram nestes dois meses de escolinha. Tivemos a visita dos primos Gabriel e Vitor, encontros com os pais e avós, fizemos uma pequena horta, com direito a preparado biodinâmico, e agora fomos presenteados com a chegada de duas novas primas que vieram também fazer a quarentena aqui. Cora e Cecília trouxeram a alegria e o movimento dos primeiros anos de vida aos nossos encontros diários. Os maiores construíram um caderno com os desenhos de forma que fizeram na primeira "época" da escola, agora estão envolvidos no desafio de construir uma casinha de barro. Os preparativos envolveram uma caminhada até o rio para pegar o barro. E outra aventura para achar areia.

Nós no Jardim trabalhamos nossa força de vontade verso a doação ao mundo: preparamos todos os dias a merenda para todos. Educamos nossas mãos brincando de cozinhar. As crianças do jardim são importantes conhecedoras de um segredo que só virá à tona na hora da merenda: qual o prato do dia. Bolos, biscoitos, tortos que nascem de mãos pequeninas e trabalhadeiras. Já as crianças maiores ajudam a servir e na arrumação. Eu adoro a hora da merenda. Neste momento estamos todos juntos, agradecemos, lanchamos e também conversamos muito.

É assim que passamos nossas tardes nesta quarentena. Grandes e pequenos. Para nós tios é um grande presente vivenciar essa experiência, que fazemos normalmente com tantas crianças no nosso trabalho, com os nossos sobrinhos.

As crianças se divertem com a autonomia que a fazenda proporciona: irem a pé e sozinhos para a escola. Às vezes com alguma parada para ver os bezerrinhos. Um dia vimos até um nascendo! Experiência única. De um tempo único.

Minha avó diz sempre que devemos aproveitar este tempo e produzir arte. Essa é a nossa.

9 de junho de 2020

## TIO DOUTOR



Fotos: internet

Minha irmã Lourdes me enviou o depoimento abaixo sobre o tio Doutor:

"No Velho Serro, as famílias determinavam o futuro dos filhos, assim que nasciam. O mais velho seria doutor e o segundo padre. Os outros trabalhariam nas fazendas, na mineração ou teriam emprego público.

João Ferreira de Salles era o irmão mais velho de minha avó. Por ser o mais velho, ficou conhecido e era chamado de Doutor. Dentro e fora da família. Por ironia do destino, veio a ser o único que não se formou. Nós, seus sobrinhos netos, o chamávamos de tio Doutor.

Feio, baixinho, vesgo, de olhos azuis, cabeça grande, esquentado e briguento. Tio Doutor era o protetor dos filhos homens de vovó. Até meu irmão Paulo, que era seu sobrinho neto, fazia parte dos prediletos. Cheio de manias, vivia resmungando.

Seus pais haviam morrido cedo e deixado dez filhos órfãos.

Tio Doutor ficou morando com meus avós, junto com suas irmãs Chiquinha e Doninha.

Ainda menina, me acostumei a vê-los no Rio, conversando e fumando cigarros de palha, hábitos que eles trouxeram do interior e não abandonaram. Esse meu tio avô teve sempre seu quarto reservado em casa de vovó.

Era funcionário da polícia. Saia cedo de casa mal cumprimentava quem encontrasse.

Acomodava a dentadura com grande barulho, olhava em volta com seu olhar vesgo e ia para o trabalho. Tinha o hábito de reclamar de tudo e de todos. Frequentava roda de jogo em casa, quando toda a família tomava parte. Foi lá, na casa da rua Souza Lima, que ouvi contar várias vezes das aventuras dos irmãos Salles, entre elas uma história de tio Doutor passada no Serro, onde todos moravam.

Tio Doutor era mais de ouvir do que de contar. Quando necessário, fazia companhia aos sobrinhos, e tinha amigos fora da família. Mas era personagem de muitos casos.

Saia todas as noites para tomar uma cachacinha e discutir política com os amigos.

Numa destas discussões, não se sabe porque, armou encrenca com um coveiro da cidade. Uma briga feia, em que os dois briguentos se tornaram inimigos para o resto da vida. Apesar de tudo, como a cidade era muito pequena, encontravam-se com facilidade.

Sempre que se cruzavam, um mudava de calçada e resmungava desaforo por entre os dentes. A inimizade já durava muito tempo.

Começou a temporada fria no Serro. O vento cortante entrando até os ossos. Tio Doutor adoeceu. Febre alta, tremores e dores no corpo todo. Doutor Tolentino foi chamado (Era medico que atendia a cidade). Receitou os remédios da época, recomendou ficar de cama, mas a febre não passava. A gripe se transformou em pneumonia e o estado do tio Doutor se agravou. Suadouro para baixar a febre, ventosas nas costas (nunca eu soube para que). E a vigília dos irmãos por conta da doença prolongada.

Nas casas antigas do interior de Minas, os quartos tinham janelas dando para a rua. As pessoas passavam evitando fazer barulho para não incomodar o doente. O coveiro soube do estado grave do paciente e resolveu provocá-lo. O coveiro bateu na janela: - Estou te

esperando... (Tio Doutor, com febre alta, não entendeu). O tratamento não dava resultado e o paciente continuou agonizando. No dia seguinte, repetiu-se a cena: o coveiro bateu na janela e gritou: -Estou à sua espera.

Tio Doutor entendeu vagamente, mas não teve forças para responder.

Sempre ao anoitecer, quando o coveiro terminava o serviço no cemitério, passava por lá e fazia a provocação. A família estava ficando indignada, solidária com o moribundo.

Depois de uma semana, uma voz alta gritou: -Como é? Não vem? Está demorando muito...

Tio Doutor reagiu de maneira inesperada. Tirou forças ninguém soube de onde. Gritou meia hora. Suou tanto que trocaram de lençol três vezes. Deixou os acompanhantes assustados, porque saltou da cama e esbravejou sacudindo as cobertas e xingando o seu inimigo de todas as formas possíveis. Caiu na cama meio desmaiado, por causa do esforço, dormiu um dia inteiro e acordou completamente bom.

O frio continuou, o coveiro não passou mais, e mandaram celebrar uma missa em ação de graças pelo restabelecimento de tio Doutor.

Para quem é a missa? - perguntou o padre.

-É para João Ferreira de Salles.

-Não, responde ele, que estava perto. Este é o nome de meu pai e ele vai tomar a minha missa. E eu não quero ficar sem a missa.

-Como fazer?

- Põe missa para João Ferreira de Salles e diz: não é o pai, é o filho

- Se ninguém sabe o que acontece do lado de lá, é melhor eu garantir a minha missa

Tio Doutor ainda durou muitos anos. Viveu por muito tempo, sempre solidário com os sobrinhos homens. Morreu de ataque de uremia, muitos anos depois, no portão da casa de vovó na rua Sousa Lima, em Copacabana."

10 de março de 2011

**NOSSA INFÂNCIA I**



Fotos: internet

Minha irmã Lourdes me enviou o depoimento sobre nossa infância, que transcrevo abaixo:

"Morávamos em uma casa grande de dois andares na Av. Afonso Pena, a principal avenida de Belo Horizonte.

A casa de número 2.764 estava situada no alto da avenida, perto da casa de meu avô, que morava na rua Piauí. Éramos três irmãos naquela época, eu, Helena e Paulo.

Na frente, e no lado esquerdo da casa, havia um jardim com canteiros de flores variadas.

Cada um de nós tinha um canteiro para tomar conta. O meu ficava no centro do jardim, na frente da casa. Era redondo, cercado de grama pelo de urso e todo plantado de miosótis.

Meu jardim tinha grande efeito visual, todo de flores rasteiras de cor azul claro.

Eu o regava todos os dias, tirava o mato, e olhava, para ver se não tinha praga.

Mamãe não me deixava colocar esterco para adubar a terra porque tinha medo de tétano.



O esterco era colocado por nosso jardineiro, um velhinho que trabalhou muitos anos lá em casa.

O canteiro de Helena era comprido, cheio de monsenhor branco. Também era tratado por ela diariamente.

O canteiro de Paulo ficava perto do muro, somente de samambaias muito verdes e dobradas. Junto ao muro tinha umas begônias cheias de flores em cachos.

Eram os caules destas begônias que tirávamos para mastigar. Nem pensávamos que poderiam ser venenosas.

Depois de regar o jardim, eu e Helena íamos brincar de casinha de boneca, enquanto Paulo jogava bolinha de gude no terreiro de terra socada, juntamente com Geraldo filho de tia Lolô.

Tia Lolô chamava-se Leonor e era uma pessoa muito bonita.

Era elegante e andava muito bem vestida, tudo feito em casa por ela mesma.

Geraldo era filho adotivo. O filho verdadeiro de tia Lolô chamava-se Fernando, um menino muito lindo, com o cabelo todo cheio de cachos.

Morreu com dois anos de idade, de tuberculose galopante.

Mamãe contava que a empregada levava Fernando para brincar na casa vizinha.

A vizinha era tuberculosa. Fernando apanhou e morreu em dois meses. Naquele tempo não haviam antibióticos.

Tia Lolô nunca mais teve filhos e resolveu adotar Geraldo, sobrinho do tio Manoelzinho, seu marido. Pessoa muito prevenida, levava sempre consigo coisas úteis como uma vela, um canivete, uma rolha, um rolo de barbante e uma chave de fenda pequena, caso fosse necessário. Nas festas de família, caso acontecesse algum imprevisto, recorríamos a ele.

Paulo brincava com Geraldo, quase da mesma idade e nós corríamos em volta dos canteiros e em torno da casa, brincando de esconde-esconde.

A nossa casa tinha dois pavimentos. O escritório de papai era na parte de baixo no porão: 3 quartos com estantes cheias de livros, uma mesa muito bonita e cadeiras para alguma visita. Nunca vi nenhuma visita, papai gostava de ficar sozinho.

Naquele lugar de trabalho muito limpo e arejado, ele se isolava para ler e estudar.

Nas manhãs geladas de Belo Horizonte corríamos para o quintal sob o sol quente, sol de sertão, com um céu muito azul, de um azul que só existe em Belo Horizonte.

Brincávamos no quintal de terra batida, perto do galinheiro, vendo as galinhas ciscando, os galos cantando, e os pintinhos passeando atrás da mãe.

Galinhas eram gordas, mas nós não deixávamos matá-las.

Para fazer galinha ao molho pardo, alguém tinha que ir ao mercado comprar.

As nossas conhecidas eram nossas amigas e não podiam ser mortas.

Depois do banho, numa banheira grande, duas horas da tarde, com o sol batendo direto na banheira, mudávamos o local de brincar.

Passávamos para uma área atijolada onde pulávamos corda, traçávamos amarelinha e chamávamos os vizinhos para brincar.

Às vezes deitávamos no chão e ficávamos vendo as nuvens passarem em grandes flocos.

Formavam castelos e bichos de todas as formas.

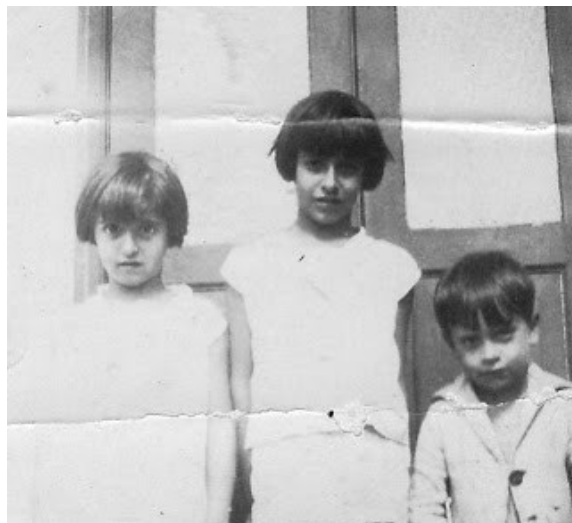
Uma romãzeira, carregada de romãs, ajudava a enfeitar a paisagem do pátio atijolado. As mangueiras do vizinho ficavam cheias de mangas bem na nossa frente.

E a noite, o perfume de dama da noite, tomava conta da cidade misturando-se com o perfume de magnólia. As magnólias eram plantadas nas calçadas que se chamavam passeios.

Isto aconteceu há tanto tempo, tanto tempo e, no entanto, parece que foi ontem."

9 de janeiro de 2011

## NOSSA INFÂNCIA II



Fotos: arquivo pessoal

Minha irmã, Lourdes Figueiredo continua seu depoimento sobre a nossa infância, que transcrevo abaixo:

"Não tínhamos nem rádio nem televisão nem telefone. Mas tínhamos uma coisa que hoje é difícil de ter. Convivência com os vizinhos, brincadeiras inventadas. Bolinhas de gude para os meninos. Paulo tinha bolinhas de vidro de todos os tamanhos e de todas as cores. Lindas, de fazer inveja. Pião, que jogava com Geraldo, apostando para ver quem ganhava. As meninas jogavam bilboquê e, mais tarde, veio o campeonato de ioiô. O bom mesmo era brincar de roda.... Cantávamos, formando roda com tantas crianças de mãos dadas que ia de um lado ao outro da rua. Todas as crianças vizinhas participavam. Cantávamos a plenos pulmões, com voz esganiçada: "Põe aqui, põe aqui, o teu pezinho, o teu pezinho, põe aqui, põe aqui bem junto ao meu, bem junto ao meu. Ao tirar ao tirar o teu pezinho, o teu pezinho, um abraço, um abraço dou-te eu, dou-te eu. Olha a rolinha, doce, doce, caiu no laço, doce, doce, embarçou-se, doce, doce no nosso amor." "Pai Francisco entrou na roda ...tocando seu violão...Blim, bão...bão." Papai ficava da janela olhando a roda. Comentava com mamãe: - "Que menina é aquela?" Não sei, deve ser da vizinha. "A vizinha tinha se mudado naquele dia e a menina já estava brincando conosco. Chamava-se Mara. Mara tinha mais duas irmãs, Ophir e Belquis. Fui eu que fiz o contato. - "Como você se chama? - Quantos anos tem? - Quer brincar de roda?" O pai delas era um escritor de histórias mineiras, Agripa Vasconcelos. Escreveu sobre Chica da Silva, Dona Beja e sobre Joaquina do Pompéu.

Esta nova amiguinha, Mara, mais tarde foi cantora de rádio com grande sucesso. Estreou lá em casa, cantando no atijolado: - "Tamborete cama e mesa ...cadeira de balançar. Quem não tem dinheiro é pobre, abre a boca... e vai babar..." tomava parte nas rodas e nos teatro nos dias de aniversários. Os espetáculos eram apresentados no quintal, perto do galinheiro. Convidávamos os adultos para assistirem e pagarem o ingresso. Com o dinheiro do ingresso comprávamos balas coloridas de todas as cores, mas sempre com o mesmo sabor: tinham todo gosto de açúcar. Certa vez fizemos um circo. Os palhaços eram os dois Paulos: Paulo nosso irmão e o Pulico, filho de Chloris e Janinho, primos de mamãe. A encenação era a seguinte: um menino, com a cara pintada, levava um recado para comprar um remédio numa farmácia. Para não se esquecer, ia cantando o nome do remédio no refrão da publicidade: "Cafiaspirina Bayer, Cafiaspirina Bayer...". Parava em cada esquina para ver

outros meninos brincando, as revistas de uma banca de jornais, etc, sempre cantarolando o nome do remédio. Em dado momento esqueceu da letra e só cantarolava a música: “lá, lá, lá, ri, lá, lá, lá. Lá, lá, lá, ri, lá, lá.” Quando chegou na farmácia cantou apenas a música, supondo que o farmacêutico seria capaz de adivinhar o pedido. A criançada rolava de rir. O outro palhaço, menorzinho, tinha de cantar uma canção, mas se esqueceu e começou a chorar a plenos pulmões. A prima Lulude, lindinha, vestida de bailarina, andava com uma sombrinha numa corda esticada entre a mangueira e a jabuticabeira. Eu fazia as apresentações dos números, lendo o repertório escrito num papel grande, todo desenhado por Helena. Marco Antônio pulava carniça, junto com Geraldo. Mara e a irmã cantavam fantasiadas, e assim terminava a curta temporada. O circo não chegou a ter um nome, nem lona. Funcionava ao ar livre e ao preço de um tostão. As mangueiras cheias de mangas, as jabuticabeiras todas floridas, e o galinheiro, ao fundo, compunham o cenário. A imaginação completava. Éramos aplaudidos pelos pais, tios e tias que nos incentivavam. O grande sucesso era Nedda, que já aprendera a declamar. Além de ser muito bonita, tinha uma grande expressão para recitar, sob aplausos. Por que passou de moda a declamação? Uma declamadora portuguesa de grande sucesso deu um recital em Belo Horizonte. Foi na Cultura Inglesa, e fomos convidados. Helena, Paulo e eu ficamos na primeira fila, ansiosos pelo espetáculo. Mas, a declamadora não chegava. Já estávamos impacientes e se esboçava a vontade de ir embora. Mais ou menos uma hora depois do horário marcado, chegou a artista que, para compensar o atraso, optou por uma entrada triunfal.

Deu um salto no meio do palco, e muito gorda, parou repentinamente no meio, balançando as mãos e exclamando: “-Sinos de Belém, blem, blem, blem...Sinos do Bomfim, blim, blim, blim. Era uma poesia de Manuel Bandeira, com a reprodução do som dos sinos. Foi uma surpresa tão grande, aquela mulher gordíssima, de vestido rodado e cabelos soltos, gritando inesperadamente “sinos de Belém”, que Paulo teve um acesso de riso. Não conseguia parar de rir. Ria e soluçava, fazendo força para parar. Eu e Helena também não conseguíamos reprimir o riso. Como estávamos na primeira fila era difícil não sermos notados. Pensava em todas as coisas tristes, para ver se parava, mas não conseguia. Tivemos de sair e deixar para trás o recital da tão famosa declamadora portuguesa...”

17 de janeiro de 2011

## LOURDES FIGUEIREDO, UM EXEMPLO DE VIDA



Fotos: arquivo pessoal

Há alguns anos, eu, Ivana, tenho dado um suporte à minha mãe, Maria Helena, nas postagens de seus 2 blogs, “Minha vida de artista” e “Memórias e Viagens”. Neste momento em que ela perdeu sua irmã Lourdes, grande incentivadora e colaboradora de seus blogs, recebi do Maurício, também colaborador em muitas postagens, o depoimento abaixo, que resume o nosso envolvimento e amizade com a família Coelho de Figueiredo.

Tia Lourdes foi também a grande incentivadora do almoço das primas, uma reunião que se realiza uma vez por mês num hotel em Copacabana. Seu sorriso jovial contagiava a todos. Transcrevo abaixo a carta do Maurício.

“Ao Tio Wilson e primos,

A querida Tia Lourdes esteve sempre presente em minha vida.

Nossa história pessoal de amizade com ela se iniciou na rua Santa Rita Durão em Belo Horizonte. Brincávamos com os primos Pedro e Digo nos quintais e nas mangueiras, no clube da Lareira e na fazenda da Barrinha.

Quando a família se mudou para o Rio de Janeiro, nosso convívio se estendeu às férias que passávamos no apartamento do prédio dos jornalistas, e depois de casado, já na rua Timóteo da Costa; mais recentemente, na Rua General Urquiza, onde sempre fomos acolhidos com carinho nas ocasiões alegres, nos almoços e festas. Os apartamentos do Pedro nos “Jornalistas”; do Digo, na Lopes Quintas e nesse novo; e da Vanessa, na Conde Bernadotte, sempre foram locais de encontro, alegria e confraternização, quando estivemos ou estamos no Rio.

Durante a juventude, convivemos intensamente, Aparecida e eu, com Vanessa, na comunidade da Rua Pouso Alto em Belo Horizonte e frequentamos a casa de Petrópolis.

Desde 1999 vivemos em Brasília, onde a convivência com Andrea e sua família tem sido ocasião para mantermos diariamente vivo e presente o nosso afeto com toda a família Coelho de Figueiredo.

Desde que o Joaquim Pedro chegou ao Rio e reencontrou a família, tem sido acolhido como um filho, irmão ou neto por todos vocês.

Com sua experiência de uma longa vida cuidadosa, Tia Lourdes ajudou imensamente quando a Pá descobriu que tinha que tomar cuidados especiais por causa dos problemas no coração. Tia Lourdes lhe deu dicas valiosas que influenciaram até a mudança de sua forma de vida: sua decisão de parar de fumar, de cuidar para não se aborrecer nem se cansar e de preservar sempre sua saúde.

Ela foi uma querida irmã e uma querida amiga de mamãe, com quem conversava frequentemente, com quem se correspondia por e-mail e de quem era uma leitora atenta de seus blogs, ajudando inclusive com o envio de crônicas espirituosas e interessantes de seu tempo de menina e mocinha.

Relembrei com saudades sua coragem de enfrentar a fragilidade de saúde, seu fino humor ao contar lembranças e casos, sua profunda amizade com mamãe e conosco, sua generosidade ao acolher os sobrinhos, sua lucidez até os últimos dias de vida.

A linda declaração de amor que tio Wilson fez à Tia Lourdes quando da festa de seu aniversário de 90 anos ficará para sempre em minha memória.



Nos momentos de apreensão que ocorreram por ocasião das últimas cirurgias dela, em São Paulo, fiquei feliz pelo fato de Alice ter podido colaborar com vocês, levando-lhes nossa solidariedade e carinho. Uma foto que Alice nos enviou de lá retrata bem o companheirismo entre tio Wilson e tia Lourdes, sentados lado a lado no apart hotel em São Paulo, encarando juntos, mais uma vez, os desafios da vida.

Tia Lourdes se foi para outro plano da existência, onde já estão seus pais Euler e Nair, seus irmãos Paulo e Sérgio, os cunhados Luiz Andrés e Azulino e outros entes queridos, e para onde cada um de nós, um dia, também partirá.

A tristeza que sentimos com a partida dela nos relembra e vivifica o afeto que sempre nos uniu e que sempre perdurará.

Desejo a ela muita luz e agradeço a cada um de vocês, tio e primos, pela convivência, amizade e generosidade.

Um grande abraço,

Maurício”

10 de março de 2012

**LEMBRANÇAS DA TIA LOURDES**



Fotos: arquivo, internet e Marília Andrés

Na série de depoimentos sobre Lourdes Figueiredo, acrescento aqui os textos de Aparecida e Ivana Andrés, sobrinhas e grandes amigas, que dão testemunho de sua generosidade no convívio com as pessoas. São lições de vida que todos nós aprendemos.

“Passados 15 dias da morte da D. Lourdes, ainda não sei bem o que dizer. Que ela foi como que uma nova tia que ganhei, por força do parentesco com meu marido? Isso é fato. Mas é pouco. Que ela se tornou uma grande amiga nas décadas em que convivemos? Também é verdade, mas também é pouco. Que era tão chegada, que era sempre ela quem recebia o meu primeiro telefonema, ao chegar ao Rio de Janeiro? É isso aí, mas ainda não diz tudo. Que ela - e toda a sua família, Wilson, Pedro, Digo, Vanessa, Andrea e seus agregados diretos - foram um dos maiores presentes que a vida me deu em termos de amizade, afinidade e acolhimento? Que sorte a minha! Que eu nunca vi sair de sua boca uma má palavra, uma expressão agressiva, um grito ou queixa de raiva, reflete bem o jeito dela. Suavidade, doçura, simpatia, o recado sábio, o caso engraçado, um sorriso assim meio de lado, sem excessos, é disso que a gente se lembra ao pensar nela.

É certo que ela viveu vida longa, rica e interessante, chegando aos 92 com uma carinha e um corpinho de impávido colosso, basta conferir nas fotografias. É também realidade que a vida da gente tem limite, que ninguém vive eternamente e que chegar aos 90 é e sempre foi uma raridade. Mas como é que tamanho avanço nas ciências ainda não consegue fazer o corpo durar com saúde, ou ao menos parear com o andamento da cabeça da gente?

Penso agora, uma vez mais, na D. Lourdes. Ainda não sei o que dizer do mundo sem ela, pois pela última conversa que tivemos, parecia que ainda dava para esticar o tempo dela por aqui por mais uns 100 anos. Só que o corpo dela não deu conta, não acompanhou sua animação mental. Que pena para todos nós!

(Aparecida Andrés, em 22.03.2012)

-----  
“Na Escola São Tomás de Aquino tia Lourdes foi nossa professora de artes, sempre amorosa e competente.

Quando eles se mudaram para o Rio, encontrava sempre a tia Lourdes atrás de um volante, subindo e descendo a rua Timóteo da Costa, levando alguma criança para a escola.

Em 1984, já com algumas exposições realizadas e querendo mostrar meus desenhos fora de BH, tive o convite de expor na Galeria do IBEU no Rio. Era uma coletiva com mais 2 artistas mineiros, Fernando Fiúza e Marcelo AB, que se chamou “Três de Minas”. Eu mostrava minha série de “Mendigos”.

Tio Wilson fez a minha apresentação de forma sucinta e sensível. Era apenas uma frase que ficou por muito tempo na minha memória.

Lembro que a tia Lourdes se posicionou diante do telefone, durante muitos dias chamando todos os parentes e amigos. No dia da abertura havia muita gente diante dos desenhos dos “Três de Minas” ...

Depois ela e Marília Giannetti agendaram encontros com galeristas e marchands para que eu mostrasse meus trabalhos.

Este é apenas um exemplo de sua disponibilidade para ajudar com espontaneidade e alegria, sempre com um sorriso nos lábios.

Outra característica marcante foi seu imenso amor pelo tio Wilson, incondicional e apaixonado.” (Ivana Andrés)

30 de março de 2012

### **LOURDES FIGUEIREDO, ENCONTRO DE GERAÇÕES**





Fotos: André Maceira, Paulo Jabur e Marília Andrés

Lourdes Figueiredo, minha irmã, recentemente falecida foi uma pessoa que nesta vida conseguiu circular nas diversas faixas etárias com sabedoria. Transcrevo aqui os depoimentos dos seus netos.

(Evandro)

Quando nasci, também nasceu uma Avó: a Vovó Lourdes, ou, simplesmente, Vovó. Assim mesmo, sem nome, só com o posto. Que nem mãe. Aliás, era ela que sempre dizia que avó era mãe duas vezes. Sabia todas as estorinhas de criança. Se não sabia, inventava, e ficava melhor ainda. Também ensinou a rezar e agradecer por tudo e a todos.

Vovó Lourdes ensinava por atitudes a generosidade e também a economia. Paciente, montava a árvore de Natal, que ia do chão ao teto, até o último enfeite - e desmontava depois, um por um, para guardar para o ano seguinte. Perseverante, fez questão de ir a níveis avançados da língua alemã mesmo sem ter conhecidos alemães com quem falar. Curiosa, sempre anotava nos seus caderninhos tudo que ouvia e lia para depois consultar, se precisasse.

Resumindo, foi a Avó perfeita!

(Joanna): A laranja da minha avó

Dizem que por trás de todo grande homem existe uma grande mulher. Não sei não hein... Porque não dizer que a recíproca é verdadeira? Que por trás de toda grande mulher existe um grande homem? O fato é, na dinâmica de um casal não importa quem é maior ou melhor; nessa competição não há vencedores ou perdedores. E com meus queridos avós não poderia ter sido diferente.

Vovó Lourdes viveu NOVENTA anos. De forma INTENSA, LÚCIDA, CAPAZ. Foi uma heroína por mil e uma coisas, e aproveitou tudo o que a vida podia oferecer. Vamos sempre

nos lembrar dela com um sorriso no rosto, um jeito calmo e sereno de ver o mundo...Ela deixou os QUATRO mosqueteiros-filhos (e ainda meu vô, o quinto elemento) com a intenção que seguissem seu exemplo de coragem!

(Chica)

Vovó Lourdes foi pra mim a vovó das histórias. Histórias que nunca mais foram esquecidas! O guardanapo põe-te, o pica-pau, o pó de pirlim pim pim, o buraco pra chegar no Japão, e tantas outras, reais ou não, mas igualmente fantásticas.

Sempre apoiou todas as minhas decisões, por mais malucas que parecessem...

- Vovó, quero ser atriz

- Que ótimo minha filha, vai ser uma excelente artista

- Vovó, quero ser bailarina

- Que maravilha! Vai fazer muito sucesso!

- Vovó, quero ser professora

- Muito bom, Chiquinha! Isso é a sua cara!

(Fernanda): À querida vovó Lourdes.

Mesmo sempre estando tão longe, sempre me senti muito perto. Ela e eu sempre soubemos como não fazer da distância, um problema. Quando já fazia um tempo em que não nos falávamos por telefone, ela mandava um e-mail “Você sumiu, como estão as coisas? Mande notícias” ...

No Rio, a casa dela sempre foi a minha casa. E quando eu chegava de viagem, ela me dava um abraço gostoso e apertado, e dizia: “Que saudade da minha pequenininha!”, e sentávamos no sofá para bater papo. Era a melhor recepção que eu poderia ter.

Assim, a vovó Lourdes foi e sempre vai ser a minha avó, aquela mesma avó que sempre me mandava “um abraço muito, muito apertado”, no final de um e-mail ou telefonema. Mas agora, é a minha vez de dizer:

“Vovó,

Um abraço muito, muito apertado.

Saudades.

Te amo.

Um beijão da sua neta, Fernandinha.”

(Cecilia)



O dia em que nos despedimos dela foi o dia de aniversário de meu irmão. Lembrei que a Vó Lourdes sempre fazia questão de ligar nos nossos aniversários e muitas vezes até mandava e-mails, porque era uma vizinha online e tecnológica... "eu e o seu avô estamos mandando um beijo".

(Roberto)

No seu aniversário de 80 anos, festa de gala no salão do prédio, eu, no auge dos meus 15 anos, resolvo inovar e vou com o cabelo cheio de gel, em forma de espinhos. Sou repreendido por uns, caçoado por outros; a homenageada da noite não só adora, como me dá dicas de como montar o penteado usando papelote. Quando precisei que ela fosse adulta e me aconselhasse, lá estava ela pronta para conversar com um sorriso no rosto, e quando eu voltava a ser criança e dizia que Natal sem a torta de doce de leite não era Natal, ela concordava e no dia seguinte a torta estava na geladeira.

Obrigado por tudo que fez e ainda faz por mim, vó, espero que descanse em paz.

(Ricardo)

Vovó Lourdes pra mim foi um exemplo pelo modo como viveu sua vida, com seu jeito sereno de encarar as coisas. Sou extremamente grato por todos os momentos que passamos juntos, ouvindo suas famosas estórias em Petrópolis, na companhia dos meus primos e os papos sobre os mais variados assuntos que tínhamos quando eu ia visitá-la em sua casa. Acho que todos, assim como eu tem um carinho especial por essa vó maravilhosa!

21 de março de 2012

RELEMBRANDO LUIZ ANDRÉS I





Fotos de arquivo

Neste período de festas de Natal, estamos relembando o Luiz Andrés através de depoimentos de seus familiares: sua nora Aparecida e seus netos Joaquim Pedro e Alice.

Depoimento de Aparecida Andrés:

“Ele gostava de laranjas: a sessão diária das delícias só acabava quando a pilha dos restos já escondia o seu rosto.

Gostava também de rotinas: à mesma hora se levantava, se vestia, tomava seu café, saía para as Clínicas. À mesma hora entrava para o almoço, descansava um pouco, retornava à Faculdade de Medicina. E voltava todo dia à mesma hora. Jantava cedo, dormia cedo. E acordava cedo.

E gostava da fazenda: na sexta-feira, de tarde, punha uma roupa mais velha e seu chapéu de palha. Pegava o balaio, a mulher e a estrada para a fazenda. Ali as mais lindas orquídeas esperavam seus cuidados. Dos quais descansava, dormitando na rede. Ou preparando as molduras e as telas para sua mulher, grande pintora. Domingo de tarde, latão de creme de leite fresco na mão e balaio cheio de laranjas, era hora de voltar. E se deitava cedo... E acordava cedo.

À mesa, falava pouquíssimo e comia frugalmente. “Passava os olhos” em todos, tudo escutava, atento. Se a bobagem era grande, abusava da ironia, destilada nas palavras, fulminante no olhar. Simplicidade nos trajés, severidade nos modos, cuidava com esmero da educação de seus filhos. E buscava protegê-los dos perigos desse mundo, querendo que em casa ficassem, dia e noite, todo dia.

Veio o primeiro neto e o encheu de alegria. Com a criança no colo, passeava pela sala, pontuando as histórias, ensaiando brincadeiras. Pena que o tempo foi curto e ele não conheceu essa turma tão bonita que são os filhos de seus filhos. Que agora começam a ter filhos...

Na Faculdade e no Hospital, estava sempre cercado por seus jovens assistentes, que morreriam por ele. Também ótimos cirurgiões, dedicados professores. Que como paga dos cuidados médicos, ganhavam de seus clientes, agradecidos, bolos, biscoitos, flores, frutas. E entre elas, as laranjas. E ele gostava de laranjas...

Para o Dr. Luiz Andrés, da Aparecida, sua nora. Maio de 2008.”

#### Depoimento de Joaquim Pedro:

“Tal pai, tal filho, tal neto.

Tive a felicidade de conhecer meu avô Luiz antes mesmo de me conhecer por gente. Recém chegado ao mundo na época, as lembranças de meu avô hoje não vão muito além de passeios pela fazenda e histórias ao pé da cama.

Na verdade, as minhas lembranças mais fortes são fruto das lembranças dos outros – a valorização da família contada por meus pais, o profissionalismo e disciplina

testemunhados por meus tios, o senso de responsabilidade e personalidade forte mencionados por minha avó.

Vovô Luiz teve presença marcante. Pai exemplar, médico de destaque, referência em termos de integridade e convicção. Não veio à vida a passeio. Homem de hábitos arraigados e simplicidade cortante. Acima de tudo, homem do bem.

Depois que partiu, permeou-se em nós da família. Os traços de sua personalidade – aliados as características fascinantes de minha avó Maria Helena – passaram para as gerações seguintes de forma inconfundível. Cada sentimento, palavra, e atitude esconde um pouco de Luiz Andrés.

Nesta ocasião da homenagem ao médico, cabe também homenagear o homem. Homenagem que serve também como incentivo para as próximas gerações manterem acesa a chama de Luiz Andrés. De pai para filho, de filho para neto.”

Do neto Joaquim Pedro, 2008”

#### Depoimento de Alice Andrés:

"A tarde cai, por demais  
erma, úmida e silente...  
a chuva, em gotas glaciais,  
chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou  
lendo, sossegado e só,  
as cartas que meu avô  
escrevia à minha avó..."

*(Manuel Bandeira, Cartas de meu avô)*

“É assim, querido Vovô Luiz, que venho te conhecendo: um pouquinho mais a cada carta escrita por você e por aqueles que te conheceram, que te amam e, também, pelos que estão - assim como eu - te conhecendo por meio dos olhos e corações dos outros.

Quero, hoje, te agradecer. Por ser um exemplo a ser seguido. Por ser um porto seguro, onde quer que você esteja. Pela família boa, bela, companheira e sólida que você e minha querida vovó Helena formaram. Pela união ainda maior trazida para nós. Pela proteção de todos os dias. Obrigada, Vovô. O que você deixou é o que há de mais valioso para mim.

Com amor, da sua neta Alice.”

(Depoimentos prestados por ocasião de homenagem ao Luiz Andrés na Faculdade de Ciências Médicas, em 2008)

26 de dezembro de 2016

## **RELEMBRANDO LUIZ ANDRÉS II**







\*Fotos de arquivo

Relembrando o ano em que se comemora os 40 anos da morte de Luiz, estamos postando alguns depoimentos de familiares e amigos. O texto abaixo, intitulado “Honrar pai e mãe” é de Maurício Andrés, nosso primeiro filho:

“Quando meu pai deu o último suspiro, estávamos todos em volta de seu leito, de mãos dadas, na penumbra do quarto transformado em enfermaria. Havia paz e silêncio. Tive a sensação de que um halo de luz azulada irradiou no alto durante alguns momentos. Quando ele se dissipou meu pai havia partido. Comentei com mamãe que um dia nos reencontraríamos.

Em janeiro de 1977 coube a mim informá-lo sobre os resultados da biópsia que identificou sua doença. Encontrei-o ao final da tarde, repousando numa rede, no Retiro das Pedras, diante das montanhas, na companhia de mamãe. Não disse exatamente o que o Dr. Romeu Cançado me comunicara pela manhã e procurei transmitir-lhe a ideia de que em pouco tempo ele se recuperaria. Olhou-me e escutou-me atentamente em silêncio e daí por diante não tocamos mais no assunto. Mantínhamos uma relação de confiança e respeito

mútuos. Médico habituado a lidar com a vida e a morte, adivinhava o destino que o esperava. Sabiamente, escolheu passar seus últimos tempos em casa, cercado pelos cuidados da família.

Uma vez comentou que, entre todos os ramos da medicina, escolhera a cirurgia porque ela lhe proporcionava aliar o conhecimento técnico e científico com a possibilidade de intervir diretamente para salvar vidas. Suas mãos eram instrumentos preciosos. Para preservar a precisão dos movimentos, não errar em horas cruciais e atuar com perícia, não bebia, evitava dirigir antes das operações, e nos finais de semana descansava na fazenda da Barrinha.

Com as mãos, praticava sua ciência e técnica, tal como minha mãe maneja pincéis, tintas e esponjas para fazer a sua arte. Desenhávamos em papéis amarelos e pretos que vinham nas caixas de radiografias e que seriam jogados no lixo. Foi pioneiro no reaproveitamento de resíduos.

Quando crianças, levava-nos ao clube da Lareira, perto de Venda Nova. Às vezes visitávamos seu consultório num edifício na Rua dos Carijós, e depois, numa sala na Avenida Amazonas, ambos a um quarteirão da Praça Sete de setembro, no centro de Belo Horizonte. Gostávamos das festas com que retribuía as homenagens de seus alunos que o escolhiam paraninfo das turmas.

Uma vez ele me levou para férias em Macaé, num hotel à beira da praia, juntamente com seu amigo Moisés Chuster e o filho dele. Ali conversamos seriamente, pela primeira vez, como pai e filho.

Meu primeiro emprego com carteira assinada foi quando seu amigo e primo Antonio Ribeiro me contratou como desenhista na empresa de engenharia Assel. E em 1963, viajamos de carro a Brasília, onde nos deslumbramos com a arquitetura.

Ele incentivava com naturalidade nossas aptidões e interesses. Foi um dos primeiros clientes de minhas fotografias. Trazia em vidros com formol, para serem fotografadas, peças cirúrgicas extraídas nas operações que fazia. Aceitou com naturalidade quando deslocamos a garagem da nossa casa da Rua Santa Rita Durão, para ali montar um estúdio fotográfico, e também instalar laboratórios nos porões.

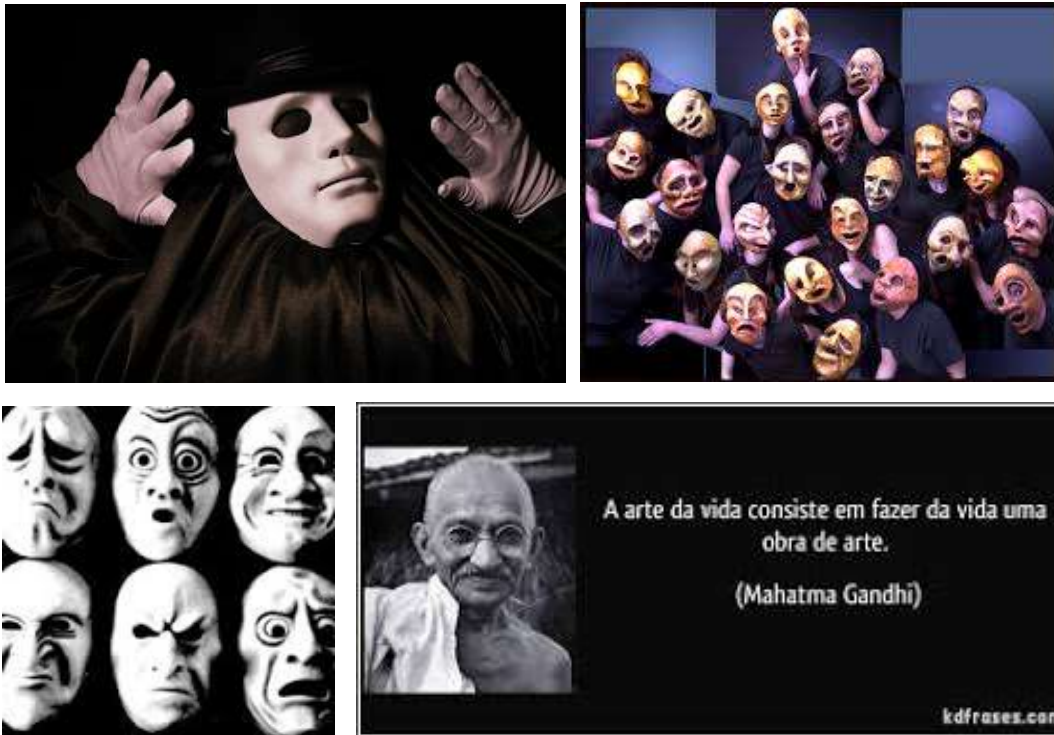
Quando a fazenda da Barrinha foi repartida entre os seus irmãos-herdeiros, construímos uma nova casa na parte que lhe coube. A Luiziânia, batizada em sua homenagem, ficou pronta em 1975.

Ele se foi em agosto de 1977, aos 56 anos.

Em maio de 2008, a Faculdade de Ciências Médicas em que lecionara inaugurou uma unidade de técnica operatória e Videocirurgia e a batizou com o nome de meu pai, Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira.”

(Depoimento de Maurício Andrés em homenagem a seu pai)

### O TEATRO DA VIDA – Luciano Luppi



Fotos: Ivana Andrés e internet

Luciano Luppi, ator, diretor e professor de teatro, escreveu o texto abaixo como um artigo para o jornal Hoje em Dia. Para o nosso público interessado em arte, é bom ver o pensamento de um diretor de teatro, com experiência de muitos anos nos palcos, falar sobre o Teatro da Vida.

“Em teatro, o ato de representar, em síntese, significa compreender, assimilar e vivenciar o comportamento de um personagem. Os atores, portanto, representam os valores e crenças de um personagem. Entretanto, no palco da vida, rerepresentamos os nossos próprios valores e crenças. Representar, portanto, os papéis que a vida nos confiou, significa rerepresentar-se: ou seja, mostrar aos outros aquilo que somos através de um jogo de símbolos, imagens, metáforas. E precisamos do teatro encenado no palco para criar identificações com o que vivemos no palco da nossa vida. Podemos compreender melhor este jogo quando somos expectadores e estamos numa casa de espetáculos, e aí condonamos com as atitudes de um determinado personagem, choramos com os descaminhos daquele outro, gargalhamos com as peripécias de outro mais. Enfim: identificamo-nos. E o ator é aquele que, no palco, faz aquilo que muitas vezes gostaríamos de fazer na vida, mas não temos condição ou coragem. E aplaudiremos o bom ator porque representou com muita competência e emoção aquilo que temos dificuldade de fazer. Aplaudiremos, também, porque precisamos sinalizar que aquilo é teatro, que o ator é um artista, e que um artista é uma máscara que tem a função de vestir e exibir muitas máscaras. Normalmente, não conhecemos o ser humano que assume o papel de artista. E quanto melhor o artista, melhor que permaneça nessa referência, pois sempre teremos uma máscara a nos servir com identificações adequadas e eficazes, e assim, evitaremos decepções. Contudo, só conseguiremos ser felizes com os nossos papéis na vida, quando estivermos relaxados e conscientes do teatro do qual fazemos parte e conseguirmos impor as mudanças necessárias para desenvolvê-los melhor. Com a clareza de que somos obrigados a assumir muitas atribuições sociais, temos que procurar representá-las da melhor forma possível. Entretanto, em alguns casos, deixamos a atuação enrijecer e o que era uma atribuição se transforma em algo rígido, ou seja, fica como que colado no nosso rosto – é a máscara. E precisamos de recursos para evitar que isso ocorra. A arte do teatro pode nos auxiliar neste projeto. Tendo consciência do que estamos exibindo ao mundo, com a mente aberta, o corpo relaxado, as emoções fluindo livremente, deixaremos de lado o medo e o sentimento de culpa, e poderemos expandir essa brincadeira gostosa, verdadeira e humana. E descobriremos mais: a vida nos impulsiona a transformar o “jogo de esconder” no “jogo de encontrar”. Significa encontrar, cada vez mais, a natureza essencial do ser humano que está por trás das representações, e, assim, desenvolver o sentido da existência, para transformar o sonho de

crescer num espetáculo de vida.” (Artigo para coluna semanal no caderno Almanaque, do jornal Hoje em Dia)

11 de fevereiro de 2016

## O TEATRO NOSSO DE CADA DIA

Luciano Lippi me enviou o texto abaixo, a partir de uma live promovida pelo IMHA:

“O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente,  
que chega a fingir que é dor,  
a dor que deveras sente. (Fernando Pessoa)



Partindo da essência dessa estrofe de “Autopsicografia” de Fernando Pessoa, Luciano iniciou a live “O teatro nosso de cada dia”. Visitou a sua trajetória dentro do teatro, há mais de cinquenta anos atrás, quando começou, ainda adolescente, a fazer teatro e conviver com pessoas mais velhas e engajadas, politicamente e artisticamente, contra a ditadura militar.



Aos dezoito anos foi convidado a levar algumas técnicas de teatro para funcionários de uma empresa, não com intuito de transformá-los em atores e atrizes, mas a desenvolverem a comunicação verbal e corporal, o trabalho em equipe e aprimorar os seus papéis profissionais e afetivos. Foi um fracasso. A falta de habilidade em lidar com aquele tipo de público mostrou a fragilidade do profissional para atuar numa área com características tão diferentes da sua. Em função disso procurou aprender com profissionais de outras áreas as ferramentas necessárias para se adaptar ao mundo corporativo. Envolveu-se com profissionais de RH, biodança, Programação Neuro Linguística, Bioenergética, grupos holísticos, e outros. A partir daí passou a desenvolver um trabalho de “Técnicas Teatrais Aplicadas ao Desenvolvimento Profissional e Pessoal”. Ministrou treinamentos na Telemig, Colégio Nacional de Uberlândia, Fiemg, Feiras de RH, ABTD e muitas outras empresas e instituições. Participou com uma oficina no I Congresso Pan Americano de Jogos de Empresa e Criatividade.





A partir dessa experiência os convites se ampliaram de tal forma que, temporariamente, deixou de lado o fazer teatral. Aplicou suas técnicas em um congresso em Cuba, junto com sua companheira Ivana Andrés, no Projeto Gente Grande, na Telecomunicações da Rondônia, na FEAD, e em grupos fechados. Com o Grupo “Voz e Poesia” atuou na Amana-Key, em São Paulo, durante nove anos. Escreveu um livro intitulado “Você é Feliz com Suas Máscaras?”.



Luciano enumerou algumas ideias estereotipadas sobre a interpretação dos atores e atrizes nas obras artísticas, para tecer semelhanças entre a atuação das pessoas no seu dia a dia, com seus papéis sociais, profissionais e afetivos. A primeira era sobre a necessidade do talento. Sem desconsiderar a existência de pessoas talentosas, o mais importante, no palco como na vida, é desenvolver as capacidades através da persistência, dedicação e vontade. Como se diz em teatro: “noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração”. Isso significaria que podemos melhorar o nosso desempenho nos papéis que assumimos na nossa vida através de experimentação, vontade, dedicação e persistência. A segunda questão refere-se a ideia de incorporar o personagem, no sentido de identificação total. Luciano pondera que, apesar do nível de verossimilhança, o ator não deve, necessariamente, se identificar com crenças e valores dos personagens.



Dito isso, discorreu sobre as pequenas diferenças que assumimos, no teatro nosso de cada dia, quando nos mostramos diferentes em circunstâncias e em grupos diversos. Não somos, exatamente, a mesma pessoa em todos os ambientes. Mostramos, mais ou menos, características distintas conforme mudamos de interlocutores. Somos, levemente, diferentes no ambiente familiar, no meio dos colegas de trabalho, na torcida organizada, na igreja ou outro lugar. Mas podemos, e devemos, manter a essência do nosso ser em todos os lugares e momentos. Este é um quesito que diferencia a atuação artística da vida real. A terceira questão diz respeito à via única, como se só conseguimos nos expressar a partir de uma emoção. Os atores e atrizes, em muitos casos, precisam desenvolver a capacidade de se emocionar no momento e na medida certos, e por isso tem que promover em seu corpo alterações respiratórias, rítmicas e posturais para produzir as emoções que o personagem e a cena necessitam. Levando em consideração que uma emoção produz mudanças corporais e as alterações físicas também produzem emoções e sentimentos, podemos mudar os nossos sentimentos através de mudanças corporais e ambientais. Sabemos como, num processo de nos libertar de determinados sentimentos, uma mudança de rotina, um corte de cabelo, exercícios respiratórios profundos, uma mudança na postura física, podem ser excelentes auxiliares para transformação de sentimentos. Em última análise significa que podemos dar alguns passos em direção ao desenvolvimento de nossa performance na vida, utilizando alguns recursos que os artistas de teatro usam para compor e interpretar personagens.” (Depoimento de Luciano Luppi)



\*Fotos de arquivo

18 de julho de 2021

## DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA NATUREZA



\*Fotos de Eliana Andrés e Ivana Andrés

Compartilho com muita emoção o texto abaixo, escrito por Luciano Luppi e interpretado por Ivana Andrés, minha filha, durante o Ato em defesa da Amazônia, realizado no dia 25/08 na Praça do Papa em Belo Horizonte. Espero que este manifesto se espalhe pelo mundo.

“Que todos os seres existentes na face da terra, quer seja um minúsculo organismo, quer seja o maior dos mamíferos, tenham direito a viver em comunhão com o seu meio ambiente; com água pura, ar respirável e o sol como fonte de luz e calor;

Que o fogo, como instrumento de transformação, somente seja manipulado pela consciência dos que optaram sinceramente pela paz;

Que a terra seja o leito da vida, sem erosões ou obras de engenharia que deturpem a sua missão maior: servir de berço e colo aos seres todos viventes;

Que a água seja o sangue da terra e tenha o direito a expulsar de suas entranhas as impurezas que a ignorância e a estupidez nela depositarem;

Que o manto que cobre a face do planeta seja tecido com ar puro e expandido, levando à todos os seres o sopro primeiro e último, em quantidade e qualidade suficientes para manter a vida em estado de graça e beleza;

Que a flora e a fauna tenham o direito de viver, de reproduzir e de morrer, cada um de seus representantes de acordo com o seu grão e o seu projeto de existência;

Que a razão somente seja usada para proteger a vida e distribuir riquezas entre os povos do mundo;

Sejam os homens eleitos os guardiães da natureza, e que todos os seus atos tenham a mesma força no retorno à si próprio, quer seja para o sofrimento ou para o bem estar da humanidade;

Que a Mãe Terra seja abençoada e louvada todos os dias, até os tempos que não terão fim.”

Luciano Luppi

26 de agosto de 2019



## CARTA DE MAURÍCIO PARA AVÓ NAIR



\*Fotos de arquivo e da internet

Descobri nos meus arquivos esta carta de Maurício endereçada à sua avó Nair.

“Bangalore, 15 de novembro de 77

Vovó,

O Ano Novo aqui é 2034 e comemora-se no dia 10 de novembro, com uma festa chamada Divali, em que todo mundo come bastante, estoura muitos foguetes (no jornal falaram que a poluição do ar aumenta nestes dias) e há rituais em que coco, banana, frutos tropicais, são oferecidos às divindades.

Para efeito de comércio, já estamos em outro ano: abriram outra contabilidade, fizeram balanço, e as vendas de fim de ano, neste ano de 2033, não foram tão boas como as de 2032, porque o poder aquisitivo baixou, os preços aumentaram e a concentração de renda nas mãos da elite também aumentou bastante. Ainda bem que foi melhor do que vai ser em 2035.

Tem muitos cristãos que comemoram o Natal e o Ano Novo como nós no Brasil; o calendário oficial também é igual ao nosso.

Fiquei feliz em saber do sucesso da operação, e que você ainda pode se animar a aparecer aqui para uns passeios.

Em relação ao custo de vida aí, para nós é baratíssimo viver e viajar na Índia e vale a pena. Cada lugar tem uma história diferente, árabes, hindus, muçulmanos, ingleses, tribos primitivas e a mitologia mais rica do mundo. Só de romances célebres, há uma porção, como este aí da carta.

Um livro sobre heroínas célebres conta as histórias de 15 deles, filhas de Deuses, Reis e Marajás.

As religiões também são alegres; os deuses dançam, cantam, cultivam o corpo, têm casos de amor e brincam. Lord Krishna casou-se duas vezes, e antes disso, recolheu as roupas que suas amigas haviam deixado às margens do riacho onde se banhavam e subiu numa árvore onde ficou se deliciando com o aperto delas.

A benção e um abraço para os tios e primos,

Maurício.”

28 de agosto de 2017



# DEZ CAMINHOS PARA EXPANDIR A HIDROCONSCIÊNCIA



\*Fotos de arquivo

Recebi de Maurício Andrés a palestra abaixo proferida num seminário sobre cidades sensíveis à água, realizado na Universidade de Brasília no contexto do Fórum Alternativo Mundial da Água:

Ali se trataram temas relacionados com o abastecimento de água e o saneamento, a captação de água de chuva, as crises hídricas que ameaçam grandes cidades com racionamento e as inundações urbanas que causam mortes e prejuízos, e que tendem a se intensificar no contexto das mudanças climáticas.

A hidroética, a mobilização e educação para a água também foram objeto de atenção.

O Seminário propunha focar a transição política, pedagógica, tecnológica e prática para alcançar ambientes saudáveis e mais democráticos.

Focalizei os aspectos conceituais e teóricos para se fazer essa transição, o que envolve a criação de palavras que expressem essa nova realidade que se busca. Entre elas estão as palavras hidroconsciência e hidroalfabetização.

**Hidroconsciência** pode ser vista como a compreensão de como a água está presente no universo, no planeta, na cidade, na casa e no corpo de cada um; como funciona o ciclo da água, a importância das bacias hidrográficas, os impactos negativos ou positivos que as atividades humanas provocam sobre ela.

A **hidroalfabetização**, inspirada pela ecoalfabetização implantada por Fritjof Capra na Califórnia, é um processo educativo que dissolve a hidroalienação e que pode induzir mudanças de comportamento coletivo e individual e atitudes amigáveis no relacionamento com a água.

Mostrei como a percepção sobre a água passou da abundância à escassez nos últimos anos.

Em 1500 Pero Vaz de Caminha escreveu em sua famosa carta que “Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”

No século XXI, racionamento, conflitos pela água, disputas e secas mostram outra realidade.

Há grande diversidade de estágios de consciência e de conhecimento quanto às questões da água, dos mais alienados aos mais engajados.

Mudanças de estágios de consciência, de atitudes e comportamentos podem acontecer rapidamente. Quanto mais pessoas se transportarem de uma visão hidroalienada para um estágio mais avançado de consciência e adequarem seus hábitos de vida e de consumo, menores podem ser os sofrimentos e os impactos negativos associados às mudanças climáticas. Relacionei dez caminhos para expandir a hidroconsciência. São eles:

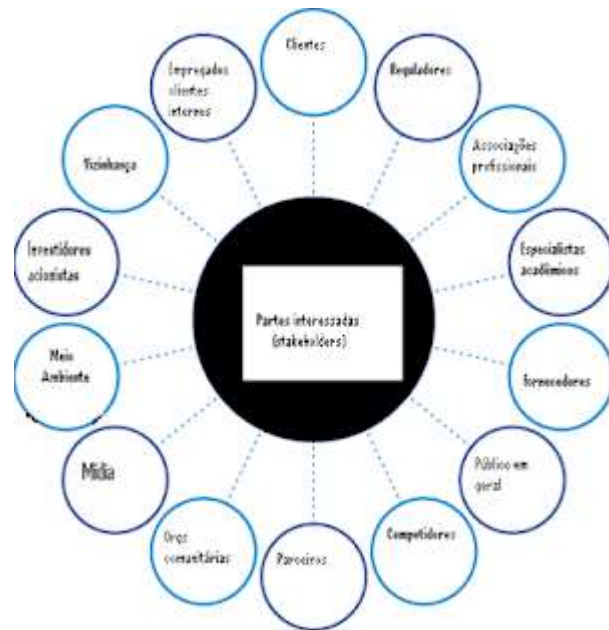
As catástrofes em escala macro como nos furacões ou em escala micro, nas secas e crises de escassez urbanas, que despertam a consciência pelo susto e são pedagógicas.

1. A **Ciência** que por meio da razão pode conduzir a uma visão mais integral e holística conectando a água, o solo, as florestas, os seres vivos, a atmosfera.
2. A **tecnologia e a informação**, que permitem conhecer racionalmente e medir os fatos e compreender melhor as situações.
3. A **Educação** em todos os níveis e faixas etárias podem hidratar cada uma e todas as disciplinas e profissões não só no campo do conhecimento técnico e científico, mas também no campo da sensibilidade, da ética e dos valores. A hidroeducação e a hidroalfabetização chamam a atenção para o valor da água. Métodos educativos coletivos facilitam a sinergia e troca de conhecimentos e vivências entre indivíduos e grupos.
4. A **Comunicação**, que traduz uma linguagem fragmentada, ultra especializada, em linguagem de entendimento mais amplo e dissemina conhecimentos para muitos em outro nível de linguagem, e que abastece as mentes com novas informações e conhecimentos.
5. A **Arte** (música, poesia, teatro, dança, artes plásticas, fotografia, cinema etc) que sensibilizam por meio da beleza, ativam emoções e sentimentos que movem as ações.
6. A **Corporeidade**, por meio da inteligência existente no corpo e nos sentidos do tato, visão, audição, olfato, paladar que percebem o ambiente e alimentam o cérebro. O próprio corpo é também água. Hidromassagem, esportes aquáticos e náuticos movimentam o corpo na água e estimulam a hidroconsciência.

7. **Ética hídrica** ativada pela **Espiritualidade** encontrada em várias tradições, como o batismo cristão, os banhos nos rios sagrados dos hindus, os cultos a iemanjá etc.
8. Os **Incentivos econômicos** tais como os oferecidos na Califórnia para substituir jardins e trocar equipamentos que desperdiçam água por outros mais eficientes.
9. A **Legislação** que pode induzir a comportamentos menos perdulários e a uma melhor gestão da água. Captação de água de chuva, impermeabilização de terrenos, hidrometração individualizada, são alguns dos temas que merecem legislação local hidroconsciente.

16 de abril de 2018

## PAZ E CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NA UNIPAZ-MG



\*Fotos de Maurício Andrés

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro a comunicação sobre o tema “Paz e consciência ecológica”, por ele proferida durante o seminário na Unipaz-MG ministrado em fevereiro de 2019 dentro do programa da formação holística de base.

O primeiro dia foi dedicado ao conhecimento científico, trabalhando o aspecto racional e intelectual.

Num mundo com população crescente – somos mais de 7 bilhões – com desejos e demandas crescentes de consumo, a pressão sobre a natureza cresce e ela tende a se exaurir.

A água é uma substância essencial para a vida e para todas as atividades humanas e foi o tema focalizado no início. Destacamos o estresse hídrico que existe em muitas partes do mundo e do Brasil e as disputas e conflitos crescentes por esse recurso. Como nosso corpo é composto em 70% por água, isso facilita percebermos nossa unidade com a natureza e que somos parte integrante dela. Nesse contexto, aplicar métodos e técnicas de resolução não violenta de conflitos e de mediação e prevenção de conflitos é um modo de lidar com o tema da água, que cada vez será mais valioso. Daí a importância do trabalho da Unipaz com a ecologia integral e com a cultura de paz.

Em seguida, fizemos um exercício de calcular a pegada ecológica individual de cada um. Ou seja, qual o espaço em hectares necessário para sustentar o estilo de vida e os padrões de consumo de cada aprendiz. A pegada ecológica é um indicador de sustentabilidade que nos ajuda a tomar consciência do peso que exercemos sobre a Terra com nossos hábitos de consumo e estilo de vida. Identificamos quais os fatores que mais contribuem para tornar pesada a pegada ecológica – transportes, automóvel, geração de lixo, consumo de alimentos produzidos longe do local de consumo, gastos de energia. Cada um pode então avaliar o seu peso ecológico e imaginar maneiras de caminhar com mais leveza. Em geral nas turmas da Unipaz e nas turmas de aprendizes em universidades, a pegada ecológica sempre está mais pesada do que a média brasileira e mundial. O exercício de calcular a pegada ecológica ajuda as pessoas a tomarem consciência dos impactos que causam ao ambiente exterior.

Uma apostila foi previamente preparada e distribuída. A turma é dividida em sete grupos de até quatro aprendizes. Cada grupo lê um dos textos e depois o relata para o restante da turma: os temas escolhidos para a apostila são atualizados a cada ano em que



ofereço esse seminário. Em 2019, havia textos sobre paz e ecologia, sobre a ecologização da economia e o papel dos acionistas engajados; sobre os modos de exercer as atitudes ecológicas no cotidiano, nos vários papéis que cada um representa, como cidadão, consumidor, eleitor, educador, etc. Um tema sensibilizador é o consumismo infantil, pois muitas mães e pais convivem diariamente com essas questões. São mostrados os problemas, mas também as respostas e boas iniciativas para lidar com o consumismo infantil, tais como as ações do Instituto Alana e do movimento por uma infância livre de consumismo. Foi abordada a questão de desejo e de como lidar com ele. Ao final, frases selecionadas inspiradoras mostraram modos de atuar espiritualmente em relação ao consumo.

A parte final desse primeiro dia do seminário foi dedicada a uma visão mais ampla. Distanciando-se da conjuntura do dia a dia e dos problemas imediatos, viajou-se no tempo e no espaço, abordando a grande transição atual na perspectiva da evolução; a unidade do micro e do macro, a jornada da humanidade desde seus primórdios até o dia de hoje, grandes cenários prospectivos e visões sobre para onde vamos como humanidade e como espécie, como enfrentar a grande crise da evolução que engloba todas as demais crises.” (Depoimento de Maurício Andrés)

No dia seguinte, arte e música trouxeram uma perspectiva complementar sobre como lidar com a paz e a consciência ecológica tendo sido conduzido pelo grupo Voz e Poesia, formado por Luciano Luppi, Ivana Andrés e Evaldo Nogueira. O tema foi tratado a partir da arte, da música e da poesia. As artes lidam com o emocional, com o intuitivo, com sentimentos, caminhos poderosos para despertar a sensibilidade ecológica.

“Foi apresentado o show Cartas Poéticas, um show interativo no formato de consultas poéticas e musicais. É um trabalho que tem sido levado aos mais diversos públicos e que lida com a Ecologia Humana.

A ideia é simples e, ao mesmo tempo, de grande impacto emocional. Num espaço intimista, é colocada uma mesa para uma "consulta poética", através de cartas previamente elaboradas. Os espectadores são convidados a participar do jogo. Então, um primeiro participante, apenas mentalmente, elabora uma questão e escolhe uma carta do baralho. A carta escolhida identifica uma poesia e uma música que serão interpretados pelos artistas, ali, naquele momento, como uma suposta resposta poética para a questão trazida pelo

espectador. Ele recebe uma cópia escrita da poesia e letra da música e retorna para o seu lugar na plateia. Outro espectador apresenta-se e o jogo das "consultas poéticas" continua. Entre as consultas são feitos comentários que poderão ajudar na contextualização da poesia na vida cotidiana e profissional. O repertório propicia momentos de emoção e valorização da vida.

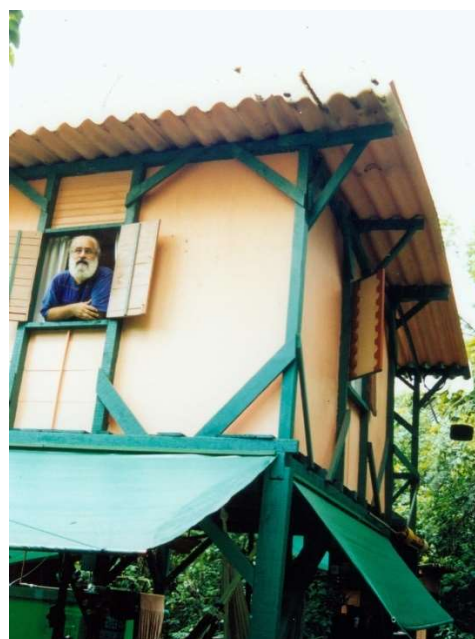
Após o Cartas Poéticas, o grupo apresentou um show focalizando o desastre/crime ambiental das mineradoras em Minas Gerais, com poemas de Carlos Drummond de Andrade e Ailton Krenak, entre outros.

Em seguida foi realizada uma vivência grupal que trabalhava movimentos em duplas, visando a sinergia entre pessoas, bem como a realização de uma poesia coletiva com o tema "Carta à Mãe Terra". Para finalizar, foi apresentado o poema "Os doze trabalhos", de Martin Shulmann, que lida com os doze signos. É um poema interativo, onde Deus chama suas doze crianças e a cada uma delas dá um dom e uma função. Cada participante do seminário se levantava no momento em que seu signo era chamado, a fim de receber seus dons e, de posse deles, sair pelo mundo para realizar suas tarefas." (Depoimento de Ivana Andrés)

11 de março de 2019

## MACACOS, EXPERIÊNCIAS DE AUTOCONSTRUÇÃO





Fotos de arquivo

Recebi de Ivana Andrés o texto abaixo sobre suas experiências, junto com o Luciano Luppi, de construção de casas alternativas, feitas por eles mesmos, na região de Macacos, Nova Lima.

"Era 1995. Um dia fomos visitar minha prima Maria Isabel na sua recém construída casa em Macacos, São Sebastião das Águas Claras. Lembro como se fosse hoje do banho de bica e do corre-corre para apagar um incêndio em algum ponto da mata. Bel nos deu o toque:

"Aqui é um poirão, a turma "careta" não gosta. Aqui é só para os alternativos, os "iniciados".

Era véspera de uma viagem nossa com a tia Lúcia e a Ida, mãe do Luciano para Israel. Comentamos sobre Macacos com Galvani, irmão do Luciano. E partimos para uma viagem que acabou se estendendo por 2 meses.

Quando voltamos, a boa surpresa: Galvani e Roseane haviam comprado um terreno em Macacos!

Acampamentos, barracão de obras, passeios no riacho que corria próximo. E, um dia, o convite para construirmos lá uma "Casa no mato".

Luciano tinha um desejo de construir uma casa de madeira com as próprias mãos. Conversando com o arquiteto Lélío Nogueira, soube das boas dicas das "mãos francesas", que podem estruturar a casa a partir de cima, próximo ao telhado. Naturalmente com uma fundação suficiente. À toda hora lembrávamos das construções indígenas. Tudo devia ser trazido no bagageiro do nosso fusca 79. Portanto, o tamanho das madeiras não podia ultrapassar o comprimento do fusca. E tudo foi feito no serrote e no martelo. No final pintamos a nossa casa de rosa e verde.

Escolhemos a área num local onde não seria necessário derrubar nenhuma árvore. E mãos à obra. Em 6 meses tínhamos a nossa casa de madeira totalmente feita por nós mesmos. Foi a nossa primeira casa autoconstruída em Macacos.

Não prevíamos que 5 anos depois Galvani e Roseane resolvessem vender a área. Apesar de termos comprado a nossa pequena parte, ela estava no meio do terreno deles. Decidimos então sair.

Começou então a visita a outros terrenos na região. Foi quando Mauro Chiari, amigo de juventude do Luciano nos mostrou a área que ele tinha na rua da Luz. Muito mais

“selvagem”, com uma subida em S, que nos obrigava a ter de tomar impulso e subir correndo, acelerando.

E começamos a nossa segunda autoconstrução. Uma estrutura cheia de mãos francesas, com uma parte fechada. A parte fechada era o nosso quarto. O banheiro, seco. Passamos lá 2 anos e meio. Agora serve de garagem para os 2 fuscas que temos.

A terceira autoconstrução não incluiu a casa toda. Mauro nos entregou a estrutura com teto e piso. E uma escada linda que faz a casa parecer uma casa na árvore. O Luciano fez, também à mão, todo o resto: paredes, portas e janelas. E os armários de dentro. Tivemos a ajuda para fazer um fogão de lenha e fechar o banheiro.

Há 20 anos estamos lá, ainda sem luz elétrica, por opção. Temos agora um vizinho com família e filhos pequenos. É amigo da Regina Caram, outra prima, que vendeu para ele um terreno próximo ao nosso. Isto fez uma enorme diferença, pois posso ficar lá 2 dias na semana, sozinha, sem o Luciano. Assim, nos revezamos no cuidado com a Ida. Nesta quarentena a nossa casinha no mato tem sido o nosso refúgio e o nosso alento. Ali ficamos perto da natureza, tendo contato com a terra, plantando um jardim e fazendo pequenas reformas." (Depoimento de Ivana Andrés)

6 de setembro de 2020

## **DOCUMENTAÇÃO DA NATUREZA I**

Transcrevo aqui o relato de Ivana Andrés e Luciano Luppi sobre o trabalho de documentação artística de Unidades de Conservação, realizado nos anos 90.

"Tudo começou em 1992, durante uma viagem turística a Abrolhos, ocasião em que o fascínio com a fauna local me inspirou profundamente. Naquela viagem dei início a série de desenhos “Peixes”. Por um acaso, registrei o contato do responsável pelo Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, sediado em Caravelas.

Retornando a Belo Horizonte enviei algumas imagens para ele, com uma carta propondo uma possível parceria, que incluía exposições e workshops. A resposta positiva foi surpreendente e marcou todos os trabalhos posteriores: havia interesse, sim, por exposições



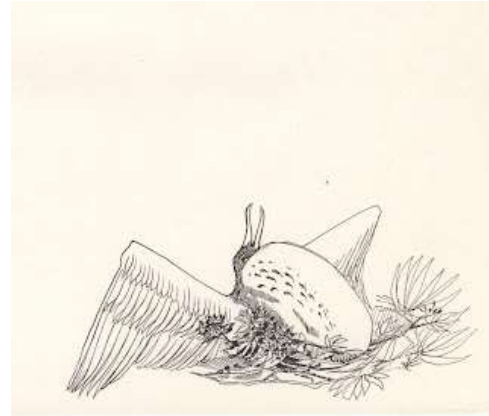
e workshops. Porém, o interesse maior era pela utilização das imagens em materiais de divulgação do parque, como camisetas, bottons, postais, adesivos, folders, cartazes, etc. Era muito além das nossas expectativas.



Programamos um retorno a Abrolhos com o objetivo de documentar, utilizando uma câmera subaquática paisagens dentro e fora d'água. Assim o fizemos. Depois de 3 meses retornamos a Caravelas, carregados de desenhos montados em pranchas e realizamos a exposição dos desenhos e fotos no Centro Abrolhos.

Através do CEMAVE voltamos a Abrolhos acompanhando expedições para o anilhamento das aves. Ficou em nossa lembrança a reação das enormes fragatas nos olhando e voando em círculo sobre nossas cabeças ao penetrarmos aquele espaço retirado no alto das montanhas onde elas construíam seus grandes ninhos. Resultaram em desenhos expressivos das aves do arquipélago.





Numa outra viagem a Abrolhos participamos de “baleadas” com a finalidade de documentar as baleias que ali vão ter seus filhotes. E houve o mergulho com as baleias, que são animais dóceis e interessados na espécie humana.

Três baleias que pareciam estar acasalando, vieram devagar, curiosas em conhecer aquela nova espécie. Duas aproximaram pelos lados, a última por baixo. E nos olhamos nos olhos. As duas espécies, baleias e humanos, dóceis e curiosas, dividindo o mesmo espaço neste planeta Terra... Nunca irei me esquecer daqueles olhos enormes. Quando voltamos para o barco, ríamos de pura excitação e alegria. Foi a maior emoção da minha vida...



O Projeto Tamar, que protege as diversas espécies de tartarugas marinhas, existe em diversos pontos da costa do Brasil. As tartarugas voltam para desovar na mesma praia onde nasceram, depois de viajarem o ano todo pelos mais diversos oceanos. Ali elas cavam uma buraco na areia e depositam dezenas de ovos grandes e redondos. Fecham o buraco e voltam para o mar. Os filhotes eclodem dos ovos, semanas mais tarde, sem verem a mãe. Saem da casca e correm em debandada em direção ao mar, fugindo dos pássaros e crustáceos que os perseguem. Dentro d’água ainda enfrentam outros predadores. Apenas uma pequena fração

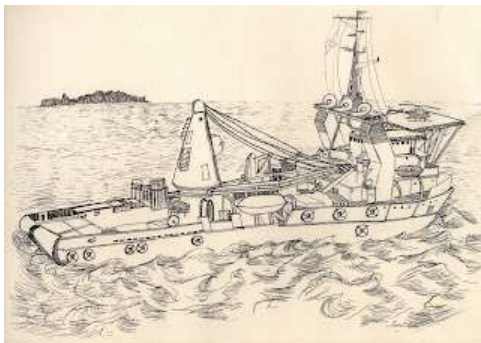
deles irá se tornar uma tartaruga adulta e voltar à praia onde nasceu. Em Guriri, no Espírito Santo, assistimos a eclosão dos ovos e a corrida desesperada das tartaruguinhas batendo nadadeiras como se fossem asas. Meses depois voltamos para exposições nas sedes do Projeto Tamar em Guriri e em Itaúnas.



Sempre ouvimos falar da Ilha da Trindade, um terço da distância até a costa da África, o ponto mais distante do território brasileiro, partindo da costa do Espírito Santo. Lá está sediado o Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade uma guarnição da Marinha. De 3 em 3 meses acontece uma visita de um navio da marinha a Trindade e, em algumas ocasiões, eles levam jornalistas ou estudiosos.

O contato para a ida à Ilha da Trindade foi completamente sem intermediários. Após alguns meses de um contato ocasional na Sede da Marinha do Brasil, eles me retornaram positivamente. Em uma semana eu deveria estar no Rio, para partir no Navio de socorro da Marinha, Felinto Perry. Chovia torrencialmente na saída do Rio. Desde a primeira hora de viagem iniciei meus desenhos: em bico de pena retratei a intrincada parafernália de roldanas

e cabos que via diante de mim. Durante os 4 dias de viagem desenhei vários ângulos do navio. Na ilha eu fotografava sem parar. Fotos realmente inéditas, inclusive sobrevoando a ilha num helicóptero da Marinha. Trindade é um paraíso, pedra e águas revoltas em torno do que foi um vulcão. É o posto mais distante do Projeto Tamar. Alguns meses depois foi realizada uma exposição dos desenhos numa sede no Rio. Alguns integraram um número da revista marítima, ilustrando um artigo meu com memórias de Trindade vista por uma artista. Soube mais tarde que os desenhos em bico de pena estão adornando as paredes do navio. Também tive a surpresa de, em 1993, ser convidada para uma Sala Especial no XIX Salão Marinheiro, em Brasília." (Ivana Andrés)



\*Fotos de arquivo

9 de maio de 2021



## DOCUMENTAÇÃO DA NATUREZA II

Dando continuidade ao projeto "Documentação da Natureza", transcrevo aqui o texto enviado por Ivana Andrés e Luciano Luppi.

"Em Abrolhos é comum encontrarmos jovens estagiários vindos do sul do Brasil, provenientes do Curso de Oceanografia da Universidade do Rio Grande. Lá existe a ONG "Nema", que desenvolve trabalhos de Educação Ambiental em parceria com escolas locais. Contatos foram feitos para realizar documentação semelhante tendo como objeto as aves dos banhados do Taim e Lagoa do peixe: os flamingos, colhereiros e cisnes de pescoço preto, dentre outros.



Alguns estagiários nos forneceram contatos de outras Unidades de Conservação no sul do Brasil. Em Torres, para documentar a reserva que protege focas, leões e elefantes do mar e em Florianópolis, para registrar as andorinhas do mar na Reserva Biológica da Ilha do Arvoredo.

E lá fomos nós... sempre de ônibus, parando em Curitiba, São Paulo e finalmente BH. Sempre duas vezes, na primeira para recolher material e fotografar, e na segunda carregada de desenhos e telas enroladas, para realizar as exposições. Não conhecíamos o sul do Brasil e as duas viagens a Rio Grande, Torres e Florianópolis foram inesquecíveis. Nos banhados

do Taim e Lagoa do peixe fotografamos as aves migratórias que cruzam continentes e que ali aportam. Em Torres vimos de perto dezenas de focas, leões e elefantes marinhos tomando sol sobre as pedras da praia.



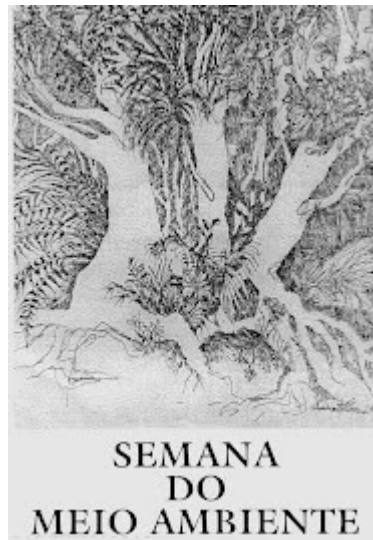
Próximo a Florianópolis está a Reserva Biológica da Ilha do Arvoredo, onde as andorinhas do mar fazem seus ninhos entre os cactos.



Na época da nidação, alguns biólogos costumam fazer o anilhamento dessas aves. Tivemos o privilégio de acompanhar uma dessas expedições. Ficou nítida na nossa memória os voos rasantes dessas pequenas aves que não temem nos atacar, a fim de defender os seus ninhos.



Em Brasília, um ano depois realizamos uma exposição na sede do IBAMA, na Semana do Meio Ambiente, com a inclusão das principais obras ou imagens delas.



Encontrávamos com pessoas ligadas ao Greenpeace e WWF e recebíamos estímulo para formatar um grande projeto contemplando Unidades de Conservação nas 5 regiões do Brasil. Chegamos a esboçar um projeto neste sentido. Também tivemos um sonho bastante ambicioso de propor à Marinha do Brasil, uma parceria para documentar a Estação do Brasil no Continente Antártico. Ambos não se concretizaram.

Os últimos trabalhos focalizaram florestas.



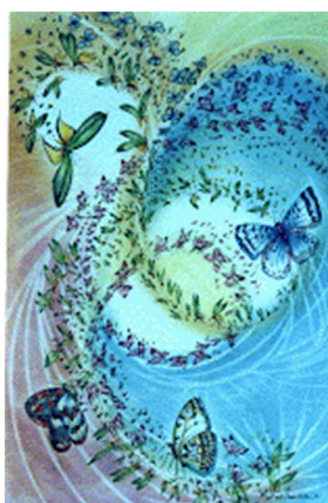
O primeiro deles foi no Museu Ruschi, no Espírito Santo. O objetivo principal era a documentação de várias espécies de beija-flores e, naturalmente, das lindíssimas espécies de flores, em especial as bromélias.





Passávamos os dias caminhando por jardins selvagens, paradisíacos, fotografando e fazendo anotações. Fizemos propostas de exposições e a realização de um mural com as principais espécies. Infelizmente não foi concretizado.

Os últimos trabalhos foram realizados em Minas Gerais, nas Reservas Ecológicas de Peti e Galheiro, ambas pertencentes à CEMIG. Realizamos um trabalho extenso, com fotos, quadros grandes e séries de desenhos detalhando as paisagens e as principais espécies das duas reservas. Tínhamos a expectativa de um retorno financeiro, de uma compra dos originais que poderiam estar agora adornando as paredes nas duas reservas. Infelizmente não aconteceu. Doamos um book com as imagens dos desenhos para serem utilizados em materiais de divulgação da empresa, como havíamos prometido. E guardamos os originais conosco. Ficou o legado da série "Borboletas", esses animais maravilhosos que, como os peixes tanto nos inspiram.



Resta lembrar a execução de um “Diorama” na sede da COPASA na Mutuca, próximo a Belo Horizonte, com pedras feitas de espuma e água a partir de filtros, ou “gelatinas” usados em spots teatrais. Um cenário bem realista, que ficou bem bonito. Deve estar lá.

Caminhar por tantos lugares e conhecer tantas pessoas amantes da Natureza ao realizar este trabalho de documentação artística em Unidades de Conservação, foi um batismo em nossas vidas. A partir daquela época passamos a programar nossas viagens incluindo, sempre que possível, a visita a locais com natureza exuberante, algumas vezes intocada. Visitamos locais como Fernando de Noronha, Lençóis Maranhenses, Alter do chão, Pantanal, Bonito, Patagônia, Machu Pichu, Perito Moreno, El Chalten, Paracas, Naska, Capadócia, Bonaire, Pirineus, Mar Vermelho, etc.

Atualmente temos uma casinha alternativa junto à natureza, em São Sebastião das Águas Claras apelidada de Macacos. Uma casa no mato, sem luz elétrica, em parte construída com nossas próprias mãos, no serrote e no martelo. Uma opção de vida..." (Depoimento de Ivana Andrés e Luciano Luppi)



Fotos de arquivo

16 de maio de 2021

## DANDO NOME ÀS VACAS

Gostaria de apresentar o texto abaixo sobre a vida rural, de autoria de Manuel Rolim Andrés.



Fotos de arquivo

No princípio era o berro. Muuuuuuuuu, mugiu Saudade ao ser tocada do curral onde passara os mais gloriosos anos de sua vida. O período era o comecinho do século XX. O lugar era o interior de Minas Gerais. E o sujeito era uma família que estava de mudança de uma fazenda para outra, a algumas léguas dali. Todo o patrimônio estava sendo levado. No caso, três vacas: Saudade, Lembrança e Souvenir. Esta última, ainda um testemunho de uma época em que a grande referência cultural do mundo era a França, e não os Estados Unidos.

A menina mais nova, numa epifania causada talvez pela saudade do antigo lar, percebeu: “mas o nome das três vacas significa a mesma coisa”.

“É que é importante lembrar, minha filha.”

Esta história aconteceu com a avó da minha esposa muito tempo atrás. Hoje, quando a principal regra de alimentação é “não coma nada que sua avó não reconhecesse como comida”, talvez aquelas vacas tenham algo a nos ensinar.

Porque se a avó da minha esposa chegou a conhecer o leite de saquinho e depois o longa vida, provavelmente ela nunca colocou os olhos em uma grande fazenda produtora de leite. Vacas espremidas em cochos, comendo ração transgênica, sem espaço para vaquear por aí. São ruminantes, ora. Os muito literais que me perdoem, mas ruminar é muito mais do que um tipo de digestão do alimento. Ruminar também é refletir, meditar, cogitar. Tudo o

que é negado à vaca no seu quarto-e-sala sem área privativa. Outra coisa que a avó dessa história também nunca viu, foi uma vaca ser chamada por um número. É como se você fosse reconhecido na rua pelo seu CPF.

- 12345678? É você?
- 87654321? Quanto tempo, que saudade.

Aqui, no Dahorta, cada vaca tem seu nome. Meia Lua, Estrela, Maravilha... Alguns desses nomes foram escolhidos por nossos netinhos. Dar nome às vacas é um símbolo de como toda produção deveria ser. O alimento que vem da vaca vai pra dentro de nós. Se ela for tratada como uma mera engrenagem industrial, é impossível que o leite não seja também um mero produto industrial. É fundamental estabelecer uma relação de proximidade com o animal. Vacas criadas a pasto, chamadas pelo nome, sem antibióticos preventivos (onde já se viu, tomar antibiótico sem estar doente?), tratadas com homeopatia. A quantidade de leite que cada vaca dá é muito menor do que em uma fazenda de confinamento. Em compensação, o leite que elas dão, e o iogurte e o queijo que a gente faz a partir dele, não dá pra comparar. Depois de provar, você vai ficar igual ao nome das vaquinhas do começo da história: com lembrança e saudade.

16 de abril de 2018

## COM SEMENTE, COM SABOR













\*Fotos de arquivo

Recebi de Euler Andrés o texto que transcrevo abaixo:

“Hoje, vendo esta foto de quando eu era criança, me lembrei de um pé “franco” de laranja campista que havia aí ao fundo, no jardim da fazenda. Pé franco é como chamamos as árvores que não são enxerto. São provenientes de sementes. Embora comecem a produzir bem mais velhas, elas persistem por muito mais tempo, com frutas mais saborosas e sempre cheias de sementes.

Com o tempo, a quantidade de sementes foi decaindo e junto diminuiu o sabor das laranjas. Naquela época era comum a laranja cravo, que tinha o interior bem avermelhado e um sabor maravilhoso entre a tangerina e a laranja. Tinha tanta semente que a gente chupava e brincava de metralhadora. Nunca mais vi esta variedade.

Meu pai era um grande apreciador de laranjas e plantou 2 hectares com todos os tipos que existiam na época. A última novidade era a laranja pera-natal, variedade que produzia no verão. Me lembro da laranja seleta, enorme e com casca grossa, ótima para fazer doce.

A laranja da terra, com sumo que anesthesiava a boca como o jambu. Lima de bico, que tinha este nome por causa do formato, lembrando um bico de mamadeira. O limão doce tinha o interior da cor de limão, com sabor suave e perfumado. A laranja bahia com seu umbiguinho de fora e a serra d'água, dulcíssima, talvez sejam as poucas que encontramos atualmente depois do domínio da laranja pera.

A rainha do sabor era a laranja campista, que ainda possuía uma casca semi grossa, muito boa para aprender a descascar. Descascar laranja era uma arte muito apreciada na época. Quando consegui fazer aquela serpentina completa, do talo a ponta sem romper e sem ferir a laranja, meu pai me deu um prêmio: meu primeiro canivete. Foi um rito de passagem. Lembro de tudo isso com o aroma da laranja campista no olfato. E muitas sementes na boca.” (Euler Andrés)

2 de agosto de 2020

### **UM MÊS NO MATO, O QUE APRENDI NESSE PERÍODO**





\*Fotos de arquivo

Recebi de Paulo Gontijo, marido da minha neta Alice, o texto que transcrevo abaixo:

“Pouco mais de um mês atrás, Alice e eu pegamos as meninas, alugamos um carro de uma amiga e viemos continuar nossa quarentena em Entre Rios de Minas. A cidade tem 15 mil habitantes, 4 casos de Covid confirmados e, o mais importante, espaço. Para quem tem filhas de 3 e 2 anos a rotina de elevador-1 hora de banho de sol-higieniza tudo – repete - era particularmente perigosa, ainda mais com a Cecília, minha caçula tendo um quadro de doenças respiratórias frequentes.

A família da Alice tem uma terrinha, como eles dizem em Minas. E nela a casa da avó dela, apesar de bastante rústica, foi sendo arrumada ao longo desse mês. Já podemos dizer que temos algo perto de uma rotina aqui. Alice caminha todo dia cedo, depois do café eu e as meninas damos comida para os porcos, a internet por satélite, apesar de cara tem funcionado bem o suficiente e vamos trabalhando, cuidando da casa e tentando dar o máximo de atenção que conseguimos, para as meninas.

Nesse período o mais importante foi começar a fazer um exercício de reavaliar o que é fundamental na minha vida e o que, surpreendentemente, não é.

É muito legal viver perto do burburinho em Pinheiros, ter bons restaurantes na quadra e ir a pé para o escritório. É muito mais importante ver as minhas filhas brincando com a Pipoca, cachorrinha vira-lata que nos adotou e poderem brincar ao ar livre. Carrapatos incomodam, sempre temos terra ou lama para limpar no chão da casa e elas vivem sujas e felizes. A creche bilíngue com pedagogia de ponta é espetacular, mas enquanto as escolas não reabrem, a Cora colhe flores todos os dias, vê tucanos e seriemas (que a Ceci chama de Cinemas) e aprende o que é ordenhar uma vaca.

Tia Iara e Tio Euler, que moram na casa de cima, produzem laticínios, então queijo bom nunca falta. Nos sábados de manhã os moradores do entorno fazem uma espécie de feira pop-up organizada pelo WhatsApp. Sempre compro umas garrafas de cerveja artesanal, uns sacões de tangerina e, algumas vezes, uma goiabada. Somando isso tudo, talvez eu conseguisse pagar um café expresso no aeroporto de Congonhas ou beber uma coca com esfirra (ou seria esfiha) em Pinheiros.



A hora de voltar para a cidade grande vai chegar, talvez agosto, setembro quem sabe. Nesse tempo, descobri que aproveitar as horas, ter espaço e não viver cultivando a falta de tempo e a correria podem fazer de mim uma pessoa mais produtiva, conectada com a minha mulher e as minhas filhas e atenta ao que importa de verdade. E talvez seja esse o nosso desafio pós Covid, achar espaço e tempo, parar um pouco mais, olhar um pouco mais para quem e o que importa.” (Paulo Gontijo)

2 de agosto de 2020

### (RE)FAZENDA



Fotos de arquivo

(Re)Fazenda- texto de Alice Andrés

Desde pequena, eu adorava ir para a fazenda. Meus primos e eu passávamos o tempo brincando, andando a cavalo, nadando na represa, dormindo no sótão da casa da vovó Helena, tomando leite ao pé da vaca, correndo perto do fogão a lenha. Quando voltava para Belo Horizonte, feliz da vida, coberta de terra e às vezes de carrapatos, muitas vezes ia direto para a casa da minha avó Zauhry - onde minhas tias me recepcionavam com uma bucha “para dar uma faxina em regra” e tirar toda aquela terra. Parece que foi ontem.

Hoje, 17 de julho de 2020, completamos dois meses na fazenda. Parece que aqueles fins de semana que eu passava aqui quando era criança nunca estiveram tão longe e tão perto.

Eu, Paulo, Cora e Cecília viemos para cá dois meses depois do início da pandemia do coronavírus. Apesar de termos plena consciência dos nossos privilégios, para nós estava puxada a rotina “café, reunião, faz almoço enquanto lava a louça do café e faz uma call, desce para o play para tomar banho de sol de uma hora e ao mesmo tempo em que fica de olho nas meninas que brincam, mata alguns e-mails, volta pra casa sem tocar em nada e corre para o banho, almoça, faz reunião lavando a louça, bota as meninas para a soneca, faz reunião com participação especial das crianças, prepara o jantar, brinca um pouquinho, janta, lava a louça, passa uma vassoura na casa, começa o turno do trabalho”. Quando as meninas começaram a ficar meio acinzentadas e azumbizadas de tanto ver televisão, estressadas por não poderem correr ou brincar fora de casa por conta do chatonildo do coronavírus, e perguntando se A era de álcool gel, resolvemos fazer as malas e ir para a fazenda. Desde então estamos morando na mesma casa em que eu ficava na minha infância. A casa projetada pelo meu pai para os seus pais. A casa da minha avó Helena, que rapidamente virou a nossa casa.

Foram só dois meses, mas parece que tem muito mais tempo, pelo quanto estamos aprendendo e vivenciando juntos. As meninas já sabem diferenciar o canto do carcará, do tucano, da seriema, do japú. Já sabem quais são as araucárias plantadas pelo vovô Maurício, os manacás plantados pela vovó Sil, as hortaliças da vovó tia Iara. Querem saber todo dia se foi a Moeda, a Graúna, a Piorra ou alguma das outras dezenas de vacas (cujos nomes elas já conhecem), que mandou o leite. Reclamam se acaba o iogurte ou os queijos divinos do vovô



tio Euler. Amam ver a Olívia, a Rosa, o Pedro e a Totó todos os dias. Adoram ir para a Aramitã, a escolinha Waldorf que TT e Albe criaram aqui, com o maior amor do mundo. Amam o carinho sem fim dos vovôs tia lara e tio Euler. Perguntam o dia inteiro para o tio Manuel, tia Cris, tio Beto e tia Fê se eles gostam delas. E quando falam que sim, perguntam se é muito ou pouco. E morrem de rir. Amam ajudar o pai a fazer o incrível doce de leite uruguaio ou qualquer outra invenção gastronômica sensacional, ou ir dar comida para os porquinhos. Amam ir com a mãe comer mexerica na rede, fazer um mini ballo libero ou ver o céu estrelado mais lindo do mundo.

Já sabem que se a vaca pisar no cano, a água acaba.

Que se a maritaca comer os fios, ou se ventar muito e eles se enroscarem, a luz acaba.

Que dia de cineminha é quarta e domingo.

Que sábado é dia de feirinha da grande Barrinha onde era o curral do Tio Beto.

Que se deixar o queijo em cima da mesa e a janela aberta, o gato leva.

Que se calçar o sapato sem batê-lo antes, pode ter bichinho.

Que se passar vickvaporub o carrapato se solta.

Que se chamarem a cachorrinha que nos adotou por qualquer nome, ela vem, feliz da vida. Há 60 dias elas e nós nos apresentamos, felizes da vida, cheios de terra e de carrapatos, para banhos que mais parecem aquelas “faxinas em regra” pelas quais eu passava quando criança. De volta às raízes e à essência eu voltei. E morro de felicidade em poder passar um pouquinho dessas raízes para minha família também.

27 de julho de 2020

## O CARRO ELÉTRICO E OS MOINHOS DE VENTO



Estas são as rodovias da Holanda, cercadas por geradores de energia eólica.



\*Fotos da internet

Dialogando com minha sobrinha, Regina Caram, que visita sempre a Holanda, obtive o depoimento abaixo, sobre o uso de novas energias. Agradecemos a ela informações tão oportunas.

“As pessoas na Holanda, que usam um carro elétrico, independem do petróleo. Utilizam um cabo, que conduz a energia para o carro. Este cabo se conecta de uma fonte de energia elétrica ao próprio carro.

Meu genro possui um carro híbrido, isto é, funciona com eletricidade e com gasolina.

Quando a energia elétrica do carro acaba, ele passa a funcionar com gasolina.

O carro tem autonomia de eletricidade para funcionar aproximadamente 50 km. Para viagens mais longas, após essa quilometragem, o tanque de gasolina é acionado.

Como abastecer o carro: conecta-se o cabo da tomada ao carro e um cartão magnético é acionado, contabilizando o que será cobrado. O valor é descontado da conta corrente ou cartão de crédito.

Existem locais públicos, como estacionamentos com postes sinalizados, onde a pessoa pode abastecer o seu carro. Ela conecta, e passa o cartão magnético, vai para os seus afazeres e, quando retorna, o carro já está abastecido.

A energia eólica é muito usada na Holanda. Existem regiões onde podemos ver, por muitos quilômetros, vários moinhos de vento, enfileirados. Quando se chega à Holanda pelo céu, pode-se ver também, no Mar do Norte, imensas áreas no mar, cheias de moinhos. Eles chamam isso de “Fazendas de Moinhos”. Muito altos e com 3 hélices, em geral são brancos. É muito bonito de se ver...

Existem também os moinhos tradicionais. Na Holanda são 6 ou 7 tipos desses moinhos, que eram usados para finalidades diversas. Alguns eram usados para quebrar grãos e fazer a farinha, outros para prensar azeitonas e fazer óleo, outros para drenar áreas úmidas e, com isso, fazer rodízios de áreas férteis. Atualmente existem cerca de 1000 moinhos desses tradicionais em toda a Holanda.

Como são tradicionais, são propriedade do governo, que dá a concessão de uso para particulares. Eles têm que funcionar um número de horas por ano e isto é controlado pelo governo.

Para se ter uma ideia de como são, vale a pena visitar alguns, que funcionam como museus, e onde podemos ver com detalhes essas nuances.

Existe um grande museu/moinho no centro da cidade de Leiden, bem como vários numa área próxima a Amsterdam.

Vale a pena conhecer!

Em tempo: alguns moinhos funcionaram como moradia para moleiros e família.”  
(Depoimento dado por Regina Caram durante visita em minha casa)

28 de maio de 2018

## BRASIL E ÍNDIA VISTOS POR MARIA HELENA ANDRÉS





\*Fotos de arquivo

Pesquisando nos meus guardados, encontrei o texto abaixo, escrito em 1984, pela cronista de arte mineira Mari' Stella Tristão.

“Um belíssimo trabalho acaba de ser editado pela empresa Morrison Knudsen Engenharia. Trata-se de uma obra de autoria da artista plástica Maria Helena Andrés, com a colaboração de sua filha Eliana, constante de texto e desenhos comparativos entre o Brasil e a Índia, programado a partir das vivências e pesquisas de Maria Helena nos dois países.

A empresa permitiu também às autoridades a colocação da obra à venda, o que será feito a partir de hoje pelas galerias e livrarias de arte.

Maria Helena Andrés escreveu e lançou em 1965, seu primeiro livro “Vivência e Arte”.

Nesse tempo, Maria Helena Andrés pintava a linguagem da terra e do mar, alcançando depois o espaço – com a fase da pintura cósmica – 1969- quando, coincidentemente, o homem pisava na lua, estabelecendo assim uma relação entre o que estava acontecendo com o que ela já fazia. Sua pintura sempre antecipou à investigação que vem depois para complementar o que já havia vivenciado na prática.

A partir de 1970, Maria Helena começou a estudar as filosofias orientais. Em 78, vai à Índia em companhia do filho arquiteto Maurício Andrés e sua mulher Aparecida, em bolsa de estudos, lá permanecendo por um ano. Foi aí que Maria Helena começou a observar a



semelhança muito pronunciada entre o brasileiro e o indiano, principalmente no sul da Índia, talvez pela localização dos dois países – ambos banhados pelo sol dos trópicos.

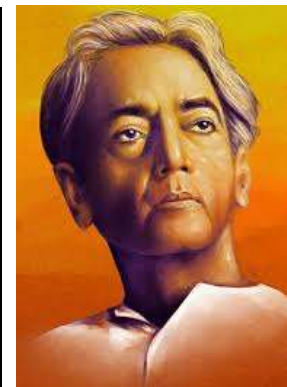
Mais tarde, em 1982, voltando à Índia, Maria Helena estabeleceu contatos com historiadores de Goa, que lhe forneceram informações sobre a colonização portuguesa e o intercâmbio existente entre indianos e brasileiros, naquele tempo.

As naus colonizadoras partiam de Macau, na China, paravam em Goa, na Índia, seguindo pelo sul da África, com ordens de seguir até Lisboa. Mas de passagem pela costa brasileira, os tripulantes desciam com várias “mercadorias”, que influenciaram decisivamente na arte colonial brasileira, o mesmo acontecendo na Índia, donde a afinidade dos detalhes barrocos...

Maria Helena fez, em Goa, um curso com o historiador Antônio Menezes e observou que ali existe grande interesse pela realização de um intercâmbio com elementos da cultura no Brasil pela semelhança entre as duas raças. Maria Helena diz que parece o mesmo povo”. (Mari’Stella Tristão, 22/12/1984)

2 de julho de 2018

## DIÁRIO DE VIAGEM À ÍNDIA, FERNANDO GUEDES I







\*Fotos da internet

Em 1990, organizamos um pequeno grupo com a finalidade de visitar a Índia de forma não turística. Éramos 4 pessoas, todas interessadas em conhecer comunidades espiritualistas. Nosso grupo era formado por Marília Paleta, professora de Yoga, Ana Araújo, médica Antroposófica e Fernando Guedes, filósofo e Teosofista. Eu fiquei como orientadora do grupo, já que fizera muitas viagens àquele país.

Recentemente, revendo as anotações de viagem, encontrei o Diário escrito por Fernando Guedes. Pedi-lhe a permissão de publicar alguns textos, que seguem abaixo.

“Acabo de vir de um passeio pelos jardins da Fundação Krishnamurti. Os pássaros começavam a se recolher, alguns ainda ciscando o gramado da frente. Um esquilo desceu de uma árvore bem à minha frente. Uma paz muito grande na hora do Ângelus.

Hoje Marília Paleta e Maria Helena foram visitar alguns templos fora da cidade pela manhã. Lembro-me de quando perguntaram a Krishnamurti, durante uma palestra na Índia, se ele era contra ou a favor da presença dos “intocáveis” nos templos hinduístas. Sua resposta foi: “Não deveria haver templos!”. Às vezes me parece que, no fundo, os gurus e Krishnamurti falam sobre a mesma coisa. Só que os gurus lançam mão de uma linguagem

mítica e tradicional; e Krishnamurti, de uma linguagem psicológica e factual, mais de acordo com as necessidades do mundo atual.

Tenho estado em permanente contato com Krishnamurti, através de livros, vídeos e conversas. Mas às vezes me pergunto se suas abordagens não perdem um pouco da beleza e da poesia do Bhakti Yoga (o Yoga da devoção). Senti muita beleza nos cânticos em Ganeshpuri e em toda a ambiência por lá. Para muitas pessoas isto é muito importante e, para mim, também o foi, ainda que não me considere um devoto. Bom, o próprio Krishnamurti nos convidou a questioná-lo e não segui-lo cegamente. É o que estou fazendo neste momento..." (Sobre a Fundação Krishnamurti)

"Voltamos ontem às 22 horas da apresentação "Dance Drama", *Panchali Sapatham*, no Kalakshetra. Foi apresentado em 5 atos, mais de duas horas de espetáculo, e conta a história do Mahabharata. É um misto de teatro, pantomima e dança. É dançado com todo o corpo. O que nos chama a atenção são os movimentos da cabeça, dos olhos e, principalmente das mãos, os mudras, que têm um significado para cada movimento de expressão.

A escola foi fundada por Rukmini Devi, falecida em 1986, casada com George Arundale, um dos líderes da Sociedade Teosófica. Pode-se dizer que a Sociedade Teosófica produziu dois grandes presentes para o mundo: Krishnamurti e o Kalakshetra." (Sobre a Escola de Dança Kalakshetra)

"Hoje cedo, finalmente, estivemos em Auroville. É um projeto internacional em andamento. Não chega a ser uma cidade. Parece que a preocupação é não fazer uma cidade como as demais. As casas estão espalhadas numa imensa área. Morar aqui envolve um total envolvimento com a ideia do projeto. Caso contrário, a pessoa não encontra a necessária motivação. Mas para quem fica é uma bênção. O ponto alto do projeto é o Matrimandir em construção. É o centro, o ponto focal e de irradiação de luz para toda a comunidade. Tirei muitas fotos do Matrimandir e de sua vizinhança para ilustrar a nossa visita. Auroville é uma experiência de vida comunitária para o próximo século, para a humanidade futura. A vida espiritual é o centro de todas as atividades. É o que o Matrimandir simboliza." (Sobre Auroville)

11 de junho de 2018

## VISITA A GIROMAGNY







\*Fotos da internet e de arquivo

Cecília Caram, minha sobrinha, esteve em Giromagny, cidade dos antepassados do meu marido. A origem da família é na França, cidade de Masevaux, e depois em Giromagny, a 3 horas de Strasbourg, na região da Alsácia. Ali está preservada e habitada a casa Andrès, na Grande Rue 6.

Abaixo está um relato da Cecília.

“Depois de dois trens e um ônibus saindo de Strasbourg, passando por zonas de cultivo, vinhedos e castelos, chego à acolhedora e linda cidadela de nosso bisavô, atualmente com 3.200 habitantes, terra sonhada pelos que não puderam conhecê-la a não ser por cartões postais fotografados e impressos pelo único irmão de nosso bisavô, Edouard, e depois seus filhos e netos.

Situada nas montanhas dos “Vosges”, é rica por suas bacias d’água, e preserva as fontes onde lavadeiras se reuniam no passado.

A chegada em Giromagny impacta pela fonte Louis XV, edificada em 1758, em torno da qual a cidade foi sendo planificada, localizada bem na praça central e pela suntuosa antiga “Casa dos Mineradores” de ferro, prata e cobre que deram por centenas de anos empregos na cidade.

Vou tomar um café e na parede se encontram fotos antigas, com o escrito “Imprimerie Andrès”. Nesse momento, sinto um grande impacto, uma sensação familiar, e a certeza de que valeu a pena chegar ali. Eu sentia o cheiro das árvores de plátano e pisava em terra onde nossa família plantou a sua!

Como era muito cedo, aguardo em frente uma loja de flores e artesanato local se abrir. Stephanie, “La fleuriste”, me escuta e me ajuda a localizar a prefeitura. Parece mentira, pois quando olhei para o balcão, me chamou atenção o vídeo que ia mostrando como um filme fotos antigas da cidade. Novamente, outro impacto, pois são muitas as de autoria de nosso tio bisavô Edouard. Senti acolhida e parte da história onde estão nossas raízes.

A casa dos ANDRÉS está intacta, na Grande Rue 6, bem atrás da Igreja gótica local, também um ponto turístico. Ao lado, uma enorme árvore abriga um quadrado dedicado aos heróis, mortos de guerra.

A casa, ao nível da rua, foi livraria da família, cafeteria e banco. Vendida, hoje é habitada por uma família local.

Fui à prefeitura onde Marie-Noelle Marline, chefe do patrimônio histórico, me recebeu com entusiasmo: mais uma “cidadã de origem francesa local”, e logo me levou para sua casa, abriu o computador e aos poucos fui me assustando com o primor dos arquivos dos Censos desde 1770, com toda a genealogia digitalizada, em letras caligrafadas.

Ali estava a história de nossas origens, década por década, dados de nascimento, falecimento, profissão. Ela solicitou que enviasse os dados atualizados de nossa família no Brasil, pois a França se prima pelo patriotismo também expresso dessa forma.

Caminhamos pela igreja e até o cemitério, com mapa na mão, considerado outro ponto turístico, e onde pude ver localizada a lápide da família: Cruz grossa de cimento, cravada em chão coberto de musgo, atrás de outro monumento aos mortos de guerra, bandeira hasteada e reverenciada com ritual anual pelos estudantes das escolas locais.

Com toda a papelada em mãos, fotos e mapas, genealogia e escritos traduzidos do diário de nosso bisavô, agradeço ainda a nosso primo Alberto Andrés, pelo esforço de aos poucos, muito antes da era digital, escrever a cartórios, paróquias, prefeituras, rastreando

informações, as quais recolhi com minha mãe que sempre aguardava ansiosa por ter acesso a cada uma que chegava por correio...

Aqui as incluo nesse relato para o blog de nossa tia Maria Helena (96 anos), querida como minha mãe “adotada por escolha”, e que me convidou a compartilhar essa experiência em seu blog.”

6 de agosto de 2018

### VISITA A GIROMAGNY II







\*Fotos de arquivo

Nesta postagem dou continuidade ao relato da viagem de Cecília Caram a Giromagny:

“Afinal, quem somos e de onde viemos, a família ANDRÉS?”

Nossa origem está na França, na cidade de Masevaux, e depois de Giromagny, a 3 horas de Strasbourg, na região da Alsácia, onde está preservada e habitada a casa Andrès, na Grande Rue 6.

Em 1874 chegava ao Brasil o jovem Marie Joseph Louis Andrès. E por que veio? Aqui estamos, aqui somos os herdeiros de uma interessante história.

“Si on sait d’où ont vient, on sait où on va”, diz o provérbio. Nos estudos das Constelações Familiares, agora em alta no Brasil, é importante resgatar a noção de pertencimento e honrar nossos antepassados; ou, em outra linguagem, ampliar o autoconhecimento para “limparmos” nossos padrões repetitivos, e até mesmo inconscientes, de comportamentos que nos impedem de ir em frente; em outras palavras, nossos karmas.

Nessa linha de pensamento, fazemos aqui um relato que poderá auxiliar os herdeiros de nossa família a conhecer nossas raízes. Situando nosso antepassado que veio para o Brasil, Marie Joseph Louis Andrès.

Por várias vezes, a região da Alsácia foi disputada entre a França e a Alemanha. Os jovens, convocados a lutar, deixavam seus estudos e ocupações para defender o território no front.

Assim, M.J. Louis Andrès, que já era professor bacharel em “Sciences” e estudava Medicina, foi convocado para combater na guerra Franco-Prussiana de 1870 e se integrou ao batalhão do general Charles Bourbacki.

Foram derrotados, e encontraram asilo na neutra Suíça, (na cidade de Bâle), escapando de serem aprisionados pelo inimigo. Ali, Louis permaneceu 2 anos.

À família, que morava em Masevaux, agora anexada à Alemanha, foi dada a opção de escolher sua cidadania. Permanecendo franceses, teria que se mudar. Escolhendo a cidadania alemã, poderia permanecer em Masevaux.

Os Andrés escolheram a França como seu país e “pagaram o preço” de reiniciar suas atividades e se mudarem para Giromagny. Foram comerciantes e professores.

#### Imigração de J.M.Louis Andrès

Assim se deu a escolha de Louis, de imigrar. A vida é como uma teia cheia de detalhes favoráveis à tessitura do “acontecer” ou “fazer a hora de acontecer”.

Louis pensou a princípio em se mudar para Portugal. Certo dia, no porto de Marseille, se deparou com uma grande movimentação em torno de um embaixador em missão oficial. “Encasacado, descendo de uma caleça, sob os sons de música vibrante executada por uma banda militar, indaguei do que se tratava” (palavras em seu diário intitulado “De France au Brésil”) ... ao que respondi: “Brésil, le grand pays de là-bas!”

Esse fato, de alguma forma, podemos deduzir, sensibilizou e influenciou a mudança de escolha de Louis quanto ao país de imigração. Em 20 de janeiro de 1874 embarcou em Bordeaux no navio “Erymathé”, e chegou em Recife de 9 de fevereiro de 1874.

O destino foi Alagoas, onde trabalhou como “preceptor” na fazenda São Salvador, do Dr. Rozendo César de Goes. Em 23 de abril decidiu se mudar para o Rio de Janeiro, ai chegando em 7 de maio, tendo embarcado no navio “Ceará”. Em 3 de junho segue para

Petrópolis e depois Correias, se fixando na Escola São José, de propriedade do Visconde Cansação de Sinimbu, onde trabalhou como professor.

Em 1876 associou-se ao Monsenhor João Sabino Las Casas, e partiu para Juiz de Fora, Minas Gerais, onde integrou a equipe que fundou o Colégio Santa Cruz.

Conheceu e casou-se com Custódia Las Casas, irmã do Monsenhor, de origem espanhola, em 27 de junho de 1877, no Sítio São Mateus, ainda existente em Juiz de Fora (ela, nascida em São Pedro do Paraopeba em 1 de novembro de 1858, filha de João Sabino Las Casas e Dona Maria José de Castro).

Louis se naturalizou brasileiro em 9 de agosto de 1879, conforme documento assinado por D. Pedro II.”

27 de agosto de 2018

### VISITA A GIROMAGNY III





\*Fotos de arquivo

**Literatura, Música e Caligrafia como formas de expressão artística**

Após um tempo, Louis e três associados fundaram o renomado Colégio ANDRÉS, situado na rua Santo Antônio 629. A família morava em frente e o internato abrigava 100 alunos ao fundo.

O colégio possuía o “Grêmio Literário Floriano Peixoto”, que chegou a publicar um pequeno jornal, intitulado “Aspirante”, em 1897.

O perfil artístico de Louis também se revela ao contratar um professor de música para sua escola, e a exigência de “firme e bela letra, como prova de caráter”.

Coisas de família...: Seu avô e sobrinho eram muito bons músicos, organistas na Igreja de Giromagny, e seu irmão, fotógrafo profissional.

Atualmente há na coleção de família (posse de Louis Phelippe Andrès, bisneto de Louis-que atualmente faz um roteiro para um filme) - postais de época em preto e branco. Ainda, o diário de nosso bisavô, um enorme caderno com capa de couro e chamado de “Livro do Cadeado”, por possuir literalmente um cadeado, como forma de guardar sua privacidade... um primor de escrita diária, com detalhes do cotidiano e maneiras de perceber a realidade e viver a vida como pessoa e educador (incluindo digressões sobre a palmatória como forma necessária de ser utilizada em certos casos extremos de crianças indisciplinadas).

## **Séculos XX e XXI**

Passados tantos anos, podemos constatar em nossa família o constante talento artístico e de magistério de 8 gerações que formamos a partir do avô de nosso bisavô.

A caligrafia como arte viria (vide foto) a ser o elo que uniu a 11ª filha de Louis e Custódia, nossa avó Maria Luiza (apelido de Malisa), a Arthur Ribeiro de Oliveira e Souza. Ele viria de Entre Rios de Minas visitar sua irmã Olívia, ocasião em que se encantou com Malisa, que ensinava caligrafia para um de seus sobrinhos. O casamento gerou os filhos Laura, Luís, Roberto, Maria de Lourdes, Maria Lúcia e Maria Aparecida.

## **Finalmente, aqui nos situamos**

Laura se casa com Camil Caram, tendo os filhos Cecília, Regina, Jorge Arthur, Suzana Lúcia, Mônica, Bernardo, Maria Luiza e Raquel.

Luiz se casa com Maria Helena Salles Coelho, tendo os filhos Marília, Maurício, Ivana, Eliana, Arthur e Euler.

Roberto se casa com Olma, Maria Lúcia permaneceu solteira, M. de Lourdes se casa com Arnaldo R.O. Resende, tendo como filhos, Lúcia, Pedro e Lúdia.

M. Aparecida se casa com Fernando Resende, tendo os filhos Paulo, Guilherme, Silvana, Henrique e Luciana.

4 de setembro de 2018

### FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS



\*Fotos de arquivo

Recebi de minha sobrinha Regina Caram, o relato abaixo, de sua experiência recente como médica, nos acampamentos que recebem refugiados venezuelanos em Roraima.



“A Fraternidade sem Fronteiras (FSF) tem o objetivo de atender demandas sociais extremas, sem distinção de raça, cor, nacionalidade, tendência política ou religiosa.

Fiquei sabendo da existência desta organização no início de 2018, quando recebi um vídeo com o depoimento de uma médica sobre sua visita a um projeto da FSF na África. Músicas, depoimentos, pessoas de vários lugares do mundo que são assistidas. Como na África, por exemplo. A cada momento me sentia mais irmanada, mais UBUNTU (o que é meu, é seu, é nosso, é de todos).

Conversei com Alba (venezuelana) e Vanessa (Roraimense), que contaram sobre o “Brasil, um coração que acolhe”.

Já em casa, entrei no site para conhecer melhor a “Fraternidade sem fronteiras”. A organização se mantém graças ao apadrinhamento que as pessoas fazem para os projetos, recursos doados para um certo número de pessoas por um período determinado.

Soube de caravanas que partem para Roraima, a fim de dar assistência aos venezuelanos.

Saí de madrugada, peguei o avião em Confins e chegamos a Boa Vista no início da tarde. Apenas deixamos as malas no hotel e fomos para o Centro de Acolhimento da Fraternidade, bastante distante do Centro da Cidade. Atravessamos muitas ruas alagadas e, se não estivéssemos no caminhão do exército, a chegada teria sido bem mais difícil. Como levávamos muitas doações, as malas foram em outro caminhão.

O exército está apoiando os acampamentos oficiais, hoje 9, alguns mais tranquilos e outros mais agitados.

O da Fraternidade, segundo relatos, é o mais bem estruturado. Tem água, luz, cozinha, telhado, onde colocaram as 100 barracas doadas, uma por família. Os acolhidos fazem tudo, da limpeza à comida. E devem manter a ordem do lugar. Porém as pessoas ficam bastante ociosas, e é possível ocupá-las com as oficinas profissionalizantes.

Recebemos as boas-vindas do Wagner (este ser de luz que resolveu dar uma passadinha pela terra) e dos acolhidos. Wagner fez uma mini palestra enfatizando a questão da Irmandade/Fraternidade entre os homens. Explicou a filosofia UBUNTU, que pode ser

resumida e exemplificada pela história de crianças que foram desafiadas a correrem para pegar um cesto com balas embaixo de uma árvore. Quem ganhasse a corrida, ganharia o cesto. Elas se deram as mãos, foram juntas e dividiram as balas.

Wagner começou a Fraternidade sem Fronteiras há 9 anos na África. Parece um gnomo, anda firme e calmamente, te olha nos olhos quando conversa, te acolhe de todas as formas e te chama pelo nome, que ele faz questão de perguntar quando não sabe. Tem 44 anos.

No primeiro dia de atendimento, numa cobertura de madeira foram colocadas mesas e cada ponta de mesa era um consultório. Pessoas faziam cadastro, outras triagem e nós éramos responsáveis pelas consultas médicas. Muitos casos de tristeza, angústia e ansiedade. Por falta de medicamentos utilizei técnicas de relaxamento, respiração e Thetahealing.

A maioria das pessoas deste centro tinham emprego e uma vida estável na Venezuela. Encontrei eletricitas, marceneiros, serralheiros, cozinheiros, recepcionista de hotel, jornalista. Cada acolhido daria um livro de histórias. Ficaram sem condições de sustentar a família e vieram para cá em busca de esperança. Imploram por serviço, querem sair de Boa Vista e entrar no mercado de trabalho. Muita tristeza e muito agradecimento.

No segundo dia fomos para um acampamento “não oficial”. É um local onde estão alojados cerca de 200 seres humanos tentando manter um mínimo de sua vida. Prédio público que estava vazio, foi ocupado por eles. Em cada cômodo se alojam 2 ou mais famílias com tudo o que conseguem ter. Não tem água nem luz. Como é muito escuro lá dentro, não conseguimos atender. Colocamos mesas de plástico fora da construção, debaixo de uma mangueira e foi lá que atendemos. Nossa sorte não ter chovido.

No terceiro dia, Wagner começou o dia dizendo que deveríamos “manter a nossa paz”, para conectar o tempo todo com afeto. Termos força para fazer o possível e o necessário. Fomos para as dependências de uma igreja, local que já foi um acampamento e que hoje fornece refeições para as pessoas que estão na rua. O atendimento foi muito intenso e pesado, cada história de cortar o coração. Muita criança desnutrida, homens desesperados, mulheres com problemas venéreos. Até malária. Atendia a queixa, dava um remédio para

parasitas e dava um olhar. E uma escuta. Sei que deve ter sido pouco para as necessidades de cada um, mas muito para quem hoje não tem nada.

Doei meu tempo, meu afeto e, no entanto, voltei mais rica para Belo Horizonte.

Sou privilegiada.”

9 de outubro de 2018

### A LAMA- Carlos Starling



\*Fotos da internet

Diante do impacto da tragédia em Brumadinho, o médico e poeta Carlos Starling criou com muita sensibilidade, um poema sobre a lama, que transcrevo abaixo.

A Lama

Escorre e engole,

Gente

Bicho

Rios

Sonhos.

A lama nasce da gente,

É gente.

A Lama não ama.

Mora na semente,

Na essência,

Nos dividendos da ilusão...

Depura-se a alma mineral,

Decanta-se o cinismo do olhar piedoso.

Lágrimas de lama,

Cegam a tragédia iminente.

Desaparecem:

-gente

-bichos

-rios e sonhos...

Sobram:

- a Lama

- a cínica sílica

-nossa essência...

Barro e lama a evoluir,

Nós...

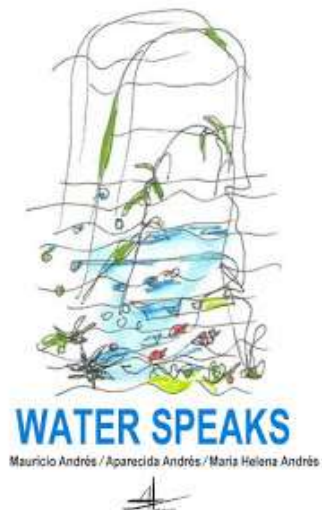
A Lama aprendendo a amar...

Carlos Starling

27/01/2019.

6 de fevereiro de 2019

**"A ÁGUA FALA", UMA ENTREVISTA I**



Fotos de arquivo

Recebi de Maurício Andrés o texto abaixo que se refere a uma entrevista para a revista "Planetapontocom".

Agradecemos à Silvana Gontijo a gentileza de nos ceder a entrevista para ser publicada neste blog.

“Para as próximas gerações será cada vez mais vital ter não apenas conhecimento especializado, mas sim uma consciência holística e integral sobre a água. Resultado de uma autoria coletiva composta por Maria Helena, Aparecida e Maurício Andrés, o livro *A água* fala traz a água como primeira pessoa do singular, como se a narrativa fosse contada por ela.

Dividido em cinco partes, o título descreve uma viagem pelo ciclo completo da água no ambiente, seu movimento, sua presença nos corpos vivos, na cultura e as questões relacionadas com o seu uso. A obra, permeada por ilustrações da artista Maria Helena Andrés, uma das autoras, é dirigida aos jovens numa linguagem sintética e poética.

Na primeira parte, o leitor é convidado a se aproximar da água e a conhecer suas viagens pelo universo e pela Terra. Em primeira pessoa, ela descreve como circula no meio ambiente e mostra os diversos estados que assume diante do calor e do frio e das mudanças de temperatura que a tornam vapor, líquida ou sólida. Além disso, mostra que pode ser doce, salobra ou salgada e como é um sinal que indica a existência de vida.

Já na segunda parte, o leitor é convidado a acompanhar a água em seu movimento, vivenciando as formas que ela assume e os diversos lugares que ocupa nos céus, na terra, no subsolo como granizo, chuva, flocos de neve. Ao longo da narrativa, a água então descreve seu ciclo, com a precipitação, a evaporação, a infiltração no solo, mostrando como surge em nascentes e provoca a erosão dos solos, as enchentes, as inundações e as secas.

A terceira parte descreve o caminho da água nos corpos vivos de seres humanos, animais e plantas e ressalta seu papel e importância para a vida. Ela está na seiva que transporta sais minerais nas plantas que a transpiram para o ambiente, nos líquidos dos corpos vivos, como as lágrimas, o suor, o sangue, a urina, no líquido em que os bebês vivem no útero das mães, na limpeza dos corpos nos banhos, entre outras tantas possibilidades.

Por ser tema frequente na cultura, nas religiões e nas artes, a quarta parte do livro aponta a água como ela é cantada, falada e mostrada nas diversas manifestações culturais e



artísticas, seja na música, na poesia, na dança, no urbanismo e no paisagismo. Em muitas tradições espirituais ela é sagrada e está presente em rituais, como o batismo cristão, e nas narrativas bíblicas, como a do dilúvio. Em outras tradições, há deuses e deusas ligados à água e rituais como a dança da chuva dos índios. Muitas palavras em diferentes idiomas se referem a ela e muitos lugares e cidades têm nomes relacionados com as águas.

O livro realça ainda alguns dos múltiplos usos da água na quinta e última parte: para o abastecimento humano e para matar a sede dos animais, para a agricultura na irrigação, para a geração de energia, para o transporte, para a pesca, a recreação, o lazer e o turismo. Dessa forma, a obra ressalta a necessidade dos indivíduos pelos recursos hídricos para manter a saúde e o bem-estar.

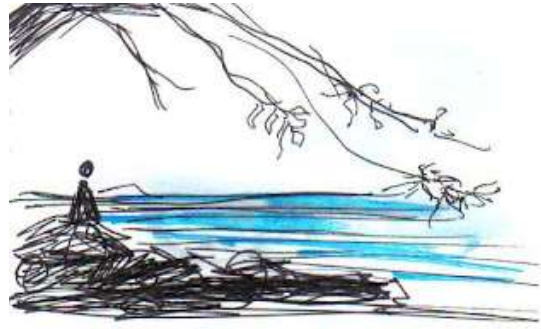
Além disso, o livro denuncia os desperdícios que acontecem acerca do consumo da água, enfatizando os problemas e a insegurança decorrentes de sua escassez ou excesso, com as secas e as inundações. Paralelamente, mostra a importância de se construírem obras tais como açudes, canais, aquedutos, estações de tratamento de água e de esgotos e de conservar os solos e promover sua proteção como uma riqueza de grande valor. A importância de se desenvolver a cooperação em torno da água também está presente, incluindo a necessidade do diálogo e da crítica direcionada a rivalidades, conflitos e violência entre aqueles que dela precisam e que a disputam.

Com versões em quatro idiomas (português, inglês, francês e italiano), o livro já está disponível em formato eletrônico e a tradução para a versão em espanhol se encontra em fase de revisão. “(Revista Planetapontocom)

29 de novembro de 2020

## A ÁGUA FALA, UMA ENTREVISTA II





Dando continuidade à entrevista concedida por Maurício Andrés para a Revista Planetapontocom, transcrevo o texto abaixo:

“Para saber mais sobre o processo de criação do livro *A água fala*, entrevistamos o escritor Maurício Andrés, um dos autores do livro. Leia abaixo:

**Revistapontocom** – *Quais fatores motivaram a criação do livro *A água fala*?*

**Maurício Andrés** – *para as próximas gerações será cada vez mais vital ter não apenas conhecimento especializado, mas uma consciência holística e integral sobre a água. Motivados por isso escrevemos o livro *A água fala* na primeira pessoa do singular, como se a narrativa fosse feita pela própria água.*

**Revistapontocom** – *Qual o público-alvo do livro?*

**Maurício Andrés** – *a obra é dirigida aos jovens, numa linguagem sintética e poética, permeada por ilustrações da artista Maria Helena Andrés.*

**Revistapontocom** – *Quando começou o projeto?*

**Maurício Andrés** – *o projeto de criação do título começou há mais de dez anos, enquanto trabalhei profissional e institucionalmente com o tema da água e senti necessidade de transmitir esse conhecimento numa linguagem comunicativa para promover a hidroconsciência e dissolver a hidroalienação.*

**Revistapontocom** – *Quais os pilares da narrativa?*

**Maurício Andrés** – *as cinco partes do livro tratam de vários aspectos da água: seu movimento no cosmos e no ambiente; sua importância como substância em que se origina a vida; sua importância nas culturas e nas artes; seus múltiplos usos e os conflitos entre usuários quando ela escasseia; e os modos de gerir e compartilhar a água para que ela esteja disponível a todos os que dela necessitam. Além disso, o livro apresenta um glossário com palavras importantes no universo da água e perguntas voltadas para uma leitura dirigida, além de exercícios para atividades escolares.*

**Revistapontocom** – *Quais as principais fontes de pesquisa para o desenvolvimento do livro?*

**Maurício Andrés** – *a minha vivência e experiência durante mais de uma década numa instituição que cuida das águas, hoje chamada de Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico, me colocou em contato com especialistas de várias formações disciplinares e acadêmicas altamente qualificados e com publicações, eventos e estudos técnicos e científicos que foram fontes valiosas para ampliar meu aprendizado sobre esse tema fascinante. Complementei esses conhecimentos com pesquisas no campo da agenda cultural das águas e sua presença na história das civilizações humanas.*

**Revistapontocom** – *Como os autores se dividiram para construção do roteiro?*

**Maurício Andrés** – *O roteiro foi concebido por mim, que elaborei o texto base. Em seguida, Aparecida adaptou esse texto base para uma linguagem poética e sintética a fim de facilitar sua comunicação com o público jovem e com os leitores, em geral. Por fim, Maria Helena criou as cerca de cem ilustrações correspondentes a cada segmento do texto.*

**Revistapontocom** – *Qual mensagem o livro quer passar e por quê?*

**Maurício Andrés** – *o livro quer passar para os jovens uma mensagem sobre a importância de conhecer bem a água, elemento vital e essencial que precisará ser cada vez mais bem gerenciado e cuidado, para que não falte a todos aqueles que dela precisam em suas vidas.*

### **Sobre os autores**

*Maria Helena Andrés é artista plástica, arte-educadora e escritora. Foi uma das primeiras alunas do pintor e artista plástico francês Alberto da Veiga Guignard. Premiada em vários salões e bienais, expôs na França, Itália, no Chile, nos Estados Unidos e tem obras em museus no Brasil, na Espanha e nos Estados Unidos. Fez inúmeras viagens de estudos à Índia. Escreveu vários livros (Vivência e Arte; Encontros com mestres no Oriente; Oriente-Occidente – integração de culturas; Os Caminhos da Arte) e ilustrou outros tantos (escritos por Pierre Weil, Marco Antonio Coelho, Aparecida Andrés). Publica artigos e textos sobre artes, sua vida de artista e suas memórias e viagens nos*

<http://mariahelenaandres.blogspot.com/>

<http://memoriaseviagensmha.blogspot.com/>

*Aparecida Andrés é graduada e mestre em Filosofia, cursou o mestrado em Ciência Política e é médica. Foi professora de Filosofia, pró-reitora de Extensão na UFMG e Consultora Legislativa na Câmara dos Deputados. Escreveu o livro infanto-juvenil *Pepedro nos caminhos da Índia*, que narra as viagens de um menino brasileiro àquele país. Tem vários artigos e textos acadêmicos e literários publicados.*

*Maurício Andrés é arquiteto, fotógrafo e escritor. Escreveu vários livros sobre Ecologia e sobre a Índia. Foi gestor ambiental em Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais. Em Brasília foi diretor do Ministério do Meio Ambiente e conselheiro no Conselho Nacional de Meio Ambiente e no Conselho Nacional de Recursos Hídricos, assessor na Agência Nacional de Águas e palestrante no Programa de Pós -Graduação em Rede Nacional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos- ProfÁgua. Participa de ONGs pela paz e pelo federalismo mundial. Publica no blog <http://ecologizar.blogspot.com/>*

**Ficha técnica:**

*Edição: Instituto Maria Helena Andrés*

*Produção Editorial: Maurício Andrés*

*Revisão: Aparecida Andrés*

*Layout e capa: João Diniz*

*Primeira edição publicada em português, inglês e francês e italiano em 2020*

*Copyright Instituto Maria Helena Andrés – toda a receita desse livro é destinada ao [Instituto Maria Helena Andrés](#), para atividades no campo da arte e do desenvolvimento humano.*

**Link para o livro [A água fala](#). em português:**

**Link para o livro [Water Speaks](#). em inglês**

Tradução de Jane Roberta Lube.

**Link para o livro [L'eau parle](#) em francês**



*Tradução de Anne-Sophie de Pontbriand Vieira.*

Link para o livro [L'acqua parla](#) em italiano:

Tradução de Giorgio De Antoni – revisão de Alberto Sica.”

\*Fotos de arquivo

\*Ilustrações de Maria Helena Andrés

6 de dezembro de 2020

## **ÍNDIA, UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA**

Recebi de Maurício Andrés Ribeiro, o texto abaixo, apresentado em live do IMHA, “Conversando sobre a Índia”:

"Em 1977 fiz um estudo comparativo entre o Brasil e a Índia, sobre Habitat e transferência de tecnologia, como pesquisador visitante no Instituto Indiano de Administração em Bangalore com uma bolsa do CNPq.

Estudei Kenchankuppe, uma aldeia no caminho entre Bangalore e Mysore. Ela é uma das 660 mil aldeias indianas onde hoje vivem cerca de 900 milhões de pessoas. Ela é semi-autossuficiente em energia e materiais de construção, alimentos e água, o que lhe deu sustentabilidade durante milhares de anos (a energia elétrica somente existe há 150 anos, ou seja 3% do tempo de vida dessa civilização).

Ali as casas são desenhadas de modo a abrigar vacas e búfalos, que são alimentados à tardinha, passam a noite em pátios e produzem o valioso esterco que pela manhã é levado como adubo para os campos.



Há muitas atividades ao ar livre, inclusive aulas para as crianças nas estações secas e quentes. As aldeias hoje se conectam com o mundo por meio das telecomunicações e da internet, o que revitaliza essas pequenas comunidades.

Anda-se a pé, de bicicleta ou, atualmente, em motos. Riquixás são usados, como nas cidades: são veículos arejados, econômicos, que ocupam pouco espaço, adequados para um ou dois passageiros.

O hábito de comer com a mão direita e fazer a higiene com a mão esquerda é um modo de codificar o uso do corpo e substitui equipamentos e objetos. Sentar-se no chão em postura corporal própria é o padrão.

Ao invés de dar as mãos, como se praticava no ocidente, o tradicional cumprimento indiano do Namasté colabora para a higiene pessoal e o isolamento físico. Tem, ainda, um significado espiritual em uma cosmovisão que acredita existir uma centelha divina dentro de cada um e que Deus não está lá longe e no alto, mas dentro de cada pessoa.” O Deus que habita em mim saúda o Deus que habita em ti.”

Há muitos deuses animais, tais como a vaca, o macaco, a cobra, o elefante etc. Animais são deuses nessa tradição politeísta, e não apenas objetos ou pessoas não humanas.

O hábito alimentar vegetariano e o baixo consumo de carne contribuem para reduzir a emissão de gases de efeito estufa e para tornar mais leve ou reduzir a pegada ecológica per capita. A pegada ecológica indica a área necessária para sustentar uma pessoa e qual o peso que o estilo de vida de uma pessoa exerce sobre a terra. Ela é calculada considerando hábitos de vida, alimentares, meio de transporte, energia usada, resíduos produzidos. A Índia tem

uma das mais leves pegadas ecológicas per capita do mundo e parte disso se deve à frugalidade de seu modo de vida.



A organização da população em aldeias descentralizadas, o uso do corpo economizando objetos e os hábitos alimentares vegetarianos ajudam a explicar a leve pegada ecológica per capita indiana.

Em 2003, 26 anos depois da pesquisa, publiquei o livro *Tesouros da Índia para a civilização sustentável*. Condensei o que estudara até então, escrevi sobre a formação histórica da Índia, os impactos da colonização, as questões de ciência e tecnologia, de cultura e meio ambiente, da espiritualidade e do dharma e por que a Índia se sustentou por milhares de anos com baixo impacto ambiental.



Escrevi também sobre a não violência e por que a Índia tem níveis de violência – assassinatos, estupros e vários outros tipos de crimes – muito menores do que os do Brasil.

Em 2008 publiquei o livro *Meio ambiente e evolução humana com ênfase na ecologia interior, do ser*. Focalizei o interesse na ecologia pessoal, na noosfera e nas paisagens interiores. Busquei inspirações em fontes indianas: nos Brahma Kumaris que praticam a raja yoga e com os quais meditei as 4 horas da manhã em Mount Abu, Rajastão. Dos Brahma

Kumaris aprendi a importância da arte de sair de cena, uma alegoria da própria vida. Inspirei-me nos conhecimentos sobre a psicologia yogue, a subjetividade, as cosmovisões indianas que aprendi na Sociedade Teosófica em Adyar; no ashram de Ramana Mararishi em Tiruvanamalai. Os ashrams, comunidades lideradas geralmente por um mestre ou guru, são altamente funcionais e obtêm bons resultados e qualidade de vida com pouco uso dos recursos, com suas cozinhas coletivas e áreas de serviços comuns. Têm um design ecológico inteligente.

A consciência do corpo, a respiração como um ato cultural, o Yoga são parte de um soft power indiano poderoso que aos poucos influencia os demais países e sociedades. A Índia tem uma rica inteligência civilizacional que inclui a hospitalidade para abrigar ampla diversidade de povos, a paciência e resiliência.



2013 – Em minha mais recente viagem à Índia prestei atenção à água. Vi como sua escassez inviabilizou o uso de uma cidade, Fatehpur Sikri, construída para ser a capital do império Mogol, mas que foi abandonada devido a uma mini crise climática. Visitei centros de educação para a água onde crianças aprendem sobre a importância dessa substância e sobem em balança hídrica onde veem a quantidade de água que existe em seus próprios corpos.

Em 2018 focalizei a atenção em Sri Aurobindo, um farol que nos ajuda a compreender a grande transição atual e a mudança de eras em que nos encontramos. Estudei as ideias mundialistas de Gandhi, Nehru, Tagore e o pensamento político e social de Sri Aurobindo. Já havia traduzido uma Constituição para a Federação do Planeta Terra, publicada pela imprensa de Auroville, cidade internacional inspirada em Sri Aurobindo.



A Índia foi uma fonte de inspirações para Sri Aurobindo, a pessoa que pavimentou o caminho de Gandhi e outros companheiros para alcançarem a independência daquele país por meio da resistência não violenta.

Em 2020 estudei a dinâmica e os resultados parciais da pandemia no Brasil e na Índia. Durante todo o tempo os números de mortes por milhão são 10 vezes menores na Índia do que no Brasil. Os números oficiais são pouco confiáveis devido a subnotificação no Brasil (30%) e na Índia (de 2 a 5 vezes - Univ. Michigan) Mesmo no pior cenário para a Índia, o número de mortes proporcionalmente à população é muito menor do que o do Brasil. Por quê isso? Levanto várias hipóteses: deficiências de governos; imunidade natural, genética, variantes menos virulentas, população jovem; distribuição em aldeias; hábitos culturais e alimentares, hábitos corporais e físicos, civismo etc

Ainda há um enigma e um mistério relacionado com tais números. Somente haverá uma resposta definitiva quando a pandemia arrefecer e tivermos o distanciamento histórico para compreender o que se passou." (Maurício Andrés Ribeiro)

\*FOTOS DE MAURÍCIO ANDRÉS RIBEIRO

29 de maio de 2021

**NOVOS CAMINHOS DA TERRA I**



Figura 1b - O evento paralelo da Eco-92 reuniu lideranças dos movimentos sociais de todo o mundo. Na foto, o lojão caolique Raoni em passeata (Foto: Marcus Tarnowsky).



Recebi de Célia Laborne, escritora, jornalista e poeta, o texto abaixo, publicado por ocasião da minha participação no Fórum Global da Rio-92. Célia Laborne é uma grande amiga e ex-colega da Escola Guignard, integrante da primeira turma que estudou e conviveu com o próprio mestre Guignard.

“A artista Maria Helena Andrés acompanhou boa parte do Fórum Global da Rio-92 e agora, nos dá o seu depoimento sobre o que viu através da grande sensibilidade que a caracteriza. Ela pôde perceber que estamos vivendo uma época de integração e síntese, o que foi sentido por todos os participantes da Eco que reuniu grandes nomes do poder,



tentando resolver a crise mundial do momento: a destruição do planeta Terra, pela ignorância do próprio homem.

Enquanto os governantes discutiam no Riocentro os destinos do mundo, no Aterro da Glória muitos assistiam ao encontro de várias tendências sociais e espirituais do ser humano buscando, antes de tudo, a consciência da unidade. Todos já compreendem que a crise é global, portanto, interessa a homens, mulheres e crianças de todas as raças e nacionalidades. Aliás, as crianças estiveram muito presentes e deram valiosos recados, diz a artista.

A ilusão da separatividade e o egoísmo, causadores da desordem a que chegamos, cederam lugar, no Rio, à compreensão da nossa unidade com a natureza, com todos os seres vivos e com o universo. Velhos conceitos mentais foram caindo pela própria força integradora do atual processo do mundo em mutação.

Segundo Maria Helena Andrés, foram distribuídos folhetos com a declaração do “Sagrado Encontro da Terra”, com dizeres assim: “Acreditamos que o Universo é sagrado porque é Uno. Acreditamos na santidade e integridade da Vida”. No Palácio Tiradentes, diz ela, na cerimônia dedicada à imprensa, jornalistas do mundo inteiro participaram do encontro das religiões. Cada um transmitia as mensagens em sua própria língua, pois havia tradutores para o inglês, francês, alemão, espanhol, etc. Todos viram que é necessário que a mensagem de paz e de busca da unidade seja divulgada por todos os cantos da Terra. O encontro ecológico da Rio 92 não permitiu que se traçassem limites, diz a artista. A terra é una, pertence ao Universo, e era preciso celebrar esta unidade com amor e respeito.

O encontro das várias religiões permitiu que cantassem todos juntos a celebração de Deus Uno, onipotente e onipresente. Foram derrubadas as barreiras erguidas pelos donos da verdade. A mesma energia criadora e transformadora estava presente em cada um."

*(Célia Laborne, Estado de Minas, Belo Horizonte, 16 de junho de 1992.)*

4 de janeiro de 2021

**NOVOS CAMINHOS DA TERRA II**

Dando continuidade ao artigo da Célia Laborne sobre a minha participação na ECO 92, transcrevo o texto abaixo:

“Dalai Lama, o grande líder espiritual tibetano, conduziu as pessoas à compreensão de uma tomada de consciência do homem integral deste fim de milênio. Ele disse que não há necessidade de templos, que o templo é o próprio coração do homem.

“Até o homem que não tem crença nem fé, se tiver compaixão, estará bem”.

Com a derrubada das ideologias podemos, hoje, chegar a um estado de maior compaixão, de alegria espontânea, pelo próprio fato de existir. Compaixão é sentir o outro como parte de nós mesmos, é perceber a vida de forma global, sem as divisões criadas pelo apego e a necessidade de poder. É preciso encontrar dentro de nós a inocência das crianças. Atuar dentro desta energia é uma das propostas do grande encontro, afirmou Maria Helena Andrés.

A voz das crianças foi ouvida em todas as reuniões da ECO 92. No Fórum Global, elas saudaram a chegada do navio Viking, e no Palácio Tiradentes, crianças do jardim da infância pediram aos adultos o direito de viver, de sobreviver nos anos futuros.

Muitos puderam perceber que a fonte da sabedoria existe dentro de cada um em estado latente, permanece sempre pura e tranquila, não importa quão variadas possam ser as condições e as circunstâncias criadas pelos homens.

O corpo e mente poderão desaparecer, diz Maria Helena, mas a verdadeira essência do ser humano não poderá ser destruída. A caminhada para esta verdadeira essência reuniu, no Rio de Janeiro, grandes e pequenos, ricos e pobres. Viemos de uma mesma fonte e a ela vamos todos retornar, homens, plantas e animais.

O encontro ecológico da Rio 92 transcendeu todas as reivindicações nacionais, culturais, sociais, políticas e religiosas. Quem observou com atenção pôde sentir o movimento da vida exigindo, antes de tudo, a tomada de consciência de que somos uma só família, que a Natureza nos foi dada como uma benção, visando um benefício global e não uma fonte de lucro para poucos.

Concluimos assim que a própria Natureza, agredida e desrespeitada pela mão do homem, está nos oferecendo agora, como Grande Mãe, a possibilidade de reconhecimento de nossos erros e a sintonia com os níveis mais profundos de nossa essência espiritual.”  
(Célia Laborne Tavares, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 de junho de 1992)

9 de janeiro de 2021

## **ORQUESTRA 415 DE MÚSICA ANTIGA**

Recebi de André Salles Coelho o relato abaixo sobre a Orquestra 415, que ele dirige há muitos anos.

“Os séculos XVII e XVIII deram origem a grandes compositores da história da música como Vivaldi, Bach, Telemann, Handel entre outros, muito conhecidos, porém com grande parte de suas músicas de câmara e orquestra pouco executadas, dada a falta de grupos especializados.

A Orquestra 415 de Música Antiga foi criada em 2012 com o objetivo de executar as obras desses grandes gênios de uma maneira apropriada, oferecendo ao público um espetáculo único, a primeira iniciativa desse tipo em Minas Gerais e a única do gênero a atuar de maneira independente no Brasil.



O diferencial do grupo está na utilização dos instrumentos: o traverso, a viola da gamba, a flauta doce, o cravo, o violino, o violoncelo barroco, todos réplicas dos instrumentos utilizados na época. Essa particularidade e o requinte na interpretação recriam uma sonoridade especial, muito próxima da que as pessoas daquele tempo ouviam.

Em seus nove anos de existência, a orquestra vem realizando concertos importantes em diversos palcos de nosso estado com grande repercussão. Isso tem permitido ao grupo manter uma atividade musical regular que promove a constante pesquisa e vivência da música clássica, dando aos músicos a oportunidade de aprimorar seu nível técnico, estilístico e artístico. Oferece também ao público a chance de conhecer a sonoridade daquele período. Uma viagem no tempo. Um momento em que nos transportamos para um lugar vivido pelos compositores e sociedade daquela época. O resultado de tudo isso contribui para a formação de uma plateia mais consciente, mais crítica, mais sábia e mais completa.

A orquestra tem realizado intercâmbios de conhecimentos com outros grupos de interesse como a dança, o teatro, a literatura, as artes plásticas etc.

Desde 2015 a orquestra leva aos palcos temporadas regulares com concertos mensais e um repertório novo a cada concerto, já tendo completado 05 temporadas integrais.

Durante esses **9** anos de existência a orquestra já realizou:

**81** concertos em **25** diferentes locais, sendo 20 concertos no Teatro João Cheschiatti do Palácio das Artes; 18 no Museu Inimá de Paula; 07 na Sala Juvenal Dias; 06 no Hotel Mercure/Lourdes, entre outros.



Foram executadas mais de **160** peças (muito possivelmente, em sua maioria, estreias nacionais) de **57** diferentes compositores, **4** espetáculos cênico-musicais (A Lira de Shakespeare, Cartas de Monteverdi, Dom Quixote e Vivaldi & Anna e **6** óperas (Le Carnaval de Venice, La Dirindina, Venus e Adônis, Livietta e Tracollo, Le Devin du Village e La Serva Padrona.)



Trabalhou com **6** diferentes regentes (Eduardo Fonseca, Claudio Lage, André Brant, Sérgio Canedo, Augusto Pimenta e Leonardo Cunha);



**4** corais e grupos vocais (AABB, Camerata Lux, Madrigal Scala e Seconda Prática); **38** diferentes solistas (Ana Roberta Rezende, André Cavazzoti, André Fernando, André Salles-Coelho, Artur Mário Jr, Bárbara Penido, Camila Corrêa, Cláudia Alves, Daiana Melo, Daniel Mussi, Diego d'Almeida, Eduardo Ribeiro, Elmo Sepúlveda, Emanuelle Lima, Ernani Dias, Haendel Cecílio, Iolanda Camilo, Jennifer Imanish, João Gabriel Carvalho, Jordane Moraes, Laila Rodrigues, Lara Tanaka, Leonardo Cunha, Marina de Paula, Matheus França, Marília Nunes, Melina Peixoto, Patrícia Chow, Raissa Brant, Renato Gomes, Robson Lopes, Sarah Lugon, Sérgio Anders, Sérgio Lacerda, Silvia Menez, Thiago Roussin, Wagner Soares e Wolney Garcia);



**5** Atores (Alex Prieto, Fabiane Aguiar, Gustavo Marquizini, Ivana Andrés, Jefferson de Medeiros e Luciano Luppi).

Durante seus nove anos de existência já passaram por seus quadros **94** instrumentistas de **12** diferentes instrumentos que, de uma forma ou de outra aprenderam, estudaram, pesquisaram, vivenciaram e executaram a música antiga de uma maneira profunda e enriquecedora.” (Depoimento de André Salles Coelho)



1 de agosto de 2021

\*FOTOS DE ARQUIVO

## **MARACATU LUA NOVA**

Ainda me lembro, como se fosse hoje, da chegada do Maracatu Lua Nova em Entre Rios de Minas, durante o encerramento do 2º Festival de Inverno em 2007.

Eu subi a ladeira de braço dado com meu filho Euler, naquela época presidente do IMHA.

A cidade se movimentou para ver o cortejo passar.

Eram os integrantes da celebração, com André Salles Coelho à frente, regendo.

Havia tambores e cânticos, a turma uniformizada seguia o cortejo. O som dos tambores repercutia pelas alamedas e as pessoas abriam as janelas com entusiasmo.

Aliás, todos se envolveram neste entusiasmo que significa “Deus dentro”.

O Maracatu veio da África, como herança dos negros, uma das preciosidades de nossa cultura.



Viva a alegria da tradição africana, que nos trouxe tanta beleza!

Lembro também da minha cunhada Lourdes, que encontrei na praça:

“Helena, só você mesmo para movimentar esta cidade!”

Deixo agora a palavra para um depoimento do André, que nos encantou com seu relato, por ocasião da live do IMHA, do dia 14/04.

“O Maracatu Lua Nova foi fundado em 21 de outubro de 2002, resultado da vivência de alguns dos integrantes com a tradição do maracatu e de uma extensa pesquisa histórica e um longo trabalho em busca das raízes mais profundas de nossas tradições.

No início, o grupo passou por um longo período de dificuldades: sem um local próprio para ensaios, seus encontros eram cada semana em uma praça diferente da cidade o que gerava desencontros, atrasos, incômodos, insatisfações da vizinhança e problemas com a polícia e com moradores de rua; sem um número suficiente de instrumentos e roupas e sem a possibilidade de um trabalho mais profundo em relação à vida social dos seus integrantes, o grupo sobreviveu precariamente durante esse tempo.

Com a grande participação de moradores do bairro Aparecida (bairro que desde o início teve uma forte ligação com o grupo), tornou-se fundamental que este se fixasse nas imediações.

Depois de muita luta, apoios, projetos, apresentações para custear a sede, o Maracatu Lua Nova conseguiu se fixar, primeiro no imóvel alugado, depois em sede própria em uma casa na rua Dona Clara 1046, no bairro Aparecida, em Belo Horizonte.

Com sua sede própria, o grupo pode aumentar seu número de participantes, melhorar sua infraestrutura com camarins para os homens e mulheres, sala de instrumentos biblioteca com um amplo acervo de livros, CDs e DVDs relacionado ao maracatu e outras manifestações tradicionais e área de ensaio e convívio social além de passar a oferecer oficinas variadas com enorme participação da comunidade. Além de oficinas de aprendizagem, reciclagem de conhecimentos e profissionalizante nas áreas de pintura, música, literatura, bordado, dança, teatro, destacaram-se nesse período oficinas de intercâmbios culturais como a oficina com

Dona Valdete – do grupo Meninas de Sinhá, de Belo Horizonte – e a oficina de maracatu com Mestre Afonso – do Maracatu Leão Coroado de Pernambuco: um dos mais antigos maracatus do Brasil.

O Maracatu Lua Nova tem como objetivo principal motivar o gosto e hábito pela música, dança e cantos, utilizando as tradições culturais e suas práticas derivadas. Como ponto diferencial, o grupo acredita sempre na diversidade, na mistura, no intercâmbio e, principalmente, na convivência e ajuda mútua de pessoas de diferentes raças, credos, classes sociais, ideologias, idades, histórias de vida, trabalho e região onde vivem. O Maracatu Lua Nova é um grupo profundamente inserido na comunidade em que atua, mas sobretudo, um grupo aberto a todas as pessoas, não fazendo discriminação de qualquer indivíduo que queira participar e compartilhar sua vivência com todos.

É justamente seguindo esse ideal que o grupo reúne pessoas de situações sociais inimaginavelmente diferentes, que de outra forma jamais poderiam ter a oportunidade de trocar experiências e aprender com um outro tão diferente.

Esse aprendizado mútuo é a base de toda a convivência do grupo e de sua inserção na comunidade em que está sediado. O grupo não acredita que pode simplesmente realizar ações assistencialistas e paternalistas a uma comunidade que merece muito mais do que isto, merece respeito por cada um de seus indivíduos seus conhecimentos e suas histórias de vida.

Só assim, com uma profunda noção de respeito, amor, carinho, amizade e companheirismo é que se constrói uma relação forte e duradoura que tem como resultado um grupo grande, conciso, coeso, claro de seus objetivos e íntegro na convivência de seus indivíduos.

Atualmente o Maracatu Lua Nova conta com cerca de 100 integrantes fixos, em sua maioria crianças e adolescentes do ensino público de Belo Horizonte. Nesses quase dez anos de existência mais de 1000 pessoas já passaram por suas oficinas, aulas e ensaios. Pessoas que aprenderam as noções básicas de ritmo, dança, ritual e respeito de uma das mais importantes manifestações folclóricas do país. Nesse tempo o grupo já realizou quase 200 apresentações em mais de 30 cidades de Minas Gerais, nos mais variados locais e situações,

sempre em grandes eventos como carnaval de Ouro Preto, festivais de inverno pelo estado, Fit, Fan, festas do rosário entre outras.

Desde a sua fundação, o grupo apresenta seu cortejo utilizando os ritmos, os instrumentos, as danças e as canções típicas do maracatu de baque virado.

Atualmente o grupo tem todos os personagens mais importantes do maracatu: os batuqueiros, as catirinas (meninas que dançam ladeando o grupo) as baianas (senhoras que dançam no centro) rei, rainha, bandeira, a dama do buquê, a calunga (a boneca preta – símbolo máximo do maracatu) e a dama do paço (a pessoa responsável por carregar a boneca).

Na instrumentação, vozes, alfaias (tambores graves) caixas claras (tambores agudos) e o gonguê (espécie de agogô com uma só campânula).

O grupo já lançou dois DVDs, parte de seu objetivo de difundir o maracatu, ser um mantenedor de sua tradição e contribuir para a autoestima e valorização de seus integrantes.

O primeiro DVD, lançado em 2008, tem 15 minutos de duração e é um documentário com entrevistas e cenas de apresentações e de bastidores. O segundo tem cinquenta minutos de duração e foi lançado em 2009. É o registro de um show realizado em Nova Lima no dia 13 de novembro de 2008.

Acreditamos ser essa uma das formas de se construir uma política cultural e social que sirva também como agente multiplicador das tradições voltadas para o patrimônio, o ensino das artes, o aprendizado recíproco e a participação de um indivíduo com plena consciência de sua participação na construção do que podemos chamar de Nação.

Contatos:

André Salles-Coelho (coordenador)

Fone: 9625.6195

e-mail: [andresallescoelho@gmail.com](mailto:andresallescoelho@gmail.com)

Site: [www.maracatuluanova.com.br](http://www.maracatuluanova.com.br)

18 de abril de 2021

## O POLÍMATA E O ARTISTA COMO POLÍMATA

Transcrevo abaixo o texto que recebi de Maria do Carmo de Freitas Veneroso, abordado em live do IMHA (DIÁLOGOS 2021).

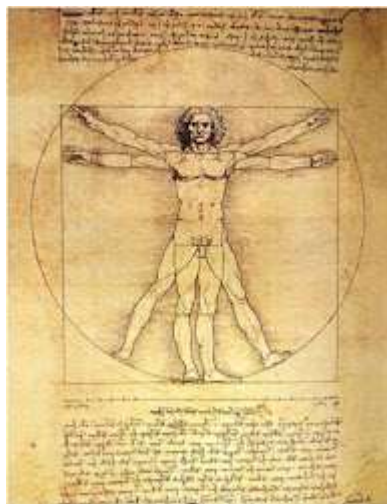
“Polímata (do grego πολυμαθής, transl. *polymaths*) pode ser definido como uma pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área. O historiador cultural Peter Burke, na conferência sobre o polímata, proferida em 21/11/2017 na série *UFMG, 90: desafios contemporâneos*, tece algumas observações sobre o papel do polímata atualmente: “Vivemos em uma época de grande especialização e o preço da especialização é a fragmentação dos saberes. Para remediar isso precisamos de um tipo de pessoa, o polímata ou generalista, que pode ver conexões entre vários campos, várias disciplinas”, alguém que se especializa em conectar vários campos, ao invés de apartá-los, contribuindo dessa forma para remediar o problema do excesso de fragmentação. Segundo Burke “o problema de hoje é que é cada vez mais difícil ter um nicho para esse tipo de polímata, seja na universidade ou em outros lugares, como a biblioteca”.

Na conferência Burke identifica três crises que mudaram a relação das pessoas com o conhecimento. A primeira, em meados do século XVII na Europa, foi provocada pelo surgimento dos livros impressos e a segunda, no século XIX, foi gerada pela proliferação de livros no ocidente. Ele aponta, ainda, uma terceira crise que ainda está acontecendo em escala global, provocada pela revolução digital, e pela internet, dizendo que ainda é muito cedo para prever as suas consequências de longo prazo. Durante essas crises Burke aponta uma ansiedade pela informação, pois as pessoas se tornaram conscientes e ansiosas, ao perceber que havia coisas demais para aprender (*too much to know*).

Segundo o autor, todas as três crises produziram “explosões” de conhecimento, tanto no sentido de uma rápida expansão quanto no sentido de uma rápida fragmentação do saber, dificultando a possibilidade de alguém se tornar um polímata, juntando os fragmentos, novamente, através da conexão entre campos distintos. A pergunta que Burke faz e que julgo instigante é se a era digital produzirá polímatas.

Também o cientista Joe Davis, professor do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e de Harvard (Departamento de Genética) defende o retorno a uma visão unificada do conhecimento, vigente na Antiguidade e no Renascimento, propondo o fim da barreira entre arte e ciência, defendendo o conceito do artista híbrido, que une arte e ciência, como Leonardo da Vinci.

Também Marcus Vitruvius Pollio (c. 80 a.C.-15 a.C.), que inspirou o famoso desenho do "Homem Vitruviano", de Leonardo da Vinci (1452-1519), é citado por Davis, como um polímata. Vitruvius parece acreditar que a unidade do conhecimento é intrínseca: tudo já existe como uma espécie de todo sincronizado, e é apenas a maneira pela qual interligamos as coisas que as torna inovadoras[1].



Leonardo da Vinci. *Homem Vitruviano*, lápis e tinta s/ papel, 1490.

A questão a ser colocada é: porque usar o termo polímata relacionado às artes? Como é o artista polímata? Joe Davis já deu algumas pistas e agora farei uma breve reflexão sobre a arte atual, buscando também o lugar do polímata.

## **A arte contemporânea como uma mistura de materiais e de signos e o artista como polímata**

Pode-se considerar que a arte atual caracteriza-se por uma mistura de linguagens e técnicas, contra uma suposta “pureza” do modernismo. Assim, pode-se apontar a perda da especificidade como uma das marcas da arte atual, criando um terreno propício para o ressurgimento do artista como polímata, que pode ser visto como aquele que explora relações intermediárias e algumas vezes transdisciplinares entre a arte e outras disciplinas e também como aquele que trabalha integrando as disciplinas, conectando vários campos.

O *Circuito Polímatas* é um conjunto de mostras realizadas em vários locais do campus da UFMG, em parceria com o Departamento de Ação Cultural da UFMG, entre maio e setembro de 2019, integrando a programação do *II Colóquio Internacional Escrita, Som, Imagem*, organizado pelo Grupo Intermídia da Escola de Belas Artes, Faculdade de Letras, Escola Música e Departamento de Comunicação da UFMG.

Idealizado e com a curadoria compartilhada entre Marília Andrés Ribeiro, Pedro Veneroso, Tânia Araújo e Maria do Carmo de Freitas Veneroso, o *Circuito Polímatas* reuniu quarenta e seis artistas que exibiram obras explorando os diálogos e cruzamentos entre diferentes mídias, linguagens e disciplinas, diluindo as fronteiras entre a arte, a ciência e a tecnologia e contribuindo para uma compreensão da arte a partir da sua interseção com diversas áreas do conhecimento e o artista como polímata.

Vários eixos temáticos ou possibilidades de leitura se cruzam no *Circuito Polímatas*, seja através do conceito, da técnica, das linguagens, ou da maneira como as obras abordam a intermedialidade, a transmedialidade e a transdisciplinaridade. As relações entre palavras e imagens estão presentes em muitos trabalhos, podendo ser vistas também como um eixo que perpassa vários outros.

No *Circuito*, entre outros eixos, alguns artistas abordaram as relações entre arte, ciência e tecnologia, abrangendo tecnologias atuais e obsoletas e a técnica como o tema ou como o meio para um fim e a História da Arte como uma história dos meios e das linguagens, seguindo o pensamento de Arthur Danto. Mostraremos a seguir algumas dessas obras expostas no *Circuito Polímatas*.” (Maria do Carmo Freitas Veneroso)





Eduardo Kac. *Gênese*, instalação transgênica (bioarte), 1999, remontada em 2019, durante o *Circuito Polímatas* na Galeria da Escola de Belas Artes da UFMG.

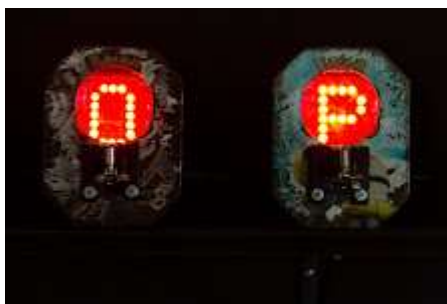


Pierre Fonseca. *“Máquinas de Conexão: dispositivo 1”*, paisagem sonora orgânica da série *Máquinas de conexão*, 2019.

Henrique Roscoe, Joana Boechat. *DUO LUMIA*, piano e arte computacional generativa, 2019.



Fred Paulino. *Grande Ficha*, instalação (gambiologia), 2019.



Fred Paulino. *Grande Ficha*, instalação (gambiologia), 2019 (det.).



Pedro Moreira. *Preces Pr'Um Conteúdo Temporário*, três velas, QR codes, 32 sites acessados através desses códigos.

26 de junho de 2021

\*Fotos de Sara Sem Nome

## **EULER DE SALLES COELHO**

Recebi de Euler Campos de Salles Coelho, um breve histórico sobre as suas diversas áreas de atuação, que por vezes se complementam tais como, Música, Direito e História. Transcrevo abaixo o relato deste sobrinho, que considero um polímata.



### **Música**

Iniciou seus estudos regulares de piano, em 1972, com a professora Carlotinha Gomes (aluna do professor e pianista Luigi Chiaffarelli que, por sua vez, teve como suas mais famosas alunas as pianistas Guiomar Novaes e Antonieta Rudge).

Em 1975, ingressou no Seminário de Música Pró-Arte, onde estudou com os professores Salomea Gandelman, Helder Parente e Felícia Blumenthal.

Em 1977, entrou no curso de composição da Escola de música da UFRJ. Teve como principais professores, Henrique Morelembaum, Ricardo Tacuchian, Sonia Maria Vieira, Nilza Fernandes, etc.

Retornou à Pró-Arte em 1984, onde estudou piano, História da Música e Apreciação Musical com o professor Breno Lucena Marques de Sá. Também frequentou o curso Análise dos últimos Quartetos de corda de Beethoven, com o musicólogo Homero de Magalhães.

Entre 1988 e 1992, estudou com o pianista Luiz Medalha, vencedor dos concursos internacionais de Terni, na Itália (1971) e do Chile (1972).

Frequentou a Master Class em piano com o pianista Antonio Guedes Barbosa, de quem se tornou amigo. 1988.

Frequentou a Master Class do pianista russo Serguei Dorensky, em 1989.

## **Direito**

Graduou-se em Direito pela PUC-RJ em 1985 com a monografia de final de curso intitulada “O Homem e a Liberdade”.

## **História**

Estudou e pesquisou na área de História durante toda a vida, sendo esse um de seus principais focos. As áreas abordadas foram diversas, abrangendo desde as civilizações da Antiguidade Clássica, passando pela História Medieval, até pequenos detalhes da história brasileira. Em determinada ocasião, dedicou-se à pesquisa de determinado período da vida de Santos Dumont focando, principalmente, as décadas de 1920 e 1930. Descobriu uma série de cartas inéditas do grande inventor brasileiro, enviadas para seus amigos Heitor Peixoto (Heitor de Andrada Peixoto) e Paulino Ribeiro Campos. Concluída a pesquisa em 1995, fez a doação de oito originais e cópias de cartas do pai da aviação para o Museu “Casa de Santos Dumont”, em Petrópolis. Dentre essas cartas, destaca-se uma, cuidadosamente restaurada pelo museu, enviada para seu amigo Heitor Peixoto, na qual, Santos Dumont expressa todo o seu sentimento pacifista. Nela, pede a Heitor Peixoto que faça tudo o que puder para que ele não receba nenhum tipo de nomeação efetiva ou honorária do ministério da Guerra, nomeação esta, pedida por um “tal de senador Cavalcante”. Ele ainda explica que tinha pedido para a Liga das Nações a interdição do avião como arma de guerra. Lamentavelmente este pedido não foi atendido e, postumamente, lhe atribuíram o título de “Marechal do Ar”.

Em 2004, fez uma pós-graduação na Universidade Candido Mendes, onde escreveu a monografia “A Revolução Russa de 1917 Sob O Olhar De Alexandre Kerensky”.

Foi convidado pelo historiador Manolo Florentino, em 2013, para desenvolver projetos relacionados à Música Clássica para a Fundação Casa de Rui Barbosa.

Atualmente pesquisa sobre os primórdios da industrialização em Pernambuco, na época em que este era o segundo Estado mais industrializado do Brasil. Neste período, tem como foco o maior complexo financeiro, agro, industrial e comercial do Nordeste, a firma Mendes, Lima & Cia, com sede no Recife que, no período entre 1900-1923, tinha como gestor o empresário Antonio Mendes Fernandes Ribeiro.

Sua casa serviu, por quase vinte anos, como ponto de encontro de intelectuais, escritores, professores, historiadores, músicos, principalmente pianistas, como Nelson Freire, Antônio Guedes Barbosa, Luis Medalha Marcelo de Alvarenga, cantores eruditos e populares, polímatas e boêmios.





Caro Amigo

Acabo de receber uma faxada com Mito sobre  
de saber todos bem e a pequena bofetada. Já me vem  
a propósito para a sua chegada aqui. Quando virá?  
Diga-me também a que hora passará. É de agradecer  
pelo que fez "contra" a tal mala memoriação de  
coronel ou general que se chama Barão de Caxias.  
Conto sempre com Barão. Conto mesmo com o seu  
auxílio. Se já vierem ao tal comando via televisão  
dizendo que fazem Diga. Mas não entendi o porquê  
queira o seu imperial e com certeza qual  
comparação efetiva no honorário. Definitivamente quero  
fazer um livro a todos de uma família e também  
a sua família.

Um abraço de  
Santos Dumont



21 de junho de 2021

\*FOTOS DE ARQUIVO



## LEI ALDIR BLANC E AÇÕES CULTURAIS DO IMHA

Recebi de Marília Andrés Ribeiro o texto abaixo sobre projetos recentes do IMHA, que estão sendo realizados através da Lei Aldir Blanc.

“O Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), inaugurado em 2005, tornou-se um Ponto de Cultura no município de Entre Rios de Minas, em 2010. Com quatro festivais de inverno e vários projetos culturais/educativos, se consolidou como um ponto de referência no Campo das Vertentes.

Sediado em Brumadinho, no ateliê de Maria Helena Andrés, desde 2013, o IMHA tem direcionado suas ações para a pesquisa, catalogação, divulgação e ação cultural a partir da obra da artista.

Atualmente, está realizando o projeto - *IMHA Ponto de Cultura 2021* - que consiste em diversas ações culturais e sociais em Belo Horizonte/Brumadinho e Entre Rios de Minas. O projeto está sendo viabilizado pela Lei Aldir Blanc, em parceria com a Secretaria de Cultura de Minas Gerais (SECULT) e a Secretaria Especial de Cultura do Ministério de Turismo e está sendo coordenado por Marília Andrés Ribeiro e João Diniz, presidente e vice-presidente do IMHA.

Maria Helena Andrés mantém, desde 2010, dois blogs na internet “*Minha Vida de Artista*” e “*Memórias e Viagens*”. Nos dois meses próximos o blog “*Minha Vida de Artista*”, coordenado por Maria Helena e Ivana Andrés, irá divulgar os projetos que estão sendo desenvolvidos através da Lei Aldir Blanc, enquanto o blog “*Memórias e Viagens*” irá fazer uma retrospectiva das principais ações que foram desenvolvidas pelo IMHA, desde a sua inauguração em 2005. Uma ênfase será dada às ações que foram realizadas após o IMHA ter se tornado Ponto de Cultura.

O projeto atual envolve vários profissionais do campo artístico e cultural: arquitetos, historiadores, artistas visuais, atores, professores, arte educadores e bordadeiras.

Luciano Luppi irá apresentar uma postagem com o processo e as motivações para a realização de nove vídeos: seis deles versarão sobre as diversas fases da obra de Maria Helena Andrés (Figurativa, Construtiva, Barcos, Guerra, Espacial, Mandalas) e um deles sobre a artista como fotógrafa. Os outros vídeos são: “*A poética do Cotidiano*” de Maria Helena, realizado durante a quarentena, em parceria com Marília Andrés Ribeiro e Elena Andrés Valle, e “*Pepedro no Caminho das Índias*”, baseado no livro homônimo, de autoria de Aparecida Andrés com ilustrações de Maria Helena Andrés.

Estão sendo realizados quatro e-books sobre a artista: *Pepedro no Caminho das Índias*, *Reflexões sobre Arte*, *Fortuna Crítica* e *Viagens Culturais*. Este projeto conta com a participação de Maurício Andrés Ribeiro, Maria Aparecida Andrés, Marília Andrés Ribeiro, Fernanda Granatto, Nelyane Gonçalves Santos e Mariângela Pimenta Ramos.

Eliana Andrés Ribeiro, Elena Andrés Valle e Walmir Goes estão trabalhando na organização do arquivo virtual das obras de Maria Helena e na atualização do site do IMHA. Paralelamente, Nelyane Santos está trabalhando na catalogação e organização da fortuna crítica de Maria Helena Andrés, com a supervisão de Marília Andrés Ribeiro.

João Diniz e Isabel Diniz estão coordenando cinco lives, visando a discussão de temas contemporâneos e a divulgação dos projetos do IMHA. As lives deverão acontecer sempre nas quartas feiras de 19:30 às 20:30, seguindo o cronograma abaixo:

27/01: *Transpandemia*, com Maurício Andrés Ribeiro

03/02: *Oficina de produção musical*, com Alexandre Andrés

10/02: *Arte e Vida de Maria Helena Andrés*, com Marília Andrés Ribeiro

24/02: *Educação Patrimonial em Entre Rios de Minas*, com Teresa Rolim Andrés.

03/03: *Grupo Voz e Poesia*, com Luciano Luppi e Ivana Andrés

A retomada das ações do IMHA em Entre Rios de Minas está sendo realizada através do microprojeto “*Bordando e Brincando nosso Patrimônio*”, a partir do trabalho das bordadeiras de Entre Rios que focaliza a arquitetura da cidade. Coordenado por Teresa Rolim

Andrés, com a participação de Lara Rolim e Sarahy Fernandes, o projeto vai oferecer uma oficina virtual de *Educação Patrimonial*, durante o mês de fevereiro, bem como a produção e distribuição de material didático (cartilha e jogos) nas escolas municipais e estaduais da cidade. Este projeto tem o apoio da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Entre Rios de Minas.

Finalmente, o contato que foi iniciado com outros *Pontos de Cultura*, através de encontros virtuais promovidos pela Lei Aldir Blanc, irá certamente gerar uma rede de comunicação e de troca de ideias extremamente produtivos, que poderá inspirar novas ações culturais em Minas Gerais.” (Marília Andrés Ribeiro, presidente do IMHA)

24 de janeiro de 2021

## **PRODUÇÃO MUSICAL DE ALEXANDRE ANDRÉS**

Recebi do meu neto Alexandre Andrés o texto sobre a sua produção musical, que transcrevo abaixo:

Na aula que dei para o projeto do IMHA, junto a Aldir Blanc, falei sobre um tema importante para músicos e artistas em geral, que se trata do funcionamento da produção musical, na trajetória e carreira de um músico/performer.

Falamos sobre várias questões que envolvem o tema, como os diferentes processos de gravação musical e sobre a evolução dessa área.

Independentemente do tipo de gravação, se ela é analógica, digital, se é feita ao vivo ou de maneira separada (a conhecida gravação em overdub), isso corresponde somente a uma das diversas vertentes que compõe o tema.

A produção musical se trata de uma função primordial para qualquer músico que queira desenvolver uma carreira, gravar e lançar discos. Essa prática abrange diversas vertentes: não somente a gravação do conteúdo musical, mas toda a criação estética do

trabalho, desde a escolha das músicas que irão compor o repertório, os arranjos dessas composições, os músicos que estarão envolvidos na gravação, o local onde será gravado, como será gravado e qualquer outra questão que possa modificar esteticamente o projeto.

Ou seja, o produtor musical não precisa necessariamente executar as diversas ações dentro de uma produção, ele não precisa necessariamente ser o engenheiro, ser o arranjador e um dos músicos da banda. Ele pode ser somente um visionário, que consegue escolher todos os ingredientes de uma receita que deve ficar extremamente saborosa em seu desfecho. Contudo, ele pode cumprir todas essas funções e, a meu ver, quando ele se envolve praticamente nas diversas ações, há uma postura ainda mais musical, talvez por haver ali uma maior intimidade com a área.

Por fim podemos dizer que é esse produtor musical o responsável pelo sucesso ou fracasso de uma obra conduzida por ele. É ele quem assina essa função, que tem como objetivo principal o sucesso da gravação de uma obra, obviamente em acordo com as pretensões apresentadas pelo artista principal.

Na minha apresentação ao IMHA falei, dentre outros temas, a respeito da produção que fiz do disco do Duo Foz, duo que corresponde a parceria da vibrafonista Natália Mitre com o guitarrista P.C. Guimarães. Acabei assinando a produção do disco junto aos músicos, e gravando no meu estúdio “Macieiras”.

Todo esse processo começou quando assisti um vídeo de Natália e do P.C., uma live desenvolvida pela “Veredas Produções” e pude perceber ali uma incrível conexão entre os músicos, algo raro, a meu ver, em produções semelhantes. Nesse momento eu buscava a gravação de um disco para estrear meu estúdio, que acabara de ser reformado. O convite foi feito aos músicos e respondido imediatamente por eles, que se mostraram extremamente motivados e agradecidos.

A produção ocorreu no mês de agosto de 2020, bem no meio da pandemia. Para isso, fizemos uma boa quarentena e partimos para uma imersão na fazenda das Macieiras, onde trabalhamos juntos por cinco dias (nós três e o videomaker Lucca Mezzacappa), que registrou todo o processo.

Essa produção consistiu, dentre todo o trabalho musical, das reformulações de cada música, a criação musical sobre o material levantado pelos músicos e reformulações gerais de cada composição, na busca pela presença durante cada processo de ensaio e/ou gravação.

Mas o que seria essa tal presença? Vale ressaltar que isso tem total ligação com a proposta de trabalho de Maria Helena Andrés, que sugere a integração da arte com a espiritualidade e, naturalmente, com a busca espiritual. Naturalmente, esse viés parece promover uma amplificação do conteúdo artístico, uma vez que esse passa a ser desenvolvido em um terreno onde o espiritual é valorizado e buscado, em consonância com cada movimento artístico.

Partindo desse viés de produção artística, apresentei a seguinte proposta para Natália, P.C. e Lucca: cada momento que estivéssemos tocando, dentro do estúdio, estaríamos ali buscando a presença. Essa, para mim, se trata de estar, o máximo possível, consciente de cada movimento, de cada escuta, respiração e a sensação do corpo como uma âncora que nos traz, a todo momento, de volta para dentro de nós mesmos. O fazer musical suscita uma infinidade de forças, dentre elas o ego do artista, que se preocupa a todo momento com os erros e acertos, com o bonito e o feio. Assim o artista se irrita frequentemente, sempre que algo não acontece como o planejado.

A proposta mais importante da nossa produção foi justamente a de se desprender de todas essas preocupações e de estar conectados, ao máximo, a nós mesmos e aos que estariam junto de nós. A ideia é que isso que poderíamos produzir ali, energeticamente falando, é o que seria registrado em disco. Isso é o que, hoje, acredito: se tocamos e gravamos e nesse momento estamos com raiva, estamos registrando ali a nossa raiva; se estamos tocando com medo, estamos registrando o nosso medo; se no momento da performance estamos mais conectados, buscando estar presentes, ou melhor, atentos a cada centímetro de vida que se passa, há, naturalmente, uma amplificação daquilo que se produz e, em uma gravação, isso é o que se registra.

A minha maneira de produzir música, para além de todas as questões musicais, se encontra em consonância com essas ideias e, certamente, desenvolvi tais ferramentas por

influência direta de minha vó Maria Helena Andrés. Foi extremamente importante ver de perto sua maneira ímpar de produzir arte. Me percebo hoje buscando algo muito semelhante ao que vejo ela fazendo e ensinando no âmbito das artes plásticas e em outras vertentes artísticas onde transita. Estamos falando de uma das maiores artistas e espiritualistas, que construiu um trabalho enorme com respeito a possibilidade de se fazer arte partindo de lugares diferentes, mais profundos e conectados a outros planos astrais. Trata-se de um segredo muito valioso que, quando compreendido por um artista, pode elevar seus caminhos artísticos de forma exponencial. Como músico e produtor musical, deixo aqui meu agradecimento a minha vó e amiga, Maria Helena Andrés, por tudo que me ensinou e por todo o conhecimento que tem deixado registrado, para os artistas que tiverem uma mínima abertura à esse segredo profundo que se pode ter contato.

3 de abril de 2021

\*FOTOS DE ARQUIVO

### **...COM OS ANDRÉS**

Recebi de João Diniz o texto abaixo, afetuoso e poético, que muito me emocionou. Tenho para com o João, arquiteto e multiartista, uma grande admiração. Na última quarta-feira a sua live “Transarquitectura” nos deu uma dimensão da versatilidade e da qualidade de suas realizações. Algumas podem ser vistas nas fotos enviadas. O excelente vídeo “Color Sonata para Maria Helena Andrés” está no Youtube.

“Foi no início dos anos 80 que entrei em contato com os Andrés. Eu já conhecia a importância do trabalho cultural de Maria Helena como pintora, pensadora e educadora, e sabia também que ela era a mãe de uma turma talentosa que eu já admirava.

Primeiro conheci o Arthur, de quem fui colega na Fundação de Educação Artística em BH, onde fiz aulas de teoria musical num semestre sabático em que eu aguardava para ingressar na escola de arquitetura da UFMG.



Depois foi o Maurício, colega arquiteto, companheiro de aventuras profissionais e editoriais nas revistas Vão Livre e Pampulha, onde escrevemos artigos em parceria, e que é, desde então, um interlocutor sábio em questões de arquitetura, ecologia, meio ambiente e espiritualidades.

Nessa época fiz também aulas de yoga com a Eliana e essas práticas me acompanham até hoje em ações e pensamentos ligados ao equilíbrio corpo-espírito e a outras consciências ligadas à alimentação e à não violência.

Com Ivana colaborei como fotógrafo, ajudando na divulgação de exposições. Nela admirei a polivalência da artista visual, poeta, atriz e cantora; o que me confirmou as possibilidades interdisciplinares da arte, o que, desde aquela época, já me interessava.

Com Euler me interessam conversas em torno de sua experiência no campo, com forte pegada ambiental, um exemplo pragmático complementar às minhas reflexões, às vezes teóricas, sobre agricultura e ecologia.

E finalmente Marília, a irmã que conheci por último, e com quem não foi menor a afinidade. São muitos os assuntos em comum: história, artes visuais, micro políticas, dentre outros. Marília me ajudou, com sua visão precisa, em textos críticos e curadoria nas exposições 'Trama' e 'Typos Extraños' que fiz em BH; além das edições de dois livros que publiquei pela editora C/Arte da qual foi fundadora e diretora. Mais recentemente, ela me convidou para a diretoria do IMHA: Instituto Maria Helena Andrés o que aceitei de pronto, entendendo que essa seria uma boa oportunidade para estar por perto dessa turma serena e criativa.

O convívio com esses irmãos e irmãs frequentemente me aproxima de Maria Helena, a grande mãe. Ela, com todo respeito merecido por sua trajetória artística e longa sabedoria, sempre me dedica calorosa atenção e estímulos, se mostrando constantemente interessada em minhas ações, e estando frequentemente pronta a fazer comentários positivos, me incentivando a avançar em ações ligadas à arte e cultura. Ela me dedicou espontaneamente um importante texto sobre a exposição 'Trama' que fiz na galeria da Asa de Papel em BH.

Tudo isso sem falar da jovem geração de netos que vem chegando, e já mostrando competência em suas áreas de atuação. A estes tenho especial admiração por Elena e Roberto, como arquitetos; e por Alexandre como músico.

Chego a esse distanciado ano de 2021 junto com os Andrés trabalhando no projeto de diálogos virtuais incentivados pela lei Aldir Blanc, onde, a cada encontro remoto, vamos apresentando realizações e ideias, e juntando mais pessoas interessadas na arte, cultura, natureza e amizade.

Sou grato por essas vivências que me confirmam a possibilidade da existência de uma grande família que congrega pessoas ligadas por laços sanguíneos a outros parceiros afins, num propósito comum de produzir afetuosamente o belo, o saudável e o justo.”  
(Depoimento de João Diniz)

Para maiores informações sobre João Diniz:

<http://www.joadiniz.com.br>

<http://joadiniz.wordpress.com/>

<http://www.youtube.com/joadiniz>

27 de março de 2021

## **PROJETO BORDANDO E BRINCANDO O NOSSO PATRIMÔNIO**

Recebi de Teresa Rolim Andrés o texto abaixo, sobre o projeto “Bordando e brincando o nosso patrimônio”, realizado em Entre Rios de Minas através da Lei Aldir Blanc:

“O Instituto Maria Helena Andrés realizou em Entre Rios de Minas, nos meses de janeiro e fevereiro de 2021 o projeto “Bordando e brincando o nosso patrimônio”. O IMHA formou uma equipe para executar esse projeto. Além de mim, Teresa, como coordenadora, o projeto contou também com a participação da Ana Luisa, arquiteta especialista em tombamentos de bens culturais; Bruno, historiador e Aline e Isabela, ambas arquitetas e especialistas na construção de jogos.

A primeira parte do projeto foi aproximar toda a equipe do grupo “Bordadeiras de Quinta” e do trabalho que elas desenvolvem bordando casas da cidade. Foram diversos encontros virtuais onde pudemos ver e ouvir histórias dos bordados, das casas, das bordadeiras. A alegria do grupo contagiou toda a equipe e foi fundamental para sabermos a direção que tomaríamos no restante do projeto. Nossa ideia era não chegar com um conceito pronto de patrimônio para a oficina que iria acontecer dentro de alguns dias. O importante era que esse conceito passasse pelo trabalho que já acontece no grupo das bordadeiras e que, permeado dessa experiência, fosse ainda mais enriquecido pela oficina.

A segunda parte do processo foi uma Oficina de Patrimônio. Para a oficina foram convidados representantes de todas as escolas do município, fossem elas municipais ou estaduais, e também representantes das diversas instituições civis da cidade. A participação foi muito boa. Chegamos ao final de uma semana de trabalho, também online, com um grupo coeso e entusiasmado e com poucas ausências.

Durante todo o processo, tanto com as bordadeiras, quanto na oficina, o trabalho da construção do jogo foi desabrochando. O objetivo do projeto era que nascesse um jogo que pudesse ser distribuído a todas as crianças que frequentam a escola no município, do 1º. ao 5º. ano. Chegamos ao final com o objetivo cumprido, construído de forma coletiva e com a alegria de ter criado algo que pode ser jogado não apenas entre crianças, mas que pode envolver toda a família.

O jogo criado é um baralho de cartas. Nele temos fotos de muitos bordados, fotos de algumas dessas casas, palavras-patrimônio, que surgiram durante a oficina e também alguns detalhes dos bordados que podem remeter a diversos patrimônios diferentes, presentes não só em Entre Rios, mas na vida em torno de cada um de nós. Vem acompanhado de uma cartilha, onde além das formas de jogar, incluímos diversos conhecimentos que surgiram sobre as casas e o patrimônio arquitetônico em geral. As formas de jogar são diversas: pode-se por exemplo, jogar um jogo da memória onde o objetivo é encontrar o bordado e a foto

da casa. Este exemplo já pode trazer muitas reflexões, pois a foto nem sempre é igual ao bordado, as casas mudam, algumas nem existem mais. Outros jogos nos permitem falar mais da história da cidade, em outro temos que sair pela cidade e observar elementos que aparecem nas casas bordadas e que podemos descobrir na nossa rua, no nosso bairro. De forma delicada o jogo permite muitas observações e reflexões sobre o patrimônio. É um patrimônio que descobrimos nosso, ou das bordadeiras ou dos membros da oficina, e que pode - ou não - ser o mesmo daquele que aprendemos nos livros. A viagem está apenas começando!” (Teresa Rolim Andrés)

12 de março de 2021

## **TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE MARIA HELENA ANDRÉS I**

Transcrevo abaixo o texto sobre minha trajetória artística que recebi de Eliana Andrés Ribeiro:

“A **Trajetória Artística** de Maria Helena Andrés pode ser considerada uma síntese de todo o seu processo como artista plástica, escritora e arte educadora, desde os 14 anos de idade, até os dias de hoje. Surgiu a partir da organização de seu arquivo, fonte de um extenso material, e a participação constante da artista, com depoimentos e confirmações, a enriquece e torna suas informações mais precisas.

A trajetória complementa o livro de autoria de Almerinda Lopes da Silva, publicado em 2004, mencionando inclusive a criação do IMHA e as mais recentes formas de manifestações artísticas de Maria Helena, como as esculturas, as fotografias e as colagens. O objetivo dessa trajetória é o de, junto ao livro editado pela C/Arte, ser inserido a projetos, como uma das formas de apresentação da artista. Também pode ser apresentada a museus, galerias, escolas de arte, colecionadores e outros interessados em conhecer melhor a artista.



A **Trajectoria Artística** nos mostra a linha do tempo do processo artístico de Maria Helena. Selecionei o que de mais importante considero em relação às suas realizações, desde o início de suas expressões artísticas, antes de sua formação em escolas de belas artes, a influência marcante de Alberto da Veiga Guignard, e a passagem do figurativo para o abstrato, tendência predominante em suas obras desde a década de 1960.

Duas exposições marcaram a carreira de Maria Helena Andrés naquela época. Em São Paulo, na Galeria das Folhas, quando foi indicada para o prêmio de desenho, em 1961, e a outra, individual, referente à fase espacial, no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, por ocasião da chegada do homem à lua, em 1969.



A participação em Salões e Bienais, as Salas Especiais, além das homenagens recebidas ao longo de sua carreira profissional, também são mencionadas no texto.

Foram inseridas algumas imagens de gravuras, serigrafias e tapeçarias, pouco conhecidas do público em geral, além dos principais painéis realizados pela artista.

O sucesso no mercado de arte nunca foi prioridade em sua carreira profissional. Suas diferentes formas de expressão artística acompanham seu processo de vida, sempre impulsionado por necessidades e buscas internas. (Eliana Andrés Ribeiro)

**“O interesse pela Índia, de certa forma, me afastou da necessidade em me promover como artista plástica. Recusei vários convites para exposições individuais, embora nunca tenha parado de pintar”. (Maria Helena Andrés)**

28 de fevereiro de 2021

FOTOS DE ARQUIVO



## TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE MARIA HELENA ANDRÉS II

Dando continuidade à postagem anterior sobre a minha trajetória artística, transcrevo abaixo o texto enviado por Eliana Andrés Ribeiro:

“Os caminhos da arte são os caminhos da vida, porque arte e vida não se separam”.  
(Maria Helena Andrés)

“Na viagem de Maria Helena aos Estados Unidos, na década de 1960, o primeiro toque gestual Zen aparece em seus desenhos, refletindo um movimento mundial iniciado naquela época. A viagem do Beatles à Índia influenciou jovens de várias partes do mundo a voltarem o olhar para aquele país, iniciando um processo cultural de integração Oriente/Ocidente marcante na segunda metade do século XX.

Na mesma década, Maria Helena reflete na sua fase de **Guerra** a situação política do Brasil. Esta fase reflete o aspecto destrutivo com uma intensa força de expressão que surgia contra as ações de repressão e violência impostas pelos governantes militares. “Meus quadros desta fase significaram uma denúncia à opressão e ao medo”.

Maria Helena realizou várias viagens à Índia. A fase **Mandalas**, na década de 1980, reflete o processo de busca do seu próprio universo interno, a intensificação da leitura de pensadores orientais, e o contato direto com a fonte dessas filosofias, nos diferentes centros espiritualistas daquele país.



A afinidade com as ideias de Jiddu Krishnamurti e a ênfase dada por ele à educação a marcaram significativamente. A partir daí sua trajetória como arte educadora se intensificou, e de volta ao Brasil encontrava terreno fértil na Universidade Holística Internacional de Brasília, onde se cultivava a visão holística e onde ela era sempre convidada por Pierre Weil a ministrar workshops. Ali a integração arte/espiritualidade é uma constante.”



**Encontro das Dimensões com Fritjof Capra, na Universidade Holística Internacional de Brasília.**

Da esquerda para a direita: Ubiratan D'Ambrósio, José Lutzemberger, Maria Helena Andrés, Mércia Crema, Fritjof Capra, Pierre Weil, Harbans Lal Arora, Ken O'Donnell, Sra. H. Arora e Roberto Crema.

A criação do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), em 2005, em Entre Rios de Minas, significou a expansão e concretização das ideias da artista no que se refere à educação por meio das várias formas de expressões artísticas, a valorização do patrimônio e também do meio ambiente.

Acompanhei minha mãe em várias de suas viagens à Índia. O turismo fazia parte do nosso roteiro, mas a estadia em vários *ashrams* (centros espiritualistas) era sempre a nossa prioridade. São locais onde se cultiva o estudo, o silêncio, a contemplação, o respeito por todos os seres, a simplicidade e a arte estendida à vida.

A pandemia tem nos afastado dos compromissos sociais, do excesso em consumo, em viagens, e tem nos aproximado da natureza, do cotidiano de vida interior. A vivência em *ashrams*, naquelas viagens, com certeza nos fortaleceu e nos preparou para vivenciarmos com maior aceitação e serenidade o momento presente.

Desde 1980, Maria Helena reside num condomínio no município de Brumadinho, próximo a Belo Horizonte. O contato com a natureza e a prática de *Yoga*, que fazem parte do seu dia a dia, com certeza tem proporcionado momentos favoráveis à continuidade de suas atividades como artista, e como escritora até os dias de hoje.

Obs.: A Trajetória Artística elaborada no projeto do IMHA para a Lei Aldir Blanc, estará disponível no site do Instituto a partir de março de 2021. "(Eliana Andrés Ribeiro)

7 de março de 2021

FOTOS DE ARQUIVO

## **UM OLHAR SOBRE O ARQUIVO DE MARIA HELENA ANDRÉS**

Recebi de Eliana Andrés Ribeiro o texto sobre o meu arquivo, que transcrevo abaixo:

“Há mais de 40 anos tenho acompanhado de perto a trajetória de minha mãe, como admiradora de suas diversas expressões artísticas, como colaboradora em suas publicações, seja como desenhista, autora de textos, ou organizadora; além de ter participado em sua equipe, como professora, de vários workshops na Universidade Holística Internacional de Brasília.

Acompanhei Maria Helena em várias de suas viagens à Índia, ponto em comum de nossas trajetórias, desde que descobri minha grande afinidade pelas tradições filosóficas daquele país. A integração dessas filosofias vem determinando nossos valores, nosso estilo de vida, desde os hábitos alimentares, a valorização do simples, do frugal, até a postura diante do mistério da nossa passagem por este planeta.

Eu me considero guardiã de um arquivo precioso, que nos transmite a história de uma artista que tem levantado voos bem acima do lugar comum. O arquivo de Maria Helena contém, além de artigos de jornais e revistas, catálogos, vídeos, imagens da artista e também de suas obras. Todo este material nos forneceu as informações necessárias para a

elaboração de sua extensa biografia, com o registro das mais de 100 exposições realizadas ao longo de sua carreira artística.



Convite da exposição do grupo de artistas construtivos brasileiros que integra a Coleção Adolpho Leirner, realizada em Zurich, na Suíça, em 2009/2010.



Exposição de Maria Helena Andrés na galeria da Escola Guignard, Belo Horizonte, realizada em comemoração aos 70 anos da Escola Guignard, em 2015.

Quando lemos os depoimentos dos mais de 30 críticos que escreveram sobre ela, compreendemos melhor a sua busca como artista plástica por diferentes formas de

expressão, predominando a estética do belo, do lírico, daquilo que estimula em nós algo que nos traz leveza e sentimentos nobres.

Quando lemos seus diversos livros percebemos que Maria Helena é uma artista pensadora e que aos 98 anos continua nos trazendo lições de sabedoria, fruto de um trabalho intelectual intenso, desde a leitura de pensadores cristãos na década de 1960, dos grandes filósofos orientais, a partir dos anos 1970 e a integração de tudo o que foi assimilado nas últimas décadas, até os dias de hoje.

Nos artigos de jornais dividimos aqueles que foram escritos por críticos e os inúmeros artigos que reúnem depoimentos da própria artista.

Dos vídeos destaca-se *Maria Helena Andrés – Arte e Transcendência* (\*), um documentário lançado em 2018, dirigido por Evandro Lemos da Cunha e Danilo Vilaça, com a colaboração de uma equipe formada por nossa família. Em apenas 26 minutos focalizamos toda a trajetória de Maria Helena, como artista plástica, escritora e também como arte educadora, o que nos exigiu uma longa pesquisa e dedicação.



Maria Helena tem desenvolvido todo o seu potencial como artista plástica e como escritora. Além disso, sempre teve facilidade em expressar suas ideias, o que posso ilustrar com o seu depoimento recente dado para a Escola Guignard. Sua clareza, lucidez e inspiração

ao falar, inclusive de sua visão positiva da vida, em plena época de pandemia, é um exemplo para todos nós (\*\*).” (Eliana Andrés Ribeiro)

(\*) Ver Youtube “Documentário: *Maria Helena Andrés- Arte e Transcendência*.”

(\*\*) Ver depoimento da artista para a inauguração das aulas online na Escola Guignard, em novembro de 2020, no Youtube: Trecho da 3ª Aula Inaugural da Escola Guignard.

19 de fevereiro de 2021

\*FOTOS DE ARQUIVO

## **E- BOOKS NO EDITAL DE 2021**

Recebi de Maurício Andrés o texto abaixo, sobre o projeto que ele e equipe estão realizando para o Edital da Lei Aldir Blanc:

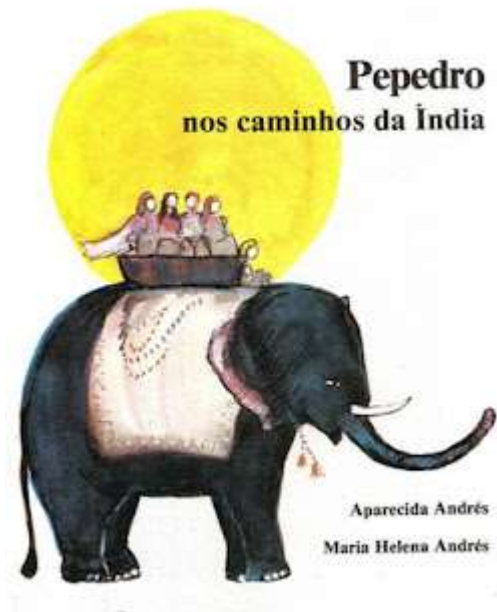
“A digitalização da sociedade, que já vinha acontecendo de modo rápido, acelerou-se ainda mais com a pandemia.

Tudo aquilo que não se encontra digitalizado e disponível eletronicamente para acesso à distância torna-se invisível. É como se não mais existisse, evapora-se da memória coletiva.

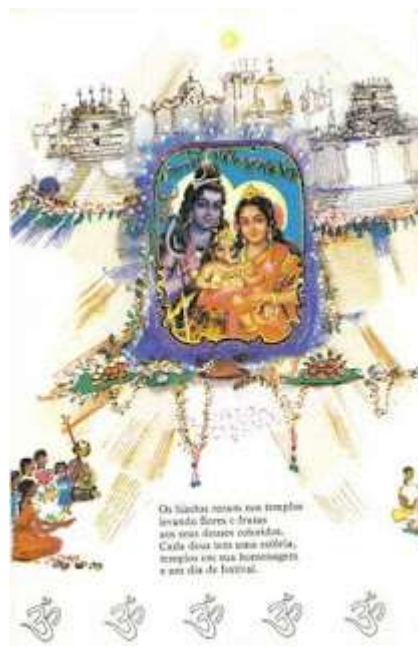
Daí a importância de colocar em meio digital livros, publicações em papel e outros produtos que foram criados analogicamente.

É nesse contexto que o IMHA produz os e-books (em português, inglês e espanhol) *Pepedro nos caminhos da Índia*, livro de autoria de Aparecida Andrés ilustrado por Maria Helena Andrés e que tem duas edições em papel esgotadas. Esse livro conta a história de um menino brasileiro em suas andanças pela Índia, acompanhando seus pais e o que ele observou e vivenciou naquele país.





Capa de primeira edição do livro Pepedro nos caminhos da Índia.



Pepedro nos caminhos da Índia – ilustração e texto de uma página



Uma versão em videoaudiolivro também está sendo também produzida, proporcionando o acesso ao livro para crianças ainda não alfabetizadas.

Do mesmo modo, os textos de Maria Helena Andrés sobre Arte e sobre suas viagens culturais, sobre arte e evolução humana, foram selecionados e editados como e-books disponíveis na Amazon. A fortuna crítica, ou seja, textos de críticos de arte e de especialistas, sobre a obra de Maria Helena Andrés, também está se tornando mais um e-book.

Todos esses produtos renovam a divulgação e facilitam o acesso do público a conhecimentos e informações sobre a vida e obra da artista.”

(Maurício Andrés)

\*FOTOS DE ARQUIVO

14 de fevereiro de 2021

## PRODUÇÃO DE VÍDEOS EM HOMENAGEM A MARIA HELENA ANDRÉS I

Recebi de Luciano Luppi o texto abaixo sobre a sua participação nos projetos a serem realizados pelo IMHA através da Lei Aldir Blanc.

“A proposta de realizar vídeos com a obra de Maria Helena Andrés, durante o período de quarentena, teve início com a realização de outros vídeos autorais, onde as músicas eram sempre composições originais do nosso grupo *Voz e Poesia*. Sendo a Maria Helena, antes de mais nada, uma artista visual e tendo, há vários anos, se dedicado à fotografia, decidimos associar algumas de suas belíssimas imagens do Retiro das Pedras com a música “*Gente de Barro*”. A escolha desta música partiu do seu olhar de artista que captou, através das lentes da câmera, o que ela denomina “*Procissão das Pedras*”.

O primeiro verso da música foi a grande inspiração para este primeiro vídeo:

“Somos terra, barro, água, pó, poeira e chão

Moldados com a arte do artesão

Um sopro nos dá alma

Respiração tão calma

E a vida pulsa em nós

Virando gente que é somente coração.

(Que viva então)”

Foi-nos sugerido que déssemos continuidade a esses trabalhos, bem como realizássemos outros: um vídeo sobre o livro “*Pepedro nos caminhos da Índia*” e outro, “*A poética do cotidiano*”, focalizando o cotidiano de Maria Helena durante a quarentena. Este último descreve o seu dia a dia na sua casa no Retiro, suas atividades cotidianas na cozinha, seus exercícios de yoga e naturalmente as horas dedicadas à leitura, escrita e em especial à pintura e ao desenho. Contou com a participação de Marília Andrés Ribeiro e Elena Andrés

Valle, e a trilha sonora escolhida foi a partir de uma música que sempre trouxe uma grande inspiração para Maria Helena: *A Ária das Bachianas* de Villa Lobos, executada por Artur Andrés Ribeiro e Regina Amaral.

O livro *“Pepedro nos caminhos da Índia”*, cuja autora é Aparecida Andrés, conta com belíssimas ilustrações de Maria Helena. O vídeo sobre este livro descreverá com imagens e narração a viagem que a família Andrés realizou, em 1978, para aquele país. Maria Helena permaneceu um ano inteiro na Índia e Aparecida revelou sua aptidão para a escrita num texto original voltado para crianças. É o olhar de seu filho Joaquim Pedro, então com 2 anos de idade, sobre as diferenças e peculiaridades da Índia. Estes e outros vídeos, ainda em processo de finalização estarão, em breve, disponíveis no Youtube”

(Luciano Luppi)

31 de janeiro de 2021

## **PRODUÇÃO DOS VÍDEOS EM HOMENAGEM A MARIA HELENA ANDRÉS II**

Dando continuidade ao projeto desenvolvido por Luciano Luppi, transcrevo o texto abaixo:

“Pensando em oferecer a nossa contribuição para as comemorações do centenário de Maria Helena em 2022, decidimos realizar mais alguns vídeos sobre a sua obra, especificando suas diversas fases: Terra, Barcos, Guerra, Espacial e Mandalas, além da fase Construtiva.

Decidimos utilizar músicas autorais que remetessem ao espírito de cada fase da artista. Uma homenagem do grupo Voz e Poesia à Maria Helena. Esses vídeos poderiam, eventualmente, estar presentes em monitores com fones de ouvido para espectadores, durante a exposição programada para a época do centenário.

Com a aprovação da lei Aldir Blanc está sendo possível finalizar este trabalho, que estava em estado embrionário.

Foram escolhidas as músicas abaixo para cada fase da trajetória artística de Maria Helena Andrés.

#### FASE TERRA

Música “Chão de Caminhar” (trecho)



“Caminho não há caminhante só

A trilha se faz no andar

E quando a gente olha para trás

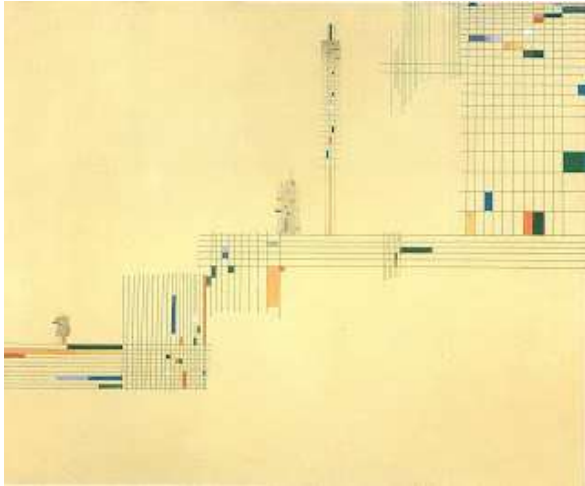
Só se veem no chão marcas de um pé

E é só.”

Esta música reflete a construção de um caminho, com os pés na terra, tal como Maria Helena descreve nessas obras a sua história, região, família e projeto de vida.

#### FASE CONSTRUTIVA

Música “Início, meio e fim” (trecho)



“Início, meio ou fim

Onde é melhor, enfim, começar?

Comece do começo, mas onde é o início?

Onde é esse lugar?

Onde tudo começa

Ou onde termina pra recomeçar?

Início, meio ou fim

Onde é melhor, enfim, começar?

Comece do começo, e ele é qualquer lugar

Por onde começar.”

Esta música, bem ritmada, é um sambinha. Foi escolhida para acompanhar a fase Construtivista devido ao ritmo e à repetição de formas geométricas. São as “Cidades Iluminadas” que, muitas vezes lembram partituras musicais.

FASE BARCOS



Música “Trilhas” (trecho)



“Viajar é preciso, é preciso se soltar  
Deste porto largar as amarras, navegar.  
Pôr a roda a rodar pela estrada, a girar  
Da turbina lançar fora a corda, decolar  
E voar, e voar...”

A música nos fez lembrar o vitral de um veleiro, fonte de inspiração para a fase de “Barcos”, bem como para as inúmeras viagens de Maria Helena ao longo de sua vida.

FASE GUERRA

Música “Anjo caído”



“Ser ou não ser, o que será?

O ser humano, humano ser

O que será?

De onde virá?

Será, quem sabe, um anjo branco

Montado num demônio

Velho, feio e manco?

Sete dias passaram

E na certa causaram

Um imenso cansaço

Ao criador

E quando Deus dormiu

Um anjo branco viu

Um diabinho esperto

E sem ninguém por perto

Se enamorou

Assim o homem enfim surgiu

Metade anjo e a outra metade um

Um monstro vil

Ou simplesmente

Ele é somente

Um anjo que caiu...”

Esta música descreve um Anjo Caído como símbolo dos conflitos e contradições do ser humano. Corresponde à Fase de Guerra, realizada durante a época da ditadura no Brasil.

FASE ESPACIAL

Música “Sonhos” (trecho)





“Vem viver, nas asas de um sonho

E não deixar morrer

O que brotou um dia no coração

Quase ideia, quase canção

Vem voar, nas asas de um sonho

E acreditar

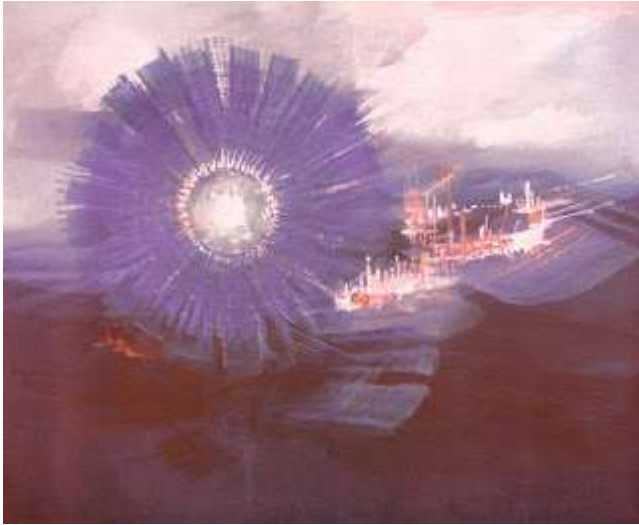
Que existem chances novas, e semear

Com vontade, um outro grão.”

Tanto a música quanto as obras da autora inspiram o ser humano para uma viagem além das fronteiras conhecidas.

FASE MANDALAS

Música “Conhecer”



“Quem só conhece o outro não sabe

Que sábio é se conhecer

Pois o outro é um espelho

Pra gente se reconhecer

E nesse reconhecimento

A gente passa a saber

Que o não saber é ciência

Maior que alguém pode ter.

Quem vence o outro é forte

É forte, mas não tem poder

Pois de que nos vale a força

Que não tem razão de ser

Pois a razão de ser é outra

E com a força não tem nada a ver

É quando a gente vence a si mesmo

E assim conhece o próprio poder.”

Esta música foi escolhida por remeter à necessidade interior de autoconhecimento, simbolizada pela imagem de um centro a ser buscado. É a fase de Mandalas.

Todos os vídeos que estão atualmente em fase de finalização, em breve estarão disponíveis no YOUTUBE" (Luciano Luppi)

6 de fevereiro de 2021

\*FOTOS DE ARQUIVO

## **DOCUMENTÁRIO "ARTE E TRANSCENDÊNCIA"**

Recebi de Marília Andrés Ribeiro o texto abaixo sobre o filme "Arte e Transcendência".

"O documentário *Maria Helena Andrés – Arte e Transcendência* apresenta a trajetória da artista plástica e suas múltiplas atividades como escritora, educadora e blogueira.

O filme foi realizado pelo Instituto Maria Helena Andrés e o Laboratório Innovatio da EBA – UFMG em parceria com o Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais e o lançamento aconteceu no dia 17 de fevereiro, no Cine Belas Artes, em Belo Horizonte.

Dirigido pelo professor Evandro Lemos e com codireção de Danilo Vilaça, o documentário, com duração de 26 minutos, contou com a participação de vários



colaboradores constituindo uma construção de múltiplos olhares, resgatando desde os filmes de Belo Horizonte antiga, as viagens à Índia até os dias de hoje onde apresenta a criação de colagens e blogs.

Maria Helena Andrés é uma importante artista brasileira que tem atuado nos campos das artes visuais, da educação, da literatura e do intercâmbio cultural entre o Brasil e a Índia.

Ao longo de seus 98 anos de idade, a artista apresenta uma trajetória artística diversificada que foi iniciada nos anos de 1940, quando frequentou a Escola de Arte Moderna de Alberto da Veiga Guignard, em Belo Horizonte.

Durante a sua carreira artística ela tem experimentado várias linguagens (pintura, desenho, gravura, colagem, escultura e fotografia) e tem recebido vários prêmios e homenagens, entre elas a homenagem da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

A artista se dedicou à educação artística como professora, publicou vários livros de reflexão sobre arte, educação, filosofia oriental e intercâmbios culturais entre o Brasil e a Índia.

Atualmente, Maria Helena Andrés escreve semanalmente dois blogs: Minha Vida de Artista e Memórias e Viagens, que podem ser acessados no site: [mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://mariahelenaandres.blogspot.com.br) '(Texto de Marília Andrés Ribeiro, retirado do site do IMHA, Instituto Maria Helena Andrés)

27 de março de 2021

## **PROJETO CAMINHO DAS ARTES**

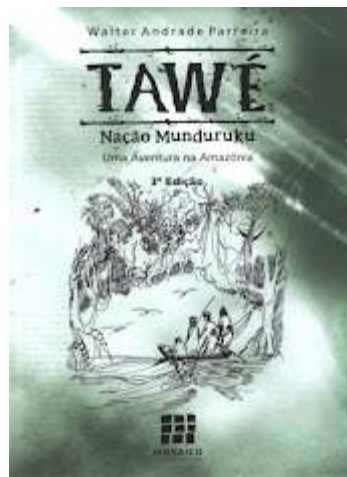
Recebi de Ivana Andrés o texto abaixo, de autoria de Ana Carolina Novaes, redatora do Informativo InfoIMHA e do site do IMHA.

“Toda criança desenha, constrói, experimenta e transforma o uso dos objetos com uma liberdade e uma criatividade notável. Criar é a primeira linguagem do homem que lhe permite assimilar as experiências vividas e traduzi-las. A criatividade é uma manifestação

inata aos seres humanos, cuja espontaneidade se perde, em geral, com a socialização. A Arteterapia, ou arte expressão, que é o uso da arte como base de um processo transformador, visa estimular o crescimento interior, abrir novos horizontes e ampliar a consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência. Utiliza a expressão simbólica, de forma espontânea, sem preocupar-se com a estética, através de modalidades expressivas como: pintura, modelagem, colagem, desenho, tecelagem, expressão corporal, dentre outras, mas utiliza fundamentalmente as artes plásticas e é isso que a identifica como uma disciplina diferenciada. A arte como expressão tem obtido excelentes resultados, apresentando-se como uma solução produtiva para a promoção, preservação e recuperação da saúde e do equilíbrio interno. Ao integrar três áreas de conhecimento – Arte, Saúde e Educação –, ela possibilita uma ampliação na formação educacional, sendo enriquecedora na qualidade de vida das pessoas. Seguindo esses preceitos, o projeto *Caminhos da Arte*, do Instituto Maria Helena Andrés, realizado através de patrocínio da MRS, com apoio do CMDCA (Conselho Municipal da Criança e do Adolescente) e a Prefeitura Municipal de São Brás do Suaçuí, constou de quatro oficinas semanais de arte expressão e Arteterapia para um total de 60 alunos (crianças, pré-adolescentes e adolescentes). As aulas aconteceram todas as quintas-feiras, desde junho/2012 até o final do ano. Podia-se ver na expressão dos alunos a alegria de chegar à oficina, que na avaliação deles “deveria acontecer todos os dias”. A psicóloga e arte-terapeuta responsável pelo Projeto, Sarahy Fernandes, avalia como muito natural e positiva a motivação dos alunos, considerando que a “arte é inerente a todos nós e sua expressão uma necessidade”. A arte-expressão integra três áreas de conhecimento – Arte, Saúde e Educação – e tem apresentando uma solução produtiva para a promoção, a preservação e a recuperação da saúde e do equilíbrio interno. Ela possibilita uma ampliação na formação educacional, sendo enriquecedora na qualidade de vida das pessoas. A Presidente do IMHA, Teresa Rolim Andrés, acompanhou com satisfação o resultado do Projeto. Avaliou que todo o trabalho voluntário feito pela direção do Instituto é recompensado com os sorrisos de felicidade das crianças, o despertar da capacidade artística que habita em todos e que pode se desabrochar num projeto como este. Segundo Teresa: “A sensação é de missão cumprida, saber que estamos fazendo algo benfeito e com qualidade para estas crianças e adolescentes, nos faz trabalhar cada dia mais para promover a cultura e arte em toda sua extensão na nossa região.” (Ana Carolina Novaes, extraído do site do IMHA e do informativo InfoIMHA)

## INTEGRAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Recebi de Walter Andrade Parreiras o texto abaixo, que foi apresentado numa das lives do IMHA. É um relato histórico, baseado no livro de sua autoria “Tawé, nação Munduruku, uma aventura na Amazônia”. Ele e sua companheira foram os primeiros não indígenas a terem contato tribo com a etnia Munduruku.



Essa *live* conta a história de uma aventura (real), de uma viagem em direção ao desconhecido, uma viagem sem destino. Minha companheira e eu nos lançamos à estrada, sem definirmos, a priori, um lugar para chegarmos, um porto final para ancorarmos. Partimos, sem saber aonde iríamos nem como iríamos. A única escolha, a única decisão: pormos o pé na estrada e deixar que ela nos levasse. A estrada construiria nosso destino, ela apontaria o rumo... ela, própria, o caminho.



Era 1975, tínhamos 25 anos, vivíamos um momento histórico que apresentava duas formas de engajamento social com as quais estávamos comprometidos e a elas dedicados: o enfrentamento político, resistência e luta contra o regime militar, e a contestação cultural, a contracultura.



Não tínhamos mapa, mas nossa bússola interna apontava insistentemente para o norte do país. Depois de muita estrada, chegamos a Belém do Pará, onde embarcamos em um “gaiola” do Rio Amazonas que nos levaria a Manaus. Mal sabíamos que, naquele barco, o destino da nossa viagem sem destino começaria a se revelar. Por três dias e três noites navegamos as histórias que uma missionária nos contava sobre sua experiência junto a um povo indígena que desconhecíamos: os Mõnjouroko – os Munduruku, os “Cortadores de cabeças”:



*“... um povo que tinha a prática, quando hostilizado ou invadido, de decapitar os inimigos,*

*mumificar suas cabeças e pendurá-las em torno de suas aldeias, de modo a formar um cinturão de proteção “sobrenatural” e afugentar os inimigos. Um povo que se dividiu em duas linhagens – os “Filhos-do-sol” e os “Filhos-da-lua” –, uma estratégia criativa para evitar casamentos consanguíneos”.*

Abandonamos o “gaiola” na metade do seu trajeto, em Santarém, e, após uma infundável busca por autorizações para acesso ao território dos Munduruku, e para obtermos o meio de lá chegarmos, uma carona em um hidroavião da FAB – um Catalina remanescente da 2ª Guerra Mundial – nos deixou em uma de suas aldeias, a Aldeia da Missão.



De lá, partimos para uma viagem dia e noite selva adentro em uma canoa, conduzidos por Tawé, o tuxaua (cacique) dos Mõnjouroko. Nesse percurso, conhecemos os rigores do inverno amazônico – chuvas torrenciais, frio intenso, rios transbordando e invadindo a floresta (em cujo interior também remávamos) – e chegamos à aldeia de Tawé.

Ali, participamos da forma primitiva Munduruku de luta pela sobrevivência, um modo absolutamente incomum de viver, que incorpora uma fantástica e impensável integração com a natureza (para eles, sagrada) e uma relação social que nos remetia às primeiras comunidades cristãs, assim como ao comunismo primitivo.



Assistíamos, fascinados, como toda uma comunidade vive sem depredar, sem lesar ou ferir a Natureza: a árvore e o rio são sagrados; os animais, os peixes e os pássaros são sagrados; o ser humano e a vida são sagrados. Testemunhávamos, encantados, uma proteção e respeito ao ambiente inimagináveis, um cuidado generoso e delicado a tudo que os envolvia: das árvores gigantescas às mais pequeninas, dos pequenos córregos aos rios mais caudalosos, dos seres quase invisíveis aos grandes animais. Aprendíamos que ninguém cuida mais da Natureza do que um povo indígena.



Descobríamos que, além dessas características singulares, os Munduruku eram, ainda, a inacreditável expressão de uma existência fundada em uma profunda espiritualidade, a qual lhes permitia a consciência aguda de que só se vive no momento presente. Assim, eles caçam, pescam e colhem apenas o que necessitam para o dia presente, para o dia de hoje (eles nunca leram a Bíblia, mas vivem como reza o Sermão da Montanha:



“A cada dia basta o seu cuidado”). Não sabem o que é acumular, nem os próprios alimentos guardam, pois não dispõem sequer de meios para preservá-los.



Na luta cotidiana pela conquista e produção da sua sobrevivência, eles construíram uma forma de organização social que se estrutura sobre a ausência da propriedade privada dos meios de produção, o que vale dizer, sobre uma relação social baseada na cooperação e ajuda mútua. Não são uma sociedade como a nossa, fundada na concorrência, na competição, na desigualdade e na exploração. Eles vivem sob a ética da partilha, da fraternidade e da solidariedade e sob a égide do cuidado, do respeito e da reverência a tudo que os cerca, à floresta, aos rios, aos seres, ao irmão, à vida. Esse profundo respeito constitui a base da sua existência e da sua relação com o mundo: tudo é sagrado.

Esse povo tão incomum e tão especial encontra-se, atualmente, em evidência e tem sido objeto de constantes destaques na mídia, pois corre sério risco de perder tudo o que o distingue, sua cultura e sua identidade e, portanto, de desaparecer. O seu território é rico em minerais e é cobiçado por muitos dos projetos que marcam as graves transformações atualmente em curso na Amazônia (desmatamento, agronegócio, hidrelétricas, mineração, etc.). Eles vivem sob constante iminência de invasão e têm reagido fortemente a isso, se armando e reacendendo sua tradição guerreira.



\*ILUSTRAÇÕES DE IVANA ANDRÉS

21 de novembro de 2021

## POEMA "A ÁRVORE DA MINHA INFÂNCIA"

Recebi de Ivana Andrés o poema abaixo, inspirado nas 2 mangueiras que existiam no quintal da casa onde morávamos nos anos 50. Hoje ela e Luciano têm uma casinha alternativa em Macacos que poderia ser considerada uma "Casa na árvore":

### A ÁRVORE DA MINHA INFÂNCIA



Nesta árvore copada,

Ainda vejo as pegadas,

Deixadas por eu menino.

Marcas de pés pequeninos,

Que escalavam galhos altos,



Como em ombros de gigantes,

Para ver lá adiante,

Uma vista estonteante,

Uma visão poderosa,

Para ele a mais formosa,

A vista maravilhosa.



Nesta árvore ainda há frutos,

Como os de antigamente.

Que em nada são diferentes,

Daqueles da nossa infância,



Que nas mãos de uma criança,

Tinham o sabor da espera,

Com gosto de primavera,

E com cores de aquarela,



Desde a semente rosada,

Até a polpa esbranquiçada,

E a casca verde e amarela.



Nesta árvore há ninhos,  
De pequenos passarinhos,  
Que ali tiveram filhos.



Nós passamos e ela fica,  
Regada por muitas mãos,  
Escalada por mil pés,  
De avós, filhos e netos.



Mas tudo chega ao seu fim.  
E um dia, ao sentir cansaço,  
Ela tomba, de leve, no chão,  
Se tornando um novo grão.



\*FOTOS DA INTERNET

sábado, 12 de fevereiro de 2022

## POEMA "VER A SI MESMO"

Recebi de Ivana Andrés o poema "VER A SI MESMO", que transcrevo abaixo:



Ver a si mesmo como se é,

Sem a intenção de ver, sem nem sequer escolher ver.

Aconteceu hoje, ao meio dia, olhando para o céu.

Um céu sem nuvens com o grande olho do sol,

Olhando nos meus olhos e deixando um rastro de luz,



Uma ponte entre seres que são Um.

Um só, o mesmo, eu, o sol e o rastro de luz.

É a vastidão onde não existe centro.

Onde o próprio viver é um ato de amor.

O começo e o fim de toda busca.



\*FOTOS DE IVANA ANDRÉS

12 de fevereiro de 2022

## ORQUESTRA DE OURO PRETO E ARTUR ANDRÉS

Recebi de Artur Andrés o texto abaixo, divulgando o seu trabalho inédito com a Orquestra de Ouro Preto.



“A Orquestra Ouro Preto e o flautista e compositor Artur Andrés tocam juntos pela primeira vez em apresentação inédita na capital mineira. Eles sobem ao palco do Sesc Paladium, dia 12 de dezembro, domingo, às 11h, na Série Domingos Clássicos com o concerto “Orquestra Ouro Preto e Artur Andrés Ensemble”. O Grande Teatro do Sesc Paladium recebe o público presencial, seguindo todos cuidados e protocolos sanitários de saúde e segurança dos músicos, da equipe e do público. Os ingressos estão à venda a preços populares no site/aplicativo do Sympla.



Sob a regência do Maestro Rodrigo Toffolo, a apresentação traz no repertório composições de autoria de Andrés registradas anteriormente na vasta discografia do Uakti, que se mesclam com músicas inéditas, incluídas em seu recém-lançado CD autoral “Aldebaran”. O concerto conta também com arranjos especiais de Philip Glass (Amazon River) e Elomar Figueiras (Arrumação).

“A Orquestra Ouro Preto tem um extraordinário trabalho orquestral, que une o alto nível de suas interpretações do repertório erudito, desde o clássico ao contemporâneo.

Vamos levar para este concerto todo legado de quase quatro décadas de trabalho com o grupo Uakti somado a novas experiências musicais com músicos da nova geração. Estamos muito felizes com o resultado”, destaca o flautista e compositor Artur Andrés.



Para o Maestro Rodrigo Toffolo, é uma honra tocar na companhia de Artur Andrés. “É um fato inegável que a música instrumental brasileira foi grandemente enriquecida pelo experimentalismo e inovação do Uakti, uma banda magistral, que durante décadas de trabalho ininterrupto ganhou amplo reconhecimento, tanto nacional como internacional, por utilizar instrumentos musicais não convencionais para chegar a uma sonoridade inconfundível. Será um concerto com muita excelência e versatilidade”, completa.

Desde 2015, a parceria entre Orquestra Ouro Preto e o Sesc-MG para formação de novos públicos e democratização da música de concerto propõe invadir as manhãs de domingo com concertos especiais, a preços populares.

### **Novos ritmos de Artur Andrés**



Criado em 1978, o Uakti escreveu sua história no cenário da música instrumental brasileira e internacional. Conhecido por utilizar instrumentos musicais não-convencionais, produzidos por eles, o grupo teve 13 trabalhos registrados em CD e 1 DVD. No final de 2015,

tendo completado um intenso ciclo de trabalho musical, surgiram outras ramificações musicais. O compositor e flautista Artur Andrés, depois de dedicar 37 anos ao grupo, sentiu a necessidade de registrar e difundir suas próprias obras musicais. O CD “Aldebaran”, a ser lançado pelo selo Grão Discos em dezembro de 2021, registra em áudio parte desse repertório composto por Andrés acompanhado por um grupo de excelentes músicos de Belo Horizonte da nova geração, entre eles Alexandre Andrés, José Henrique Soares, Natália Mitre, Bruno Vellozo, além da pianista Regina Amaral que, juntos, formam o “Artur Andrés Ensemble”.

### **Sobre a Orquestra Ouro Preto**



Uma das mais prestigiadas formações orquestrais do país, a Orquestra Ouro Preto completa 21 anos de atividades e se reafirma como uma orquestra de vanguarda. Sob a regência e direção artística do Maestro Rodrigo Toffolo, o grupo se dedica à formação de diferentes públicos, com extensa programação nas principais salas de concerto no Brasil e no mundo, além de se destacar no número de visualizações e ouvintes das plataformas de streaming e redes sociais. Sob os signos da excelência e versatilidade atua também em projetos sociais e educacionais que vão muito além da música, como o Núcleo de Apoio a Bandas e a Academia Orquestra Ouro Preto. Premiada nacionalmente, o grupo tem 12 trabalhos registrados em CD, 7 DVDs. Foi vencedora do Prêmio da Música Brasileira em 2015, na categoria “Melhor Álbum de MPB”, e indicada ao Grammy Latino 2007, como “Melhor Disco Instrumental”, por *Latinidade*. Os discos “*Latinidade - Música para as Américas*”, “*Antônio Vivaldi – Concerto para Cordas*”, “*The Little Prince*” e “*Orquestra Ouro Preto e Desvio - Ritmos Brasileiros*” têm distribuição mundial pela gravadora Naxos, a mais importante do mundo dedicada à música de concerto.” (jornal “Voz Ativa”, Ouro Preto, MG)



\*FOTOS DE ÍRIS ZANETTI, SYLVIO COUTINHO E DE ARQUIVO

10 de dezembro de 2021

## **MHA, CENTENÁRIA DE IPAD I**

Recebi do meu neto Roberto Andrés o artigo publicado na Revista Piauí, que homenageia, de forma afetiva e lúdica o meu centenário, ocorrido em 2 de agosto. Desse artigo selecionei alguns trechos.

“Maria Helena Andrés chega aos 100 anos pintando murais e criando modinhas para caçoar de si mesma

*Noventa e sete, / noventa e sete, / hoje eu viajo/*

*é pela internet. / Já viajei/ a vida inteira, /*

*mas no momento resolvi/ ser blogueira.*

Com essas palavras, minha avó celebrava sua chegada aos 97 anos. Arrancou gargalhadas dos familiares após os parabéns quando, com sua voz de contralto, entoou a modinha, enquanto balançava as mãos com os indicadores em riste. A graça advinha de uma situação verdadeira – Maria Helena Andrés havia sido uma viajante pródiga e fazia alguns anos que resolvera alimentar, semanalmente, não um, mas dois blogs na internet.

Desde que se tornou nonagenária, minha avó passou a criar cantigas para narrar o próprio envelhecimento. A cada ano, uma letra diferente. Talvez tenha sido a maneira que encontrou para lidar com uma fase que costuma ser vista como fim de trilha. Ao invés de incorporar a melancolia resultante das debilidades que a velhice traz, decidiu fazer troça da própria idade, com graça e vivacidade. O expediente, aliás, não é novo para a autora dos versos.

Quando era criança, Maria Helena sofria com um tio que vivia zombando dela. O motivo da chacota eram os pelos que brotavam discretamente no interstício entre boca e nariz da sobrinha. Como se vê, os “tios do pavê” têm longa história neste país. A resposta da menina veio por meio de uma quadrinha, cantada à frente de toda a família:

*Tio Freitas tem por mira/ caçoar do meu bigode, /  
mas bigode a gente tira/ e careca não se pode.*

Consta que a zoeira do tio teve fim nesse dia.

Embora fosse uma letrista talentosa para modinhas, Maria Helena Andrés não teve a música como sua arte. Aos 14 anos, ela chamou a atenção na escola ao desenhar artistas de cinema com grande realismo, a partir de fotografias de revistas. Joan Crawford, Errol Flynn e Greta Garbo foram alguns dos retratados pela adolescente, que fazia desenhos impecáveis nas proporções, na perspectiva, nos efeitos de sombras e volumes. Lygia Clark, que era sua colega no colégio Sacré Coeur de Marie, também vivia às voltas com desenhos na sala de aula.





Aos 18 anos, Maria Helena desembarcou no Rio de Janeiro para estudar arte com Carlos Chambelland, um professor de viés acadêmico. Ela havia morado na cidade em sua primeira infância, quando seu pai, Euler de Sales Coelho, fora deputado federal. Com a Revolução de 1930, o Congresso foi dissolvido e sua família retornou às pressas para Belo Horizonte. Maria Helena contava 8 anos quando o grupo de Getúlio Vargas tomou o poder e deu fim à República Velha.

De volta ao Rio de Janeiro, uma década depois, a jovem aspirante a artista hospedou-se na casa de sua avó, enquanto frequentava os cursos de pintura. Seu pai ameaçou buscá-la de volta quando soube que a filha pintava modelos nus na escola. O ex-deputado recebeu um pito da própria mãe. A matriarca da família defendeu a permanência da neta no curso, afirmando que não sabia a razão para a pintura de modelos nus, mas que, “se o professor diz que é necessário, ela vai fazer”.



De todo modo, foi em Belo Horizonte, e não no Rio de Janeiro, que a artista teve sua formação artística mais consistente. A capital mineira era governada por Juscelino Kubitschek, àquela época um jovem político com aspirações modernizantes. JK convidou Alberto da Veiga Guignard, um artista reconhecido, com longa passagem pela Europa, para ensinar arte na cidade. Maria Helena foi da primeira turma de alunos de Guignard, na escola recém-inaugurada em um porão no Parque Municipal.



Guignard não oferecia a formação que se chamava à época de academicista. Ou seja, não buscava ensinar a reproduzir com fidelidade as formas de representação canônicas, mas abrir espaço para que os estudantes descobrissem seus modos de expressão. “Olhem os céus de Minas, eles têm uma transparência semelhante ao cristal”, ele costumava dizer aos alunos. A turma que ali se formou marcou uma nova geração de artistas, que trouxe importantes contribuições à arte brasileira nas décadas seguintes.

20 de setembro de 2022

## MHA, CENTENÁRIA DE IPAD II

Segue abaixo a continuação do artigo do meu neto Roberto Andrés, publicado na Revista Piauí, que homenageia, de forma afetiva e lúdica o meu centenário, ocorrido em 2 de agosto. Desse artigo selecionei alguns trechos.

“Numa tarde de outono de 2022, encontrei minha avó na varanda de sua casa na fazenda, onde ela tem um ateliê. Vendo minha filha montada num cavalo, ela se lembrou de um caso antigo, e de súbito passou a narrar um episódio que acontecera nada menos do que oito décadas antes. A viagem no tempo era salpicada por detalhes dos mais diversos. Em resumo, na primeira vez que foi à fazenda onde residiam os pais de seu noivo, Maria Helena caiu do cavalo. Por culpa de um arreio mal apertado, ela virou assunto na sua primeira incursão na região.



O noivado sobreviveu ao tombo, mas quase sucumbiu por outro motivo. Quando começavam a planejar o casamento, o noivo foi chamado para lutar na Segunda Guerra Mundial. O ano era 1945, e meu avô, Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira, era ainda um estudante de medicina. Embarcou num trem para Juiz de Fora, de onde seguiria para o Rio de Janeiro, e então para a Itália. Na despedida, na estação de trem, a noiva era consolada por familiares. O clima era de luto.



O treinamento de sua turma de pracinhas e o embarque demoraram, e a guerra acabou antes que o navio partisse para a Europa. Os rapazes voltaram então para suas casas. Meu avô aportou de volta na mesma estação de trem da qual partira alguns meses antes. Dois anos depois, Luiz e Maria Helena se casaram. Ela, que se chamava Maria Helena Sales Coelho, incorporou o Andrés a seu nome – e com ele passaria a ser conhecida, nas décadas seguintes, por seu trabalho artístico.



Quando estavam de saída para a viagem de lua de mel, Maria Helena reparou que o marido carregava uma mala cheia de livros. Foi assim que descobriu que ele planejava aproveitar a viagem para estudar para um concurso. Ela não hesitou: pegou seu material de

trabalho e montou uma mala extra. A lua de mel foi permeada por literatura médica, telas, tintas e pincéis.



Esse foi o *modus operandi* do casal nas décadas seguintes. Além de cuidar dos filhos, um estudava, atendia pacientes e dava aulas; a outra pintava e desenhava – e, em breve, começaria a viajar. Ela conta que o marido a apoiava, dizendo que “artista tem que viajar, se não fica provinciano”. Durante essas viagens, sua sogra vinha do interior para ajudar a cuidar das crianças, e aproveitava para cerzir meias que estavam furadas. Maria Helena não era uma dona de casa padrão para o período. Talvez por isso tenha sido uma artista brilhante.



Nos anos 1950, participou das primeiras bienais de São Paulo, em que teve contato com as tendências construtivistas que vinham da Europa. A artista iniciou então uma

transição em seu trabalho, abandonando gradativamente as formas figurativas e aderindo à geometria abstrata. A transição entre essas duas fases possui exemplares preciosos – desenhos da via sacra ou de cenas da vida rural, em que a linha vai se libertando da representação e buscando a essência da forma. Muitos desses desenhos eram feitos em papel alaranjado que o marido trazia das salas de radiografia, e que a artista trabalhava nos momentos de folga dos cuidados com as crianças.



Assim ela aderiu ao grupo concretista mineiro, junto a artistas como Mário Silésio, Marília Giannetti e Mary Vieira. Amílcar de Castro, que fora seu colega na Escola Guignard, havia se mudado para o Rio de Janeiro. Na produção concretista de Maria Helena destacaram-se as “cidades iluminadas”, pinturas feitas com extremo rigor e precisão formal que evocavam linhas de edifícios, luzes, ruas, mas também balões de festas de São João e papagaios. Quadros desse período integram coleções internacionais e acervos como o do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu Nacional de Belas Artes.” (Roberto Andrés)

04 de outubro de 2022

### **MHA, CENTENÁRIA DE IPAD III**

Dando continuidade ao artigo de Roberto Andrés, publicado na Revista Piauí, transcrevo o texto abaixo:



"A primeira viagem internacional da artista foi em 1961, quando recebeu um convite para visitar museus, galerias e escolas de arte nos EUA. O construtivismo ficava para trás e outras tendências se disseminavam pelo mundo das artes. O professor do curso, Theodorus Stamus, era um pesquisador da *action painting* – uma pintura gestual, de movimentos fortes, que ficou muito conhecida pelo trabalho do pintor Jackson Pollock.

Em seu diário dessa viagem, minha avó conta que fazia “frio abaixo de zero” nas ruas, enquanto na escola ela se deparava com uma nova dimensão da arte. Era também o período da Guerra Fria, e ela presenciou um treinamento de guerra em Nova York. As sirenes tocavam e a população tinha que se esconder no metrô. A fase gestual que desenvolveu em seguida tinha como tema a guerra. São grandes pinturas e desenhos em preto e branco, carregados e expressivos – em grande contraste com a organização e o lirismo da fase anterior. A mudança expressa também aquelas ocorridas no Brasil: do entusiasmo modernizante dos anos 1950 para a brutalidade da ditadura militar instalada a partir de 1964.



As mudanças de fase e a aposta em novas linguagens marcaram a trajetória de Maria Helena Andrés. Foram oito décadas de produção artística em que, quando uma abordagem começava a se estabelecer, ela a abandonava em prol de novos experimentos. Alguns deram mais certo do que outros, como costuma acontecer. O desapego aí presente era parte de uma postura geral – a artista doou inúmeros trabalhos para familiares e amigos, trocou quadros importantes por passagens de avião.

Com a morte precoce de seu marido, em 1977, Maria Helena intensificou sua vocação viajante. Os filhos já estavam criados, e ela passou a buscar na cultura oriental um alimento

para o espírito, em um momento de trauma. A Índia tornou-se sua segunda casa. Depois de passar um ano no país, em 1977, acompanhando um filho que recebera uma bolsa de estudos, ela retornou catorze vezes. Passava longas temporadas nos *ashrams*, envolvida em meditações, seminários e processos de criação coletivos.



Nas minhas lembranças de infância, minha avó estava sempre chegando de alguma viagem. E emanava o frescor de ideias de quem está em constante movimento. Às vezes, chegavam também cartões postais e retratos de viagens. Outro dia encontrei entre minhas caixas uma fotografia em que ela pilota uma lambreta, com minha tia na garupa, nas ruas de Chandigarh, na Índia. Já era uma sexagenária, mas expressava um ar vibrante e jovial na fotografia.

O tripé que sustentou a vida de Maria Helena talvez tenha sido a dedicação à arte, à família e às viagens. Uma combinação que não se faz de forma trivial. Nas últimas décadas, ela assumiu com mais centralidade o papel de matriarca familiar. No Natal, presenteia com um desenho, pintura ou escultura cada descendente. E não são poucos. Em seu aniversário de 96 anos, ela cantou:

*Noventa e seis,/ noventa e seis,/ hoje eu canto/*

*é para vocês,/ pros meus seis filhos,/ meus onze netos,/*

*canto também/ pros meus quinze bisnetos.*

A abertura para as novidades sempre foi uma característica da artista. Muitos querem saber suas histórias antigas, e ela costuma contá-las com entusiasmo. Mas depois de um tempo ela se cansa e migra para assuntos do presente. Quer entender as novas expressões

da arte, a cultura contemporânea, as tecnologias. Comprou recentemente um iPad que, mesmo tendo alguma dificuldade no uso cotidiano, carrega para todo lado. No início de 2022, aceitou a encomenda de um painel em azulejo para a parede de uma igreja. Foi pedido que a artista representasse os cinco milagres de Nossa Senhora. Depois de elaborar vários estudos, ela pintou uma tela de formato médio, que servirá de base para a reprodução do mural. E comentou em casa: “existe também o sexto milagre, que é eu fazer um painel aos 99 anos.”

Maria Helena Andrés publicou livros, foi professora e diretora da Escola Guignard, pintou e desenhou, expôs seus trabalhos mundo afora, teve momentos de sucesso e outros de atuação mais discreta. Aos 95 anos, inaugurou uma exposição de colagens, linguagem com a qual nunca havia trabalhado. Naquele mesmo ano, ela cantou, em sua festa de aniversário:

*Noventa e cinco, / noventa e cinco, / bota mais cinco/  
pra ver o que vem. / Podem apostar, / podem duvidar, /  
estou achando/ que vou chegar aos cem.*

No dia 2 de agosto de 2022, ela chegou de fato aos 100 anos. A comemoração foi no sábado anterior, dia 30 de julho, com direito a missa, cortejo musical e cantoria. A data a obrigou a mudar a fórmula dos versinhos, nos quais ela celebrou também a passagem que se avizinha. Não é todo dia que alguém homenageia a partida futura. Com um sorriso no rosto e após soprar as velas do bolo, minha avó cantou assim:

*Sou centenária, / sou centenária. / Daqui a pouco serei planetária/  
Cantemos juntos pra celebrar/ Toda a beleza que a vida nos dá." (Roberto Andrés)*



Fotos de Arquivo

19 de outubro de 2022